

Drama, orangotangos, guerra, futebol, chimpanzés, fome, crocodilos, futebol, elefantes, miséria, macacos, inundações, corvos, futebol, serpentes, secas, tigres, golpes de Estado, camarões, futebol, gatos, execuções, ratos, terremotos, tubarões, assassinatos, cães, futebol, hipopótamos, vulcões, atentados, violações, doenças...

Estes são os ingredientes com que os editores dos telejornais portugueses confeccionam o *Terceiro Mundo* servido dia após dia aos telespectadores.

Dinis Manuel Alves, investigador universitário e ex-jornalista, analisou as notícias de África, da Ásia, da América Central e do Sul, difundidas em 3.800 telejornais da RTP1, RTP2, SIC e TVI.

Uma autêntica descida aos infernos, as televisões lusas dando do *Outro* – de centenas de milhões de *Outros* que vivem nos 96 países estudados –, imagens quase sempre manchadas de sangue. Quando este se esvai, recorre-se ao exótico e ao bizarro.

Entretidos a dar notícias do *Outro* quando lá fora, sentimos calafrios ao sabermos de notícias do *Outro*, quando cá dentro. Um dia, acordando de sono profundo contabilizando sonhos vários com *pateras*, hordas de deserdados arribando à costa rica –, descobrimos que o *Outro* está entre nós. Tantas vezes pintado com as cores garridas da *Internacional da Bizarria*, natural se torna a dificuldade em descascar-lhe a pele preñhe de preconceitos e estereótipos com que o cravejámos, por interpostas notícias da televisão.

“Em Directo do Inferno” interessa a jornalistas, estudantes, aos cidadãos-telespectadores em geral. Instrumento útil de educação para os *media*, educação para a cidadania, um grito de alerta contra os indutores xenófobos resultantes da irresponsabilidade de agendar. Porque o Terceiro Mundo não é, apenas, um gigantesco jardim zoológico catódico.

Apoio:
Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS)



ISBN



9 789728 910464

Colecção
COMUNICAR-TE

Colecção
COMUNICAR-TE

Em directo do Inferno

Dinis Manuel Alves



mar da palavra

TERCEIRO MUNDO EM NOTÍCIAS

Em directo do Inferno



Dinis Manuel Alves



Dinis Manuel Alves nasceu no Lobito, Angola, em 1958.

É doutorado em Ciências da Comunicação (2005), licenciado em Jornalismo (1999) e em Direito (1981), pela Universidade de Coimbra.

Director do Curso de 1.º Ciclo (Licenciatura) em Comunicação Social do Instituto Superior Miguel Torga.

Foi jornalista da TSF, Expresso, Grande Reportagem, TVI, Tal & Qual e Jornal de Coimbra. Desempenhou ainda as funções de repórter fotográfico.

Autor de várias exposições de fotografia e de sites na web, acessíveis através de www.mediatico.com.pt

Deputado à Assembleia da República (PS), apresentou em parceria com Jaime Ramos (PSD) o primeiro projecto de criação de rádios locais em Portugal (1983).

Este é o sexto livro de sua autoria.

Foto do autor: Ricardo Almeida

Capa: ilustração de Luís Miguel Pato

DINIS MANUEL ALVES

TERCEIRO MUNDO EM NOTÍCIAS

Em directo do Inferno



mar da palavra

TERCEIRO MUNDO EM NOTÍCIAS
Em directo do Inferno

Dinis Manuel Alves

Apoio
Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS)



Mar da Palavra - Edições, L.^{da}

TERCEIRO MUNDO EM NOTÍCIAS
Em directo do Inferno

Dinis Manuel Alves

Colecção

COMUNICAR-TE, n.º 3

Copyright © Janeiro de 2010 (1.ª edição)
Mar da Palavra – Edições, L.ª

Depósito Legal n.º

ISBN 978-972-8910-46-4

Capa: ilustração de Luís Miguel Pato

Mar da Palavra – Edições, L.ª

(NIPC 505775298 • Matriculada na Conservatória
do Registo Comercial de Coimbra com o n.º 8951)

Coordenação Editorial e Marketing:

Rua Alexandre Herculano, n.º 1 – 1.º esq.

3000-019 Coimbra

Tel.: 239 840 289 – Fax: 239 840 290

E-mail: mardapalavra@gmail.com

Administração e Direcção Financeira:

Urbanização S. Bento, lote 6, r/c dt.º

3045-120 Casais do Campo (Coimbra)

Apartado 58, 3001-901 Coimbra

Tel.: 239 983 961

E-mail: mardapalavra@sapo.pt

ÍNDICE

Agradecimentos	13
Introdução	15
Capítulo 1. África.....	21
1. Indicações prévias	21
2. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva	22
3. Países com 1 assunto noticiado.....	22
4. Países com 2 e 3 assuntos noticiados	24
5. Países com mais de 3 assuntos noticiados; países com 1 só assunto noticiado, mas objecto de tratamento noticioso prolongado.....	26
6. Notícias dos PALOP	31
6.1. <i>Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe</i>	31
6.2. <i>Moçambique</i>	32
6.3. <i>Guiné-Bissau</i>	35
6.4. <i>Angola</i>	40
7. Distribuição geográfica das notícias	46
8. Classificação temática das notícias	47
9. Notícias do estrangeiro no continente africano.....	51
10. Localização das notícias sobre o continente africano nos alinhamentos dos telejornais	53
11. O caso específico de Angola	55
12. Possibilidades de uma agenda noticiosa alternativa	65
Capítulo 2. América Central	73
1. Indicações prévias	73
2. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva, ou com reduzido número de assuntos noticiados.....	73
3. Países com elevado número de assuntos noticiados	75
3.1. <i>Cuba</i>	75
3.2. <i>México</i>	77

4. Distribuição geográfica das notícias	79
5. Classificação temática das notícias	80
6. Notícias do estrangeiro na América Central	81
7. Violência nas notícias da América Central	85
Capítulo 3. América do Sul	87
1. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva; países com menor número de assuntos noticiados, e/ou menor número de notícias	87
2. Países com maior número de assuntos noticiados, e/ou maior número de notícias	89
2.1. <i>Colômbia</i>	89
2.2. <i>Argentina</i>	91
2.3. <i>Venezuela</i>	93
2.4. <i>Brasil</i>	94
3. Distribuição geográfica das notícias	100
4. Classificação temática das notícias	102
5. Notícias do estrangeiro na América do Sul	104
6. Espectáculo e violência nas notícias da América do Sul	106
Capítulo 4. Sul e Sudeste asiático	111
1. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva; países com menor número de assuntos noticiados, e/ou menor número de notícias	111
2. Países com maior número de assuntos noticiados, e/ou maior número de notícias	114
2.1. <i>Coreia do Sul</i>	114
2.2. <i>Tailândia</i>	116
2.3. <i>Taiwan</i>	117
2.4. <i>Filipinas</i>	118
2.5. <i>Paquistão</i>	119
2.6. <i>Índia</i>	121
3. Classificação temática das notícias	123
4. Espectáculo e violência nas notícias do Sul e Sudeste asiático.....	125
5. Localização das notícias sobre o Sul e Sudeste asiático nos alinhamentos dos telejornais	127

Capítulo 5. Conclusões	131
1. Em directo do inferno	131
2. O espelho-mundo deformado.....	136
2.1. <i>Da cratera do olvido ao pico do inferno</i>	137
2.2. <i>Desporto = Futebol</i>	138
2.3. <i>Good south-news are no news</i>	142
3. Dos <i>media</i> para o desenvolvimento à NOMIC	147
3.1. <i>As propostas de Schramm</i>	147
3.2. <i>A teoria do imperialismo cultural</i>	149
3.3. <i>A ingloria batalha pela NOMIC</i>	150
4. Manutenção do desequilíbrio nos fluxos informativos entre o Norte e o Sul, e da imagem negativa veiculada pelos <i>media</i> do Norte em relação ao Sul	152
5. Perigos de um mundo hegemónico	160
6. Os meios alternativos e as <i>boas notícias</i>	163
7. Das notícias do <i>Outro</i> quando lá fora, às notícias do <i>Outro</i> , quando cá dentro	166
7.1. <i>Hipermediatização da violência alóctone</i>	167
7.2. <i>“Limpeza étnica” na programação</i>	172
7.3. <i>Cuidado! Vêm aí os mouros</i>	175
8. A construção do “imaginário internacional”	180
Fontes	193

*À Nocio,
uma lutadora*

Aos Lobitangas

Obrigado

Ao Prof. Doutor Francisco Rui Cádima, Orientador da tese de doutoramento, e à Prof. Doutora Isabel Nobre Vargues, Co-Orientadora da mesma tese, em cujo projecto de investigação este livro se insere,

Ao Prof. Doutor Paquete de Oliveira, pelo estímulo,

À Cision, na pessoa do Eng. José Santos e de todos os seus colaboradores,

À JOARTES - Artes Gráficas,

À Família e aos Amigos, pelo carinho e inextinguível apoio.

Introdução

O telespectador é como o prisioneiro da caverna de Platão: só recebe do mundo as sombras projectadas na parede, isto é, uma imagem deturpada que o impede de ver a realidade tal como ela é”¹

Este livro insere-se no projecto de investigação que culminou na dissertação de doutoramento por nós apresentada, em Abril de 2005, na Universidade de Coimbra.²

Efectuámos, na tese, longo percurso em torno das práticas miméticas endógenas e exógenas ao meio/televisão, focalizando primacialmente a nobre incumbência de selecção dos assuntos a noticiar. Ficámos conhecedores da expressão de tais práticas, e de eventuais consequências advenientes para os telespectadores. A potenciação noticiosa dos grupos de assuntos tratados por mais TV's, somada à pujança noticiosa que tais grupos de assuntos revelam, a montante, na rádio e na imprensa escrita, forneceram-nos indicadores que poderemos, sem risco, indexar à elevada capacidade de tais grupos de assuntos para influenciar a agenda pública, a ordem do dia noticioso transformada, assim, na ordem do dia das conversas dos cidadãos.

Destacámos indicadores vários com virtualidades bastantes para poderem determinar a agenda das conversas diárias, gerando uma compulsão para falar com os mais próximos do que se fala na TV e já se falou também na rádio e também se falou na imprensa.

¹ CAZENEUVE e OULIF. “La grande chance de la télévision”, Calmann Lévy, Paris, 1963. Citado por JESPERS, JEAN-JACQUES, ob. cit., pág. 72.

² “A AGENDA-MONTRA DE OUTRAS AGENDAS - Mimetismos e determinação da agenda noticiosa televisiva”. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Comunicação, especialização em Discurso dos Media, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Orientadores: Prof. Doutor Francisco Rui Cádima (Universidade Nova de Lisboa); Prof. Doutora Isabel Nobre Vargues (Universidade de Coimbra).

É, no entanto, legítimo que nos interroguemos ainda com mais profundidade sobre o bem ou mal fundado de tais práticas. Tal influência sobre a agenda pública pode ser considerada positiva por todos aqueles que apreciem a função federadora dos telejornais, a *missa das 20 horas* gerando comunhão entre os cidadãos/telespectadores em torno de um núcleo duro de assuntos considerados como os mais nobres: actividade política, actualidade internacional, mutações sociais, etc. Considerada positiva por aqueles que temem a multiplicidade de agendas, com a consequente diversidade de assuntos noticiados, transformando a cidade, o país e o mundo numa manta de retalhos noticiosos desconexos, contribuintes líquidos para o desnorde dos telespectadores.

Será considerada negativa por todos os que acalentam expectativas residentes num alargamento do leque de assuntos noticiados, numa vénia menos subserviente à obrigatoriedade do tratamento de determinados assuntos, na assunção de critérios de selecção de matéria noticiável que não se subsumam ao dar aquilo que se sabe que os outros vão dar. Valorada negativamente, por exemplo, pelos jornalistas que se rendem à inevitável ditadura mimética, não se sentindo incentivados a fazer de forma diferente, a procurar o outro lado das notícias, a procurar outras notícias, a fazer jornalismo de investigação; por aqueles que se sentem impotentes perante a subjugação impiedosa da ordem mimética imposta às agendas, não deixando escapatória à criatividade, à afirmação de marcas específicas de cada redacção; por aqueles que também gostariam de ajudar a conformar uma agenda que hoje lhes é imposta, transformando-a, sempre que possível, de determinada em determinante de outras agendas, determinante também, porque não?, das agendas dos agentes decisórios aos mais diversos níveis.

Uma das respostas possíveis à questão acima colocada pode passar por caracterizar, categorizando, a agenda noticiosa televisiva. Foi o que fizemos, investigação desdobrada em duas vertentes, tendo por finalidade carrear dados que nos permitam aquilatar da maior ou menor bondade da agenda noticiosa televisiva como contribuinte, entre muitos outros recursos, para a formação de uma opinião pública esclarecida, porque dotada da informação pertinente em relação à cidade, país e mundo em que vivemos.

Em "PROMOÇÕES, SILÊNCIOS, DESVIRTUAÇÕES – A informação ao serviço da estação" (Dinis Manuel Alves, 2010), tratámos de pistar práticas pouco consentâneas com a tábua dos estritos critérios jornalísticos e, em compensação, muito consentâneas com os interesses empresariais das estações. Com base nos dados recolhidos, reflectimos ali sobre os prejuízos sofridos pelos telespectadores com tais procedimentos, atendendo ao volumoso caudal de promoções de conteúdos endógenos, de graves

silenciamentos e distorções intencionais da actualidade, tudo à margem dos princípios mais sagrados da profissão de jornalista.

Da segunda vertente se ocupa o presente livro. Propomo-nos, aqui, revelar com que cores e cambiantes desenham, os jornais televisivos, uma parte do mundo em que vivemos. Seleccionámos, para esta análise, 96 países que pertencem ao que se convencionou chamar *Terceiro Mundo*. Incluímos todos os países do continente africano, todos os países da América do Sul, 14 países da América Central e 17 países do sul e sudeste asiático. A análise estende-se a todo o ano de 1999, período alvo da investigação que efectuámos para a referida tese de doutoramento.

A imagem do mundo que as televisões oferecem aos telespectadores é um dos temas que suscita a atenção regular de críticos e investigadores dos *media*. Seja pela selecção do exótico e do picaresco, seja pelo apagamento de temas importantes, ou ainda pelo lugar que aos temas internacionais é atribuído no alinhamento dos telejornais.³

Questão que ganha maior acuidade se atentarmos em estudos de *agenda-setting* apontando para uma maior influência dos *media* nas questões chamadas *unobstrusive* — assuntos distantes das pessoas em relação aos quais não têm experiência directa.⁴

E o mundo, talvez todo mas por certo muito o *terceiro*, revela-se assunto bem distante de muitos cidadãos-telespectadores.

Martyn Lewis, que foi um dos *pivots* mais destacados da BBC-TV, referia-se, há anos atrás, a estudo da UNICEF segundo o qual a maioria das pessoas pensava que 50 a 70% das crianças em todo o mundo estavam a morrer de

³ No seu repositório de crónicas sobre a televisão, o crítico João Lopes (1995: 159) queixava-se do facto da RTP1 ter alinhado a notícia do regresso de Yasser Arafat à Palestina a meio do telejornal. Primeiro houve que noticiar o rescaldo do bloqueio da Ponte 25 de Abril, com declarações do Ministro Ferreira do Amaral, “mais um crime algures no ‘país real’, mais um colóquio cujo assunto já esqueci”.

“Quer isto dizer” — sublinhava o crítico — que, “na Radiotelevisão Portuguesa de Portugal, a 1 de Julho de 1994, há quem pense que, no principal serviço de notícias do dia, o lugar desta notícia sobre Arafat se situa um quarto de hora depois das portagens, dos ministros e de uma qualquer crónica estupidamente ‘voyeurista’ temperada com sangue. Como exemplo de pedagogia televisiva, não poderia haver episódio mais revelador de mediocridade e descontrada indiferença. Ou o mundo mais uma vez reduzido ao pátio das traseiras”.

⁴ “Uma outra conclusão da pesquisa sobre o *agenda-setting* é que o efeito da agenda jornalística também varia segundo a natureza do assunto, distinguindo entre as questões chamadas *obstrusive* (ou seja, assuntos conspícuos para os quais as pessoas podem mobilizar a sua experiência directa, por exemplo, as questões económicas) e as questões chamadas *unobstrusive* (isto é, assuntos distantes das pessoas em relação aos quais não têm experiência directa, por exemplo, questões de política externa) — sublinha Nelson Traquina (1995: 209).

fome – quando o número real é de 1 a 2 por cento; e que só 20% das crianças entre os 6 e os 12 anos de idade frequentam a escola – quando quase 90% o fazem.

“A maioria das pessoas imagina os países em desenvolvimento a partir das notícias sobre os desastres”, lamentava Lewis.⁵

Para Ignacio Ramonet (1998: 105-106), o SUL é retratado pelos *media* num misto de inferno e paraíso, mas nunca como “um espaço normal, com povos normais”. SUL que não aparecerá como “sujeito”, antes como “objecto”:

“Não como produtor de imagens, mas antes como suporte de imagens” em dois registos, duas “atmosferas comunicacionais”. A primeira alimentada pelos telejornais, a segunda pela publicidade:

“Como motivo de acontecimentos negativos de qualquer tipo, catástrofes naturais – terremotos, incêndios, inundações, erupções vulcânicas, furacões, secas – o Sul está presente sobretudo quando tais desastres acarretam drama, sofrimento e morte. Ou então quando há desordens de tipo político: guerras civis, guerrilhas, insurreições, golpes de Estado, matanças, execuções. O Sul irrompe nos telejornais quase que exclusivamente no caso de catástrofes políticas ou naturais. Para os cidadãos-telespectadores que vêem os telejornais, o Sul é essencialmente um inferno. É um lugar onde ocorrem todos os cataclismos, todas as desordens, todas as violências” – assinala Ramonet, lembrando a outra face da moeda, a que representa o SUL-Paraíso, aqui por conta do discurso publicitário.

Não é de agora a denúncia da construção de um imaginário internacional claramente favorável às grandes potências, imaginário que pasteuriza o Norte rico e civilizado, isto enquanto gangrena o Sul pobre e selvagem. A informação televisiva assume, aqui, a sua quota parte de responsabilidade, quota bojuda quando se atende à manifesta influência das televisões por contraponto com os outros meios, como a rádio e a imprensa escrita.

Importa segmentar: no Norte rico há estações de televisão verdadeiramente ricas e outras apenas remediadas. A disparidade de meios leva estas últimas, as pobres do hemisfério rico, a difundirem, cada vez mais, notícias do mundo por interposta TV, enfoques assentando cada vez mais na notícia-mercado em detrimento da notícia-serviço, visões do *Outro* que nos chegam através de um terceiro *Outro*. A forma célere como as TV's privadas portuguesas sangraram dos seus quadros os correspondentes internacionais aí está para o atestar.

⁵ Citado por PEDERSEN, Daniel. “E agora as notícias”, Caderno “VIVA”, pág. 10, “EXPRESSO, serviço “Expresso/Newsweek”, 16.04.1994.

Entretidos a dar notícias do *Outro* quando lá fora, sentimos calafrios ao sabermos de notícias do *Outro*, quando cá dentro. Um dia, acordando de sono profundo contabilizando sonhos vários – com *pateras*, hordas de deserdados arribando à costa rica –, descobrimos que o *Outro* está entre nós. Tantas vezes pintado com as cores garridas da *Internacional da Bizarria*, natural se torna a dificuldade em descascar-lhe a pele prenhe de preconceitos e estereótipos com que o cravejámos, por interpostas notícias, televisionadas ou não. Daí até à hipermediatização da violência alóctone vai um passo. Se não temos dinheiro para manter correspondentes lá fora, se o tempo dos satélites para dar notícias do inferno está pela hora da morte, chamamos um figo quando o demo nos assoma à porta, ali no bairro social a meia dúzia de quilómetros da redacção.

Levantam-se vozes acusando as televisões de alimentarem a discriminação racial, há quem denuncie limpezas étnicas na programação, levantam-se vozes contra a exigência da tez correcta à entrada dos estúdios.

É a tez das notícias sobre o conjunto de 96 países acima referido, notícias veiculadas pelas televisões portuguesas, que pretendemos revelar com esta investigação. Desenhar o mapa do noticiado, também do ignorado; perscrutar critérios de noticiabilidade; detectar eventuais pulsões etnocentristas nas redacções; calcorrear alinhamentos à procura dos lugares atribuídos às notícias do Terceiro Mundo, se notícias-podium, se notícias do carro-vassoura; perceber constrangimentos das redacções no que reporta ao noticiário internacional; saber das dependências das televisões portuguesas, periféricas, em relação aos países-fonte, os do centro do sistema; perceber, enfim, que espelho-mundo nos é servido diariamente pelos jornalistas televisivos portugueses: reflexo honesto e possível do real, não desmerecendo dos telejornais em vias de desenvolvimento que os albergam?, ou mero instrumento gerador do gáudio de todos os que adoram frequentar o circo da notícia?⁶

⁶ No canal MEDIAPOLIS XXI (www.youtube.com/mediapolisxxi), que mantemos no YouTube, disponibilizamos vídeos de muitas das peças referidas neste livro. Textos complementares poderão ser consultados em www.mediatico.com.pt (ver, em especial, o menu “Terceiro Mundo em Notícias”).

CAPÍTULO 1

África

1. Indicações prévias

Neste capítulo analisamos os acontecimentos referentes ao continente africano noticiados, em 1999, pelas estações de televisão portuguesas *RTP1*, *RTP2*, *SIC* e *TVI*.

A pesquisa foi efectuada aos *leads* e descrição sumária da totalidade dos alinhamentos dos noticiários televisivos de 1999, utilizando como fonte a base de dados da *Cision* (<http://www.pt.cision.com/>).¹ Incluímos apenas notícias sobre acontecimentos verificados em países do continente africano, durante o ano de 1999; e notícias de factos ocorridos fora do continente, mas que reportassem directamente a algum acontecimento verificado em África, durante 1999.² Sempre que necessário, e aconteceu muitas vezes, procedemos ao visionamento das notícias.

¹ Em 1999 a empresa denominava-se *Memorandum*.

² Por exemplo: a detenção, nos EUA, em 1999, de uma cidadã ganesa a viver ilegalmente em solo americano há dois anos, mulher que fugira do seu país receando ser mutilada genitalmente. As notícias sobre a detenção não foram por nós incluídas por se tratar de um acontecimento verificado fora do continente africano e por reportar a um facto ocorrido dois anos antes (apesar das referências aos motivos da fuga, as notícias não foram originadas pelo abandono precipitado do país, mas sim pela detenção daquela cidadã em país estrangeiro). Já a incluímos caso a fuga se tivesse verificado durante o ano de 1999.

Exemplo contrário podemos encontrá-lo nas notícias sobre a guerra na Guiné-Bissau. Um grupo considerável de notícias sobre o conflito armado respeitava a declarações e iniciativas do governo português. Foram por nós incluídas no *corpus* de notícias sobre África, por reportarem a um acontecimento verificado durante 1999, e no qual Portugal surgiu como parte interessada. O mesmo vale para o grupo de notícias reportando declarações e iniciativas de guineenses sobre o conflito, mas produzidas fora do território da Guiné-Bissau. Muitas dessas tomadas de posição verificaram-se em Portugal, quer através de diligências efectuadas por guineenses aqui residentes, quer aquando das várias deslocações que dirigentes políticos daquele país efectuaram a Portugal. Sempre que julgarmos relevante, faremos no entanto menção das notícias sobre o continente africano

2. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva

Constata-se, desde logo, que 22 dos 53 países que compõem o continente africano não foram objecto de qualquer notícia, o que corresponde a uma percentagem de 41,5%.³ São eles: Benin, Botswana, Burkina Faso, Camarões, Chade, Djibouti, Gabão, Gâmbia, Gana⁴, Guiné Equatorial, Lesoto, Libéria, Madagáscar, Malawi, Mali, Maurícias, Mauritânia, República Centro-Africana, República do Congo, Senegal, Suazilândia e Togo.⁵

3. Países com 1 assunto noticiado

Entre os países objecto de notícia, há um grupo de 12 que subiram à antena apenas por um assunto alinhado em todo o ano de 1999 (ver quadro 1).

Em Janeiro, o *24 Horas (RTPI)* dedicou 2' 02" a queixas das mulheres das

que, com base nos critérios elencados, não considerámos no conjunto a seguir descrito.

³ O continente africano é composto por 53 países. Excluem-se os casos da Somaliland e do Sahara Ocidental, por não se tratar de *países* reconhecidos internacionalmente. Do primeiro não registámos qualquer notícia. Quanto ao Sahara Ocidental, serão integradas em Marrocos. (Sobre a Somaliland, ver, por ex., “*Somaliland – Le pays qui n’existe pas*”, *Le Courrier International*, n/a, 17.04.2001; e “*Somaliland – Renaissance d’une terre oubliée*”, *Le Courrier International*, Mark Turner, 17.06.1999).

⁴ Em Julho, o Gana foi referenciado na decorrência de um processo de extradição tentado pela administração norte-americana a uma cidadã ganesa que entrara ilegalmente nos Estados Unidos, dois anos antes. Adelaide fugiu do Gana quando soube que estava condenada à mutilação genital, por se apresentar desvirginada no dia do casamento. A *SIC* deu a notícia, a *TVI* veio em Agosto informar do desfecho favorável à cidadã ganesa, através de uma decisão do tribunal federal rotulada de *histórica*, por considerar a mutilação genital como causa legítima para um pedido de asilo. Três notícias, 3' 48" (notícias não contabilizadas, de acordo com os critérios anteriormente enunciados).

⁵ Incluímos neste grupo o Senegal e a Gâmbia porque todas as notícias registadas sobre estes dois países se referem, no caso do Senegal, exclusivamente à participação das suas tropas na guerra que teve lugar na Guiné-Bissau; e no caso da Gâmbia, à mediação que culminou numa bem sucedida retirada de Nino Vieira rumo a Portugal, país que lhe concedera asilo político. Como tais notícias têm sempre por referente a Guiné-Bissau e o conflito armado ali registado, contabilizámo-las apenas neste último país.

Também decidimos excluir as notícias referentes ao Rali Granada-Dakar. Das 12 notícias registadas (11 na *SIC* e uma na *RTPI*, sendo uma das notícias referente ao início da prova, em solo espanhol), a menção ao país ou países atravessados pelos concorrentes resumia-se a isso mesmo: uma simples menção. O que aconteceu em apenas três casos. Nos restantes, os *países-cenário* nem sequer foram referidos. Este comportamento fica a dever-se, em nosso entender, ao facto das notícias sobre a prova desportiva servirem apenas de *falsa entrada* ou *chamariz* para os *especiais* que a *SIC* emitia logo a seguir ao *Jornal da Noite* (9 notícias neste espaço informativo – 20h –, e duas no *Primeiro Jornal*, emitido às 13h). As notícias surgiam colocadas no final do alinhamento, a poucos minutos do início do *especial*, programa ao qual o apresentador fazia quase sempre referência. Por outro lado, a informação principal também era deixada para esse programa, com as notícias inseridas nos espaços informativos reportando mais ao desempenho dos

Quadro 1 - ÁFRICA - Países com 1 assunto noticiado em 1999				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
Seychelles	1	1	02' 02"	Mulheres queixam-se dos homens
Somália	1	1	01' 57"	Seca / Fome
Eritreia	1	3,5	05' 13"	Guerra com a Etiópia
Namíbia	1	1	01' 10"	Leilão de presas de elefante
Zimbabue	1	1	01' 45"	Missionários americanos em risco de condenação a prisão perpétua
Níger	1	2	02' 27"	Golpe de Estado
Comores	1	1	00' 29"	Golpe de Estado
Guiné-Conakry	1	4	03' 53"	Morte de dois jovens que <i>vajaram</i> no trem de aterragem de um avião belga
Ruanda	1	2	02' 56"	Reabertura do <i>último santuário de gorilas</i>
Burundi	1	1	00' 24"	Violência
Tanzânia	1	9	14' 27"	Morte de Julius Nyerere
Costa do Marfim	1	18	22' 19"	Golpe de Estado
Total: 12 países	12	44,5	59' 02"	

Seychelles, que consideravam os homens do país muito *preguiçosos*. Ainda em Janeiro, e no mesmo espaço noticioso, referência à catástrofe humanitária sentida na Somália, por mor da seca e da fome (1' 57"). Quanto à Eritreia, chegaram novas da guerra com a Etiópia. Seis notícias em Fevereiro, uma em Julho, todas sobre o reacender do conflito armado (7 notícias, 10' 26").⁶ Março foi mês para uma notícia (1' 10") sobre a Namíbia, um leilão de presas de elefante.⁷

No Zimbabue, em Março, a possibilidade de três missionários americanos virem a ser condenados a prisão perpétua por crimes de terrorismo e espionagem valeu uma notícia (1' 45"). Em Abril, golpe de Estado no Níger. Duas notícias para o mesmo assunto (2' 27"). Outro golpe de Estado veio lembrar, nos finais do mesmo mês, que as Comores existem. Valeu uma notícia (29").

A desgraçada sina dos dois jovens da Guiné-Conakry (Yaguine Koita, de 14 anos, e Tounkata Foudé, de 15) que, em Agosto, resolveram esconder-se no trem de aterragem de um avião rumo a Bruxelas, o que lhes causou a morte, mereceu quatro notícias (3' 53"). Deu-se conta da ocorrência, das homenagens de que foram alvo, e do funeral.

Do Ruanda, também em Agosto, a notícia da reabertura ao público de “*um*

portuguesa na prova. A única notícia da *RTP1*, versando uma questão colateral (uma emboscada a dezenas de concorrentes), nem sequer deu conta do local onde o incidente decorreu.

⁶ Como estas notícias se referem a dois países, para efeitos de contabilização de notícias e sua duração, atribuiremos metade das notícias e tempo de emissão a cada um deles (3,5 notícias, 5'13"). A Eritreia foi ainda mencionada em Outubro, mas apenas como local de escala da fragata portuguesa *Vasco da Gama*, a caminho de Timor, numa notícia sobre este último território. Por esse facto, tal notícia não foi por nós considerada como reportando à Eritreia.

⁷ Registámos ainda cinco notícias referentes a um ataque das tropas do governo angolano a bases da UNITA que operavam a partir da Namíbia, na fronteira sul de Angola, ataque este dado como autorizado pelo governo de Windhoek. Contabilizámos tais notícias em Angola.

dos últimos santuários de gorilas". Duas notícias, 2' 56". Violência no Burundi, uma constante há seis anos naquele país, foi notícia na *RTP2 (Jornal 2)* em finais de Agosto. Uma notícia (24") dando conta de um massacre perpetrado pelas milícias hutus. Em Outubro, a Tanzânia sobe aos telejornais portugueses (com excepção da *TVI*), em virtude do falecimento de Julius Nyerere, primeiro presidente daquele país africano. 14' 27" distribuídos por nove notícias.

A Costa do Marfim fecha este grupo, com um golpe de Estado ocorrido em finais de Dezembro. As quatro estações de televisão disponibilizaram ao acontecimento e suas sequelas 22' 19", para um total de 18 notícias.

Os dois grupos representam 34 países, o que dá uma percentagem de 64,2%. Temos, assim, mais de metade dos países que compõem o continente africano ficando a zero ou merecendo apenas que um acontecimento passe o crivo da selecção das redacções dos telejornais portugueses. 59' 02" foi o tempo disponibilizado ao grupo de 12 países que foram objecto de notícia, o equivalente à duração de um telejornal dos dias de hoje.

Do segundo grupo já podemos detectar as linhas-força que presidem a tal selecção: golpes de Estado, carnificinas, violência, atentados bombistas, guerra entre países vizinhos, catástrofes humanitárias, morte de presidentes e de jovens desesperados. Ainda notícias de maus costumes dos homens das Seychelles, uns missionários americanos em risco de morrerem nas prisões do Zimbábue, alguns gorilas e presas de elefante. Não fora o leilão das presas de elefante, os simpáticos bichinhos do Ruanda, ou a preguiça dos homens das Sheychelles, e o denominador comum destas notícias estava encontrado: a Morte.

4. Países com 2 e 3 assuntos noticiados

No terceiro grupo incluímos os países africanos com direito a notícias sobre dois e três acontecimentos verificados em 1999 (ver quadro 2). Começamos pela Etiópia. O acontecimento a que foi dada mais relevância respeita à guerra com a Eritreia (7 notícias, 10' 26") (ver nota 6). O resultado das investigações efectuadas a um esqueleto descoberto na Etiópia em 1997, por uma equipa de 40 cientistas de 14 países, valeu uma notícia (2' 00"). O *Australopithecus Surpresa* veio, segundo os investigadores, ajudar a compreender melhor a evolução dos hominídeos para o *Homo Sapiens*.

Uma explosão de bombas na Zâmbia mereceu a atenção da *RTP2 (Jornal 2, 19")*, a 28 de Fevereiro. O *Telejornal da RTP1 (34")* retomaria o assunto alguns dias mais tarde, fazendo-se eco da possibilidade daquele país entrar em guerra com Angola, por atribuir ao governo de José Eduardo dos Santos responsabilidades nos ataques bombistas. No total, 2 notícias (2' 53").

Quadro 2 - ÁFRICA - Países com 2 e 3 assuntos noticiados em 1999				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
Etiópia	2	4,5	07' 13"	1. Guerra com a Eritreia 2. Resultados da descoberta, em 1997, do <i>Australopithecus Surpresa</i>
Zâmbia	2	2	02' 53"	1. atentado bombista 2. Possibilidade de guerra com Angola
Tunísia	2	9	19' 01"	1. Queda de neve 2. Rali TT
Libia	2	19	22' 20"	1. Desenvolvimentos do caso <i>Lockerbie</i> 2. Festival de música
Uganda	2	12	21' 11"	1. Assassinato de oito turistas ocidentais 2. Judeus do Uganda
Quênia	3	9	12' 12"	1. Confrontos entre estudantes e polícia 2. Rali Safari 3. Mulher mais velha do mundo
Sudão	3	6	16' 11"	1. Escravidão 2. Inundações 3. Crise política
Total: 7 países	16	61,5	1h 41' 01"	

A Líbia foi notícia pelos desenvolvimentos verificados no *caso Lockerbie*, com a entrega à *justiça internacional* de dois suspeitos da autoria do atentado (18 notícias, 20' 40"); e graças à realização de um festival musical naquele país (1 notícia, 1' 40"). A Líbia com um total de 19 notícias (22' 20").

O assassinato de oito turistas ocidentais (Março), e a existência de uma pequena comunidade conhecida por *Judeus do Uganda* (Novembro), foram os assuntos que trouxeram este país ao mapa noticioso televisivo português. As quatro estações deram relevo ao primeiro assunto, com um total de 11 notícias nas quais se despenderam 18' 48". O segundo assunto mereceu a atenção do *24 Horas (RTP1, 2' 23")*. No total, o Uganda contou com 12 notícias (21' 11").

Da Tunísia, notícia da neve que por lá caiu em Fevereiro (1 notícia, 25") e do *Rali TT* que se realizou naquele país, em meados de Abril. O *Jornal da Noite (SIC)* dedicou-lhe atenção generosa (a estação difundiu programas especiais sobre este evento desportivo), com sete notícias que ocuparam 17' 38". Na *RTP1*, o rali foi noticiado uma vez, no *Jornal da Tarde* (58"). Nove notícias no total (19' 01").

Quênia e Sudão beneficiaram do tratamento jornalístico televisivo de três assuntos. Confrontos violentos entre estudantes e polícia em Nairobi, o Rali

Safari e a mulher mais velha do mundo foram os assuntos em destaque no que respeita ao Quênia. Uma notícia na *TVI* para a revolta estudantil de Fevereiro (48''); seis notícias na *SIC* para a prova desportiva (Fevereiro e Março, 9' 31''); duas notícias na *TVI* e *RTP2* para a mulher mais velha do mundo (Março, 1' 53''). Total para o Quênia: 9 notícias (12' 12'').

Do Sudão destacou-se a escravatura (4 notícias, 13' 34''), inundações que causaram vários mortos (1 notícia, 1'), ainda a notícia de uma crise política no país (1' 37''). Total para o Sudão: 6 notícias (16' 11'').

A agenda temática de África não sofre qualquer enriquecimento de monta com a inclusão destes últimos países. Continua a destacar-se a violência entre os homens e sobre os homens (guerra, escravatura, terrorismo, chacina de turistas); mais mortes provocadas pelos elementos em fúria; ainda o desporto motorizado, a música, a religião e os *fait divers*.

5. Países com mais de 3 assuntos noticiados; países com 1 só assunto noticiado, mas objecto de tratamento noticioso prolongado

Arrumámos num quinto grupo países com mais de três assuntos noticiados, e aqueles que, sendo alvo de notícias sobre um único assunto, mereceram acompanhamento noticioso prolongado ao longo do ano e um número considerável de notícias. Apesar de podermos incluir este último subgrupo no conjunto de países alvo de notícias sobre um único assunto, preferimos não o fazer atendendo à disparidade do tratamento noticioso entre um e outro dos casos (ver quadro 3).

Começamos pela Serra Leoa. Um só assunto, a guerra sangrenta naquele martirizado país. Notícias do recrudescimento dos combates, do seu abrandamento, da morte de um repórter de uma agência noticiosa, do rapto de outros quatro repórteres, dos martírios sofridos pelos desalojados, dos abusos sexuais e mutilações sofridas pelas crianças daquele país, da intervenção da ONU, da ajuda humanitária. Atenção concitada em todos os canais, 28 notícias difundidas nos meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Junho, Julho, Agosto e Outubro. 39' 20'' despendidos.

A guerra e o cortejo de misérias que provoca, a monopolizar também as notícias provenientes da República Democrática do Congo. Da guerra registámos 18 notícias (32' 01'') que se dividiram pelos meses de Janeiro, Março, Junho, Julho, Agosto, Setembro e Dezembro. Neste último mês deu-se ainda conta do internamento hospitalar de Laurent Kabila (1 notícia, 40''), e do sofrimento de milhares de desalojados congolezes, morrendo à fome (1 notícia, 2' 07''). Tudo somado, 34' 48'' divididos por 20 notícias.

Um nevão inaugurou a entrada da Nigéria nos telejornais portugueses, em Fevereiro (1 notícia, 40''). Seguiram-se 10 notícias sobre as eleições pre-

Quadro 3 - ÁFRICA - Países com mais de 3 assuntos noticiados em 1999, ou com um só assunto, mas objecto de elevado número de notícias				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
Serra Leoa	1	28	39' 20"	1. Guerra civil
República Democrática do Congo	3	20	34' 48"	1. Guerra 2. Internamento hospitalar de Laurent Kabila 3. Milhares de desalojados morreram à fome
Nigéria	4	46	1h 04' 24"	1. Nevão 2. Eleições presidenciais 3. Confrontos étnicos 4. Mundial de Futebol Sub-20
Egipto	9	76	02h 15' 33"	1. Atribuição Prémio Nobel da Química 2. Conversações de paz Israel / Autoridade Palestiniana 3. Reabertura de pirâmides ao público 4. Achados arqueológicos 5. Imagens do Vale dos Reis 6. atentado contra Hosni Mubarak 7. Sequestro de avião egípcio 8. Despenhamento de avião egípcio 9. Festejos de passagem do ano
Argélia	4	35	32' 55"	1. Massacres 2. Queda de neve 3. Eleições presidenciais 4. Referendo 5. Sismo
Marrocos	11	124	04h 09' 47"	1. 1.º Secretário embaixada portuguesa comete irregularidades 2. Clandestinos na fronteira com Espanha 3. Ministro da Agricultura português em Marrocos 4. Não renovação do acordo de pescas UE/Marrocos 5. <i>PT/Telefonica</i> vence concurso operador rede móvel 6. Investimentos de empresas portuguesas 7. Portugueses elegem Marrocos como destino de férias 8. Morte do rei Hassan II 9. Sequestro de avião 10. António Guterres em Marrocos 11. Jorge Sampaio em Marrocos 12. Derrocada de um prédio 13. Queda de neve 14. Questão do Sahara Ocidental 15. Detenção do cônsul honorário de Portugal, por tráfico droga
Total: 6 países	32	329	09h 16' 47"	

sidenciais, notícias repartidas por Fevereiro e Março, para as quais foram disponibilizados 11' 28". Confrontos étnicos originaram 4 notícias (Julho e Novembro, 6' 08"). Mas foi o futebol que concitou mais atenções, com a realização do Mundial de Sub-20 na Nigéria. Atenção redobrada atendendo à participação da selecção portuguesa⁸, também ao caso protagonizado por

⁸ Respeitando os critérios por nós estabelecidos, não contabilizámos as notícias que reportavam exclusivamente à preparação da selecção portuguesa (11 notícias, 19' 40"). Já as notícias referentes à polémica em torno da inclusão de Hugo Leal foram contabilizadas

Vale e Azevedo, que tentou impedir a deslocação do jogador do Benfica Hugo Leal, alegando as “*deficientes condições sanitárias*”, as “*imensas doenças*” e a “*falta de segurança*” existentes na Nigéria.

Dividimos este conjunto de notícias em dois grupos: o primeiro comportando todas as referências noticiosas à polémica desencadeada pelo presidente do Benfica. O segundo grupo é composto pelas notícias do evento produzidas já na Nigéria (Abril), notícias focalizadas, como é óbvio, na prestação da selecção portuguesa, mas que foram além disso, acompanhando o desenrolar do Mundial mesmo após a eliminação da equipa lusa.

Registámos 5 notícias (7’ 05”) no primeiro grupo. O segundo é composto por 26 notícias, que ocuparam 39’ 03”. O conjunto de notícias (46) sobre todos os assuntos referidos ocupou 1h 04’ 24”.

No ano em que um cientista egípcio ganhou o Prémio Nobel da Química, o facto mereceu uma notícia (56”). O Cairo como palco de conversações de paz, recebendo em Julho o Primeiro-Ministro de Israel (1 notícia, 29”), em Agosto Barak e Arafat (2 notícias, 3’ 10”). As pirâmides de Gizé reabriram ao público (1 notícia, 1’ 52”), e registaram-se alguns achados arqueológicos (3 notícias, 4’ 39”). Ainda houve tempo para mostrar imagens belíssimas do Vale dos Reis, na rubrica *Imagens do Século (SIC, 1’ 05”)* e para dar conta do décimo atentado sofrido pelo presidente egípcio Hosni Mubarak (3 notícias, 1’ 36”). Mas o grosso do caudal noticioso referente ao Egipto foi preenchido, primeiro pelo sequestro de um avião das linhas aéreas egípcias, a 19 de Outubro (3 notícias, 2”), doze dias depois pelo despenhamento de outro avião das mesmas linhas aéreas, ao largo da costa dos EUA. Este acontecimento gerou 59 notícias, que ocuparam 1h 54’ 45” dos telejornais portugueses.

A fechar 1999, duas referências aos festejos de passagem de ano naquele país, junto às pirâmides e com a presença de Jean Michel Jarre (2 notícias, 5’ 01”). No total, registaram-se 76 notícias que ocuparam 2h 15’ 33”.

Da Argélia noticiaram-se massacres em Janeiro, Março, Junho e Novembro; neve em Fevereiro (1 notícia, 25”), eleições presidenciais em Abril, referendo em Setembro e um sismo em Dezembro. 8 notícias sobre os massacres (3’ 44”), 18 referentes às eleições presidenciais (24’ 39”), 3 sobre o referendo (1’ 30”) e 5 notícias do sismo (2’ 37”). 35 notícias que consumiram 32’ 55”.

O maior volume de notícias referentes a Marrocos foi originado pela morte do rei Hassan II e pela não renovação do acordo de pescas entre este país e a União Europeia, decisão que afectou directamente muitos pescadores portugueses.

Os noticiários das televisões lusas inauguraram o ano tal como o fecharam,

pelas referências feitas à Nigéria, país com “deficientes condições sanitárias”, “imensas doenças” e “falta de segurança”.

isto em relação às novas de Marrocos: com notícias referentes a alegados crimes cometidos por diplomatas portugueses. No primeiro mês do ano, duas notícias (3' 53'') davam conta de irregularidades várias (desvio de dinheiros públicos, falsificação de documentos) atribuídas ao 1.º Secretário da embaixada de Portugal em Rabat. 1999 haveria de fechar com outro problema grave: a detenção do cônsul honorário de Portugal em Marrocos, apanhado com 80 quilos de haxixe (5 notícias, 2' 49''). Em Março, 3 notícias (10' 52'') sobre o trânsito de clandestinos pela fronteira hispano-marroquina. Em Maio deu-se conta da visita do ministro da Agricultura a Marrocos, para tratar do dossier das pescas com o seu homólogo marroquino (1 notícia, 1' 59'').

Em Junho, mais uma notícia (2' 30'') sobre as dificuldades em renovar o acordo de pescas com Marrocos. No mês seguinte o mesmo assunto mereceu sete notícias (8' 11''). Ainda no mês de Julho, uma notícia (57'') dando conta da vitória do consórcio *Portugal Telecom/Telefonica* no concurso de atribuição do segundo operador de rede móvel em Marrocos; outra referindo-se aos investimentos efectuados por empresas portuguesas naquele país vizinho (2' 07''). Outras duas notícias (3' 58'') olhavam para Marrocos como um dos países eleitos pelos portugueses para ali passarem férias. O acontecimento que mais atenção concitou foi a morte do rei Hassan II, assunto coberto por 50 notícias, com uma duração total de 1h 50' 12''. Agosto foi mês para se falar do sequestro de um avião (4 notícias, 3' 14''). A visita de António Guterres ao país vizinho para participar na V Cimeira Luso-Marroquina (abreviada em função da situação vivida em Timor), valeu 3 notícias (4' 11'').

Com o acordo de pescas UE/Marrocos prestes a expirar (31 de Novembro), e sem novas de resolução do impasse, Novembro registou 26 notícias sobre o assunto, com uma duração total de 1h 03' 08''. Em Dezembro, o mesmo assunto justificaria 5 notícias (6' 53''). Para além da detenção do cônsul honorário, já referida, houve ainda espaço para noticiar a visita particular de Jorge Sampaio a Marrocos (4 notícias, 4' 33''), a derrocada de um prédio, fazendo pelo menos sete mortos (2 notícias, 1' 07''), e a queda de neve no país vizinho (1 notícia, 22''). A questão do Sahara Ocidental mereceu ao longo do ano (Janeiro, Julho, Agosto, Setembro e Novembro) 6 notícias, com uma duração total de 18' 51''. Marrocos com um total de 124 notícias (4h 09' 47'').

A visita de Tony Blair inaugurou as notícias sobre a África do Sul nos telejornais portugueses, em 1999 (ver quadro 4). Efectuada em Janeiro, valeu três notícias (2' 46''). A actividade de movimentos radicais naquele país motivou uma notícia na *RTP2* (1' 52''). Seis notícias para um massacre (5' 36''); duas para um atentado bombista na Cidade do Cabo (3' 01''), e três notícias sobre o processo judicial envolvendo a médica portuguesa acusada de ter morto dois dos seus filhos (2' 06''). Este assunto será retomado em

Quadro 4	ÁFRICA	África do Sul
1. Visita de Tony Blair	19. Jorge Sampaio visita o país	
2. Actuação de movimentos radicais	20. Luso-descendentes sobre o processo eleitoral	
3. Massacre	21. Comunidade branca, fundadora de Orania	
4. atentado bombista (V)	22. Violação de menores	
5. Julgamento médica portuguesa acusada morte 2 filhos	23. Triplo assassinato numa escola	
6. Despiste de autocarro	24. Explosão em mina de ouro	
7. Assassinato de empresário sul-coreano	25. Marcha de protesto dos funcionários públicos	
8. Queda de helicóptero (V)	26. Portugueses envolvidos em falsificação de moeda	
9. Último discurso de Nelson Mandela	27. Funcionamento do bordel <i>Spartacus</i>	
10. Encomenda quadro retratando chegada portugueses	28. Tempestade	
11. Eleições	29. Assassinato de sete pessoas	
12. Arranjos florais	30. Tiroeio entre taxistas de companhias rivais	
13. Negociações comerciais com a União Europeia (V)	31. Abandono de recém-nascidos	
14. Morte de piloto sul-africano em prova desportiva	32. Queda de avioneta	
15. Onda de violência e criminalidade assola o país (V)	33. Choque entre comboios	
16. Visita do Duque de Bragança	34. Inundações / Cheias	
17. Português decora ovos de avestruz	35. Detenção de líder muçulmano acusado terrorismo	
18. Muamar Kadhafi visita o país		
Total: 35 assuntos - 122 notícias		03h 22' 15"

Assinalamos com (V) acontecimentos que se verificaram por mais do que uma vez, ao longo do ano e que, por comodidade de exposição, evitamos repetir.

Fevereiro, com mais três notícias (5' 02").

No segundo mês do ano noticiou-se o despiste de um autocarro (2 notícias, 1' 34"); o homicídio de um empresário sul-coreano, o dono da *Daewoo* (1 notícia, 36"); a queda de um helicóptero, com a morte dos quatro ocupantes (3 notícias, 2' 10"); o último discurso sobre o estado da nação feito por Mandela (1 notícia, 1' 34"); a encomenda, por uma universidade sul-africana, de uma enorme pintura retratando a chegada dos portugueses, na perspectiva dos autóctones (1 notícia, 3' 33"). Houve ainda tempo para se falar de eleições (1 notícia, 30"), de arranjos florais (1 notícia, 1' 19") e do conturbado processo negocial entre a União Europeia e a África do Sul, em torno das marcas de algumas centenas de produtos, marcas *pirateadas* do velho continente, nelas se incluindo, naturalmente, o vinho do Porto (3 notícias, 7' 24").

Em Março, uma notícia para a morte de um piloto sul-africano durante a primeira prova do Mundial de *Super Bikes* a decorrer naquele país (1 notícia, 42"). Abril foi mês de uma só notícia, sobre a criminalidade reinante no país (2' 11"). Maio também teve direito a uma notícia sobre a onda de criminalidade na África do Sul (35"); outra notícia sobre a presença do Duque de Bragança em Joanesburgo (3' 05"); e outra sobre um português que, naquele país, decorava ovos de avestruz (1' 56"). Cinco notícias sobre o processo eleitoral que marcou o adeus de Nelson Mandela da presidência do país (10' 53").

Eleições que, no mês de Junho, mereceram destaque alargado nos

telejornais portugueses, com 45 notícias ocupando 1 h 43' 29". Incluem-se neste grupo as presenças de Kadhafi (1 notícia, 15") e de Jorge Sampaio (2 notícias, 3' 03") na tomada de posse de Mbeki, e uma notícia versando a posição dos luso-descendentes em relação ao processo eleitoral (2' 52"). Em Junho registámos ainda uma notícia sobre a comunidade de brancos fundadora da Orania, ocupando 1' 35".

Em Julho, a selecção só triou desgraças. Violação de menores (1 notícia, 2' 28"); triplo assassinato numa escola (2 notícias, 3' 17"), e explosão numa mina de ouro (2 notícias, 1' 30").

Em Agosto houve marcha de protesto dos funcionários públicos (1 notícia, 23"); ficámos a saber que a polícia sul-africana procurava portugueses falsificadores de dinheiro (3 notícias, 3' 36"); ainda um apontamento noticioso sobre o bordel *Spartacus*, a funcionar em Joanesburgo (1 notícia, 2' 20"), outro sobre uma tempestade a causar alguns mortos (1 notícia, 21").

Em Setembro noticiou-se o assassinato de sete cidadãos sul-africanos (1 notícia, 1' 29"); Outubro quase monopolizado pela assinatura de um acordo comercial com a União Europeia (6 notícias, 12' 05"), acordo bulindo com interesses portugueses, na salvaguarda da denominação "*Port Wine*". Sobraram 95" para três notícias dando conta da queda de um helicóptero.

Um tiroteio entre taxistas de companhias rivais valeu uma notícia (24"), em Novembro; ainda houve espaço para noticiar mais um atentado à bomba (2 notícias, 1' 32") e para falar do abandono de recém-nascidos (1 notícia, 2' 00"). O ano findou com notícias da morte de dez passageiros de uma avioneta que se despenhou perto de uma auto-estrada (1 notícia, 27"); um choque entre dois comboios (1 notícia, 40"); inundações provocadas por fortes chuvadas (5 notícias, 2' 35"); explosão de uma bomba na noite de Natal na Cidade do Cabo (1 notícia, 40"), e a detenção do líder de um grupo muçulmano considerado responsável pela onda de ataques bombistas naquela cidade (2 notícias, 1' 24"). No total, contabilizámos 122 notícias, ocupando 3h 22' 15".

6. Notícias dos PALOP

6. 1. Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe

Constituímos um último grupo com os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

Em 1999, todas as notícias sobre S. Tomé e Príncipe foram provocadas por visitas de governantes portugueses, e pela deslocação àquele país da mulher do Presidente da República (ver quadro 5).

Em Fevereiro, a visita do Secretário de Estado da Cooperação *valeu* uma notícia de 50"; no mesmo mês, a deslocação de Maria José Ritta gerou uma

notícia, aqui de 1' 50"; em Abril foi a vez de António Guterres se deslocar ao arquipélago, visita a que corresponderam seis notícias, com a duração total de 15' 44". De S. Tomé e Príncipe contabilizaram-se 8 notícias, com uma duração total de 18' 24".⁹

Cabo Verde também teve notícias indexadas à presença de governantes portugueses, assim como a interesses de empresas lusas no arquipélago. Mas foi uma reunião dos Ministros da Defesa dos PALOP e a queda de um avião que provocaram mais notícias e tempo despendido nos telejornais.

A reunião dos ministros da defesa, que teve lugar em Maio, concitou mais atenções por ter como pano de fundo a guerra na Guiné-Bissau. 19' 56" re-partidos por sete notícias.

A queda de uma aeronave na ilha de Santo Antão, no mês de Agosto, gerou 8 notícias, com o tempo total de 11' 27". A entrada em funcionamento da Bolsa de Valores de Cabo Verde e a indexação da moeda daquele país ao euro geraram uma notícia cada, com 2' 30" e 2' 27", respectivamente. Ambas na SIC, em Março; comum nas duas notícias a presença do ministro das finanças de Portugal.

A música de Cabo Verde mereceu uma notícia (1' 46") em Agosto, aqui tendo Timor como pano de fundo. Tratou-se da reedição, em português, do tema *Ask Xanana*, que o grupo *Os Tubarões* havia lançado anos antes em crioulo. O *Jornal da Tarde (RTP1)* deu conta, em Novembro, de uma mini-remodelação governamental. Uma notícia, 30".

O restante grupo de notícias reportando também a Portugal foi composto por uma visita do Ministro da Cultura ao arquipélago, em Julho, com o anúncio do apoio português à reconstrução da zona antiga da cidade da Praia e a inauguração da 15.^a Feira do Livro Português (3 notícias, 8' 14"); e pela próxima entrada da EDP no negócio da energia em Cabo Verde (2 notícias, 1' 21"). No total, 48' 11", divididos por 24 notícias.¹⁰

6. 2. Moçambique

Quanto a Moçambique (ver quadro 6), em Janeiro noticiou-se a condenação dos assassinos de um administrador bancário português (2 notícias, 4' 30"); a visita de Mandela (1 notícia, 2' 27") e os crónicos problemas em torno de

⁹ S. Tomé foi ainda notícia em 1999, aquando da visita do Presidente da República do arquipélago a Portugal, no mês de Outubro. Seguindo o critério por nós estabelecido, não incluímos a notícia provocada por este acontecimento (2' 08") no cômputo das notícias referentes a S. Tomé e Príncipe.

¹⁰ Nota ainda para a atribuição, em Julho, pelo governo português, da Grande Cruz da Ordem do Infante D. Henrique a Cesária Évora (1 notícia, 1' 57"). Não contabilizada, pelo facto da cerimónia se ter realizado em Portugal.

Quadro 5 - ÁFRICA - Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
S. Tomé e Príncipe	3	8	18' 24"	1. Visita do Secretário de Estado da Cooperação de Portugal 2. Visita de Maria José Ritta 3. Visita de António Guterres
Cabo Verde	10	24	48' 11"	1. Reunião ministros da Defesa dos PALOP 2. Queda de avião 3. Entrada funcionamento Bolsa de Cabo Verde 4. Indexação do escudo cabo-verdiano ao euro 5. Ask <i>Xanana</i> em português 6. Mini-remodelação governamental 7. Visita do Ministro da Cultura de Portugal 8. Portugal apoia reconstrução parte antiga da cidade da Praia 9. Inauguração 15ª Feira do Livro Português 10. EDP no negócio da energia, em Cabo Verde
Total: 2 países	13	32	1h 06' 35"	

Cabora Bassa, envolvendo autoridades moçambicanas, sul-africanas e portuguesas (8 notícias, 14' 05"). Ainda a notícia (2' 59") de que, nas cercanias do maior complexo hidroeléctrico do mundo, havia uma aldeia sem luz ...

Fevereiro registou três notícias sobre as cheias (5' 56"), outras tantas sobre a reserva florestal de Moribane (8' 55"), e uma notícia dando conta da febre do ouro na região de Manica (3' 17").¹¹ Ainda uma notícia (2' 24") sobre os problemas de Cabora Bassa, outra (2' 39") dando conta da pesca praticada na zona da barragem.

Ali Alatas visitou Moçambique em Março, duas notícias nada a ver com Moçambique, mas com Timor (5' 09"). Ainda uma notícia sobre projecto protagonizado por linguistas moçambicanos, desenvolvendo um programa pedagógico de padronização de sons de dezoito dialectos daquele país (1' 40"). Ficámos também a saber que os nomes de algumas das ruas de Maputo iriam sofrer alterações (1 notícia, 2' 30").

Em Abril, uma notícia sobre o 9.º Encontro de Reitores das Universidades dos PALOP, a decorrer em Moçambique (1' 55"); outra sobre os estudos feitos nos mares de Moçambique por um navio oceanográfico português (1' 50"); outra ainda sobre as queixas de 800 deficientes moçambicanos, que combateram no exército português durante a guerra colonial, e se sentiam abandonados pela ex-colónia (3'). Ainda as oportunidades de investimento em Moçambique (1 notícia, 2' 02") e o lançamento, em Maputo, de um novo livro de Mia Couto (2 notícias, 4' 42").¹²

¹¹ Neste mês registaram-se ainda oito notícias antecipando os pormenores de uma delicada operação de separação de dois bebés siameses, naturais de Moçambique, cirurgia que se veio a concretizar em Julho, em Portugal (17' 09").

Quatro notícias (5' 35'') para dar conta, em Maio, de uma reunião promovida pela ONU em Moçambique, e destinada a combater o flagelo das minas anti-pessoais. Duas notícias reportavam o abandono de milhares de campos de militares portugueses nos cemitérios de Maputo (2' 16''). Uma notícia (2' 55'') relatava casos de racismo contra muçulmanos, em Moçambique.

Em Junho, referência para o plano de concessão de terras posto em marcha pelo governo moçambicano, plano tendente a cativar os investidores estrangeiros (1 notícia, 3' 59''). Um cidadão português foi deportado, por engano, de Espanha para Moçambique, por alegada perda dos documentos. Exigia a resolução do seu caso por parte da embaixada portuguesa e do governo moçambicano (1 notícia, 2' 28'').¹³

Julho foi mês das primeiras notícias sobre o processo eleitoral para as legislativas a decorrer no final do ano (4 notícias, 5' 13''). O Ministro português das Finanças visitou Moçambique, a cobertura da visita foi feita em três notícias (7' 57''). Tempo ainda para reportar a deslocação de uma comitiva de artistas plásticos portugueses a Moçambique (1 notícia, 2' 45'').¹⁴

Em Agosto registaram-se cinco notícias sobre a cimeira da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), todas elas focalizadas na guerra em Angola e nas declarações produzidas a esse propósito por Eduardo dos Santos (11' 44''). As desventuras de Tomás, que se queixou de “*brutais agressões*” perpetradas pelo seu patrão no regresso a Moçambique deram lugar a uma notícia (2' 05''). Uma última notícia sobre a comunidade timorense a residir em Moçambique, mobilizada para votar no referendo (2' 17'').¹⁵

Em Setembro, duas notícias sobre acções de solidariedade dos moçambicanos para com o povo de Timor Leste (3' 04''); uma sobre a alegada existência de fraudes no recenseamento eleitoral, denúncia feita pela RENAMO (25''); outra sobre a inauguração oficial da Televisão de Moçambique, estação que já funcionava há mais de um ano. Aqui, espaço para destacar os agradecimentos de Joaquim Chissano ao governo português e à RTP pelo apoio dado ao empreendimento (2'). Ainda uma notícia (2' 03'') sobre a 2.ª edição do certame *Pontes Lusófonas*, a decorrer em Maputo.

Em Outubro, uma notícia sobre a onda de criminalidade reinante na capital

¹² Joaquim Chissano visitou oficialmente Portugal, em Abril (19 notícias, duração total de 30' 50''). A deslocação até Lisboa, de excursionistas moçambicanos para assistirem ao jogo de futebol Benfica/Futebol Clube do Porto valeu três notícias (8').

¹³ Ainda duas notícias, não contabilizadas, dando conta da promoção, pela Fundação Bissaya Barreto, de campanha de recolha de livros para as crianças moçambicanas (4' 35'').

¹⁴ A realização da operação de separação das duas crianças siamesas teve lugar em Julho, em Lisboa (55 notícias, 2h 02' 49'').

¹⁵ A evolução positiva do estado de saúde das crianças siamesas operadas em Julho justificou uma notícia em Agosto (1' 56''), outra em Setembro (5' 02'').

Quadro 6	ÁFRICA	Moçambique
1. Condenação de assassinos de bancário português	20. Plano de concessão de terras a estrangeiros	
2. Visita de Nelson Mandela	21. Português deportado, por engano, de Espanha para Moçambique	
3. Problemas em torno de Cabora Bassa (V)	22. Eleições (V)	
4. Próximo de Cabora Bassa, há aldeia sem luz eléctrica	23. Visita do Ministro das Finanças de Portugal	
5. Cheias	24. Artistas plásticos portugueses em Moçambique	
6. Reserva florestal ameaçada	25. Cimeira da SADC	
7. Febre do ouro em Manica	26. Jovem queixa-se de agressões por parte de patrão moçambicano	
8. Pesca nas cercanias de Cabora Bassa	27. Comunidade timorense mobilizada para o referendo	
9. Visita de Ali Alatas	28. Solidariedade moçambicana para com Timor Leste	
10. Projecto de padronização de sons de 18 dialectos	29. Inauguração oficial da Televisão de Moçambique	
11. Mudanças na toponímia de Maputo	30. 2ª edição das <i>Pontes Lusófonas</i>	
12. Encontro de Reitores das Universidades dos PALOP	31. Onda de criminalidade	
13. Estudos feitos por navio oceanográfico português	32. Abertura da Bolsa de Valores de Moçambique	
14. 800 ex-soldados (deficientes) do exército português queixam-se de abandono por parte de Portugal	33. Moçambicanos festejam escolha de Portugal para realização do Euro 2004	
15. Oportunidades de investimento em Moçambique (V)	34. Visita da rainha Isabel II	
16. Lançamento de livro de Mia Couto	35. Evocação da independência	
17. Reunião internacional da ONU	36. Retrato do desenvolvimento verificado em Malaisse	
18. Campas de militares portugueses ao abandono		
19. Racismo contra muçulmanos		
Total: 36 assuntos - 198 notícias	7h 46' 05"	

moçambicana (2' 54"). Uma notícia para a abertura da Bolsa de Valores de Moçambique (1' 16"), outra para dar conta do gáudio sentido naquele país quando se soube da atribuição, a Portugal, da organização do Euro 2004 (2' 05"); e mais três notícias sobre o processo eleitoral em curso, uma delas reportando distúrbios vários (5' 56").

Em Novembro referência à visita de Isabel II a Maputo (1 notícia, 1' 33"); evocação da independência (1 notícia, 2' 48"), e o retrato do desenvolvimento de Malaisse (1 notícia, 2' 55"). O grosso da coluna (15 notícias, 41' 51") foi preenchido com notícias sobre a campanha eleitoral.

O mesmo aconteceu em Dezembro. As dúvidas levantadas pela RENAMO quanto à transparência do acto eleitoral, e a demora na divulgação dos resultados por parte da Comissão Nacional de Eleições concentraram a atenção dos jornalistas até às vésperas do Natal. Registámos 113 notícias, com a duração total de 4h 29' 35". O processo eleitoral monopolizou as atenções das televisões portuguesas, registando-se apenas uma notícia sem referências directas ao sufrágio do início de Dezembro. Uma reportagem emitida no *Jornal 2*, mostrando Moçambique como país atractivo para os investimentos estrangeiros (8' 26").

Em todo o ano de 1999, os telejornais das quatro estações de televisão incluíram 198 notícias sobre Moçambique, com a duração total de 7h 46' 05".

6. 3. Guiné-Bissau

Da Guiné-Bissau veio grande caudal de notícias, a quase totalidade

reportando a guerra vivida naquele país (ver quadro 7). Em Janeiro contabilizámos 24 notícias sobre o conflito. Três delas reportavam directamente a Portugal, uma sobre a deslocação de uma equipa de médicos e enfermeiros para a fronteira da Guiné-Bissau com o Senegal (1' 35''), as duas restantes sobre a reacção do governo português ao regresso do conflito armado (2' 10''). As outras 21 consumiram 44' 23''. A registar ainda nove notícias (11' 29'') sobre a morte do Bispo de Bissau. Janeiro com 33 notícias (59' 37'').

Em Fevereiro a guerra foi o assunto exclusivo das notícias referentes à Guiné-Bissau. Um total de 202 notícias, para as quais as redacções televisivas disponibilizaram 7h 25' 12''.

Apesar das referências múltiplas feitas por vezes, numa só notícia, a diversos países, várias forças beligerantes e distintos protagonistas, tentámos mesmo assim efectuar uma subdivisão no conjunto de notícias sobre a Guiné-Bissau. Conseguimos destacar 17 notícias (42' 54'') sobre a posição francesa perante o conflito, número resultante da visita oficial de Jacques Chirac a Portugal, com os jornalistas a não perderem a oportunidade de questionarem o presidente francês sobre as propaladas interferências do Eliseu e de Matignon no conflito aberto na ex-colónia portuguesa. Quanto à intervenção da UE, com visibilidade acrescida pela visita da comissária Emma Bonino à Guiné-Bissau, registámos um total de 14 notícias (25' 49'').

Muitas foram as referências à presença das tropas senegalesas em território guineense. No entanto, apenas considerámos possível indexar uma notícia (2' 52'') ao Senegal, notícia referente a uma reunião dos países do ACP (África, Caraíbas, Pacífico), que decorreu em Dakar, e na qual os participantes discutiram soluções para pôr fim ao conflito.

Um último subgrupo, o mais significativo, reporta às notícias sobre declarações e iniciativas das autoridades portuguesas, e de algumas iniciativas particulares (por exemplo, a AMI), face à guerra naquela ex-colónia. 45 notícias, com uma duração total de 1h 27' 29''.

O precário acordo de paz conseguido ainda em Fevereiro teve como consequências a drástica diminuição de notícias veiculadas, durante Março, nos telejornais portugueses. De 202 notícias passou-se para 29, com uma duração total de 1h 01' 29''. Com uma particularidade digna de nota: 79,3% das notícias (que ocuparam 77,9% do tempo de emissão), tiveram os portugueses como protagonistas. Das 29 notícias, apenas 6 se referiram directamente à situação no terreno. As restantes 23 dividiram-se pela visita de Leonor Beza à Guiné-Bissau, na sua qualidade de cabeça de lista do PSD às eleições europeias; pela actividade da diplomacia portuguesa, através do Secretário de Estado da Cooperação, Luís Amado; pela polémica que estalou em torno da divulgação de documentos secretos pelo ministro da Defesa

Quadro 7	ÁFRICA	Guiné-Bissau
1. Guerra civil (V)	17. ONU toma posição sobre golpe de Estado	
2. Intervenção autoridades e organizações portuguesas (V)	18. UE toma posição sobre golpe de Estado	
3. Morte do Bispo de Bissau	19. Processo de concessão de asilo político a Nino Vieira	
5. Mediação de Emma Bonino	21. Deslocação de Nino Vieira a Paris	
6. Países ACP discutem soluções para pôr fim ao conflito	22. TAP retoma ligações aéreas para a Guiné-Bissau	
7. Visita de Leonor Beleza	23. Início do recenseamento	
8. polémica Monteiro Portugal / Veiga Simão (serviços secretos portugueses a operarem na Guiné- Bissau)	24. Assassinado ex-ministro de Nino Vieira	
9. Jornalista Carlos Narciso premiado por reportagens efectuadas na Guiné-Bissau	25. Congresso extraordinário do PAIGC	
10. Surto de meningite	26. Procurador Geral da República de visita a Portugal	
11. Conclusões relatório oficial tráfico de armas para rebeldes de Casamansa	27. Ansumane Mané de visita a Portugal	
12. Visita do Primeiro Ministro guineense a Portugal (V)	28. Descoberta de vala comum	
13. Golpe de Estado	29. Caso do assassinato do português Jorge Quadros	
14. Manifestações de guineenses em Portugal	30. Eleições	
15. Representantes da Junta Militar de visita a Portugal	31. Apelo de Kofi Annan	
16. CPLP debate, em Portugal, situação na Guiné-Bissau	32. Votação de guineenses residentes em Portugal	
	33. Manifestação de militares guineenses exigindo pagamento de salários em atraso	
Total: 33 assuntos - 761 notícias		27h 50' 47"

português; e pelo prémio atribuído ao jornalista da *SIC* Carlos Narciso.

As seis notícias reportando exclusivamente à Guiné-Bissau deram conta do processo de desarmamento supervisionado pela ECOMOG; da retirada anunciada das tropas estrangeiras de território guineense; e das dificuldades sentidas no quotidiano de Bissau no pós-guerra. Totalizaram 13' 35". As diligências de Luís Amado na Guiné-Bissau e junto do Secretário Geral da ONU traduziram-se em três notícias (5' 01").

A visita de Leonor Beleza resultou em 11 notícias (27' 35"). A polémica em torno dos documentos classificados que Veiga Simão fez chegar à Comissão Parlamentar de Defesa e que, num ápice, surgiram na comunicação social, tal polémica trouxe a Guiné-Bissau a terreiro por mor das denúncias de Monteiro Portugal. Este acusou o ministro da Defesa de não ter dado qualquer valor aos relatórios enviados por dois agentes do *SIS* a operarem na Guiné-Bissau. Veiga Simão foi ainda acusado de ter favorecido, na contenda, o líder rebelde Ansumane Mané. Contabilizámos apenas as notícias televisivas em que a Guiné-Bissau foi expressamente referida. Sete notícias, ocupando 13' 38". Por último, a menção feita em dois telejornais da *SIC* ao prémio *Media XXI*, que distinguiu o jornalista da casa, Carlos Narciso, pelas suas reportagens sobre o conflito guineense (1' 40").

Durante Abril o fluxo noticioso oriundo da Guiné-Bissau permaneceu bastante reduzido. De um total de 18 notícias sobre aquele país, apenas seis (14' 14") reportavam directamente à situação no território – clima de desconfiança entre os políticos guineenses (2 notícias, 3' 30"); acção humanitária do Programa Alimentar Mundial (PAM) (1 notícia, 2' 45"); surto de meningite parcialmente controlado (1 notícia, 2' 16"), e mais duas notícias dando conta das conclusões de um relatório oficial sobre o tráfico de armas para os independentistas de Casamansa (5' 43"). A presença, em Portugal, do Primeiro-

-Ministro da Guiné-Bissau foi reportada em 8 notícias, com uma duração total de 14' 40". Declarações e iniciativas das autoridades portuguesas, e reportagens sobre a situação dos refugiados guineenses em Portugal preencheram as restantes quatro notícias do mês de Abril (7' 55"). As 18 notícias do mês de Abril tiveram uma duração total de 36' 49".

O regresso da guerra à Guiné-Bissau, com a destituição de Nino Vieira, fez recrudescer significativamente o número de notícias referentes àquele país, no mês de Maio, ultrapassando-se o total registado em Fevereiro: 219 notícias, para as quais foram disponibilizadas 8h 22' 34", e que dividimos em quatro grupos. O primeiro, reportando exclusivamente a acontecimentos verificados no território. Um segundo grupo compreende as notícias referentes a declarações e iniciativas de autoridades portuguesas e acontecimentos que tiveram lugar em Portugal, relacionados com a guerra na Guiné-Bissau (caso das manifestações promovidas por guineenses no nosso país), mas sem a intervenção das autoridades guineenses.

O terceiro grupo é composto por acontecimentos verificados em Portugal, desencadeados pela presença, no país, de autoridades guineenses (caso dos representantes da Junta Militar, que se deslocaram a Portugal para conversações com o governo luso, e de Francisco Fadul, que se encontrava em Bruxelas à data do golpe de Estado, e voltou a Portugal antes de rumar de novo à Guiné-Bissau); ainda uma notícia referente à reunião, em Portugal, da CPLP, encontro destinado a analisar a situação na Guiné-Bissau. O último grupo reporta a acontecimentos que tiveram como protagonistas outras instâncias internacionais (casos da União Europeia e da ONU).

No primeiro grupo contabilizámos 136 notícias (5h 36' 18"); no segundo grupo, 48 notícias (1h 25' 07"); no terceiro, 26 notícias (54' 39"), sendo o quarto grupo composto por 9 notícias (26' 30").

As notícias dos quatro grupos tiveram a guerra na Guiné-Bissau, suas consequências e desenvolvimentos como denominador comum (golpe de Estado, refúgio de Nino Vieira na embaixada portuguesa, tomadas de posição quanto ao destino a dar ao ex-presidente, pedidos de apoio ao governo português e à comunidade internacional, condenações do golpe de Estado por parte da UE e da ONU).

Em Junho, atenção maior para a consumação do asilo político solicitado por Nino Vieira a Portugal, um processo eivado de dificuldades. Dividimos as notícias referentes a este processo em três grupos: o primeiro (32 notícias, 55' 24"), com Nino Vieira ainda em Bissau; o segundo (15 notícias, 24' 16"), com o ex-presidente já em Portugal; o terceiro (12 notícias, 25' 54"), com Nino Vieira em Paris, aonde se deslocou alegadamente para fazer exames clínicos, ou receber tratamento médico. No total, este grupo é composto por 59 notícias (1h 45' 34").

Notícias referentes à situação na Guiné-Bissau, e não reportando à situação de Nino Vieira, encontramos 7 (12' 36").

Notícias provocadas por declarações e iniciativas de autoridades e personalidades portuguesas, referentes à Guiné-Bissau, foram 13 (25' 16"). Por último, uma notícia dava conta de uma tomada de posição da UE, quanto à situação que se vivia naquele território africano (1' 19"). No mês de Junho contabilizámos 80 notícias, com uma duração total de 2h 24' 45".

Em Julho, cinco notícias (12' 06") referiam-se à deslocação de Nino Vieira a Paris. As outras seis notícias do mês (15' 33") reportaram a reabertura da ligação aérea entre Portugal e a Guiné-Bissau, com o aeroporto de Bissalanca de novo apto a receber tráfego internacional. No mês de Julho, um total de 11 notícias (27' 39").

Agosto também foi mês parco em notícias sobre a Guiné-Bissau, 21 ao todo, ocupando 54' 49", assim repartidas: duas com origem em Portugal (declarações de Nino Vieira) (3' 28"); 15 sobre a situação no país (43' 23"); duas sobre o início do recenseamento tendo em vista as próximas eleições no território (3' 58"); mais duas reportando o assassinio de um ex-ministro de Nino Vieira (4'). Uma só notícia no mês de Setembro (32"), dando conta do início do congresso extraordinário do PAIGC.

Em Outubro o volume de notícias aumentou, atendendo à presença, em Portugal, do Procurador Geral da República guineense e, mais tarde, de Ansumane Mané. Houve quatro notícias reportando directamente a situação na Guiné-Bissau, todas sobre a descoberta de uma vala comum, contendo corpos de mais de duas dezenas de soldados guineenses, alegadamente mortos pelas tropas de Nino Vieira (8' 47"); 22 sobre a presença do Procurador em Portugal, diligenciando junto das autoridades lusas no sentido destas autorizarem o regresso de Nino Vieira ao país natal, para ali ser julgado (49' 20"); três dando conta da posição do governo português quanto às intenções do procurador guineense (3' 51"); sete notícias sobre a presença de Ansumane Mané em Portugal (8' 46"); e mais três (8' 09") sobre Jorge Quadros, cidadão português morto na Guiné-Bissau. Outubro com um total de 39 notícias (1h 18' 53").

Novembro foi mês com notícias referentes, em exclusivo, às eleições na Guiné-Bissau. Um total de 75 notícias (3h 18' 08"). Destas, apenas duas se referiam a factos passados no exterior das fronteiras guineenses: um apelo de Kofi Annan (2' 11"), e uma reportagem sobre a votação dos guineenses residentes em Portugal (1' 36").

Em Dezembro a atenção continuou focalizada nas eleições, concretamente no demorado processo de contagem dos votos (24 notícias, 41' 31"). O ano haveria de fechar com uma manifestação dos militares guineenses pelas ruas de Bissau, exigindo o pagamento de salários em atraso (9 notícias, 18' 49").

Dezembro com 33 notícias (1h 00' 20").

Em todo o ano de 1999, contabilizámos 761 notícias referentes à Guiné-Bissau, com uma duração total de 27h 50' 47".

O grupo mais significativo de notícias reporta às que tiveram origem na Guiné-Bissau, e sem referências a Portugal (472 notícias, 18h 09' 28"). O segundo grupo - continente de notícias com referências a declarações e iniciativas das autoridades portuguesas, ou de algumas iniciativas particulares com origem no nosso país -, totalizou 190 notícias, com uma duração total de 6h 01' 05". Vem depois o grupo de notícias provocadas pela presença, em Portugal, de autoridades guineenses (56 notícias, 1h 58' 39"). Por último, o grupo de notícias referente a tomadas de posição e iniciativas de outros países ou organizações internacionais (43 notícias, 1h 41' 35").

Se fundirmos segundo e terceiro grupos (notícias em que Portugal surge sempre como referente), encontramos uma percentagem de 32,3% das notícias (246), e uma percentagem de 28,7% do tempo total despendido.

6. 4. *Angola*

Concluimos com Angola, país africano que foi objecto de mais notícias nos telejornais portugueses em 1999 (um total de 836 notícias, com uma duração de 30h 14' 41") (ver quadro 8).

Em Janeiro contabilizámos 252 notícias, com uma duração total de 8h 56' 20". Atenção maior residente no caso dos dois aviões da ONU abatidos em Angola. As diligências desta organização, tendentes a apurar o que efectivamente se tinha passado, e a posterior decisão de retirar de Angola foram os assuntos mais noticiados (98 notícias, 3h 30' 34"). Quanto a outras notícias do teatro de guerra, registámos 82, durando 2h 59'. Notícias mais focalizadas no desastre humanitário foram 9 (23' 13"). Uma notícia (50") deu conta da prisão, pelo governo de Luanda, de três deputados da UNITA; nove notícias (21' 52") reportaram a realização do congresso da UNITA Renovada.

Há depois uma série de notícias que também respeitam a Portugal, ou nas quais os portugueses são protagonistas. A decisão da ONU, de retirar de Angola o seu contingente de manutenção de paz, motivou reacções de Jaime Gama, ministro dos Negócios Estrangeiros (8 notícias, 11' 05"); de Durão Barroso (1 notícia, 5' 45"); de António Monteiro, embaixador de Portugal nas Nações Unidas (3 notícias, 8' 28"); e de Jorge Sampaio (1 notícia, 1' 20").

Na sequência de declarações de Jaime Gama, a UNITA anunciou o corte de relações com Portugal, considerando o ministro português dos Negócios Estrangeiros "*um agente de Luanda*" (15 notícias, 19' 17"). Noticiou-se também a retirada dos militares portugueses que integravam a MONUA (3 notícias, 5' 18"). Luís Amado, Secretário de Estado da Cooperação, esteve de

Quadro 8	ÁFRICA	Angola
1. Caso dos aviões da ONU abatidos em Angola	34. Bispos angolanos em Portugal	
2. Guerra civil (V)	35. Ministro da Defesa de Angola em Portugal	
3. Desastre humanitário (V)	36. 19 angolanos pretendiam entrar ilegalmente em Portugal	
4. Prisão de deputados da UNITA	37. Campanha de desminagem	
5. Congresso da UNITA Renovada	38. Alertas da ONU e da União Europeia	
6. ONU retira de Angola	39. Futebol Clube do Porto em Angola	
7. UNITA corta relações com governo português (V)	40. Mandato internacional de captura contra Jonas Savimbi	
8. Visita do Sec. de Estado da Cooperação de Portugal (V)	41. Várias reacções sobre mandato contra Jonas Savimbi	
9. Retirada precipitada de portugueses do Huambo, Cuito e Malange	42. Eugénio Manuakola em Portugal	
10. Concessão de asilo político a dois jovens angolanos	43. CPLP condena UNITA	
11. 47 órfãos de guerra vêm estudar para Viseu	44. Declarações de Almeida Santos causam polémica	
12. Jornalista portuguesa expulsa de Angola	45. EUA sugerem aos americanos que evitem visitar Angola	
13. Petróleo num quintal de Luanda	46. Relatório do Inst. Democrático para Ass. Internacionais	
14. Jorge Gonçalves oferece reparação relógio alfândega	47. Encerramento e reabertura da <i>Rádio Eclesia</i>	
15. Queda de avião em Luanda (V)	48. Proibição reredifusões entrevistas a Jonas Savimbi	
16. Avião dado como desaparecido	49. Investimentos portugueses em Angola	
17. Visita de Joaquim Chissano	50. Armistia Internacional denuncia situação de jornalistas e violação dos direitos humanos	
18. EUA tomam posição sobre guerra em Angola	51. Último português residindo no Blé (V)	
19. Visita do MNE de Portugal a Angola	52. Papa sobre situação em Angola	
20. Portugueses abandonam Angola	53. Visita do responsável pelo PAM	
21. Encontrados portugueses desaparecidos	54. Homicídio de ex-ministro angolano	
22. Portugueses raptados em Cabinda (V)	55. Jovens angolanos sonham ser estrelas de basquetebol	
23. Jorge Gonçalves detido em Luanda (V)	56. Angola solidária com Timor	
24. Bispo do Huambo recebido por Jorge Sampaio	57. Prisão, libertação e julgamento do jornalista Rafael Marques (V)	
25. Actividade da OIKOS em Angola	58. Declarações de alegado filho de Jonas Savimbi	
26. Dificuldades de accionistas portugueses em sociedade mineira angolana	59. Declarações de general desertor da UNITA	
27. Luandenses continuam a frequentar as praias	60. Relatório da <i>Global Witness</i>	
28. Morte de ex-ministro das Finanças de Angola	61. Petrogal admite pagar <i>Iuvas</i> a governo angolano	
29. Reunião, em Pretória, para discutir situação angolana	62. Apelos, em Portugal, para libertação de Rafael Marques	
30. Visita de Leonor Bezeza	63. Parlamento português debate situação de Angola	
31. Visita de Pinto da Costa	64. Crianças vítimas de minas no Hospital Militar de Coimbra	
32. Portugal entra no negócio da extracção de diamantes	65. Visita do embaixador dos EUA na ONU	
33. UNITA critica Presidente do Brasil		
Total: 65 assuntos - 836 notícias		30h 14' 41"

visita a Angola, valeu uma notícia (1' 04").

Notícias ainda da retirada precipitada de portugueses do Huambo (5 notícias, 13' 53"), do Cuito (1 notícia, 2' 27"), e de Malange (2 notícias, 2' 41"). A concessão, por Portugal, de asilo político a dois jovens que fugiram de Angola para evitarem o recrutamento nas FAA (Forças Armadas de Angola) foi objecto de duas notícias (3' 36"). A chegada a Portugal de 47 órfãos de guerra para frequentarem uma escola do ensino básico em Viseu mereceu quatro notícias (9' 46"). Por último, cinco notícias (11' 36") para a expulsão, pelo governo de Luanda, de Ivone Ferreira, correspondente do *DN*. A destoar, duas notícias: uma dando conta da existência de petróleo num *quintalão* da capital angolana (2' 10"); outra informando que Jorge Gonçalves, o ex-pre-

sidente do Sporting que há anos se refugiara em Luanda, decidira custear a reparação do relógio do edifício da alfândega do porto da capital (2' 25").

Em Fevereiro, o maior volume de notícias continuou a ser desencadeado pela guerra (31 notícias, 1h 14' 24"). Retratos da pobreza e miséria sentidas pelos angolanos originaram oito notícias (25' 43"). Um avião caiu às portas da capital (19 notícias, 34' 09"); um outro foi dado como desaparecido (3 notícias, 1' 33"). Joaquim Chissano esteve de visita a Angola (2 notícias, 1' 54"); voltou a falar-se dos deputados da UNITA colocados na prisão (2 notícias, 3' 57"); os EUA responsabilizaram governo de Luanda e UNITA pela eternização do conflito (2 notícias, 3' 17"); e a ONU deixando Angola, tal como se havia previsto no mês anterior (6 notícias, 9' 51").

Deu-se conta da retirada dos militares portugueses que integravam as forças da MONUA (3 notícias, 6' 54"); da visita de Jaime Gama a Luanda (14 notícias, 29' 19"); de portugueses que decidiram abandonar terras angolanas na sequência do recrudescimento do conflito armado (1 notícia, 2' 49"); da odisséia de dois portugueses, que andaram desaparecidos um ror de tempo (2 notícias, 4' 55"); de três outros portugueses, raptados pela FLEC (1 notícia, 1' 55").

Jorge Gonçalves, ex-presidente do Sporting, foi detido em Luanda (6 notícias, 8' 05"). Tempo ainda para noticiar um encontro, em Belém, entre Jorge Sampaio e o arcebispo do Huambo (1 notícia, 1' 19"); para falar da actividade da ONG portuguesa OIKOS em Angola (1 notícia, 2' 05"), e para dar conta dos problemas vividos pelos accionistas portugueses numa sociedade mineira a operar em Angola, empresa que foi ultrapassada por outro consórcio num importante concurso (1 notícia, 3' 20"). Por último, duas notícias (3' 54") da "*vida normal*" dos luandenses que, apesar da desgraça, ainda continuavam a frequentar as praias da região. Em Fevereiro, 105 notícias, com uma duração total de 3h 39' 23".

Em Março registámos três notícias (6' 11") sobre o estado de calamidade humanitária que assolava o país, e dezoito (46' 47") reportando directamente a acções de guerra. Noticiou-se também a morte do ex-ministro das Finanças de Angola, Venâncio de Moura (4 notícias, 1' 57"), e a realização de uma reunião em Pretória onde se discutiria a situação angolana (1 notícia, 30").

As restantes notícias foram desencadeadas por protagonistas portugueses, ou reportavam a interesses de Portugal. A visita de Leonor Beleza a Angola, na sua qualidade de cabeça de lista do PSD às europeias, gerou 5 notícias (9' 32"); outra visita, a de Pinto da Costa, para inaugurar a filial angolana do Futebol Clube do Porto, foi tratada em 2 notícias (4' 16").

A chegada a Portugal de dois portugueses que haviam fugido à guerra, escondendo-se durante dias na floresta, rendeu três notícias (3' 51"). O rapto de portugueses em Cabinda foi tratado em sete notícias (8' 18").

Referência também para a entrada de Portugal no negócio de extração de diamantes em Angola, através da Sociedade Mineira da Lucapa (2 notícias, 3' 34''), e da libertação de Jorge Gonçalves (8 notícias, 8' 16''). O ex-presidente do Sporting havia sido detido, em Luanda, na sequência de um pedido de extradição feito por Portugal, mas o facto de se tratar de cidadão angolano levou a que fosse libertado pouco tempo depois. Em Março, um total de 53 notícias, nas quais se despendeu 1h 33' 12''.

Abril foi o mês em que se registou menor número de notícias sobre Angola: apenas dez (20' 22''). Uma notícia sobre a fome (3' 02''), oito sobre o teatro de guerra (14' 45'') e uma última (2' 35'') dando conta das críticas feitas pela UNITA a Fernando Henrique Cardoso, por declarações proferidas pelo presidente brasileiro em Portugal, no decorrer de uma cimeira luso-brasileira.

Em Maio a maior parte das notícias sobre Angola tiveram origem em Portugal. As declarações proferidas por dois bispos daquele país que se encontravam de visita a Portugal desencadearam três notícias (6' 52''). O ministro da Defesa de Angola também se deslocou a Portugal (1 notícia, 21''). Mas o assunto que mais atenções concitou (9 notícias, 19' 21'') foi a retenção, no aeroporto de Lisboa, durante vários dias, de 19 angolanos que pretendiam entrar ilegalmente em Portugal.

O Secretário de Estado da Cooperação do governo português visitou Angola (2 notícias, 3' 34''). No grupo restante, uma campanha de desminagem em Angola deu origem a duas notícias (3' 40''); outras três (4' 55'') para relatar novas do teatro de guerra; e seis notícias dedicadas ao desastre humanitário (14' 52''). Em Maio registámos um total de 26 notícias (53' 35'').

Desastre humanitário que continuou a ser referido em Junho, através de alertas lançados pela ONU e pela União Europeia (6 notícias, 8' 18''). A guerra no terreno produziu onze notícias (17' 43''). A situação dos reféns portugueses em Cabinda foi objecto de dez notícias (23' 25''), tendo cinco delas (12' 46'') origem em Portugal, através de declarações do bispo de Cabinda (ao tempo no nosso país), e de reportagens sobre a apreensão sentida pelas famílias dos reféns. Por último, o desporto, com a deslocação a Angola da equipa do Futebol Clube do Porto (4 notícias, 7' 22'').

Junho com um total de 31 notícias, nas quais se despenderam 56' 48''.

Em Julho houve 13 notícias (35' 10'') directamente relacionadas com acções de guerra, e 24 (1h 01' 18'') tratando de questões humanitárias. A emissão, pelo governo angolano, de mandato internacional de captura contra Jonas Savimbi motivou nove notícias, com uma duração total de 16' 24''. Noticiou-se a emissão do mandato (2 notícias, 2' 38''), as reacções do Secretário-Geral da ONU (4 notícias, 7' 06''), da igreja católica angolana (2 notícias, 5' 40'') e do ministro português dos Negócios Estrangeiros (1 notícia, 1').

A presença, em Portugal, de Eugénio Manuvakola, presidente da UNITA

Renovada, e a reunião que manteve com Durão Barroso justificou quatro notícias (10' 45"). A CPLP reuniu em Lisboa, para condenar a UNITA (2 notícias, 1' 46").

Mas foram as declarações de Almeida Santos, efectuadas aquando de uma sua deslocação a Luanda, que provocaram um número considerável de notícias, 28 no total (55' 26"), atendendo às reacções de Paulo Portas, Durão Barroso, António Guterres e ainda de Rui Oliveira e Fátima Roque.¹⁶ A situação dos reféns portugueses e a sua posterior libertação, pela FLEC, gerou 20 notícias (34' 27"). Tempo ainda para noticiar o envio, por Portugal, de ajuda humanitária para Angola (1 notícia, 22"); o alerta da administração dos EUA aos seus cidadãos, recomendando-lhes que evitassem visitar Angola (2 notícias, 1' 03"); as conclusões de um relatório da autoria do Instituto Democrático para Assuntos Internacionais (1 notícia, 2' 29"). No relatório considerava-se a guerra como potenciadora da corrupção endémica que grassava no país. Julho com um total de 104 notícias (3h 39' 10").

59 das notícias sobre Angola difundidas em Agosto versaram acções de guerra e o desastre humanitário que continuava no território. 26 notícias que se poderão indexar aos combates (1h 01' 23"), as restantes 33 mais direccionadas para a situação de calamidade humanitária, com especial incidência em Malange e no Huambo, e também para o flagelo da Sida (1h 29' 38").

O encerramento da *Rádio Igreja* pelo governo angolano, reagindo à redifusão de uma entrevista que Savimbi concedera à *BBC*; a posterior reabertura e a decisão governamental de proibir os *media* daquele país de reproduzirem entrevistas do líder da UNITA, geraram 9 notícias (14' 23").

Em Agosto também se noticiaram declarações inamistosas da UNITA em relação a Portugal, país considerado *parcial* no conflito angolano, tendo-se chegado mesmo a deixar ameaças veladas aos interesses portugueses naquele território. Estas declarações obrigaram a reacções do Secretário de Estado das Comunidades do governo português. Sobre esta polémica produziram-se 13 notícias, que totalizaram 33' 34". Houve espaço para duas notícias (7' 50") sobre os investimentos portugueses em Angola. A secção portuguesa da Amnistia Internacional haveria de pronunciar-se sobre o cerceamento de liberdades sofrido pelos jornalistas angolanos, alargando mais tarde (em reunião realizada em Tróia) essa preocupação à violação de direitos humanos verificada no território (5 notícias, 15' 05"). O último português a residir no Bié foi alvo de uma notícia (2' 50"). Palavras do Papa perorando a dramática situação vivida na ex-colónia portuguesa mereceram uma notícia (2' 23");

¹⁶ Almeida Santos considerou que a guerra era a única solução "justa" para Angola. Mais tarde, já em Portugal, haveria de matizar as suas afirmações – *a guerra podendo ser a única solução para a paz*.

outra notícia (1' 35'') para a visita àquele país do responsável pelo Programa Alimentar Mundial (PAM); outra ainda dando conta do homicídio de um ex-ministro do governo angolano (25''). Pela *floresta cerrada* de tanta desgraça, soprou a brisa de uma notícia (1' 42'') que continha a palavra *sonho*. Alguns jovens angolanos sonhavam ser estrelas de basquetebol, para isso treinando afincadamente nas ruas de Luanda. Contabilizadas assim 93 notícias durante o mês de Agosto, com a duração total de 3h 50' 48''.

Setembro foi mês parco em notícias sobre Angola, porventura devido à concentração das atenções em Timor. 22 notícias no total, ocupando 45' 06''. Duas notícias (3' 03'') não reportavam directamente à situação no território, mas sim à solidariedade para com Timor. Das restantes 20 (42' 03''), só três davam conta de acções no teatro de guerra (bombardeamentos no Cuito e o passo em falso da tomada do Bailundo pelas FAA, conquista que só se verificaria bastante mais tarde). As outras notícias tiveram como denominador comum a situação de desastre humanitário vivido naquele país.

Em Outubro, 31 notícias (1h 35' 58'') sobre Angola, a maior parte referentes à ofensiva militar do governo que haveria de redundar na tomada do Bailundo e do Andulo, dois bastiões da UNITA. Sobre a guerra, contabilizámos 26 notícias (1h 30' 01''). Ainda uma notícia (43'') sobre a prisão do jornalista Rafael Marques pelo governo angolano, outra sobre a queda de um avião em Luanda (1' 08''), e três notícias (4' 06'') que recuperaram o desaparecimento de um grupo de portugueses em Fevereiro de 1999, no norte de Angola. Em Outubro continuava a não haver novas desses cidadãos lusos.

No mês de Novembro, o governo angolano apresentou dois trunfos de peso: um jovem que dizia ser filho de Jonas Savimbi, dando conta de uma série de *atrocidades* cometidas pelo pai. Paz em Angola só quando o seu progenitor morresse, asseverava. O outro trunfo tinha a patente de general, apresentado como desertor. Mais um mês com notícias dos desenvolvimentos da guerra, mais retratos da crise humanitária, com o cortejo habitual de mortes (200 por dia, segundo a *SIC*), milhares de angolanos famintos, as doenças, os órfãos de guerra, os apelos das organizações não governamentais à solidariedade internacional. Ainda a descoberta de uma vala comum com centenas de corpos. No total, em Novembro, 50 notícias (2h 21' 18''). Destas, quatro reportavam a Portugal: três (7' 02'') sobre a actividade desenvolvida em Angola pela OIKOS, uma (2' 20'') sobre o único português a residir no Bié. O último português do Bié havia sido *descoberto* pela *RTP1* a 12 de Agosto; a notícia da *SIC* sobre o mesmo homem é de 18 de Novembro.

Em Dezembro contabilizámos 59 notícias sobre Angola, com uma duração total de 1h 42' 41''. O último mês do ano não quebrou a regra dos antecedentes, mantendo-se o ênfase na guerra e suas sequelas, nas movimentações diplomáticas da ONU, nas declarações de dirigentes angolanos e desmentidos

da UNITA. Algumas notícias envolviam interesses portugueses. Foi o caso (retomado) do desaparecimento de portugueses, ainda sem qualquer rasto (2 notícias, 4' 58"). A divulgação do relatório da *Global Witness* (10 notícias, 29' 35"), acusando vários dirigentes angolanos de corrupção, também bateu às portas lusas, com uma notícia sobre o pagamento de "bónus de assinatura" pela Petrogal às autoridades angolanas (1 notícia, 55"). Ainda em Portugal, um grupo de advogados, em conjunto com o *Open Society Institut*, lançou apelo ao governo angolano e ao Procurador Geral da República daquele país para a libertação de um jornalista angolano (1 notícia, 1' 37"). E deu-se conta (3 notícias, 5' 50"), do debate havido no parlamento português a propósito da situação angolana. Araújo Domingos, que se dizia filho de Jonas Savimbi, esteve em Portugal, a *TVI* entrevistou-o, deu 4 notícias (7' 39"). O internamento de dez crianças angolanas, vítimas do rebentamento de minas, no Hospital Militar de Coimbra, mereceu uma notícia (3' 15").

Quanto a notícias oriundas de Angola, registámos três sobre o julgamento do jornalista Rafael Marques (3' 37"); três dando conta da visita do embaixador norte-americano na ONU àquele território (6' 59"). O restante grupo de 31 notícias (38' 16"), tratou da queda da Jamba, às mãos das FAA; da perseguição feita por estas tropas a membros da UNITA refugiados em aldeias fronteiriças da Namíbia; da mensagem de José Eduardo dos Santos ao país, da revelação (logo desmentida) de que Jonas Savimbi se encontraria gravemente doente. Por último, da denúncia do bispo da Lunda Sul, segundo o qual 48 camponeses teriam sido queimados vivos por tropas do exército angolano, acusados que foram de apoio à UNITA.

A exemplo do verificado com a Guiné-Bissau, também no caso de Angola o maior volume de notícias foi originado no território. Lembramos o total de notícias veiculado em 1999: 836, para uma duração total de 30h 14' 41". 575 destas notícias tiveram origem em Angola, e sem referências a Portugal. Totalizaram 21h 41' 09".

O grupo de notícias em que Portugal surge como parte interessada totaliza 213, para uma duração de 6h 55' 03". Há ainda 22 notícias (46' 17") provocadas pela presença, em Portugal, de autoridades ou personalidades angolanas. Por último, referência ao grupo de notícias reportando declarações e iniciativas de outros países ou organizações internacionais (26 notícias, 52' 12").

7. Distribuição geográfica das notícias

A distribuição das notícias sobre o continente africano demonstra, numa primeira leitura, a importância que os editores dos telejornais lusos atribuem às ex-colónias. Com efeito, as notícias referentes aos PALOP (1827 em 2.384) representam 76,6% do total de notícias emitidas sobre aquele continente (ver

Quadro 9-A		ÁFRICA
Total de notícias / Tempos de emissão por país		
Países	Notícias	Duração
Seychelles	1	02' 02"
Somália	1	01' 57"
Eritreia	3,5	05' 13"
Namíbia	1	01' 10"
Zimbábwe	1	01' 45"
Niger	2	02' 27"
Comores	1	00' 29"
Guiné-Conakry	4	03' 53"
Ruanda	2	02' 56"
Burundi	1	00' 24"
Tanzânia	9	14' 27"
Costa do Marfim	18	22' 19"
Etiópia	4,5	07' 13"
Zâmbia	2	02' 53"
Tunísia	9	19' 01"
Líbia	19	22' 20"
Uganda	12	21' 11"
Quênia	9	12' 12"
Sudão	6	16' 11"
Serra Leoa	28	39' 20"
R. D. Congo	20	34' 48"
Nigéria	46	01h 04' 24"
Egipto	76	02h 15' 33"
Argélia	35	32' 55"
Marrocos	124	04h 09' 47"
África do Sul	122	03h 22' 15"
S. Tomé e Príncipe	8	18' 24"
Cabo Verde	24	48' 11"
Moçambique	198	07h 46' 05"
Guiné-Bissau	761	27h 50' 47"
Angola	836	30h 14' 41"
Total	2.384	82h 17' 13"

quadros 9-A e 9-B). E, se atendermos ao tempo total disponibilizado, essa percentagem sobe aos 81,4%: 66h 58' 08" para um total de 82h 17' 13".

Estará assim encontrada uma das razões pela qual um grupo tão significativo de países africanos fica *em branco*, ou merecendo número reduzidíssimo de notícias. A proximidade *psicológica* com as ex-colónias, aliada aos interesses e ao papel interventor de Portugal em alguns dos conflitos reinantes em tais territórios, tenderá a privilegiar, na selecção, os acontecimentos que reportam ao grupo de países com que Portugal mantém laços mais estreitos.

Mas dentro deste grupo também encontramos assimetrias de monta (ver gráfico 1). Angola e Guiné-Bissau distanciam-se sobremaneira dos restantes membros

do *clube* dos PALOP. Angola, com 836 notícias, e a Guiné-Bissau, com 761 notícias, ocupam 87,5% do total de notícias referentes aos PALOP.

No que se refere a Angola, as notícias oriundas ou referentes a este país ultrapassam mesmo a soma de notícias de todos os outros países do continente africano, exceptuando a Guiné-Bissau. As 836 notícias sobre Angola ultrapassam em 49 o número de notícias veiculado sobre o grupo de 30 países, que totaliza 787. Note-se ainda que a Guiné-Bissau, com 761 notícias em 1999, fica a escassas 26 notícias de atingir a soma conseguida pelo tal grupo de 30 países. E tanto Angola como a Guiné-Bissau se distanciam claramente dos outros PALOP. S. Tomé e Príncipe mereceu apenas 8 notícias, Cabo Verde ficou-se pelas 24 e Moçambique, mesmo com 198 notícias, está longe de atingir os números alcançados por Angola e pela Guiné-Bissau.

8. Classificação temática das notícias

Na divisão temática dos acontecimentos seleccionados (ver quadros 10-A,

Quadro 9-B		ÁFRICA		
PALOP / Restantes países				
Países	Notícias	%	Duração	%
PALOP (5 países)	1. 827	76,6%	66h 58' 08"	81,4%
Restantes 27 países	557	23,4%	15h 19' 05"	18,6%
Total	2.384		82h 17' 13"	

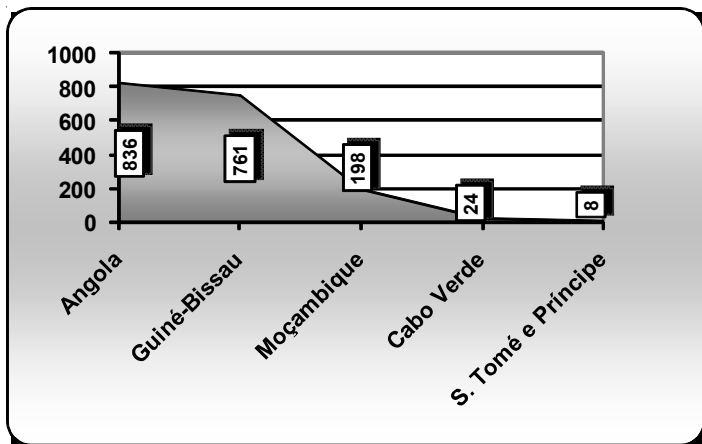


Gráfico 1. Total de notícias referentes a cada um dos cinco PALOP

10-B e 10-C), verificamos o peso *esmagador* das notícias referentes à guerra e aos golpes de Estado – 1456 em 2384, representando 61% do total do *corpus*.

Acrescentando os restantes grupos de notícias reportando violência – “terrorismo/atentados/ sequestros/carnificinas/massacres” (64 notícias); “criminalidade” (29 notícias); “tumultos/ manifestações/acções de protesto/greves” (16 notícias) e “relações tensas entre países” (1 notícia), a percentagem sobe para 65,7% (1566 notícias).

O grupo dos acidentes (acidentes naturais, cheias, terremotos, ciclones, acidentes aéreos, acidentes rodoviários/ferroviários, e outros acidentes), com 120 notícias, representa 5% do total do *corpus*. Note-se que os acidentes aéreos surgem logo em quarto lugar da classificação temática, depois da guerra, golpes de Estado e eleições/referendos.

A fechar este *macro-grupo* de notícias em que a morte é denominador comum, encontramos a categoria de notícias sobre *mortes naturais*, que representa 3%. E atingimos assim os 70% do total de notícias sobre o continente africano. E é a morte que também paira no grupo de notícias sobre

Quadro 10-A		ÁFRICA	Classificação por temas
Temas		Nº Notícias	Duração
Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Oclones		15	12' 29"
Acidentes aéreos		97	02h 47' 14"
Acidentes rodoviários / ferroviários		3	02' 14"
Outros acidentes		5	03' 19"
Justiça		21	28' 41"
Criminalidade		29	39' 16"
Terrorismo / Atentados / Sequestros / Carnificinas / Massacres		64	01h 08' 19"
Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves		16	27' 38"
Golpes de Estado		380	13h 29' 01"
Guerra		1076	39h 12' 53"
Relações tensas entre países		1	00' 34"
Fome / Doenças / Epidemias / Carências básicas / Miséria		25	59' 43"
Crises políticas		2	02' 07"
Eleições / Referendos		317	11h 56' 24"
Comércio / Indústria / Economia / Média		77	02h 48' 30"
Cultura / Educação / Ciência / Património		19	41' 55"
Religião		1	02' 23"
Desporto		51	01h 25' 24"
Actividades lúdicas / Turismo		7	14' 16"
Reuniões internacionais		17	39' 10"
Visita personalidades estrangeiras		63	01h 58' 58"
Mortes naturais / Doenças de líderes políticos		73	02h 18' 45"
Animais		2	02' 56"
Outros / <i>Fait divers</i>		23	35' 04"
Total		2.384	82h 17' 13"

a fome, as doenças, epidemias, a miséria (25 notícias, 1%).

Importa frisar que esta arrumação numa *macro-categoria* não representa o total de notícias com violência *dentro*. Isto porque é a violência que empurra também algumas notícias arrumadas noutras categorias, veja-se o caso dos processos eleitorais, em que número relevante de notícias traz consigo referências a tumultos, ameaças, fraudes várias. Assim aconteceu em Moçambique, na Guiné-Bissau e na África do Sul. E repare-se que o grupo de notícias sobre processos eleitorais ocupa o terceiro posto nesta arrumação temática (317 notícias, 13,3%).

Atendendo aos tempos de emissão ocupados pelas categorias acima mencionadas, verificamos que o grupo das notícias sobre a guerra e golpes de Estado representa 64% da duração total das notícias que integram o *corpus* seleccionado (52h 41' 54" para um total de 82h 17' 13"). Supera-se, em 3%, a percentagem obtida quando se atende ao número de notícias. O grupo de notícias sobre terrorismo, criminalidade, tumultos e relações tensas entre

países ocupa, em tempo de emissão, 2,8% do tempo total. 3,8% foi dedicado

Quadro 10-B		ÁFRICA		Classificação por temas	
	Por ordem decrescente do número de notícias por tema	N.º Notícias	Duração		
1	Guerra	1076	39h	12'	53"
2	Golpes de Estado	380	13h	29'	01"
3	Eleições / Referendos	317	11h	56'	24"
4	Acidentes aéreos	97	02h	47'	14"
5	Comércio / Indústria / Economia / Media	77	02h	48'	30"
6	Mortes naturais / Doenças de líderes políticos	73	02h	18'	45"
7	Terrorismo / Atentados / Sequestros / Carnificinas / Massacres	64	01h	08'	19"
8	Visita personalidades estrangeiras	63	01h	58'	58"
9	Desporto	51	01h	25'	24"
10	Criminalidade	29		39'	16"
11	Fome / Doenças / Epidemias / Carências básicas / Miséria	25		59'	43"
12	Outros / <i>Fait divers</i>	23		35'	04"
13	Justiça	21		28'	41"
14	Cultura / Educação / Ciência / Património	19		41'	55"
15	Reuniões internacionais	17		39'	10"
16	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves	16		27'	38"
17	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones	15		12'	29"
18	Actividades lúdicas / Turismo	7		14'	16"
19	Outros acidentes	5		03'	19"
20	Acidentes rodoviários / ferroviários	3		02'	14"
21	Animais	2		02'	56"
22	Crises políticas	2		02'	07"
23	Religião	1		02'	23"
24	Relações tensas entre países	1		00'	34"
Total		2.384	82h	17'	13"

Quadro 10-C		ÁFRICA		Classificação por temas	
	Por ordem decrescente da duração de notícias por tema	N.º Notícias	Duração		
1	Guerra (1*)	1076	39h	12'	53"
2	Golpes de Estado (2)	380	13h	29'	01"
3	Eleições / Referendos (3)	317	11h	56'	24"
4	Comércio / Indústria / Economia / Media (5)	77	02h	48'	30"
5	Acidentes aéreos (4)	97	02h	47'	14"
6	Mortes naturais / Doenças de líderes políticos (6)	73	02h	18'	45"
7	Visita personalidades estrangeiras (8)	63	01h	58'	58"
8	Desporto (9)	51	01h	25'	24"
9	Terrorismo / Atentados / Sequestros / Carnificinas / Massacres (7)	64	01h	08'	19"
10	Fome / Doenças / Epidemias / Carências básicas / Miséria (11)	25		59'	43"
11	Cultura / Educação / Ciência / Património (14)	19		41'	55"
12	Criminalidade (10)	29		39'	16"
13	Reuniões internacionais (15)	17		39'	10"
14	Outros / <i>Fait divers</i> (12)	23		35'	04"
15	Justiça (13)	21		28'	41"
16	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves (16)	16		27'	38"
17	Actividades lúdicas / Turismo (18)	7		14'	16"
18	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones (17)	15		12'	29"
19	Outros acidentes (19)	5		03'	19"
20	Animais (21)	2		02'	56"
21	Religião (23)	1		02'	23"
22	Acidentes rodoviários / ferroviários (20)	3		02'	14"
23	Crises políticas (22)	2		02'	07"
24	Relações tensas entre países (24)	1		00'	34"
Total		2.384	82h	17'	13"

* Entre parêntesis assinalamos o lugar ocupado no quadro 10-B.

a notícias sobre acidentes, 2,8% às mortes naturais.

Se quisermos passar da *violência* para o *conflito*, verificamos que um grupo importante de notícias – o do “comércio/indústria/economia/media” (grupo que à partida poderia indiciar a transmissão de uma *imagem positiva* dos países africanos, do dinamismo dos seus empresários, do desenvolvimento em determinadas áreas) -, é constituído fundamentalmente por processos negociais com países ou entidades forasteiras, processos de natureza conflitual. Ou então reportando a entrada, nesses países, de multinacionais estrangeiras. Assim aconteceu com a não renovação do acordo de pescas entre a UE e Marrocos (39 notícias, 1h 20’ 42”), ou com as negociações entre aquela união e a África do Sul em torno da utilização considerada “abusiva”, por este país, de marcas de produtos europeus (9 notícias, 19’ 29”). Já os problemas em Cabora Bassa provocaram 9 notícias (16’ 29”).

Outras notícias deste grupo referiam-se à entrada de empresas portuguesas em Marrocos (2 notícias, 3’ 04”), em Angola (5 notícias, 14’ 44”), em Cabo Verde (2 notícias, 1’ 21”). A entrada em funcionamento da Bolsa de Valores de Cabo Verde, e a indexação do escudo cabo-verdiano ao euro, foram notícias desencadeadas pela presença do ministro das finanças português na Cidade da Praia, notícias cujo eixo central girava em torno do apoio/intervenção do governo português.

Das 77 notícias da categoria “comércio/indústria/economia/media”, apenas oito não incluíam, directamente, protagonistas estrangeiros. Mas três delas reportavam iniciativas governamentais tendentes a captar investimento estrangeiro ...

9. Notícias do estrangeiro no continente africano

Esta presença de países forasteiros, com relevo para Portugal, é um dado que pauta com vigor a selecção noticiosa referente ao continente africano.

Vejamos os casos de Angola e da Guiné-Bissau. Quanto ao primeiro país, o grupo de notícias em que Portugal surge como parte interessada totaliza 213 (6h 55’ 03”), o que equivale a 25,5% das 836 notícias sobre Angola. E podemos somar ainda mais 22 notícias (46’ 17”) resultantes de declarações ou iniciativas de dignitários angolanos em solo português (a maior parte resultante de deslocações de governantes e autoridades religiosas a Portugal). Atingimos assim os 28,1%.

Se somarmos mais 26 notícias (52’ 12”) referentes a declarações e iniciativas de outros países ou organizações internacionais, verificamos que 299 das notícias sobre Angola tiveram origem no exterior do país, ou reportavam interesses de protagonistas estrangeiros. O que dá uma percentagem de 35,8%, logo um pouco mais de um terço do total de notícias sobre Angola.

A selecção noticiosa referente à Guiné-Bissau oferece-nos resultados semelhantes aos de Angola. Das 761 notícias sobre aquele país, registámos 190 (6h 01' 05'') em que Portugal surgia como interveniente directo (25% do total de notícias). Outras 56 (1h 58' 39'') reportaram a presença de autoridades guineenses em Portugal, logo uma percentagem de 7,4%.

O grupo envolvendo outros países ou organizações internacionais é composto por 43 notícias (1h 41' 35''), representando 5,7% do total de notícias sobre a Guiné-Bissau. Os três grupos somam 289 notícias, equivalente a 38%.

Olhando aos tempos de emissão, temos, para Angola, e no primeiro grupo, 6h 55' 03 (num total de 30h 14' 41''), o que equivale a 22,9%; 46' 17'' no segundo grupo (2,6%); 52' 12'' no terceiro grupo (2,9%). Pelos tempos de emissão, o conjunto destes grupos é menos representativo do que olhando ao total de notícias: 28,3%.

Para a Guiné-Bissau, registamos 21,6% no primeiro grupo (6h 01' 05''); 7,1% no segundo grupo (1h 58' 39''); 6% no terceiro grupo (1h 41' 35'').

A soma dos três grupos dá uma percentagem de 34,8%, também aqui inferior à percentagem obtida através do cômputo de notícias.

Nos restantes países da amostra, encontramos 168 notícias (5h 17' 30'') em que Portugal surge como parte interessada, o que representa 7% quanto ao total de notícias e 6,4% no respeitante ao tempo de emissão. E 79 notícias com menção a outros países (2h 18''), atingindo uma percentagem de 3,3% do total de notícias e 2,8% do tempo total de emissão.

Olhando agora ao total de países do continente africano (somando os dados de Angola e Guiné-Bissau aos dos restantes países), verificamos que 649 das notícias do *corpus* mencionavam Portugal, seus interesses, através de declarações e iniciativas de governantes e demais personalidades portuguesas, ou reportando a interesses de cidadãos lusos nos países africanos alvo de notícia. Esta cifra equivale a uma percentagem de 27,2% do total de notícias registadas sobre o continente africano.

Quanto aos tempos de emissão, este grupo totalizou 20h 58' 34'', o que representa 25,5%. Referências a outros países, personalidades estrangeiras ou organizações internacionais, encontrámo-las em 148 notícias, o que equivale a uma percentagem de 6,2%. As 4h 51' 47'' de tempo de emissão deste conjunto de notícias representam uma percentagem de 5,9%.

Somando agora o grupo de notícias referentes a Portugal com o grupo concernente a outros países, atingimos a cifra de 797 notícias (para um total de 2.384), significando uma percentagem de 33,4%. Notícias que ocuparam 25h 50' 21'' (para um total de 82h 17' 13''), representando 31,4%. Ou seja, um terço das notícias sobre o continente africano surge ancorado na intervenção e nos interesses de países e organizações estrangeiras.¹⁷

Constatámos já:

- o significativo peso das notícias reportando violência no continente africano;
- a proximidade *psicológica* como propulsora maior da selecção noticiosa das televisões generalistas portuguesas, através do relevo dado a acontecimentos nos PALOP;
- a existência de um número significativo de países africanos ignorados nos alinhamentos de 1999 (22 países em 53, representando 41,5%), ou merecendo apenas um número reduzidíssimo de notícias (12 países com um só assunto noticiado, 22,6%);
- que a chamada aos telejornais pode representar, em alguns casos, meras referências a *países-cenário* de acontecimentos organizados pelo chamado *primeiro mundo* (veja-se a Tunísia, com o Rali TT, ou os países africanos atravessados pelo Granada-Dakar);
- o peso de notícias reportando interesses e/ou intervenções de países estrangeiros (quase um terço do total), com relevo acrescido no caso de Portugal, havendo mesmo países (como S. Tomé e Príncipe) que só ganham *vida televisiva* quando *ungidos* com a visita de personalidades portuguesas.

A concluir, propomo-nos ainda:

- analisar a localização de algumas das notícias sobre o continente africano nos alinhamentos dos telejornais;
- escalpelizar o caso específico das notícias sobre Angola;
- argumentar quanto à *bondade* da selecção noticiosa sobre África, considerada como um reflexo natural dos acontecimentos que o continente efectivamente *produz*; ou se, pelo contrário, tal selecção é orientada fundamentalmente por critérios de noticiabilidade ancorados na trilogia *sangue, miséria e dor*, deixando por tratar acontecimentos de magna importância ocorridos naquele continente, porque menos apelativos do ponto de vista do *espectáculo informativo televisivo*.

10. Localização das notícias sobre o continente africano nos alinhamentos dos telejornais

O lugar ocupado pelas notícias no alinhamento pode indiciar a valoração

¹⁷ Neste grupo de notícias, interessaria ainda separar as que se reportam a *intervenções* de estrangeiros, mas que pertencem ao continente africano. Esse grupo tem uma expressão mínima: um total de 6 notícias, nas quais foram utilizados 5' 06" de emissão.

que lhes é atribuída por quem tem o poder de seleccionar e *paginar* um espaço informativo televisivo. Com a ressalva de que nem sempre os lugares da zona de fecho significam, à partida, uma menor valoração das notícias. Referimo-nos, em concreto, à tradicional colocação das notícias internacionais e do desporto na segunda metade dos telejornais. Haverá sempre um critério de valoração, pois quando tais notícias são consideradas de grande importância rompem a *convenção* e irrompem alinhamento acima.

Pelas razões elencadas, é natural que muitas das notícias sobre o continente africano surjam na segunda metade dos telejornais, arrumadas na parte dedicada ao noticiário internacional.

Mas também é verdade que a última notícia e, por vezes, as imediatamente antecedentes, são geralmente guardadas para os *fait divers*, para o insólito, o bizarro, um lenitivo descompressor generosamente oferecido ao telespectador depois da dose infernal de notícias anteriores.

Nesta zona do adeus sorridente encontramos algumas notícias sobre o continente africano. Não carreamos todos os exemplos, dizemos desde já que não são em número significativo. Mas trazemos tais exemplos à página porque alguns dos casos são bem reveladores da reduzida ou mesmo nula importância que lhes é atribuída pelos editores.

É natural que a queniana mais velha do mundo, a ter que subir aos telejornais, se esforce pouco, ficando logo no último degrau. Assim aconteceu com o *TVI Jornal* (13h 30) de 17 de Março de 1999. Ocupou o 16.º lugar em 16 notícias. Pode não parecer estranho que a notícia do funcionamento do bordel sul-africano *Spartacus* também tenha sido dada nas últimas (23.ª em 25 notícias, *Primeiro Jornal, SIC*, 27.08.1999); o mesmo pode valer para os preparativos da passagem do ano no Egipto (19.ª em 19 notícias, *Jornal da Tarde, RTP1*, 28.12.1999); porventura valer também para os ovos de avestruz que um emigrante português vai decorando a preceito na África do Sul (13.ª em 14, *24 Horas, RTP1*, 29.05.1999); para o santuário de gorilas no Ruanda (14.ª em 16, *TVI Jornal*, 13h 30, *TVI*, 12.08.1999); ou para a revelação de que os homens das Seychelles são uns *mandriões* (16.ª em 16, *24 Horas, RTP1*, 20.01.1999). Foi a única notícia das Seychelles, e a última daquele dia.

São o que são, *fait divers*, têm o lugar que merecem no alinhamento. E quando falamos de cultura, investigação científica, educação? Por via de regra, a hora de tais notícias costuma soar à despedida, subindo uns bons lugares quando o artista, das artes ou das letras, morre – escritor morto, escritor posto... em bom lugar no alinhamento. Logo, não se poderá contestar a colocação, em penúltimo lugar, da notícia sobre um projecto protagonizado por linguistas moçambicanos, desenvolvendo um programa pedagógico de padronização de sons de dezoito dialectos daquele país (19.ª em 20, *Jornal da Tarde, RTP1*, 10.03.1999); ou a notícia reportando encontro de reitores de

universidades dos PALOP, no Maputo (19.^a em 20, *Jornal da Tarde, RTP1*, 14.04.1999). Ou a notícia dando conta dos resultados da investigação científica em torno do *Australopithecus Surpresa* (17.^a em 18, *Primeiro Jornal, SIC*, 24.04.1999), também a de novos achados arqueológicos no Egipto (17.^a em 17, *Jornal da Tarde, RTP1*, 15.06.1999).

Já se pode considerar um pouco mais estranho que notícias sobre a actividade económica e financeira de um país surjam também quando já espreita o programa seguinte. Mas foi assim com a abertura da Bolsa de Valores de Moçambique (24.^a em 25, *Jornal da Tarde, RTP1*, 14.10.1999). Note-se que esta notícia surge, na classificação temática, arrumada no item “comércio/indústria/economia/media”, o mesmo valendo para as pesquisas de ouro em Manica (21.^a em 21, *Telejornal, RTP1*, 27.02.1999).

Serve isto para reforçar o que já antes adiantáramos, em relação à falibilidade do rótulo temático atribuído a algumas notícias. A classificação no item “eleições/referendos” não significa que tais notícias não tenham sido empurradas para a pantalha por mor dos tumultos que trazem no âmagô, logo poderiam, algumas delas, engrossar o vasto pelotão de notícias que esparramam sangue. Do mesmo modo, as novas da cultura ou da vida económica também poderiam, algumas delas, mudar de ares, deixando-se classificar no reino dos *fait divers*.

11. O caso específico de Angola

O elevadíssimo número de notícias referentes a Angola pode explicar-se pela proximidade psicológica dos portugueses para com aquele país. Olhando à dimensão do território, à sua importância geoestratégica na região, e a outros pergaminhos de todos conhecidos, é natural pedirem-se mais notícias sobre Angola do que sobre S. Tomé e Príncipe, ou Cabo Verde, ou até mesmo a Guiné-Bissau.

Dá-se o caso de, em 1999, ter irrompido, em período localizado, uma guerra civil na Guiné-Bissau, com tréguas periclitantes que logo descambariam no golpe de Estado que depôs Nino Vieira. Em Angola registou-se, em 1999, a continuação de uma guerra iniciada há longos anos, sem episódios de relevo a não ser a histórica vitória das tropas governamentais sobre a UNITA, que se viu desalojada do seu emblemático reduto da Jamba, facto que ocorreu já no final do ano.

Apesar de se tratar de uma guerra continuada, num país em que não houve eleições (como houve em Moçambique e na Guiné-Bissau), num país em que Eduardo dos Santos não foi deposto, logo não teve que pedir asilo a Portugal (como aconteceu com Nino Vieira, na Guiné-Bissau); onde não houve cheias (como houve em Moçambique); e em que o drama humanitário

decorrente da guerra não é drama de categoria diferente do vivido na Guiné-Bissau; apesar de tudo isso, Angola surge como o país de África com maior número de notícias e correspondente tempo de emissão. Números impressivos, pois o contingente de notícias sobre Angola suplanta o de todos os outros países africanos noticiados, exceptuando deste grupo a Guiné-Bissau.

Há um *apesar* mais. O de se saber quão difícil se torna colher informações credíveis em solo angolano, seja através de correspondentes oriundos das redacções portuguesas, seja através de profissionais autóctones. Uns e outros sofrendo ameaças constantes¹⁸, enviados para a prisão (caso do angolano Rafael Marques, em 1999), ou expulsos, como aconteceu logo no início de 1999 à jornalista portuguesa Ivone Ferreira (expulsão que levou também ao abandono do território do seu marido, que em Angola desempenhava as funções de correspondente da *RTP*).

Apesar de tantas limitações, tantas contingências, Angola ocupou, em número de notícias, 35% do total registado para todo o continente africano, e 45,8% das notícias veiculadas sobre os PALOP.

Logo, a confirmarem-se as suspeitas e denúncias, tantas vezes propaladas, de campanhas de desinformação desencadeadas pelas partes em conflito, concordaremos que um maior volume noticioso se arrisca a correr em paralelo com um maior volume de desinformação dos telespectadores com informações pavoneadas em primeira mão, para logo no dia seguinte serem desmentidas. E quando o são no dia seguinte, o mal feito sempre esmorece por comparação com o rubor de todas aquelas (e são a maior parte) que conseguiram escapar incólumes ao pelourinho d' "*o nosso telejornal errou*".

Apenas alguns exemplos, mas que denunciam bem o risco de noticiar sobre Angola, e o perigo de derrocada deontológica quando se noticia em exaustão.

A 6 de Fevereiro, no *Jornal da Tarde (RTPI)* avançavam-se "*suspeitas*" de que "*o Andulo já*" estava "*na posse das Forças Armadas Angolanas*". As "*suspeitas*" não se confirmaram, o Andulo não foi tomado pelas FAA.

A 4 de Março, quase um mês depois, era o *24 Horas* da mesma estação a

¹⁸ Veja-se, a propósito, o artigo "Jornais unidos contra a censura". *Público*, Reginaldo Silva, 14.12.1999, p. 44. As ameaças a correspondentes não são um exclusivo angolano. No final de 1999, Paulo Dentinho, correspondente da *RTP* em Moçambique, denunciou estar a ser alvo de *ameaças anónimas* que punham em risco a sua segurança pessoal. O jornalista confirmou à *Lusa* ter recebido faxes anónimos insultuosos e chamadas telefónicas com ameaças de morte, tendo destes factos informado o embaixador de Portugal em Maputo, o Sindicato dos Jornalistas português, os observadores internacionais que se encontravam em Moçambique no âmbito do processo eleitoral que então decorria, e a *RTP*. O delegado da *RTP África* em Moçambique, Fernando Gomes, confirmou também à *Lusa* que um dos faxes ameaçadores fora enviado para a própria delegação, além de terem sido

informar que a ofensiva das tropas governamentais no Andulo “*poderá ter terminado em fracasso*”. A informação baseava-se num “*comunicado vitorioso*” da UNITA.

A 27 de Setembro, no *Telejornal* da RTP1 asseverava-se terem as forças armadas angolanas tomado o Bailundo. Mas só quase um mês depois, a 20 de Outubro, é que foram mostradas as primeiras imagens dessa vitória das tropas de José Eduardo dos Santos. A 27 de Setembro, o Bailundo não tinha sido efectivamente tomado.

Por exemplo, a 6 e 7 de Outubro noticiou-se o envio, por Jonas Savimbi, de uma carta a Eduardo dos Santos, carta na qual o líder da UNITA enunciava o seu interesse em “*tréguas imediatas*”. Logo no dia seguinte, surge o desmentido por parte do movimento rebelde: Savimbi não dirigira qualquer missiva ao presidente angolano.

Este episódio é bem revelador das manobras de desinformação e contra-informação oriundas de Angola. Por tal facto, respigamos alguns detalhes, insertos no *Público* de 8 de Outubro de 1999.¹⁹ De acordo com o correspondente daquele jornal em Luanda, a carta, cujo “*fac simile*” circulava na capital, teria sido “*forjada*”, e a proposta “*não seria do Galo Negro mas de Luanda, pressionada a encontrar uma solução não-militar para a guerra*”.

“*Até ontem ao princípio da noite, nenhuma fonte governamental em Luanda tinha confirmado oficialmente a existência de uma carta que, segundo a agência Lusa, foi enviada no dia 27 de Setembro pelo líder da UNITA ao Presidente angolano. Na carta, Jonas Malheiro Savimbi teria proposto a José Eduardo dos Santos uma trégua, como primeiro passo para a procura de uma solução para a guerra civil.*

[A UNITA desmentiu já, formalmente, que o seu líder tivesse escrito ao inimigo. ‘A carta nunca existiu, não existe, nem nunca existirá’, disse, também à Lusa, o secretário para os Assuntos Jurídicos do movimento do Galo Negro, Celestino Kapapelo, a partir do quartel-general no Andulo onde decorria uma reunião directiva. ‘A UNITA não precisa de escrever cartas a Eduardo dos Santos – um Presidente ilegal, pois nós não o reconhecemos como Presidente de Angola -, a pedir amnistias ou a propor tréguas. Nunca o fizemos e jamais precisaremos disso’.

Kapapelo garante que ‘a sorte das armas está do nosso lado [UNITA] e pergunta: ‘Para que é que iríamos agora escrever qualquer carta do género quando militarmente tudo nos corre bem?.’]” – lê-se no texto do Público. O que se terá passado então? Aceitam-se apostas, o diário avança algumas

recebidas naquela sede telefonemas intimidatórios dirigidos a Paulo Dentinho. O jornalista viria a abandonar Moçambique pouco tempo depois. (Ver “Correspondente da RTP em Maputo ameaçado”. *Público*, n/a, 23.12.1999).

¹⁹ “Andulo não escreveu ao Futungo”. *Público*, Reginaldo Silva, 8.10.1999, p. 22.

hipóteses: “*É um facto que, ontem, foi posto a circular em Luanda o ‘fac simile’ da suposta carta [reproduzido no Público] assinada por Savimbi, três dias depois da alegada reconquista do Bailundo pelas tropas governamentais. Não é possível confirmar a autenticidade da carta, mas não restam dúvidas sobre a origem deste ‘documento’ a que a Lusa teve acesso em primeira mão na noite de quarta-feira [6 de Outubro].*”

Na sequência deste ‘rigoroso exclusivo’, a Emissora Católica de Angola chegou mesmo a adiantar que a Presidência angolana se preparava, por intermédio do seu porta-voz, Aldemiro Vaz da Conceição, para emitir um comunicado oficial sobre o seu conteúdo. Para além desta emissora, que dedicou ao assunto uma grande parte da sua programação noticiosa, a outra rádio privada que transmite a partir da capital angolana, Luanda Antena Comercial (LAC), também deu bastante destaque à suposta carta de Savimbi. Curiosamente, quer a Rádio Nacional de Angola (RNA) quer a Televisão Pública de Angola (TPA), ambas sob controlo governamental, ignoraram completamente o assunto, tendo o mesmo acontecido com o oficioso ‘Jornal de Angola’.

Para comentadores em Luanda, absolutamente convencidos de que a suposta carta de Jonas Savimbi foi forjada, a intenção de quem arquitetou a manobra parece estar relacionada com a necessidade de se avançar com uma proposta alternativa. Esta seria uma espécie de porta de saída não-militar para a guerra, tendo em vista o fim imediato das hostilidades.

Estes comentadores, que pedem o anonimato, fazem a leitura da carta como sendo uma proposta subscrita pelo próprio Governo, na sequência das pressões internas e externas que tem vindo a receber, apontadas para a necessidade de se encontrar uma outra solução fora da actual opção militar.

A mais recente destas pressões veio nos últimos dias de Washington, com o Departamento de Estado norte-americano a exortar Luanda a ‘adoptar uma estratégia global para a paz visando pôr fim à guerra, incluindo a aceleração das reformas económicas, políticas e sociais’. Ontem, o embaixador norte-americano em Luanda, Joseph Sullivan, foi ainda mais directo, ao sublinhar que um conflito como o angolano não se pode resolver utilizando apenas a opção militar.

A ter alguma consistência, esta análise coincidirá com informações anteriores que apontavam o objectivo da actual ofensiva como sendo apenas o desalojamento das forças da UNITA dos seus santuários no Planalto Central — com destaque para o Bailundo e o Andulo — como condição prévia para o reinício do diálogo.

Enquadra-se perfeitamente neste ‘esquema’ a passagem da alegada carta de Jonas Savimbi, onde o líder da UNITA teria escrito o seguinte:

‘Neste sentido, a direcção da UNITA, encabeçada por mim, poderia transferir-se algures para a província do Moxico e veria, como um sinal positivo, tendente a criar um clima propício para conversações, se as forças do Governo não fustigassem as nossas forças durante a sua marcha’.

“Nesta guerra de palavras”, salientava Reginaldo Silva, correspondente do Público em Luanda, “os seus mentores têm optado normalmente por privilegiar os ‘media’ privados e internacionais, quando se trata de fazer passar alguma ‘informação mais estratégica’, isto é, que tenha algum impacto sobre a outra parte.

[Em declarações à Rádio Renascença, o representante da UNITA em Lisboa, Rui Oliveira, garantiu que ‘o MPLA inventou a carta do mesmo modo como inventou a captura do Bailundo’.

Um analista militar ouvido pela agência Reuters, também se mostrou incrédulo: ‘A trégua está a ser ligada à queda do Bailundo, mas não creio que a queda do Bailundo valha muito. É muito importante, mas não é crítico mesmo que tivesse caído’.

Diplomatas na capital angolana mostraram-se igualmente cépticos de que um homem como o líder da UNITA, que passou a maior parte dos seus 65 anos a combater Luanda, se tenha sentido subitamente pressionado a aceitar a paz depois da perda (não confirmada) de um bastião: ‘Não parece do carácter de Savimbi fazer uma coisa destas!J’.

O detalhe deste caso, a expensas do *Público*, evidencia bem a complexidade das teias com que se tece o circuito informação/contra-informação/desinformação/intoxicação. E se, na imprensa escrita, há espaço suficiente para um escalpe à gangrena, o mesmo não se verifica nos noticiários televisivos, onde qualquer assunto dificilmente resiste às baias dos 90 segundos. Perante tal limitação, o cuidado na emissão de determinadas notícias devia ser redobrado. Muitas vezes não é.

Mais alguns casos, por nós detectados. A 16 de Novembro, a *SIC* optava por dar conta de que a UNITA continuava “*activa*”. Na *RTP1* e na *RTP2*, o enfoque era diferente: destacavam-se declarações de responsáveis do exército angolano, segundo as quais Jonas Savimbi estaria “*localizado*”, “*cercado*” e que seria em breve “*aniquilado*”. Mas já no dia seguinte, a mesma *RTP1* anunciava no seu primeiro noticiário da manhã que Jonas Savimbi estava “*bem de saúde*”.

Em Dezembro, de novo na *RTP1* e na *RTP2*, destaque a declarações do comandante das forças armadas angolanas, segundo o qual os movimentos de Jonas Savimbi estavam a ser controlados pelas FAA, Savimbi estava a ser “*vigiado*”.

Neste mesmo mês, a *TVI* avançou com a informação de que Savimbi se encontrava “*gravemente doente*”, “*hospitalizado*” e “*detido na zona central*”.

de Angola". A informação provinha de "fonte médica" em Luanda. No mesmo telejornal (*Directo XXI*, 07.12.1999), Rui Oliveira, da UNITA, desmentia "categoricamente" tal informação. Oliveira aproveitou para desmentir também a tomada da Jamba pelas FAA. No dia seguinte, às 13h30 (*TVI Jornal*), era o governo de Angola que desmentia estar Savimbi internado no Hospital Militar de Luanda.

Esta campanha de desinformação já vinha de longe, tendo, porventura, a idade da guerra civil, que começou em 1975. Campanha que, como será óbvio, não se finou em 1999. Acontecimentos subsequentes, dos quais o mais dramático foi a morte de Jonas Savimbi (22. 02. 2002), suscitaram na opinião pública portuguesa um debate em torno do *arsenal* de desinformação posto em marcha pelos beligerantes.

O exemplo que a seguir reproduzimos ilustra bem a que ponto pode chegar a desinformação. Com responsabilidades que devem, em nosso entender, ser partilhadas pelos autores das manobras de intoxicação, e pelos editores permeáveis à difusão de tais notícias.

A 3 de Janeiro de 2002, no *Jornal da Tarde (RTP1)*, o *pivot* dava a entrada a uma peça da autoria do correspondente daquela estação em Angola, João Carlos Vandúnem: "*As tropas do governo angolano poderão ter capturado o general Lukamba Gato, número dois da Unita, e abatido importantes comandos do movimento do Galo Negro. Uma informação ainda por confirmar, mas que fala de um ataque a uma coluna da UNITA onde viajava Jonas Savimbi, que terá conseguido fugir*".

Note-se o condicional – as tropas do governo angolano "*poderão*"; note-se a ressalva de se tratar de "*uma informação ainda por confirmar*".

Segue-se a peça da autoria do correspondente em Luanda, uma peça que, pese a dureza do veredicto, deveria figurar destacada em qualquer museu da contra-informação.

Eis a transcrição: "*Ainda não há informação oficial sobre a captura de Paulo Lukamba Gato, no passado dia 30 de Dezembro, uma das mais importantes peças da UNITA. Em alguns círculos aqui em Luanda comenta-se que o Secretário Geral da UNITA terá sido capturado numa emboscada das Forças Armadas Angolanas à coluna de Savimbi, mas fontes militares disseram à RTP que a informação não é verdadeira.*

As mesmas fontes confirmaram que das últimas acções militares empreendidas pelas Forças Armadas Angolanas no leste do país, o general Malungo Bravo Pedro Kalitas, muito próximo de Savimbi, foi morto, e que Alcides Sakala, actual Secretário para as Relações Exteriores da organização do Galo Negro, terá morrido por doença, dado o estado debilitado em que se encontrava, juntamente com outros homens fortes de Savimbi".

Verificamos que a notícia começa logo por frisar a inexistência de “*informação oficial*” sobre uma captura ocorrida cinco dias antes, tempo suficiente para fazer chegar jornalistas à zona do Moxico (em menos tempo foram transmitidas imagens do cadáver de Jonas Savimbi, morto na mesma região, no mês seguinte).

E logo a seguir o jornalista confessa que a sua peça se alicerça em “*commentários*” de “*alguns círculos*” de Luanda. A não ter sido conivente na manobra de desinformação dos telespectadores portugueses, sugeriu a Lisboa, Lisboa *comprou* e difundiu uma notícia com base num mero “*mujimbo*” (assim se designam, na linguagem popular angolana, os boatos). Não há “*círculos*” identificados, como não se identificam também as “*fontes militares*”. Estas contradizem o que se comentava nos “*círculos*” luandenses a que o jornalista teria acesso, garantindo que “*a informação não é verdadeira*”.

Caso nítido de *jornalismo yo-yo*. O *pivot* diz que “*poderão ter capturado*”, mas que a informação ainda está “*por confirmar*”. O correspondente abre a peça denunciando a fragilidade da mesma, começando por uma negação – “*ainda não há confirmação oficial*” -, mas logo a seguir avança com o que se “*comenta*” nos alegados “*círculos*” de Luanda: “*O Secretário Geral da UNITA terá sido capturado numa emboscada das Forças Armadas Angolanas à coluna de Savimbi*”. Segue-se uma simples pausa, que traduzimos numa vírgula, e “*mas fontes militares disseram à RTP que a informação não é verdadeira*”.²⁰

²⁰ A propósito da invenção da captura de Lukamba Gato, veja-se o que escreveu Estrela Serrano, Provedora do Leitor do *Diário de Notícias* (“A notícia do rumor”, *DN*, 29.01.2002) : “A notícia [do DN] saiu no dia 3 de Janeiro. O título, na primeira página, era peremptório: Luanda prende número dois de Savimbi. Ao alto da página, em letras garrafais, sobre um mapa de Angola, a palavra UNITA subjugava pela cor e dimensão dos caracteres. Ao lado, a fotografia de Savimbi completava a informação num tom menos afirmativo: Captura de Paulo Lucamba Gato, secretário-geral do Galo Negro, terá sido efectuada na madrugada de domingo na província do Moxico. Mais abaixo, podia, ainda, ler-se: Na coluna militar surpreendida pelas Forças Armadas angolanas iria também Savimbi. Na secção Internacional, a notícia era ilustrada por uma enorme fotografia e possuía como título *Luanda captura Lucamba Gato* e antetítulo *Sucesso*. O subtítulo e o corpo da notícia não veiculam o mesmo grau de certeza, sendo as informações apresentadas como rumores de uma eventual captura em combate do secretário-geral da UNITA, Paulo Lucamba Gato. Quanto a Savimbi, estaria também na coluna militar. No dia seguinte, a notícia mantinha-se na 1.ª pág., embora com muito menor destaque. O título era *Savimbi perseguido no Moxico*. O correspondente do DN, Paulo Julião, continuava a fazer-se eco dos rumores e das dúvidas em torno da captura dos dirigentes da UNITA, referindo suspeitas da existência de algum facto (...) deliberadamente escondido da comunicação social. Não existe, em qualquer das notícias, menção de fontes, como é, aliás, natural, tratando-se de rumores. Ao terceiro dia, a notícia desapareceu do DN. O leitor interessado no assunto terá, certamente, consultado, pelo menos, mais um jornal, tentando confirmar, ou acompanhar, o relato do correspondente do DN. Uma consulta

O vertiginoso vaivém prossegue. Tendo tais “fontes militares” a sinceridade de negarem um feito que muito as honraria – não é todos os dias que se captura um número dois -, já adoptam posição inversa para “confirmarem” outro feito: a morte do general Kalitas. E ofereceram ainda ao jornalista a preciosa informação (regressa o condicional) de que Alcides Sakala “terá morrido por doença, dado o estado debilitado em que se

ao *Público* do dia seguinte ao da publicação da primeira notícia no DN, diz-nos que Luanda desmente captura do número dois de Savimbi, considerando essas notícias mera especulação. A fonte é a agência Lusa, que cita, por seu turno, fontes das forças governamentais não identificadas. A notícia do *Público* refere, também, que os rumores (...) foram postos a circular, pela primeira vez, pela emissora privada *Luanda Antena Comercial*, com base no despacho de um correspondente de guerra angolano, destacado no posto de comando do Estado-Maior das Forças Armadas Angolanas, no Moxico. Segundo o *Público*, apesar de nenhuma fonte ter confirmado a captura de Gato, a história foi divulgada pela rádio. Perplexo com a origem das notícias sobre os rumores, o leitor Carlos Veiga seguiu o seu percurso em edições *on-line* e chegou às seguintes conclusões: a notícia do DN serviu de fonte à *tsf.pt* e ao *publico.pt*. Por seu turno, a edição electrónica do *Jornal de Notícias - jn.pt* - dá como fonte da mesma notícia a *SIC Notícias*. Contudo, em Macau, onde este leitor reside, a *RTP África* identificou o jornalista angolano Jaime Azulay como fonte da notícia”. A este propósito, o director do DN informou a provedora de que a fonte do diário havia sido o correspondente em Luanda, reafirmando a confiança no jornalista.”

Pela pertinência das observações formuladas, reproduzimos, na íntegra, a posição da provedora sobre este assunto: “O trabalho de um correspondente num país em situação de guerra é sempre difícil. Quando a guerra se torna uma forma permanente de vida, o trabalho do correspondente apresenta dificuldades acrescidas. Não é, apenas, a sobrevivência física a constituir, então, um desafio constante. É, também, a dificuldade de distinguir e ultrapassar limitações decorrentes dessa situação de guerra - por vezes, justificadas - de imposições arbitrárias de cerceamento da liberdade de imprensa e do direito à informação. A situação complica-se, quando os valores da liberdade e da democracia são frágeis, ou não existem, e a censura e a manipulação se transformam em prática corrente. Nestas situações, o rumor constitui uma forma insidiosa de manipular a informação, constituindo-se como uma eficaz arma de desinformação. Um jornalista deslocado da sua redacção, cortado do convívio diário com colegas e editores do seu jornal, dependente das informações veiculadas por fontes interessadas, pressionado pela concorrência de colegas colocados em circunstâncias idênticas, como é o caso de muitos correspondentes, torna-se mais permeável à veiculação de informações de duvidosa credibilidade e à tentativa de publicar, só porque outros publicam. Compete à hierarquia do jornal efectuar um acompanhamento atento do trabalho dos correspondentes, sobretudo dos que se encontram em locais e situações difíceis e, também, daqueles que são recrutados localmente, os quais não possuem, em muitos casos, enquadramento profissional, nem espaço de reflexão para enfrentar situações problemáticas. Um jornalista profissional não alimenta rumores e evita repetir e amplificar informações não confirmadas, ainda que outros órgãos de comunicação social se façam eco delas. Como aconteceu no presente caso, o rumor minou a credibilidade do seu autor e dos jornais, rádios e televisões que o veicularam. A afirmação de confiança da direcção do DN no seu correspondente em Luanda é uma atitude louvável, sobretudo quando, como é o caso, o trabalho jornalístico se exerce em condições de extrema dificuldade. Mas a confiança da direcção não garante, por si só, a confiança dos leitores, que tem de ser conquistada no dia-a-dia, através de um trabalho informativo que não dê guarida a rumores, seja em que situação for”.

encontrava, juntamente com outros homens fortes de Savimbi”.

O jornalista da RTP nem carecia de invocar as fontes de que só revela terem divisas. É que logo a seguir introduz o depoimento, de cara destapada, de um pretenso coronel da UNITA, de seu nome Paulo Calado, com o oráculo informando ter este sido capturado em Dezembro de 2001. Eis o depoimento deste prisioneiro do governo de Luanda: *“Quero falar precisamente do engenheiro Dembo, que lá está ... do doutor Alcides Sakala, o doutor Kapapelo, e outros oficiais como o general Kamorteiro, o general Sami, o general Kalias, o brigadeiro Vilingue, e outros brigadesiros, outros oficiais, portanto, inferiores, os que sejam da minha patente, outros brigadesiros, mas toda essa gente está extremamente debilitada.*

Eu quero só dizer aqui que, pelo menos nos últimos dias antes de eu sair de lá, o mano Alcides Sakala, não conseguia se levantar. Ele passava os dias deitado, para se levantar e procurar um pouco de tortulho, que é a alimentação básica, a alimentação básica é o tortulho e sem sal ...”.

O debilitado Alcides Sakala morrerá entretanto e, por mistério que só Van Dúnem poderá explicar, as FAA não estavam em posse do cadáver do malgrado dirigente da UNITA, apenas dos seus objectos pessoais, e de “*todos*” eles. A peça encerrava assim: *“As Forças Armadas Angolanas estão em poder de todos os objectos pessoais de Alcides Sakala, que foi representante da UNITA na Bélgica e também esteve em Portugal. Nas últimas semanas as FAA têm apresentado oficiais superiores da UNITA capturados durante as investidas no Moxico, que têm dado o ponto da situação dos homens que neste momento ainda estão ao lado de Savimbi”.*

Alcides Sakala bem pode ser considerado um homem de sete vidas, tantas as vezes em que foi dado como morto, tantas as que regressou da tumba para reiniciar a sua luta. Tempos antes era um dos nomes referidos como fazendo parte do grupo daqueles que, tendo caído em desgraça junto de Jonas Savimbi, teria sido assassinado por este, ou a mando deste. Tinha ido de Bruxelas, onde representava a UNITA na Europa, directamente para a mata-tumba. Para acrescentar um tom (realista? dramático? pungente?) ao *mujimbo* de turno, dizia-se que Sakala sabia que tinha sido chamado para morrer. No mínimo, arrepiante.

Voltou a *morrer* aquando da operação que vitimou Jonas Savimbi. Resuscitou de novo poucas semanas depois (a 19.03.2002), com as notícias (verdadeiras? falsas?) dando conta de que integrava o grupo de dirigentes da UNITA que negociava, em Luena, um acordo com os militares das FAA.

Não se viram imagens de Sakala, mas verificámos que o general Kamorteiro, dado pelo coronel Paulo Calado como “*extremamente debilitado*” em meados de Dezembro, conseguiu juntar forças suficientes para aguentar três meses, aparecendo a 15.03.2002 nas negociações de cessar fogo (para alguns), ou

de rendição (para alguns outros), negociações com os militares das FAA. Acompanhando Kamorteiro, estavam os generais Alberto Sami e Kalias Pedro, também dados como “*extremamente debilitados*” por Calado.²¹ Pouco tempo depois da morte de Jonas Savimbi, Alcides Sakala efectuou um périplo pelos EUA e por vários países europeus, tendo visitado Portugal na companhia de Lukamba Gato.

Quase nos esqueçíamos de transcrever o epitáfio desta triste estória. Veio no *Telejornal* da RTP1. Não se disse que o canal público tinha avançado com uma informação errada, não houve nenhum “*O Jornal da Tarde errou*”, como não se disse que o erro era fresco, do dia anterior. A notícia da captura de Lukamba Gato havia sido difundida a 3 de Janeiro, o desmentido surgiu a 4 do mesmo mês.

A notícia de dia 3 tinha 2’ 18”, o desmentido apenas 20 segundos. Não houve tempo para Vandúnem, as expensas do desmentido ficaram a cargo do *pivot* do espaço informativo do horário nobre da televisão estatal. Com esta formulação: “*Afinal o número dois de Jonas Savimbi não foi capturado pelas Forças Armadas Angolanas. Durante esta semana foi avançada a notícia da captura de Paulo Gato, o Secretário Geral da UNITA na cidade de Luena, e da morte de Alcides Sakala, o seu responsável pelas Relações Exteriores. A UNITA e as Forças Armadas Angolanas desmentiram já a notícia*”.²²

²¹ Ver artigo “Diplomatas da UNITA acusam Luanda de ter os ‘generais’ presos no terreno”. *Público*, Pedro Caldeira Rodrigues, 17.03.2002.

²² Note-se que, apesar da superabundância de notícias sobre Angola, também se registam vários silêncios, que algum observador mais atento poderá considerar estranhos, atendendo à importância dos acontecimentos ignorados pelos editores das televisões. O caso que mais chama à atenção tem a ver com a divulgação, em Dezembro de 1999, de um relatório da ONG britânica *Global Witness*.

Foi na *SIC* e na *TVI* que se deu destaque, durante três dias, a um relatório daquela organização, acusando de corrupção os “*principais dirigentes do Estado angolano*”. A organização britânica de direitos humanos incluía também José Eduardo dos Santos na teia de corrupção, através do seu “*envolvimento em negócios escuros com empresas petrolíferas como a BP, Total Elf e Exxon, entre outras*”. A *TVI* haveria ainda de noticiar a admissão do pagamento, por parte da Petrogal, de “*bónus de assinatura para ter acesso às concessões de petróleo*” em Angola.

Para além do destaque dado ao relatório pelas televisões privadas, o diário *Público* fez manchete do assunto a 5.12.1999, continuando a acompanhá-lo nos dias seguintes, atendendo às repercussões do caso, com uma reacção violentíssima por parte do governo angolano. Repercussões também em Angola, onde os jornalistas foram proibidos de divulgar o relatório da *Global Witness*, na “*mais espectacular acção de censura contra a imprensa [angolana] de que a história do pós-independência tem memória*” (ver “*Jornais unidos contra a censura*”. *Público*, Reginaldo Silva, 14.12.1999, p. 44).

Durante esses três dias não houve, nos noticiários dos dois canais da estação pública, qualquer notícia sobre Angola. O período de *nojo* quanto a notícias sobre Angola na estação pública foi até mais prolongado. O *Jornal da Tarde*, que a 3 de Dezembro noticiara a visita do embaixador dos EUA na ONU a Angola, só voltou a dar notícias deste país no dia 10. Mas aqui para dar conta do aumento do número de refugiados de guerra. No

12. Possibilidades de uma agenda noticiosa alternativa

Teria sido possível fazer diferente? Os jornalistas das televisões generalistas portuguesas cingiram-se ao que de mais relevante se passou no continente africano, ou a selecção peca por defeito, em relação a acontecimentos de magnitude para África? A lista que compilámos, e de que damos conta a seguir, responderá a esta questão.

Com imagens tão profundas da guerra, seria útil saber quem as fornece aos beligerantes, isto porque, como se sabe, África não é um continente produtor de armamento. Dando apenas um exemplo, não seria difícil chegar a Viktor Anatolievitch Bout, o sinistro traficante de armas russo, que se fazia pagar sobretudo em diamantes, com actividades detectadas em Angola, Libéria, Serra Leoa e República Democrática do Congo. Bout, que operava, ao tempo, a partir dos Emiratos Árabes Unidos, dispunha de uma companhia de aviação, a Air Cess, para efectuar o transporte ilícito de armamento para África.²³

Telejornal, que a 3 também noticiara a visita de Richard Hollbrooke, só se voltou a falar de Angola no dia 12, e para informar que os portugueses raptados em Fevereiro, no enclave de Cabinda, continuavam desaparecidos.

Outros casos: só a *SIC* deu conta, em Julho, das conclusões de um relatório da autoria do Instituto Democrático para Assuntos Internacionais (1 notícia, 2' 29"). No relatório considerava-se a guerra como potenciadora da corrupção endémica que grassava no país.

Só a *SIC* reportou, em Agosto, as conclusões de um Conselho Internacional da Amnistia Internacional, que teve lugar em Tróia. Esta organização manifestou preocupação pelo desrespeito dos direitos humanos no território angolano (3 notícias difundidas a 18 e 20 de Agosto).

As declarações do alegado filho de Savimbi passaram primeiro na *RTP1* (Novembro), e no mês seguinte na *TVI* (aproveitando agora a deslocação do jovem a Portugal). Na *SIC* não foi produzida qualquer notícia sobre o assunto.

A notícia da deserção de um general da UNITA, em Novembro, foi veiculada apenas pela *RTP1* e pela *RTP2*. *SIC* e *TVI* ignoraram o assunto. O mesmo acontecera em Janeiro, com a notícia da deserção de um coronel: só passou na *RTP1* (28 de Janeiro).

Em Dezembro, só a *SIC* deu a notícia de “*diversas matanças*” da responsabilidade das forças armadas angolanas. Citando um semanário de Luanda e o bispo da Lunda Sul, teriam sido “*queimados vivos cerca de 48 camponeses acusados de apoiarem a UNITA*”.

Que dizer destes perturbantes silêncios? Damos a palavra ao realizador e ao *pivot* do *Telejornal (RTP 1)* de 17.11.1999, diálogo anotado aquando da nossa permanência nesta estação, em trabalhos de observação directa integrados no doutoramento. Durante a emissão de peça reportando a entrega do general Jacinto Ricardo, da UNITA, às forças governamentais, o *pivot* comenta para a régie: “*Esta peça não vale um caracol. A SIC fez reportagem, e nós fazemos Angola sentada*”. Resposta do realizador: “*É o tempo de antena do MPLA*”.

²³ Andrew Nicoll esteve bem mais atento às actividades de “Viktor B” que os editores dos telejornais portugueses. Realizou, em 2004, *Lord of War*, filme inspirado na vida do traficante, que veio a ser preso, na Tailândia, em Março de 2008. Conhecido como o “comerciante da morte”, aprestar-se-ia para concluir negócio de venda de misseis SAM às FARC. Ver, p. ex., “Capturan a traficante Viktor Bout cuando cerraba venta de misiles

Aquando da guerra na Guiné-Bissau, falou-se profusamente dos interesses da França naquela ex-colónia portuguesa, chegando a aventar-se a possibilidade das tropas senegalesas terem entrado no território a pedido do governo gaulês. Jacques Chirac esteve em visita oficial a Portugal, naquele período. Os telespectadores tiveram que resignar-se ao *ping pong* de acusações e desmentidos quanto a tal intervenção. Nenhuma referência detalhada aos poderosos interesses do governo e multinacionais francesas naquela região africana. Nenhuma contextualização sobre as nebulosas operações da *Françafrique* (designação pejorativa dada pelos africanos das ex-colónias francesas ao ‘*polvo*’ que, segundo eles, vai sugando as riquezas dos seus países).

E não seria difícil fazê-lo, tão denunciados são tais interesses, dos Camarões ao Senegal, passando pela Costa do Marfim, ou pelo Gabão. Multinacionais que, em alguns países, conseguem o pleno dos processos de privatização, que *secam* as empresas locais, que *ditam* os montantes dos orçamentos de Estado, etc., etc.²⁴

Como não vimos nenhuma referência à visita conjunta que, em Março, os ministros dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido e da França fizeram ao Gana e à Costa do Marfim. O ineditismo de tal deslocação significava o interesse das ex-potências colonizadoras em colocarem um ponto final na *balcanização* das influências africanas de cada uma delas, com a França a conseguir penetrar nos *feudos* anglófonos (caso mais paradigmático, o do Quênia), e o Reino Unido muito aberto à *cooperação* com os países da *cintura francófona*.²⁵

Pondo de lado as *manobras* de aproximação dos ex-colonizadores, podemos falar de movimentos de *sedução* inter-África. Por exemplo, a investida do Egipto, país árabe, na África Austral, através da sua adesão à COMESA (Mercado Comum da África Austral e Oriental), com sede na longínqua Zâmbia. Adesão tendente, entre outros objectivos, a recuperar a sangria nas exportações egípcias para a ex-União Soviética e demais países do leste europeu, exportações que caíram para metade depois da queda do muro de Berlim.

a las FARC”, *La Republica* (Perú), <http://www.larepublica.com.pe/>, 07.03.2008; “Viktor Bout: Lord of War Goes to Jail”, <http://www.cabinetsavocats.com/>, 08.03.2008.

²⁴ Ver, p. ex., “Le septennat, cet archaïsme hérité de la colonisation française”, in *Le Courrier International*, 28.09.2000.

²⁵ Ver, p. ex., “La France et l’Angleterre enterrent la hache de guerre dans leurs sphères d’influence”, *Le Courrier International*, 25.3.1999. Sobre as *investidas* francesas junto das ex-colónias portuguesas, ver, por exemplo, “O amigo francês”, *Expresso*, Mário de Carvalho e Gustavo Costa, 26.06.1998, ; e “França-África – A nova política francesa em África”, *Expresso*, Daniel Ribeiro, 26.06.1998.

Por África prosperava um homem, ganhando dinheiro sem precisar de vender armas. A sua arma era a internet. O queniano Makatiani, fundador da *Africa Online*, conseguiu transformar, em pouco tempo, a sua empresa no mais importante fornecedor de acesso à internet em todo o continente africano, exceptuando a África do Sul. Chamavam-lhe o “*Bill Gates africano*”.²⁶

Por África há um número infundável de certames culturais, como os festivais de cinema, por exemplo. Como o de Cabo Verde que, em Maio e Junho, congregou mais de uma centena de filmes. Nenhuma notícia, à espera da vaga, num telejornal do mês seguinte, para a inauguração da feira do livro português, presença de ministro luso inclusa.

Já que se falou de gorilas, poder-se-ia ter feito referência aos perigos que estes correm, como consequência dos conflitos que têm assolado a região dos Grandes Lagos. À deflorestação, vem juntar-se o abate por parte dos milhões de refugiados famintos que pela zona têm circulado. Para além disso, a descoberta, na zona, de minas de coltão (colombo tantalite), utilizado, por exemplo, no fabrico de telemóveis.

No Senegal havia milhares de jovens que optavam pelo português como segunda língua estrangeira, nos seus planos de estudos. Em Março de 2001 o *Expresso* contabilizava mais de dez mil estudantes aprendendo a língua de Camões naquele país (“Dez mil senegaleses aprendem língua portuguesa”, *Expresso*, 31.03.2001). Mas o Senegal só chegou aos telejornais por obra e desgraça da guerra na Guiné-Bissau.

Em S. Tomé e Príncipe, um novo governo tomou posse a 5 de Janeiro. A 22, o presidente do Senegal encontra-se, pela primeira vez, com Augustin Diamacoune Senghor, líder da rebelião em Casamansa.

Em Fevereiro, o Senegal torna-se o primeiro país a ratificar o Estatuto de Roma, que criava o Tribunal Penal Internacional. Em finais deste mês soube-se que a secção portuguesa para África dos Serviços Mundiais da BBC iria sofrer um corte orçamental de 60 mil contos anuais (300 mil euros), renunciando, alguns, o fim próximo daquele serviço. Nenhum destes assuntos chegou aos telejornais portugueses.²⁷

Em Março realizaram-se eleições legislativas na Guiné Equatorial, as segundas eleições pluralistas da história deste país. Neste mês, Congo, Quênia, Lesoto, Tanzânia, Uganda e Zâmbia criaram, sob a supervisão do PNUE (Programa das Nações Unidas para o Ambiente), uma *Interpol africana* destinada a combater os crimes contra a vida selvagem.

Entre 15 e 19 de Março teve lugar, em Harare (Zimbabwe), uma conferência

²⁶ Sobre os novos desafios de Makatiani, ver, p. ex., “Ayisi Makatiani, champion of small business in Africa”. *The Economist*, 03.08.2006, www.economist.com.

²⁷ Ver “BBC quase sem língua portuguesa”. *Expresso*, Marina Tadeu, 20.02.1999.

dos ministros africanos da Educação (COMEDAF I), encontro sob a égide da UNESCO e da OUA. Ali se debateram questões de vital importância no campo da educação de crianças e jovens africanos, tendo sido aprovado um *programa de acção* para o decénio seguinte.

A 27 de Março, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a criação de uma comissão de inquérito independente para apurar do papel desempenhado pela ONU aquando do genocídio no Ruanda.

Dois dias depois tiveram lugar, sem quaisquer problemas, as primeiras eleições pós-genocídio, escrutínio destinado a eleger os *conselheiros de célula*, o mais baixo escalão da autoridade administrativa do país.

A 1 de Abril iniciaram-se, no Malawi, as primeiras emissões nacionais de televisão.

A 9 de Abril houve eleições presidenciais no Djibouti, com a oposição brandindo a ameaça crescente de uma *etiopização* do país. Hassan Gouled deixou o poder, que mantinha desde a independência, em 1977. Não registámos qualquer notícia sobre os acontecimentos acima referidos.

Entre 10 e 13 de Abril reuniu-se, em Trípoli (Líbia), o Comité Científico Internacional que, sob a égide da UNESCO, levou a bom porto o “*Projecto História Geral de África*”, uma história de todo o continente africano que passou, a partir de então, a estar disponível em três línguas (inglês, árabe e francês), e em versões incompletas noutras nove. Oito volumes, de 800 a mil páginas cada, um projecto que levou 35 anos a realizar, mobilizando 350 autores. Não mereceu notícia.

Três anos e meio depois da sua exclusão, a Nigéria voltou a ser reintegrada na *Commonwealth*, a 30 de Abril. Assunto ignorado pelos telejornais portugueses.

A Eritreia e o Sudão assinaram, a 2 de Maio, um acordo de restabelecimento de relações diplomáticas, cortadas em 1994. Acordo que punha termo a vários anos de conflito militar entre aqueles dois países. Notícia?, nenhuma.

A 15 de Maio, as tropas da África do Sul e do Botswana decidiram abandonar o Lesoto, onde se encontravam desde Setembro de 1998, alegadamente para tentarem evitar um golpe de Estado naquele país. No ano anterior, todas as televisões noticiaram a invasão, tendo nós contabilizado 28 notícias. A retirada não mereceu uma só notícia. Para quem sabe do mundo apenas aquilo que a televisão noticia, o Lesoto continua um país ocupado.

No dia anterior, o ANC e o partido zulu Inkhata assinaram um acordo de paz na província do Kwazulu-Natal, quando faltavam menos de três semanas para a realização das eleições gerais. Da África do Sul emitiram-se muitas notícias, muitas delas *impregnadas* de violência. A paz foi ignorada, mesmo que o acordo tivesse sido considerado *histórico*.

Em Junho, cinco milhões de malaitas elegeram o presidente e membros

do parlamento. Foi a segunda vez, na história da jovem democracia do Malawi, que se realizaram eleições livres no país. Nenhuma notícia.

Os consumidores de telejornais ouviram falar várias vezes em Casamansa, a propósito da alegada intervenção de rebeldes independentistas desta região na guerra civil da vizinha Guiné-Bissau. Entre 18 e 25 de Junho, decorreram em Banjul, na Gâmbia, umas jornadas de reflexão do Movimento das Forças Democráticas do Casamansa (MFDC), tendo em vista a abertura de negociações de paz com o governo do Senegal. O encontro não foi noticiado. Como também se não noticiou, em Julho, a decisão do governo senegalês de pôr fim às restrições de movimentos do líder da rebelião em Casamansa. O abade Augustin Senghor, secretário-geral do MFDC, encontrava-se sob residência vigiada desde 1993.

Em Junho de 1999, o presidente nigeriano Olusegun Obasanjo cria uma “Comissão de Verdade e Reconciliação”.

Em Julho morreu Joshua Nkomo, vice-presidente do Zimbábue. Apesar do papel de relevo por ele desempenhado na luta pela independência daquele país, o seu desaparecimento não foi objecto de notícia.

Também em Julho decorreu em Argel a 35.^a cimeira da OUA, a mais concorrida desde a fundação desta organização, em 1963. Compareceram 43 chefes de Estado e de governo. Entre outras decisões, destaque para a condenação dos golpes de Estado. A infracção desta directiva passou a ter como consequência imediata a expulsão da OUA. Assinou-se ainda a primeira “*Convenção Africana para a Prevenção e a Luta contra o Terrorismo*”, e Kadhaifi propôs a realização, nos princípios de Setembro, de uma cimeira extraordinária destinada a criar os “*Estados Unidos de África*”. Não foi notícia.

A cimeira proposta por Kadhaifi sempre teve lugar, a 8 e 9 de Setembro. A constituição dos “*Estados Unidos de África*” ficou adiada. O líder líbio apelou para que o continente passasse a ter direito de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas, tendo ainda exigido a devolução, pelo ocidente, dos tesouros “*roubados*” a África. Não foi notícia, como também soçobrou ao crivo da selecção a sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU (27 e 28 de Setembro) destinada a examinar o programa de acção a favor dos pequenos estados insulares em desenvolvimento.

Entre 10 e 15 de Outubro decorreu em Durban a 9.^a Conferência Internacional contra a corrupção.

De 25 a 29 de Outubro decorreu em Addis-Abeba um forum sobre o desenvolvimento de África, organizado pela CEA e subordinado ao tema “*1999: O desafio, para África, da mundialização e da era da informação*”.

E foi ainda em Outubro que os responsáveis máximos do estado nigeriano de Zamfara decretaram a imposição da *charia* no seu território, apesar do presidente do país ter solicitado que o não fizessem. A islamização forçada

do norte do país mais populoso de África (111 milhões de habitantes em 1999), contrariava um dos princípios fundadores da constituição federal, o carácter laico dessa federação. O espectro da secessão, quase trinta anos após o sangrento conflito do Biafra, pairava ameaçador na Nigéria.

Não houve notícias sobre este assunto, como também não vimos qualquer referência ao início do processo de desgazificação dos lagos vulcânicos Nyos e Monouns, nos Camarões, tarefa levada a cabo por especialistas deste país, acompanhados por um grupo de peritos internacionais.²⁸

Entre 15 e 18 de Novembro decorreu, em Abidjan (Costa do Marfim) a Terceira Conferência Internacional sobre a Eliminação da Lepra. Uma doença que atinge milhões de pessoas em todo o mundo, e não apenas no continente africano. O Brasil, a Índia e a Indonésia integravam o grupo dos doze países mais afectados pela doença.

Entre 18 e 20 de Novembro, na Holanda, teve lugar um congresso subordinado ao tema “*África, 10 anos depois: reexame do período pós-guerra fria e os desafios, realizações e fracassos da OUA*”. Ainda em Novembro, o parlamento do Gana votou por unanimidade a ratificação do Estatuto de Roma, que criava o Tribunal Penal Internacional.

Não houve notícias, para os acontecimentos acima mencionados. Noticiou-se o golpe de Estado ocorrido no Níger, em Abril, com o assassinato do presidente Ibrahim Baré Maïnassara. Mas ficou em branco a eleição presidencial ocorrida naquele país em Novembro, e o fim do regime militar, com a tomada de posse de Mamadou Tandja, a 22 de Dezembro.

Em branco, também, as eleições presidenciais e legislativas na Namíbia, a 30 de Novembro. Decorreram sem incidentes.

Em Dezembro começava, na Tunísia, a *caça* à língua francesa, com a *arabisação* global dos ministérios, das administrações oficiais e de todas as instituições do sector público. Os reclamos luminosos em francês desapareceram das fachadas de empresas e instituições privadas.²⁹

Foi em Dezembro que o Tribunal Internacional de Justiça de Haia deu razão ao Botswana, no diferendo que o opunha à Namíbia, quanto à posse de uma pequena ilha fronteiriça (Kasikili/Sedudu), situada no extremo oriental de Caprivi. Seria útil os telespectadores portugueses saberem que também há administrações africanas capazes de dirimirem os seus conflitos sem

²⁸ A catástrofe de Nyos, que fez perto de 2000 mortos, ocorreu em Agosto de 1986, com a libertação de cerca de cem milhões de metros cúbicos de gaz carbónico para as águas profundas do lago. Dois anos antes, situação similar vitimara 37 pessoas no lago Monouns.

²⁹ Ver “A Tunis, la chasse à la langue française est ouverte”. Artigo de Rachid Khachana, no *Al Hayat*, Londres, com republicação no *Le Courrier International*, 02.12.1999.

recurso às armas, preferindo resolvê-los através da arbitragem de instâncias internacionais. Mas não se produziu qualquer notícia sobre a sentença referida.

Nos primeiros dias de Dezembro soube-se da presença, na África do Sul, para tratamentos clínicos, do ex-Presidente etíope Mengistu Hailé Mariam. A imprensa do país agitou a ameaça de “*um caso Pinochet à africana*”, se o Governo de Adis-Abeba decidisse formular um pedido formal de extradição do ex-ditador. É que Mengistu estava a ser julgado à revelia na Etiópia, como principal acusado por crimes de tortura e genocídio contra as figuras gradas do regime marxista que se instalou no poder em Adis-Abeba após o derrube da monarquia em 1974.

A organização de defesa dos direitos humanos *Human Rights Watch* enviou cartas aos ministros sul-africanos da Justiça e dos Negócios Estrangeiros exigindo que Mengistu fosse entregue à justiça etíope ou julgado na África do Sul por crimes contra a humanidade. E o governo etíope haveria de formalizar um pedido de extradição. Mas o ex-ditador escapuliu-se na véspera da entrega desse pedido às autoridades sul-africanas.³⁰

Em Dezembro ocorreu um golpe de Estado na Costa do Marfim. Este país fora considerado, outrora, como um oásis de estabilidade na África Ocidental, o único país africano que chegou a conceder, durante o consulado de Félix Houphouët-Boigny, o direito de voto a cidadãos estrangeiros. Ora, com a chegada ao poder de Henri Konan Bédié, em 1993, abriu-se o que alguns consideraram uma caixa de Pandora, debate aceso em torno da *genuinidade*, da *pureza* da nacionalidade de alguns marfinenses, políticos influentes incluídos. Este debate teve o condão de acirrar a divisão latente entre o norte muçulmano (a chamada *região das savanas*), e a *região das florestas*, o sul maioritariamente cristão. A questão da *nacionalidade duvidosa*, da “*ivoirité*” dos habitantes da Costa do Marfim e, nomeadamente, de alguns políticos, ajudou a acender o rasilho que levaria ao poder o general golpista Robert Gueï. Havia quem temesse próxima secessão deste país, num cenário que os mais pessimistas anteviam à *ruandesa*. Quem se informa apenas pela televisão permanece desconhecedor profundo de todos estes dados, porque a Costa do Marfim, como muitos outros países africanos, hibernam no limbo das agendas até ao dia do golpe de Estado. Mantêm-se à tona durante alguns dias, para voltarem à tumba das agendas, provavelmente até à próxima intontona.

Teria sido possível fazer diferente? A nossa resposta é afirmativa,

³⁰ Ver “Mengistu torna-se num segundo ‘caso Pinochet’?”. *Expresso*, Maria Pons, 04.12.1999; “Mengistu escapa à justa”. *Expresso*, Maria Pons, 11.12.1999.

atendendo aos inúmeros acontecimentos aqui enunciados, muitos deles bulindo, de forma directa, com o futuro do continente. Percebe-se, por esta lista (que está longe de ser exaustiva), que o continente africano *produz* mais do que guerras sangrentas, dramas humanitários, atentados bombistas, sequestros de aviões, etc., etc.

E, mesmo nas áreas onde se revela um continente sofrido e exangue, é possível oferecer aos telespectadores pistas para compreenderem melhor o que está em jogo. É possível, necessário mesmo, antecipar, nas notícias *de hoje*, movimentos e processos que hão-de explicar os acontecimentos de *amanhã*. Não deixando o telespectador desprevenido e atónico mesmo quando há que noticiar a guerra, a tragédia, os golpes de Estado...

Evitando que o telespectador vá sedimentando a opinião de que o continente africano é um mundo à parte, um mundo perdido, para o qual já não vale a pena olhar, com o qual já não deve preocupar-se.

Um continente pejado de *países-cenário*, onde só as motas e os bólides dos estrangeiros que por ali fazem *TT's* e *Granadas-Dakar* funcionam.

Perante *bombardamento* tão intensivo do que de pior vai acontecendo em África, será natural objectar dificuldade em fazer diferente, em noticiar diferente, em seleccionar diferente. O continente africano é um *órgão de Estaline* que só dispara desgraças, e dispara bastantes, ao mesmo tempo. O exercício supra, de listar *brancas* importantes nos noticiários televisivos, pode epitetar-se de ingénua, diletante, irrealista, exercício feito não com os pés bem assentes na terra africana, mas nas nuvens que se passeiam por um paraíso que só o autor destas linhas não considerará perdido.

Por concedermos legitimidade à réplica, decidimos alargar a amostra a outros continentes, olhos postos, sempre, nos países ditos do *terceiro mundo*, nos países pobres, nos países que as convenções cartográficas *desqualificaram*, colocando-os quase todos cá em baixo, no hemisfério sul. Amostra alargada a todos os países da América do Sul, a 14 da América Central, e a 17 países do sul e sudeste asiático.

CAPÍTULO 2

América Central

1. Indicações prévias

Da América Central seleccionámos os seguintes países: Costa Rica, Cuba, Belize, El Salvador, Granada, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Trinidad e Tobago.

2. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva, ou com reduzido número de assuntos noticiados

Do grupo que não foi alvo de qualquer notícia, em 1999, fazem parte o Haiti, República Dominicana, Belize, Granada e Jamaica.

Trinidad e Tobago saiu do *anonimato* noticioso por ter acolhido, em Maio, o concurso *Miss Universo* (1 notícia, 51'') (ver quadro 1).

Nas Honduras, dois tremores de terra, em Julho e Agosto, originaram 6 notícias. O primeiro na fronteira com a Guatemala, o segundo *partilhado* com a Nicarágua. Seguindo o método anteriormente utilizado, contabilizaremos três notícias, com a duração de 1' 37''.

A Costa Rica inaugurou-se em Maio nos telejornais portugueses, três notícias para dar conta da queda de uma bancada no decorrer de um jogo de futebol. 40 feridos, seis deles em estado grave, ocuparam 2' 12''. Em Agosto, um terramoto trouxe mais uma notícia (38''). A última chegou em Setembro, 13 segundos dedicados ao mau tempo naquele país. Em 1999, 5 notícias (3' 03'').

El Salvador estreou-se em Fevereiro, por força do *Guinness Book of Records*. A confecção de uma *paella* gigante foi degustada em duas notícias (2' 37''). Em Março falou-se de eleições presidenciais (3 notícias, 1' 47''); em Agosto de confrontos (1 notícia, 1' 45''); em Setembro de uma manifestação

Quadro 1				AMÉRICA CENTRAL
Países com menor número de assuntos noticiados				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
Trinidad e Tobago	1	1	00' 51"	1. Concurso <i>Miss Universo</i>
Honduras	1	3	01' 37"	1. Tremores de terra
Costa Rica	3	5	03' 03"	1. Queda de bancada em estádio de futebol 2. Terramoto 3. Mau tempo
El Salvador	5	10	09' 44"	1. Confeção de <i>paella</i> gigante 2. Eleições presidenciais 3. Confrontos 4. Festival das bolas de fogo 5. Despiste de autocarro
Panamá	2	10	14' 07"	1. Eleições 2. Entrega, pelos EUA, do canal do Panamá
Guatemala	5	16,5	24' 02"	1. Tremor de terra 2. Denúncias de vítimas do regime militar 3. Vulcão entra em erupção 4. Eleições presidenciais 5. Queda de avião
Nicarágua	6	18,5	16' 06"	1. Queda de avião 2. Portugal envia ajuda humanitária 3. Confrontos 4. Acidente aéreo em festival militar 5. Vulcão entra em erupção 6. Tremor de terra
Total: 7 países	23	64	1h 09' 30"	

religiosa, o festival das bolas de fogo (1 notícia, 1' 10'"); no mês seguinte noticiou-se o despiste de um autocarro (3 notícias, 2' 25'"). No cômputo anual, dez notícias (9' 44'").

Panamá com apenas dois assuntos noticiados em 1999. Em Maio, uma notícia sobre eleições (35'"). Em Dezembro, nove notícias (13' 32'") sobre a *entrega*, pelos EUA, do canal do Panamá às autoridades deste país. Em 1999, dez notícias, durando 14' 07'").

Da Guatemala, noticiou-se um sismo na fronteira com as Honduras, no mês de Abril (1 notícia, 25'"). Em Maio, as denúncias efectuadas por vítimas do regime militar valeram uma notícia (2' 45'"). No mesmo mês, mais três notícias sobre a erupção de um vulcão (7' 04'"). As eleições presidenciais originaram duas notícias, em Novembro e Dezembro (53'"). No último mês do ano, a queda de um avião foi tratada em dez notícias (12' 55'"). Total de 16,5 notícias (24' 02'"), em 1999.¹

Da Nicarágua chegaram notícias da queda de um avião, no mês de Janeiro

Quadro 2	AMÉRICA CENTRAL	Cuba
1. Comemorações dos 40 anos da revolução cubana	15. Casas de la Trova	
2. Encontro de escritores ibero-americanos	16. Evocação da revolução cubana	
3. Denúncias da Igreja Católica contra regime cubano	17. Guarda-costeira dos EUA intercepta <i>balseros</i>	
4. EUA reduzem embargo a Cuba	18. Comemorações do <i>Dia da Rebelião Nacional</i>	
5. Exilada cubana apresenta, em França, queixa-crime contra Fidel	19. Cuba candidata-se à realização dos Jogos Olímpicos de 2008	
6. Julgamento de 4 dissidentes cubanos	20. MNE cubano cancela visita a Portugal	
7. Julgamento de bombista	21. Estragos causados pelo furacão <i>Irene</i>	
8. Equipa norte-americana joga <i>baseball</i> em Cuba	22. MNE cubano visita Portugal	
9. Delegação de empresários portugueses visita Cuba	23. 9.ª Cimeira Ibero-Americana	
10. Novas denúncias da Igreja Católica contra regime cubano	24. Marcha de protesto contra Fidel Castro	
11. Celebrações da Semana Santa	25. <i>Caso Élian González</i>	
12. Preparativos para a 9.ª Cimeira Ibero-Americana	26. Manifestação exige libertação dos presos políticos	
13. Investimento estrangeiro em Cuba	27. Natal em Cuba	
14. Contestação internacional à lei de protecção da independência e da economia	28. Avião comercial dos EUA aterriza em Cuba	
	29. Cidadã cubana pede asilo político a Portugal	
Total: 29 assuntos - 133 notícias		04h 47' 06"

(3 notícias, 1' 36"). Em Fevereiro, a informação do envio, por Portugal, de ajuda humanitária para aquele país, na sequência dos estragos causados pela passagem de um furacão (1 notícia, 2' 00"). O mês de Abril trouxe confrontos (1 notícia, 22"). Em Julho, um acidente aéreo durante um festival militar originou três notícias (2' 14").

Em Agosto, a entrada em erupção de um vulcão foi notícia por oito vezes nas televisões generalistas portuguesas (8' 42"). Neste mês, ainda as notícias do sismo na fronteira com as Honduras (2,5 notícias, 1' 12"). Em 1999, 18,5 notícias referentes à Nicarágua (16' 06").

3. Países com elevado número de assuntos noticiados

3.1. Cuba

Cuba e México destoam do grupo anterior, por terem sido alvo de atenção mais constante dos telejornais portugueses, com o conseqüente (e significativo) aumento do número de notícias.

Em Janeiro noticiaram-se os festejos dos quarenta anos da revolução cubana (9 notícias, 21' 24"), com duas das notícias (5' 54") fazendo referência à presença de José Saramago. Saramago voltou a ser referido numa notícia (2' 29") sobre a realização, em Cuba, de um encontro de escritores ibero-americanos (ver quadro 2).

¹ Seguimos aqui critério adoptado anteriormente, para notícias reportando a mais do que um país. A notícia referente ao sismo na fronteira com as Honduras é dividida entre este país e a Guatemala. Esta indicação serve para outros casos, como o da Nicarágua, que também *partilha* notícias com as Honduras.

Denúncias da igreja cubana contra o regime de Fidel Castro valeram uma notícia (3' 17"). Os EUA anunciaram a redução do embargo à ilha vizinha (2 notícias, 2' 48"); por último, uma exilada cubana apresentou, em França, uma queixa-crime contra Fidel Castro, acusando-o de tráfico de droga e crimes contra a humanidade (3 notícias, 3' 03). Janeiro com 16 notícias (33' 01") referentes a Cuba.

Em Fevereiro Cuba folgou, Março trouxe-nos novas do julgamento de quatro dissidentes (8 notícias, 18' 40"), também do julgamento de Raul León, acusado da autoria de vários atentados bombistas contra turistas (2 notícias, 2' 47"), e de um jogo de *baseball* onde alinhou, pela primeira vez desde a chegada de Castro ao poder, uma equipa dos EUA (1 notícia, 2' 20"). Março com 11 notícias (23' 47").

Abril trouxe-nos notícias reportando a deslocação, a Cuba, de uma delegação de empresários portugueses (3 notícias, 8' 58"); mais denúncias da igreja cubana (1 notícia, 3' 05"), que de todo o modo terá ficado satisfeita com a abertura do regime para a realização das cerimónias religiosas da Semana Santa (1 notícia, 27"). Abril com 5 notícias (12' 30").

Em Maio foi conhecida a sentença do "grupo dos 4" (1 notícia, 2' 40"); deu-se conta dos preparativos para a realização, em Havana, no longínquo mês de Novembro, da 9.^a Cimeira Ibero-Americana (1 notícia, 2' 30"); do investimento estrangeiro no país (1 notícia, 3' 14"); da contestação internacional à lei de protecção da independência e da economia, promulgada pelo governo cubano (1 notícia, 2' 55). O mês findou com uma reportagem sobre as tradicionais casas de espectáculos de Cuba, conhecidas como *Casas de la Trova* (2 notícias, 5' 42"), e com a revolução cubana a ser evocada na rubrica *Imagens do Século*, emitida pelos telejornais da SIC (1 notícia, 1' 14"). Em Maio, 7 notícias, durando 18' 15".

Em Junho, apenas duas notícias (2' 28"), sobre a captura, pela guarda costeira dos EUA, de seis emigrantes ilegais provenientes de Cuba. Em Julho, uma notícia (2' 00") para dar conta das comemorações do *Dia da Rebelião Nacional*. Agosto com uma só notícia também (35"), a da candidatura de Cuba à realização dos Jogos Olímpicos de 2008, *rivalizando* assim com Portugal. O mesmo se verificou em Setembro, uma notícia apenas (57") para anunciar o cancelamento da visita a Portugal do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Cuba. Outubro registou duas notícias, uma dando conta dos estragos causados pela passagem, na ilha, do furacão *Irene* (1' 08"), a outra reportando a visita a Portugal, do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Cuba (3' 35").

Cuba foi palco, em Novembro, da 9.^a Cimeira Ibero-Americana, acontecimento coberto em 54 notícias (2h 10' 04"). Neste grupo de notícias, 23 (51' 19") continham referências a Portugal, representado no encontro por

Jorge Sampaio e António Guterres. Para além da participação na cimeira, os dois políticos mantiveram reuniões com dissidentes cubanos; Jorge Sampaio encontrou-se ainda com o Rei de Espanha.

A cimeira foi precedida por uma marcha de protesto contra Fidel Castro (5 notícias, 7' 15"). E foi em Novembro que começou a despontar o caso *Élian González* (2 notícias, 3' 59"). Novembro com um total de 61 notícias (2h 21' 18").

As manifestações em Cuba, e a exigência do regresso de *Élian* ao solo pátrio, feita pelo governo de Fidel, geraram 15 notícias, com uma duração total de 29' 13". Em duas delas (5' 08") deu-se conta do pedido feito pelo governo cubano ao executivo português, para que este exercesse pressão junto da administração norte-americana, no sentido da libertação de *Élian*.

Outra manifestação, exigindo a libertação dos presos políticos, foi coberta por duas notícias (3' 22"). Falou-se ainda do natal na ilha (1 notícia, 33"), da aterragem pioneira de um avião comercial dos EUA em Havana (4 notícias, 3' 46"), e do pedido de asilo político formulado por uma cidadã cubana na embaixada portuguesa, depois de o seu marido, de nacionalidade portuguesa, ter sido impedido de entrar no país (4 notícias, 10' 38"). Dezembro com 26 notícias (47' 32"). No total anual, contabilizámos 133 notícias (4h 47' 06").

3. 2. *México*

Finalizamos com o México. Uma notícia (49"), em Janeiro, sobre a confecção de um bolo gigante, rumo ao inevitável *Guinness Book*, outra sobre a poluição na capital mexicana (20"), outra ainda dando conta da inauguração, na Cidade do México, por Salman Rushdie, de um centro de apoio a escritores perseguidos (21"). Atensões focalizadas, neste mês, para a visita de João Paulo II (27 notícias, 44' 42"). Janeiro com um total de 30 notícias (46' 12").

Depois do Papa, seguiu-se a visita de Bill Clinton, em Fevereiro (4 notícias, 4' 44"), mês em que se registou a erupção de um vulcão (8 notícias, 6' 40"), e em que um cidadão argentino, casado com uma princesa da casa real italiana, foi encontrado estrangulado no México (1 notícia, 1' 06"). Ainda em Fevereiro, a indicação, feita pelo Instituto Internacional de Imprensa, de que o México era um dos países do mundo onde os jornalistas corriam mais perigo de vida (1 notícia, 20"). Fevereiro com 14 notícias (12' 50") (ver quadro 3).

Em Março apenas uma notícia (1' 15), sobre o jogo da *West Cup*, opondo o México aos EUA. Em Abril, um acidente rodoviário foi coberto por 4 notícias (3' 22").

Em Junho, três acontecimentos em destaque. Um terramoto gerou 12 notícias (9' 46"); mais uma para a passagem de um furacão (1' 20"), e uma última para o assassinato de um popular apresentador de televisão mexicano

Quadro 3	AMÉRICA CENTRAL	México
1. Confeção de bolo gigante	19. Confrontos de estudantes com a polícia	
2. Poluição na Cidade do México	20. Guarda costeira apreende grande quantidade de cocaína	
3. Inauguração de centro de apoio a escritores perseguidos	21. Furacão	
4. Visita de João Paulo II	22. Baleias cinzentas em vias de extinção	
5. Visita de Bill Clinton	23. Terramoto	
6. Erupção de vulcão	24. Incêndio num bairro pobre da Cidade do México	
7. Cidadão argentino, casado com princesa italiana, aparece estrangulado no México	25. Explosões em armazéns de pirotecnia	
8. México é um dos países mais perigosos para jornalistas	26. Descoberta de uma pirâmide	
9. Jogo da <i>West Cup</i>	27. Cheias	
10. Acidente rodoviário	28. Motim em cadeia mexicana	
11. Terramoto	29. Queda de avião	
12. Furacão	30. Visita de Jorge Sampaio	
13. Assassinato de popular apresentador de televisão	31. Descobertas valas comuns com centenas de cadáveres	
14. Jogos de futebol	32. Nascimento de seis gémeos	
15. Colisão de duas embarcações	33. Jovem acorrentado pelos pais a uma bilha de gás	
16. Erupção de vulcão	34. Confrontos entre estudantes e polícia	
17. Massacre	35. Acidente rodoviário	
	36. Baixas temperaturas causam dezenas de mortos	
Total: 36 assuntos - 166 notícias	03h 11' 26"	

(1' 13"). Junho com 14 notícias (12' 19").

Em Julho três notícias sobre futebol (3' 20"), duas (55") reportando colisão entre duas embarcações, uma dando conta da erupção de um vulcão (25"). Ainda um massacre (1 notícia, 1' 20"), e um motim numa prisão mexicana (2 notícias, 1' 19"). O mês de Julho com 9 notícias (7' 19").

Em Agosto, os confrontos entre estudantes e polícia, verificados logo após a final da *Taça das Confederações*, geraram 11 notícias (14' 44"). A apreensão, pela guarda costeira mexicana, de uma grande quantidade de cocaína, valeu uma notícia (24"); mais três dando conta dos estragos causados pela passagem de um furacão (2' 53"); uma última (2' 35") sobre os perigos que corriam as baleias cinzentas, espécie em vias de extinção. Agosto com 16 notícias (20' 36").

Setembro foi mês de mais um sismo (6 notícias, 3' 31"); de um violento incêndio num dos bairros mais pobres da Cidade do México (5 notícias, 3' 50"); de explosões em armazéns de pirotecnia (5 notícias, 5' 23"), e da descoberta, feita por arqueólogos, de uma pirâmide (1 notícia, 2' 00"). Setembro com 17 notícias (14' 44").

As notícias dos efeitos causados pelo sismo continuaram em Outubro (4 notícias, 3' 29"), a que se seguiram inundações (19 notícias, 21' 32"). Por último, a notícia de mais um motim numa cadeia mexicana (1 notícia, 32"). O mês de Outubro com 24 notícias (25' 33").

8 notícias (6' 13") para a queda de um avião, em Novembro; 7 notícias (14' 38"), sobre a visita oficial de Jorge Sampaio ao México; duas para a descoberta, pela polícia norte-americana, de centenas de corpos enterrados em valas comuns (51"); mais duas para o nascimento de seis gémeos (1' 52). As restantes cinco notícias (9' 21") contavam a triste estória de um jovem que

foi acorrentado pelos pais a uma bilha de gás, na tentativa de evitarem que ele *desperdiçasse* tempo nos videojogos. Novembro com 24 notícias (32' 55").

Em Dezembro mais notícias sobre a descoberta das valas comuns (6 notícias, 6' 06"). Confrontos entre polícia e estudantes resultaram em 4 notícias (7' 08"). Ainda houve tempo para reportar um acidente rodoviário (2 notícias, 59"), e a morte de dezenas de pessoas na sequência das baixas temperaturas verificadas no país (1 notícia, 8"). Dezembro com 13 notícias (14' 21"). Em 1999 registámos 166 notícias referentes ao México, com uma duração total de 3h 11' 26".

4. Distribuição geográfica das notícias

Quadro 4 AMÉRICA CENTRAL		
Total de notícias / Tempos de emissão por país		
Países	Notícias	Duração
Trinidad e Tobago	1	00' 51"
Honduras	3	01' 37"
Costa Rica	5	03' 03"
El Salvador	10	09' 44"
Panamá	10	14' 07"
Guatemala	16,5	24' 02"
Nicarágua	18,5	16' 06"
Cuba	133	04h 47' 06"
México	166	03h 11' 26"
Total	363	09h 08' 02"

Do grupo de 14 países da América Central constituintes do *corpus* por nós seleccionado, cinco não foram objecto de qualquer notícia. Dos restantes nove, registámos 363 notícias, com uma duração total de 9h 08' 02" (ver quadro 4). Também aqui se verifica grande disparidade entre um grupo de países alvo de número reduzido de notí-

cias, e um grupo diminuto beneficiando de grande atenção dos telejornais portugueses. As 166 notícias do México representam 45,7% do total de notícias sobre a América Central. Cuba, com 133 notícias, atinge uma percentagem de 36,6%. A soma de notícias destes dois países (299), equivale a um percentagem de 82,4%, restando 64 notícias (17,6%) para os outros sete.

Em tempos de emissão, a percentagem ocupada pelo México e por Cuba é ainda mais significativa. Apesar de ter beneficiado de menos 33 notícias que o México, Cuba liderou os tempos de emissão, com notícias de maior duração. Os 36,6% sobem bastante, com Cuba a ocupar mais de metade do tempo das notícias dedicadas à América Central (52,4%). No México verifica-se uma pequena redução, com os 36,6% do número de notícias passando para 34,9% de tempo de emissão. No conjunto, estes dois países ocuparam 87,3% do total de tempos de emissão, ficando os restantes sete países com uma percentagem residual de 12,7%.

5. Classificação temática das notícias

Da arrumação temática das notícias sobre a América Central (ver quadros 5-A e 5-B), ressalta o elevado peso da cobertura de reuniões internacionais, assim como das visitas de personalidades estrangeiras. Nas restantes categorias, o destaque vai para os acidentes, da mais diversa índole, mas com primazia para os tremores de terra, erupções de vulcões e furacões. No que concerne ao número de notícias, os acidentes naturais surgem em primeiro lugar, com 76 notícias, representando 20,9% do total. Em segundo surgem as reuniões internacionais, com 56 notícias (15,4%); em terceiro as visitas de personalidades estrangeiras (11,3%). As 26 notícias atribuem à categoria “Outros/*Fait divers*” o quarto posto (7,2%). Seguem-se os “Tumultos/Manifestações/Ações de protesto/Greves” e os “Acidentes aéreos”, ambas as categorias com 24 notícias (6,6% para cada); as “Relações tensas entre países”, com 22 notícias (6,1%); a criminalidade (20 notícias, 5,5%); Justiça (16 notícias, 4,4%).

O décimo lugar é ocupado pelas notícias referentes a “Acidentes rodoviários” (9 notícias, 2,5%); seguem-se “Comércio/Indústria/Economia” e “Outros acidentes”, com 8 notícias cada (2,2%); “Desporto” e “Eleições”, com 6 notícias cada (1,7%), “Religião” e “Incêndios”, com 5 notícias por categoria (1,4%).

Quadro 5-A AMÉRICA CENTRAL		Classificação por temas	
Temas	N.º Notícias	Duração	
Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones / Vulcões	76	01h	12' 43"
Acidentes aéreos	24	22'	58"
Acidentes rodoviários	9	06'	46"
Acidentes marítimos	2	00'	55"
Incêndios	5	03'	50"
Outros acidentes	8	07'	35"
Justiça	16	29'	38"
Criminalidade	20	21'	12"
Terrorismo / Atentados / Massacres	2	04'	05"
Tumultos / Manifestações / Ações protesto / Greves	24	34'	36"
Relações tensas entre países	22	44'	47"
Eleições	6	03'	15"
Comércio / Indústria / Economia	8	12'	43"
Cultura / Ciência / Património / Ambiente	4	05'	16"
Religião	5	08'	32"
Desporto	6	07'	30"
Actividades lúdicas / Turismo	3	06'	33"
Reuniões internacionais	56	02h	15' 03"
Visita personalidades estrangeiras	41	01h	13' 02"
Outros / <i>Fait divers</i>	26	47'	03"
Total	363	09h	08' 02"

Quadro 5-B AMÉRICA CENTRAL		Classificação por temas	
	Por ordem decrescente do número de notícias por tema	N.º Notícias	Duração
1	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones / Vulcões	76	01h 12' 43"
2	Reuniões internacionais	56	02h 15' 03"
3	Visita personalidades estrangeiras	41	01h 13' 02"
4	Outros / <i>Fait divers</i>	26	47' 03"
5	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves	24	34' 36"
6	Acidentes aéreos	24	22' 58"
7	Relações tensas entre países	22	44' 47"
8	Criminalidade	20	21' 12"
9	Justiça	16	29' 38"
10	Acidentes rodoviários	9	06' 46"
11	Comércio / Indústria / Economia	8	12' 43"
12	Outros acidentes	8	07' 35"
13	Desporto	6	07' 30"
14	Eleições	6	03' 15"
15	Religião	5	08' 32"
16	Incêndios	5	03' 50"
17	Cultura / Ciência / Património / Ambiente	4	05' 16"
18	Actividades lúdicas / Turismo	3	06' 33"
19	Terrorismo / Atentados / Massacres	2	04' 05"
20	Acidentes marítimos	2	00' 55"
Total		363	09h 08' 02"

A fechar surgem as categorias referentes a notícias sobre “Cultura/Ciência/Património/Ambiente” (4 notícias, 1,1%); “Actividades lúdicas/Turismo” (3 notícias, 0,8%); “Terrorismo/Atentados/Massacres” e “Acidentes marítimos”, com duas notícias cada (0,6%).

Olhando aos tempos de emissão (ver quadro 5-C), a categoria de notícias que reportaram a realização, em países da América Central, de reuniões internacionais, sobe ao primeiro lugar (era segunda, em número de notícias), representando 24,6% do total de duração das notícias do *corpus*. A categoria “Visitas de personalidades estrangeiras” passa do terceiro para o segundo lugar, com 13,3% da duração total. Em terceiro surgem os “Acidentes naturais/Cheias/Terramotos/Ciclones/Vulcões”, baixando dos 20,9% em número de notícias, para os 13,2% em tempos de emissão.

Em quarto encontramos a categoria “Outros/*Fait divers*”, com 8,6%. Seguem-se “Relações tensas entre países”, com 8,2%; “Tumultos/Manifestações/Acções de protesto/Greves”, com 6,3%; “Justiça”, com 5,4%; “Acidentes aéreos”, com 4,2%; “Criminalidade”, com 3,9%; e “Comércio/Indústria/Economia”, com 2,3%, para só referirmos as mais significativas.

6. Notícias do estrangeiro na América Central

Notámos já o peso das notícias referentes à presença de estrangeiros nos países da América Central. Com efeito, a categoria “reuniões internacionais” ocupa o segundo lugar quanto a número de notícias (56 em 363, 15,4%),

Quadro 5-C AMÉRICA CENTRAL		Classificação por temas	
	Por ordem decrescente da duração de notícias por tema	N.º Notícias	Duração
1	Reuniões internacionais (2*)	56	02h 15' 03"
2	Visita personalidades estrangeiras (3)	41	01h 13' 02"
3	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones / Vulcões (1)	76	01h 12' 43"
4	Outros / <i>Fait divers</i> (4)	26	47' 03"
5	Relações tensas entre países (7)	22	44' 47"
6	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves (5)	24	34' 36"
7	Justiça (9)	16	29' 38"
8	Acidentes aéreos (6)	24	22' 58"
9	Criminalidade (8)	20	21' 12"
10	Comércio / Indústria / Economia (11)	8	12' 43"
11	Religião (15)	5	08' 32"
12	Outros acidentes (12)	8	07' 35"
13	Desporto (13)	6	07' 30"
14	Acidentes rodoviários (10)	9	06' 46"
15	Actividades lúdicas / Turismo (18)	3	06' 33"
16	Cultura / Ciência / Património / Ambiente (17)	4	05' 16"
17	Terrorismo / Atentados / Massacres (19)	2	04' 05"
18	Incêndios (16)	5	03' 50"
19	Eleições (14)	6	03' 15"
20	Acidentes marítimos (20)	2	00' 55"
Total		363	09h 08' 02"

* Entre parêntesis assinalamos o lugar ocupado no quadro 15-B.

subindo ao primeiro lugar quando se contabilizam os tempos de duração desse grupo de notícias (2h 15' 03" em 9h 08' 02", 24,6%). A outra categoria, referente à cobertura noticiosa de visitas de personalidades estrangeiras, ocupa o terceiro posto em número de notícias (41 em 363, 11,3%), subindo também um lugar no referente aos tempos de emissão (1h 13' 02" em 9h 08' 02", 13,3%).

O conjunto destas duas categorias representa 26,7% em número de notícias, subindo para 37,9% quando se contam os tempos de duração das 97 notícias que constituem o grupo.

Mas o número de notícias referente a intervenções de estrangeiros é bastante superior, porque também encontramos notícias noutras categorias reportando acontecimentos desencadeados por estrangeiros, ou notícias em que administrações e/ou personalidades estrangeiras são parte interessada. Veja-se o caso da categoria "Comércio/Indústria/Economia". Toda ela é composta por notícias em que intervém um *parceiro* estrangeiro: EUA reduzem embargo a Cuba; avião comercial norte-americano aterra, pela primeira vez em quarenta anos, no aeroporto de Havana; investimento estrangeiro em Cuba; contestação internacional à lei cubana de protecção da independência e da economia.

No caso *Élian González*, os Estados Unidos da América dividiram as honras da cobertura noticiosa com Cuba, como é sabido. A descoberta, no México, de valas comuns contendo centenas de cadáveres, foi da respon-

sabilidade da polícia norte-americana. EUA que também são chamados às notícias quando se trata da entrega do canal do Panamá. O mesmo vale para a intercepção, pela guarda costeira norte-americana, de alguns *balseros*.

Contabilizando todas as notícias com referências a países ou personalidades estrangeiras, encontramos um total de 159 notícias, representando 43,8% do total de notícias sobre a América Central. Um número importante, quase a atingir a metade das notícias, e que ultrapassa mesmo os 50% se olharmos aos tempos de emissão. As 159 notícias ocuparam 5h 08' 37" do tempo total (9h 08' 02"), representando uma percentagem de 56,3%. Neste grupo encontramos 46 notícias referentes a Portugal, com uma duração de 1h 46' 11", o que representa 12,7% do total de notícias sobre a América Central, e 19,4% do tempo total de emissão.

Outro dado a reter reside no facto deste grupo de notícias representar mais em tempos de emissão do que em número de inserções. Isto quer dizer que, no global, as notícias reportando presença de estrangeiros, intervenção destes ou de qualquer forma relacionadas com interesses de estrangeiros duram, em média, mais tempo que o restante grupo.

Comparando o grupo de notícias sobre acidentes naturais com o grupo referente às reuniões internacionais, verificamos que, para 76 notícias do primeiro grupo disponibilizou-se 1h 12' 43", enquanto que para 56 notícias do segundo grupo se disponibilizaram 2h 15' 03". Menos 20 notícias, mas ocupando mais 1h 02' 20". Em média, cada notícia sobre acidentes naturais teve uma duração de 57,4 segundos, enquanto as notícias reportando os encontros internacionais realizados na América Central duraram, em média, 2'24".

Pode arguir-se, e com razão, que os dois grupos retratam acontecimentos com peculiaridades assaz distintas na sua tradução noticiosa. A transformação, em notícia, do andamento de reuniões de cariz político, obriga a um maior dispêndio de tempo do que o necessário para reportar os efeitos de um tufão ou de um tremor de terra. É verdade.

Mas também podemos encontrar outras explicações, à mesma legítimas. Enquanto a maior parte das notícias reportando reuniões internacionais foi, neste caso, da responsabilidade de enviados especiais das televisões portuguesas, já no caso das tragédias naturais as estações portuguesas trabalharam com imagens e despachos enviados por agências noticiosas internacionais. Logo, a presença, no terreno, de correspondentes ou enviados especiais traduz-se na possibilidade de oferecer aos telespectadores um maior detalhe dos acontecimentos noticiados, facto que se pode considerar positivo.²

No campo oposto, também poderemos indagar se as referências às catástrofes naturais e a outros acidentes são incluídas no alinhamento tendo

por base os critérios noticiosos-padrão, que valem para qualquer meio, ou se, pelo contrário, tal tipo de acontecimentos vale sobretudo pelas imagens espectaculares que fornece – a força dos elementos, as poderosas enxurradas, o espectáculo luminoso das torrentes de lava, a par com a tragédia humana que geralmente provocam.

Se não quisermos ficar *refêns* das peculiaridades das notícias que reportam reuniões internacionais, poderemos alargar o cotejo ao grupo de acidentes em geral, e ao grupo de notícias em que há referências ao estrangeiro.

O primeiro grupo, que inclui as categorias “Acidentes naturais/Cheias/Terramotos/Ciclones/Vulcões”, “Acidentes aéreos”, “Acidentes rodoviários”, “Acidentes marítimos” e “Outros acidentes”, totaliza 124 notícias, com uma duração total de 1h 54’ 47”. Aqui, a duração média de cada notícia foi de 55,5 segundos.

O segundo grupo (com notícias de várias categorias, conforme explicação supra, mas sem nenhuma do grupo dos acidentes), totaliza 159 notícias, com uma duração total de 5h 08’ 37”. Aqui, a duração média de cada notícia foi de 116 segundos, mais do dobro da duração média do grupo das notícias referentes a acidentes. E superior também à duração média das 363 notícias que compõem o *corpus* referente à América Central, e que se situa nos 90,58 segundos.

Por último, no que concerne às notícias com referências a estrangeiros, interessará fazer uma comparação com o *corpus* de notícias respeitante a África.

No que toca a Portugal, há um decréscimo significativo, se atendermos ao número de notícias: passa-se de 27,2% para 12,7%. Já no que toca à duração total das notícias, a redução não é, em percentagem, tão acentuada: de 25,5% em África passa-se para 19,4%.

Olhando ao cômputo geral das notícias com referências a estrangeiros, verifica-se o inverso, com um peso acrescido deste tipo de notícias na América Central. Em número de notícias, no continente africano achámos uma percentagem de 33,4%. Na América Central esta cifra representa 43,8%.

² Ao analisar a cobertura efectuada por jornais europeus e norte-americanos da visita de João Paulo II a Cuba (1998), Diego Contreras (2000) considera serem os profissionais residentes nas redacções centrais mais permeáveis à utilização de marcos interpretativos restritivos, de estereótipos, do que os seus colegas que fazem reportagem no terreno: “Da análise da informação deduzimos serem restritivos alguns dos marcos interpretativos usados para dar conta deste evento. Esses marcos interpretativos denotam-se no trabalho dos jornalistas enviados a Cuba, mas sobretudo no trabalho da redacção: escolha de títulos, comentários editoriais, etc. Quanto às razões por detrás desta diferença poder-se-á dizer que os jornalistas que informam desde o lugar onde decorre o evento estão mais em contacto com a realidade e sua riqueza, enquanto que sobre os seus colegas da redacção pesará mais o estereótipo”.

Atendendo aos tempos de emissão, a discrepância é mais significativa, passando de 31,4% em África para 56,3% na América Central.

7. Violência nas notícias da América Central

Tendo já referido duas *macro-categorias*, falta-nos arrumar numa terceira as notícias sobre violência. *Macro-categoria* composta por “Tumultos/Manifestações/Ações de protesto/Greves”, “Criminalidade”, “Relações tensas entre países” e “Terrorismo/Atentados/Massacres”. Encontramos um total de 68 notícias, representando 18,7%. Quanto a tempos de emissão (1h 44’ 40”), uma subida ligeira, para os 19,1%. Apesar da inexistência de guerra e golpes de Estado na América Central, em 1999, o número de notícias reportando violência adquire mesmo assim algum significado. Se lhe somarmos o grupo de notícias sobre acidentes, verificamos que as duas *macro-categorias* atingem, com 192 notícias, os 52,9%. Em tempos de emissão (3h 39’ 27”), esta percentagem desce para os 40%.

CAPÍTULO 3

América do Sul

1. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva; países com menor número de assuntos noticiados, e/ou menor número de notícias

Trabalharemos com todos os países que integram este subcontinente. Na América do Sul, apenas as Guianas e o Suriname não foram objecto de qualquer notícia, em 1999.

Do Uruguai, uma notícia (1' 00''), em Julho, referente a um jogo de apuramento para a *Copa América*, em futebol; outra notícia (36''), em Outubro, dando conta da realização, naquele país, de um jogo para a *Taça MercoSul*; mais duas notícias (43''), em Novembro, sobre as eleições presidenciais. Em 1999, 4 notícias (2' 19'').

A primeira referência sobre a Bolívia surge em Janeiro, através da administração norte-americana. Uma notícia (38'') dava conta do decréscimo de produção de cocaína, naquele país. Longo silêncio até Julho, mês em que os confrontos de rua voltaram a colocar o país no mapa noticioso das televisões portuguesas (2 notícias, 3' 08''). Em Agosto, uma tempestade valeu uma notícia (34''); um incêndio justificou outra notícia (22''); e as comemorações do *Dia do Cão* valeram uma terceira menção (1' 40''). Despedidas em Dezembro, duas notícias (2' 32'') para um acidente rodoviário, uma viagem turística que terminou em tragédia devido às más condições atmosféricas. Em 1999, 8 notícias (8' 54'').

No Equador, Março foi um mês agitado. As medidas draconianas impostas pelo presidente Jamil Mahuad Witt originaram oposição popular sem precedentes, com a Frente Patriótica apelando à desobediência civil. Mahuad recuou, mantendo-se na presidência (9 notícias, 10' 54''). Em Julho, os protestos regressaram às ruas, acompanhados de violência (2 notícias, 5' 22''). No mês seguinte, três notícias (1' 39'') para a queda de um avião particular, com cinco mortes registadas. Em 1999, 14 notícias (17' 55'').

Do Chile chegou, em Janeiro, notícia de milhares de hectares de florestas

consumidos pelas chamas (1 notícia, 50''). A polícia procurava, em Abril, um antigo capitão nazi, acusado de sevícias a menores (1 notícia, 1' 25''). Em Maio houve confrontos entre estudantes e a polícia (2 notícias, 2' 04''). Julho foi mês da revelação de provas documentais, segundo as quais a CIA e a administração norte-americana da época tinham conhecimento das atrocidades cometidas pelo regime de Pinochet (1 notícia, 1' 42'').¹

Em Agosto, uma notícia (1' 09'') deu conta dos estragos causados por chuvas torrenciais em Santiago. Em Setembro, uma manifestação na capital chilena degenerou em violência, com mortes a assinalar (1 notícia, 48'').

Em Outubro, quatro notícias (8' 12'') dando conta de manifestações, umas acusando júbilo e outras pesar, pela primeira decisão da justiça londrina, de extraditar Pinochet para Espanha. O ano fechou com mais confrontos (1 notícia, 1' 28''), novas das eleições presidenciais (5 notícias, 7' 30'') e confrontos num jogo de futebol (3 notícias, 3' 53''). O Chile com 20 notícias (29' 01''), em 1999.

No Peru houve cheias em Fevereiro (7 notícias, 8' 43''); festejos de carnaval (1 notícia, 1' 00'') e confrontos violentos com a polícia (4 notícias, 3' 37''), em Março; o mau tempo regressou em Maio (1 notícia, 36''). Junho foi mês de futebol, um jogo de preparação da selecção nacional para a *Copa América* valeu uma notícia (55''). Folga até Outubro, mês para seis notícias (7' 56'') dando conta de uma intoxicação alimentar que vitimou 28 crianças. Em Novembro, uma notícia (46'') dando conta da contestação dos trabalhadores a novas leis laborais. O ano fechou com relatos de mais manifestações dos trabalhadores (1 notícia, 1' 21''), das cheias (1 notícia, 23''), da queda de um autocarro numa ravina (2 notícias, 1' 05''), de um desfile de *motards* (1 notícia, 50''), e de protestos na rua contra um terceiro mandato de Alberto Fujimori (1 notícia, 42''). Em 1999, 27 notícias (27' 54'').

O Paraguai chegou à ribalta noticiosa por força de uma grave crise política (assassinato, em plena via pública, do vice-presidente Luis Argaña, seguido da renúncia do presidente Raúl Cubas, este substituído de imediato pelo presidente do senado, González Macchi), naquilo a que muitos observadores qualificaram como *golpe de Estado*. Foi em Março, assunto coberto por 11 notícias (11' 10'').

Os jogos finais da *Copa América* em futebol, realizados neste país, renderam, em Junho e Julho, 35 notícias (55' 39''). Em 1999, 46 notícias, com uma duração total de 1h 06' 49'').

¹ Decidimos excluir as notícias sobre os desenvolvimentos do pedido de extradição de Pinochet, pedido feito pelas autoridades judiciais espanholas, e que tenham ocorrido fora do Chile.

Quadro 1				AMÉRICA DO SUL
Países com menor número de assuntos noticiados				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
Uruguai	3	4	02' 19"	1. Futebol (<i>Copa América</i>) 2. Futebol (<i>Taça MercoSul</i>) 3. Eleições
Bolívia	6	8	08' 54"	1. Diminui produção de cocaína 2. Confrontos 3. Tempestade 4. Incêndio 5. Comemorações do <i>Dia do Cão</i> 6. Acidente rodoviário
Equador	4	14	17' 55"	1. Manifestações 2. Golpe de Estado 3. Protestos contra a carestia de vida degeneram em violência 4. Queda de avião particular
Chile	10	20	29' 01"	1. Incêndio florestal 2. Polícia procura ex-capitão nazi acusado de seviciar menores 3. Confrontos entre estudantes e polícia 4. Governantes americanos sabiam das atrocidades praticadas pela ditadura militar de Pinochet 5. Chuvas torrenciais 6. Manifestação degenera em violência 7. Manifestações a favor e contra extradição de Pinochet 8. Confrontos 9. Eleições presidenciais 10. Pancadaria em jogo de futebol
Peru	11	27	27' 54"	1. Cheias 2. Festejos de carnaval 3. Confrontos 4. Mau tempo 5. Jogo de preparação da selecção nacional (futebol) 6. Intoxicação alimentar vitima 28 crianças 7. Manifestações contra leis laborais 8. Cheias 9. Acidente rodoviário 10. Desfile de <i>motards</i> 11. Protestos contra terceiro mandato de Fujimori
Paraguai	2	46	01h 06' 49"	1. Golpe de Estado 2. Finais da <i>Copa América</i> (futebol)
Total: 6 países	36	119	02h 32' 52"	

2. Países com maior número de assuntos noticiados, e/ou maior número de notícias

2.1. Colômbia

O ano noticioso da Colômbia começou com uma tentativa gorada de acordo entre o governo e a guerrilha, em Janeiro (11 notícias, 14' 01"). Houve notícias de massacres (3 notícias, 6' 01"), também do desastre de um autocarro (1

Quadro 2	AMÉRICA DO SUL	Colômbia
1. Negociações entre governo e guerrilha	16. Explosão de camião armadilhado	
2. Massacres (V)	17. Acidente aéreo	
3. Desastre de autocarro (V)	18. Ataques dos paramilitares (extrema-direita)	
4. Tremores de terra (V)	19. Homem mata mulher e suicida-se, <i>por causa</i> do eclipse solar	
5. Confrontos entre tropas governamentais e guerrilha (V)	20. Desfile de roupa interior	
6. Preparação da selecção nacional de futebol para a <i>Copa América</i>	21. Grande apreensão de droga	
7. Cimeira de Cartagena das Índias	22. Manifestação contra a guerra civil	
8. Queda de bancada em estádio de futebol	23. Indivíduo confessa violação, tortura e decapitação de cerca de 140 crianças (V)	
9. Sequestro de avião	24. Chuvas intensas	
10. Desabamentos causados pelo mau tempo (V)	25. Carro armadilhado explode em Bogotá	
11. Jogadores de pólo aquático fazem <i>striptease</i> para angariar dinheiro	26. Guerrilha ataca esquadras de polícia	
12. <i>Taça Libertadores da América</i> (futebol) (V)	27. Passagem de um furacão	
13. Explosão em conduta de combustível	28. Exatidão de um <i>barão da droga</i> para os EJA	
14. Presidiários fogem da cadeia	29. Motim numa penitenciária	
15. Dois jornalistas obrigados a abandonar o país		
Total: 29 assuntos - 164 notícias		03h 52' 18"

notícia, 48''). O maior volume noticioso resultou da cobertura das consequências dos tremores de terra que assolaram (e devastaram) a Colômbia (56 notícias, 1h 48' 58'').

Em Fevereiro ainda três notícias (5' 03'') sobre as trágicas consequências dos sismos do mês anterior. A onda de violência prosseguia naquele país (1 notícia, 28''), não impedindo, contudo, a preparação da selecção nacional de futebol para a *Copa América* (1 notícia, 1' 23''). Na cimeira de Cartagena das Índias não se chegou a acordo quanto à adopção mundial de regras de segurança biológica (1 notícia, 2' 09'').

Em Março, um novo massacre perpetrado pela guerrilha (4 notícias, 3' 33''), e a queda de uma bancada num estádio de futebol, causando dezenas de feridos (5 notícias, 5' 22'').

O sequestro de um avião gerou duas notícias em Abril (2' 01''), mês em que também se falou de desabamentos causados pelo mau tempo (3 notícias, 2' 56'').

Maiο chegou com a notícia (2' 00'') do *striptease* realizado por atletas de pólo aquático, sem dinheiro para praticarem a modalidade. Duas notícias (1' 21'') deram conta da queda de um autocarro; uma tratou de mais um massacre (30''), outras duas (1' 47'') de confrontos entre o exército colombiano e a guerrilha. E houve *Taça dos Libertadores da América*, em futebol (1 notícia, 48'').

Dos confrontos com a guerrilha continuou a dar-se conta em Junho (2 notícias, 1' 41''), mês em que ocorreu uma explosão numa conduta de combustível (1 notícia, 1' 19''), a fuga de meia centena de presidiários de uma penitenciária colombiana (3 notícias, 2' 35''). Fuga bem diferente, a de dois jornalistas, obrigados a abandonar o país por terem divulgado imagens de um comerciante barbaramente agredido por populares perante a passividade

da polícia (2 notícias, 3' 46"). A *Taça dos Libertadores da América* rendeu mais duas notícias (1' 40").

Julho prosseguiu na senda de violência habitual. Combates entre as forças governamentais e a guerrilha geraram 7 notícias (6' 53"); mais sete para a explosão de um caminhão armadilhado (8' 12"). Despenhou-se um avião, provocando a morte dos quatro tripulantes (2 notícias, 50").

Em Agosto, mais ataques, mais mortes, da guerrilha (1 notícia, 44"), também dos paramilitares de extrema-direita (1 notícia, 1' 20"). Registaram-se dois sismos de intensidade média (1 notícia, 1' 24"), e um homem resolveu matar a mulher, para se suicidar em seguida (1 notícia, 1' 02"). Razões explicadas num bilhete, tudo *por culpa* do eclipse solar que aí vinha...

Mais combates das tropas governamentais contra a guerrilha, em Setembro (2 notícias, 2' 05"). Para desanuviar, um desfile de roupa interior (1 notícia, 1' 42").

Em Outubro, operação conjunta da polícia da Colômbia e dos EUA conseguiu a apreensão de dezenas de quilos de droga (1 notícia, 1' 48"). Houve uma manifestação contra a guerra civil (1 notícia, 46"); um indivíduo confessou a violação, tortura e decapitação de cerca de 140 crianças (8 notícias, 17' 02"). O mês findou com chuvas intensas (1 notícia, 1' 31").

Mais pormenores sobre o assassinio em série das crianças colombianas, em Novembro (4 notícias, 2' 20"). Um carro armadilhado explodiu numa zona residencial de Bogotá (4 notícias, 4' 29"); dias depois, ataques da guerrilha a esquadras da polícia (2 notícias, 1' 07"). A passagem de um furacão valeu uma notícia (25"), a extradição de um *barão da droga* para os EUA foi tratada em 3 notícias (2' 46").

Em Dezembro, mais um ataque da guerrilha (1 notícia, 25"). Um motim numa penitenciária foi reportado em 5 notícias (3' 54"). Deu-se um deslizamento de terras (1 notícia, 35"); o psicopata que assassinou cerca de 140 crianças foi condenado a 52 anos de prisão (1 notícia, 48"). 164 notícias, com a duração total de 3h 52' 18", em 1999, sobre a Colômbia.

2. 2. *Argentina*

Da Argentina chegaram-nos, em Janeiro, novas de um acidente com um autocarro (4 notícias, 3' 09"); da detenção de um general argentino acusado de várias mortes (1 notícia, 30"); de violentos incêndios (1 notícia, 50"); e do futebol (2 notícias, 1' 50").

O *desporto-rei* da Argentina (e das televisões portuguesas) monopolizou todas as notícias de Fevereiro, duas para um torneio amigável (3' 17"), três para uma greve dos futebolistas locais (4' 18").

Em Março também houve algumas notícias sobre futebol. Três delas deram

Quadro 3	AMÉRICA DO SUL	Argentina
1. Acidente com autocarro	16. Choque entre comboio e camião	
2. Detenção de general argentino acusado várias mortes	17. Confrontos com a polícia	
3. Incêndios (V)	18. Motim em prisão	
4. Jogos de futebol (V)	19. Argentinos já podem visitar as Falklands	
5. Greve de jogadores de futebol	20. Homenagem a jogador de futebol	
6. Pancadaria em jogos de futebol (V)	21. Manifestação de taxistas	
7. Extinção de clube de futebol	22. Chilavert lesionado	
8. Colónia de pinguins ameaçada	23. Queda de avião	
9. Contestação violenta à visita do Príncipe Carlos	24. Eleições presidenciais	
10. "El Portugués" ficou nove anos na Argentina à espera que lhe devolvessem a mota	25. Argentinos querem Bossio de volta	
11. Descoberta de múmias incas	26. Presidente argentino contra juiz espanhol	
12. Bebê-hipopótamo no zoológico de Buenos Aires	27. Explosão em supermercado	
13. Rali da Argentina	28. Festival de cinema da América Latina	
14. Choque entre camião e autocarro	29. Maradona eleito melhor desportista do século	
15. Implosão de prédios	30. Grupo de mulheres argentinas recebe Prémio da UNESCO para a Paz	
Total: 30 assuntos - 110 notícias	02h 16' 52"	

conta de um jogo amigável que terminou com cenas pouco amigáveis (4' 34'"); outras quatro reportaram jogos *não amigáveis* que terminaram em bem (4' 41'"); a penúltima deu conta de um clube que já não vai mais aos amigáveis nem aos inamistosos: extinguiu-se (1' 00'"); a última, de uma crise de resultados noutra grande clube argentino (1' 29'").

Ameaças pairando sobre uma colónia de pinguins no sul do país valeram uma notícia (1' 32'"); três deram conta da violenta contestação à visita que o Príncipe Carlos efectuou ao país (5' 47'"). A fechar Março, contou-se o caso de Luís Ribeiro (*El Portugués*), que terá ficado nove anos na Argentina em virtude dos serviços alfandegários se terem recusado a entregar-lhe a mota em que viajava (2 notícias, 4' 27'").

Abril trouxe mais sete notícias de futebol (7' 36'"), duas notícias sobre a descoberta de múmias incas em perfeito estado de conservação (1' 43), e a chegada de um bebê-hipopótamo ao jardim zoológico de Buenos Aires (1 notícia, 1' 12'").

Em Maio notou-se uma ligeira diminuição no número de notícias sobre futebol, foram 6 (8' 26'"). O Rali da Argentina empatou, em número de notícias, com o futebol, mas perdeu ao cronómetro (8' 07'"). As restantes duas notícias (47'") deram conta do choque entre um camião e um autocarro de turistas, provocando a morte de 22 pessoas.

Duas notícias sobre futebol, em Junho (2' 57'"), uma terceira sobre a implosão de uns prédios num centro turístico (34'").

Em Julho, uma notícia (36'"), para dar conta da morte de três pessoas, na sequência do choque entre um comboio e um camião de transporte de combustível.

Em Agosto não foi o futebol a dominar, mas a violência. Que também esteve presente no futebol, mais precisamente num jogo da terceira divisão (1 notícia, 1' 22'"). Houve mais confrontos violentos, nas ruas, com a polícia

(5 notícias, 3' 41''), um motim numa prisão (3 notícias, 3' 55''), e um incêndio (1 notícia, 28''). Pela primeira vez desde a guerra nas Falklands (Malvinas), os argentinos foram autorizados a visitar as ilhas (1 notícia, 23''); promoveu-se homenagem a um jogador do *River Plate* (1 notícia, 1' 50'').

Setembro trouxe-nos uma manifestação de taxistas (1 notícia, 34''); o Argentina-Brasil em futebol (3 notícias, 4' 22''); a lesão do guarda-redes Chilavert, paraguaio ao serviço de um clube argentino (1 notícia, 50''), e a queda de um avião, que fazia a ligação Córdoba-Buenos Aires, originando a morte de cerca de 80 pessoas (9 notícias, 16' 12'').

Em Outubro Fernando de la Rúa ganhou as eleições presidenciais (9 notícias, 11' 11''). Os argentinos pediram a *devolução* do guarda-redes Bossio, ao serviço do Benfica, alegando falta de pagamento do contrato por parte do clube português (2 notícias, 3' 07''). A selecção argentina de futebol venceu a congénere colombiana (1 notícia, 1' 12''), tendo-se noticiado ainda outro jogo de futebol, este da *Taça MercoSul* (1 notícia, 38'').

Em Novembro, uma notícia (1' 51'') para dar conta da contestação do presidente argentino Carlos Menem à decisão de um magistrado espanhol, que emitiu mandatos de captura para dezenas de militares argentinos, acusados de genocídio, tortura e outros crimes. Cinco notícias sobre futebol (7' 20''), duas reportando uma explosão num supermercado (2' 00''), mais duas (1' 48'') sobre o filme vencedor do festival de cinema da América Latina, a decorrer na Argentina.

O ano fechou com Maradona eleito melhor desportista argentino do século (2 notícias, 2' 05''); uma notícia do campeonato argentino de futebol (1' 43''); outra sobre eleições (35''). Um grupo de mulheres argentinas recebeu o Prémio da UNESCO para a Paz (1 notícia, 23''). Em 1999, 110 notícias, com uma duração total de 2h 16' 52'').

2. 3. Venezuela

Três portugueses que se encontravam desaparecidos foram encontrados mortos, enterrados em sacos com cal, na Venezuela. Para a polícia, tratou-se de uma vingança. Em Janeiro, 2 notícias (3' 42'').

Mais notícias da Venezuela, só em Julho, com a chegada de Hugo Chávez ao poder (9 notícias, 11' 25''). No mês seguinte verificaram-se confrontos

Quadro 4	AMÉRICA DO SUL	Venezuela
1. Portugueses encontrados mortos, enterrados em sacos com cal	5. Eleição de <i>Mister Venezuela</i>	
2. Hugo Chávez vence eleições presidenciais	6. Furacão	
3. Confrontos entre apoiantes e opositores de Chávez	7. Cheias	
4. Manifestações de apoio ao novo presidente	8. Queda de helicópteros	
	9. Queda de avião	
Total: 9 assuntos - 294 notícias		10h 21' 09"

entre apoiantes e opositores do novo presidente (1 notícia, 1' 55"). Em Setembro duas notícias (3' 13") reportam manifestações de apoio a Chávez. Novembro trouxe-nos a eleição de *Mister Venezuela* (2 notícias, 3' 52"), e um furacão (1 notícia, 38").

Dezembro foi mês de tragédia, as cheias causando milhares de mortos, num cenário de terrível desolação. Catástrofes desta magnitude trazem sempre consigo as inevitáveis pilhagens, por vezes acidentes colaterais, como os que se verificaram com vários helicópteros (um deles transportando portugueses) e um avião cubano², engrossando assim o número de mortos. A presença de uma vasta comunidade de emigrantes portugueses na Venezuela intensificou a cobertura da tragédia, naquele país e também em Portugal, com recolha de depoimentos de familiares desses emigrantes. O Secretário de Estado da Cooperação deslocou-se à Venezuela, governo e organizações não-governamentais portuguesas enviaram equipas de socorro e ajuda humanitária, havendo ainda a registar várias declarações de António Guterres, Jorge Coelho e Alberto João Jardim sobre o drama dos venezuelanos e da comunidade portuguesa ali radicada. Registámos 277 notícias, com uma duração de 9h 56' 24". Deste grupo, 143 notícias (5h 07' 28") referiam-se à situação dos emigrantes portugueses, ou reportavam as intervenções acima mencionadas, de autoridades governamentais e outras organizações lusas. Verificamos assim que as notícias com referências a Portugal representaram 51,6% do total de notícias sobre o drama vivido na Venezuela. No que reporta aos tempos de duração das notícias, a percentagem é também de 51,6%.

No total do ano, a Venezuela contou com 294 notícias, para uma duração total de 10h 21' 09".

2. 4. *Brasil*

Do Brasil, em Janeiro, duas notícias (2' 06") sobre a prova de atletismo *S. Silvestre de S. Paulo*; duas (5' 36") sobre o *monumental* restaurante do futebolista Ronaldo; duas (3' 30") sobre o campeonato do mundo de futebol de praia, a decorrer no Rio de Janeiro; outra sobre o novo disco de Fafá de Belém (1' 09"); duas (1' 25") sobre a tomada de posse do Presidente da República.

O guarda-redes do Benfica, Michel Preud'Homme, protagonizou um dos casos desportivos do mês. Foi ao Brasil, queria ficar no *Fluminense*, mas a direcção do clube português não alinhou no negócio, e o belga teve que regressar a Portugal, mesmo contrafeito por estar a ganhar sem jogar (17 notícias, 29' 04").

² Contabilizámos 25 notícias (48' 43") sobre os desastres aéreos ocorridos neste período.

Outra transferência gorada foi a de Jardel. O *Palmeiras* demonstrou interesse no goleador, ao tempo no Futebol Clube do Porto, mas o negócio não se concretizou (8 notícias, 14' 39").

À boleia de investigação feita por jornal brasileiro, a *SIC* primeiro, a *RTP1* depois, *descobriram* Álvaro Costa em Gaia. O português era procurado pela Interpol por alegada responsabilidade no naufrágio de um *ferry boat*, nos festejos de passagem do ano, em 1989. Condenado pela justiça brasileira, fugiu da prisão, refugiando-se em Portugal (4 notícias, 8' 24"). O Padre Rossi celebra missa a cantar, valeu uma notícia (2' 58"). E depois veio a crise financeira no país-irmão, com repercussões mundo fora, Portugal não foi excepção. Contabilizámos 53 notícias (1h 35' 48"), 12 das quais (25' 04") dando conta do impacto da crise na bolsa e nas empresas portuguesas, e oito (12' 21") reportando os reflexos nas bolsas mundiais.

Em Fevereiro as finanças brasileiras recuperavam mal do estado comatoso, pese a drástica redução das notícias sobre o assunto. Foram 8 notícias (12' 46"), duas delas (3' 08") dando conta do debate havido sobre a crise brasileira no Fórum Económico Mundial, que se realizou em Davos, na Suíça. A SONAE inaugurou fábrica no Brasil, a cerimónia contou com a presença do ministro Pina Moura (2 notícias, 3' 44").

Naufragou um barco na Amazônia (4 notícias, 5' 02"). Anunciou-se a transposição, para cinema, da história da descoberta do Brasil, numa cooperação entre brasileiros, portugueses e norte-americanos (3 notícias, 7' 48"). E falou-se do sucesso de *Central do Brasil*, nomeado para os *Oscars* de Hollywood (2 notícias, 4' 58"). Fevereiro é mês de carnaval, folia que sabe sempre bem, mas melhor ainda em tempos de crise (37 notícias, 1h 00' 28").

Em Março as cheias trouxeram-nos 11 notícias (19' 58"). A crise financeira amainava (2 notícias, 4' 11"), o FMI prometeu ajuda (1 notícia, 1' 38"). Carlos Carvalhas esteve no Brasil (1 notícia, 3' 02").³ A polícia brasileira desmantelou uma rede criminosa, especialista no rapto de idosos (2 notícias, 2' 45"). Os responsáveis da selecção brasileira decidiram-se, finalmente, a chamar Jardel (5 notícias, 5' 17").

Abril foi mês de Grande Prémio de Fórmula I (7 notícias, 9' 55"); realizou-se a Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, com grande destaque dado à literatura portuguesa (10 notícias, 20' 16"); uma notícia mais (2' 02") sobre um livro do brasileiro Gilberto Dupas, pondo o dedo nas feridas do *capitalismo global*. O ex-director do Banco do Brasil foi detido, depois de se recusar a dar explicações a uma comissão de inquérito (1 notícia, 2' 01)

³ Houve mais notícias sobre a presença do Secretário-Geral do PCP no Brasil. Como em tais notícias Carlos Carvalhas se pronunciava apenas sobre a situação em Portugal (demissões na Polícia Judiciária e no SIS, não foram por nós contabilizadas).

Quadro 5	AMÉRICA DO SUL	Brasil
1. S. Silvestre de S. Paulo	45. Greve de camionistas	
2. <i>Monumental</i> restaurante do futebolista Ronaldo	46. <i>Programa do Ratinho</i>	
3. Campeonato do mundo de futebol de praia	47. <i>Tiazinha</i>	
4. Novo disco de Fafá de Belém	48. Colónia de nudistas Colina do Sol	
5. Tomada de posse do Presidente da República	49. Programa <i>Feiticeira</i>	
6. Preud'Homme no Fluminense?	50. Julgamento de 150 polícias brasileiros	
7. <i>Palmeiras</i> interessado em Mário Jardel	51. Cientista alerta contra <i>Estrada da Morte</i>	
8. Interpol procura Álvaro Costa, refugiado em Gaia	52. Linhas telefónicas de tarot e astrologia facturam milhões	
9. Padre Rossi reza a missa a cantar	53. Durão Barroso visita o Brasil	
10. Grave crise financeira no Brasil (V)	54. Manifestações contra política económica de Fernando Henrique Cardoso	
11. SONAE inaugura fábrica no Brasil	55. Morte de D. Hélder Câmara	
12. Naufrágio de barco na Amazónia	56. Incêndios devastam florestas brasileiras	
13. Descoberta do Brasil transposta para o cinema	57. Morte de 3 turistas portugueses nas cataratas de Iguazu	
14. Sucesso do filme <i>Central do Brasil</i> (V)	58. Brasil pede convocação do Conselho de Segurança da ONU para analisar situação em Timor	
15. Festejos de Carnaval	59. Brasil envia militares para Timor	
16. Cheias	60. Missa de solidariedade para com o povo maubere, no Rio de Janeiro	
17. Carlos Carvalhas visita o Brasil	61. Caimões do Brasil com regime alimentar especial	
18. Desmantelada rede de rapto de idosos	62. Descoberta de <i>Luisa</i> , porventura o mais antigo fóssil humano do continente americano	
19. Jardel chamado à selecção brasileira (V)	63. Amália Rodrigues deixa saudades (também) aos brasileiros	
20. Grande Prémio de Fórmula 1	64. Morte de João Cabral de Melo Netto	
21. Bienal do Livro do Rio de Janeiro	65. <i>Multas</i> cobradas a quem deixa comida no prato	
22. Livro de Gilberto Dupas, sobre o capitalismo global	66. <i>Sucesso</i> de telenovela <i>Tiro e Queda</i>	
23. Detenção de ex-director do Banco do Brasil	67. Transferências de estrelas televisivas	
24. Maria José Ritta em S. Salvador da Baía	68. Preparativos para a <i>passagem do milénio</i>	
25. Temporal no Rio de Janeiro	69. Motim numa prisão	
26. Tiroteio em escola brasileira	70. Dificuldades aquando da mudança da numeração telefónica	
27. Enfermeiro acusado da morte de 131 doentes terminais	71. Documentário premiado por Hollywood	
28. Filme <i>Amor e Companhia</i>	72. Futebolista Leandro apanhado a altas horas numa discoteca	
29. Morte de Dias Gomes	73. Pelé eleito <i>Desportista do século</i>	
30. Corrupção no Brasil	74. Pormenores das gravações da telenovela <i>Terra Nostra</i>	
31. Reservas esgotadas para a <i>passagem do milénio</i> em alguns hotéis do Rio de Janeiro	75. Novo dicionário da língua portuguesa causa controvérsia no Brasil	
32. Cimeira no Rio de Janeiro	76. Mário Soares visita o Brasil	
33. 350 reclusos evadem-se de prisão de alta segurança	77. Mulher tem filho na estrada e gémeo no hospital	
34. Tiroteio entre traficantes de droga	78. Casamento de Ronaldo	
35. Direcção de hospital acusada de fraude financeira	79. <i>Passagem do milénio</i> acentua misticismo	
36. Pancadaria em jogo de futebol	80. Tudo preparado para <i>enfrentar o bug do milénio</i>	
37. Jogos de futebol (V)		
38. Marinheiros brasileiros homenageiam Cabral		
39. Evocação dos 500 anos da descoberta do Brasil		
40. <i>Green Peace</i> alerta para perigos de destruição da Amazónia		
41. Maior assalto de sempre a um banco brasileiro		
42. Autocarro cai de ponte, em Belo Horizonte		
43. Brasil revoga tratado com Portugal, contra dupla tributação		
44. Remodelação ministerial		
Total: 80 assuntos - 400 notícias		12h 43' 25"

Maria José Ritta esteve em S. Salvador da Baía, participando nas comemorações dos 450 anos da cidade (1 notícia, 1' 49").

Em Maio mais uma notícia (2' 02"), da presença, em terras baianas, da mulher do Presidente da República; mais notícias da Bienal do Rio (3 notícias, 6' 50"), cidade fustigada por um temporal (5 notícias, 3' 57"). Houve tiroteio numa escola brasileira (2 notícias, 4' 25"); um enfermeiro foi

detido, suspeito de ter causado a morte a 131 doentes terminais do hospital público onde trabalhava (4 notícias, 9' 03"). Voltou a falar-se do filme *Central do Brasil* (2 notícias, 5' 52"), também de outro filme, *Amor e Companhia*, uma co-produção luso-brasileira (1 notícia, 2' 30"), e morreu Dias Gomes (2 notícias, 3' 28"). Uma notícia ainda sobre corrupção no Brasil (25"), outra (3' 03") dando conta de que os hotéis da Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, já tinham as reservas esgotadas para a passagem do ano.

A maior cimeira de sempre de chefes de Estado e de governo, reunindo países da União Europeia, América do Sul e América Central, teve lugar no Rio de Janeiro, em Junho. Cobertura efectuada em 19 notícias (51' 12"), seis das quais (21' 20") com depoimentos dos governantes portugueses presentes no encontro. 350 reclusos conseguiram fugir de uma prisão de alta segurança em São José dos Campos, nos arredores de S. Paulo (3 notícias, 4' 59"); registou-se tiroteio entre grupos de traficantes de droga (2 notícias, 1' 48"); a direcção do Hospital de Beneficência do Rio de Janeiro foi acusada de fraude financeira (3 notícias, 8' 35").

O Brasil também tinha que picar o ponto no campeonato da violência em jogos de futebol (3 notícias, 4' 13"). Mas houve jogos de futebol em que a paz imperou (3 notícias, 5' 05"), e Jardel voltou a ser convocado para a selecção brasileira (1 notícia, 0' 31"). Um grupo de marinheiros brasileiros aportou a Portugal, depois de longa viagem desde terras de Vera Cruz, home-nageando Cabral (2 notícias, 7' 35").

Evocaram-se os 500 anos da descoberta do Brasil (1 notícia, 2' 20"), o *Green Peace* alertou, uma vez mais, para os perigos de destruição da Amazónia (1 notícia, 48").

Maior assalto de sempre a um banco no Brasil, desta feita coube a desdita ao Banco Central do Brasil, corria Julho (4 notícias, 5' 19"). Um autocarro caiu de uma ponte, em Belo Horizonte, 20 mortos e 60 feridos (5 notícias, 6' 57"). O governo brasileiro revogou unilateralmente um acordo, em vigor há 30 anos, que evitava a dupla tributação entre Portugal e o Brasil (3 notícias, 4' 09"). Houve duas notícias da *Taça Mercosul* em futebol (3' 27").

Fernando Henrique Cardoso pediu a todos os ministros para colocarem os seus lugares à disposição, primeira etapa de uma profunda remodelação do seu gabinete (2 notícias, 51"). Houve greve dos camionistas (5 notícias, 7' 11"). Na *TVI* deu-se grande destaque, nos telejornais, ao *Programa do Ratinho*, *rampa de lançamento* noticiosa rumo aos *especiais* que a estação dedicou ao triste fenómeno protagonizado por Carlos Massa (10 notícias, 25' 00"). O mesmo procedimento para outro "*fenómeno de audiências*" *made in* Brasil, de seu nome *Tiazinha*. Mereceu 3 notícias (9' 15") em Julho, mereceria mais em Agosto.

Os *sobrinhos* portugueses assistiram, em Agosto, a mais seis *promo news*

do programa da *Tiazinha* (10' 50"). "*Tiazinha representa uma explosão de sedução*", "*Tiazinha tornou-se maior que o show de tv*", garantiam os jornalistas, motivos mais do que suficientes para os espectadores ansiarem pelo início da transmissão dos programas. No informativo *Directo XXI*, a notícia chegou, finalmente, para a todos descansar: "*Falta uma hora e meia para que Tiazinha tire a máscara, aqui na TVP*".

A estação de Queluz reincidiu passado algum tempo, os programas sobre a colónia de nudistas *Colina do Sol* a merecerem seis *promo news* nos teletornais, com uma duração total de 17' 50".⁴ Dias depois da *Tiazinha* ter passado pela *TVI*, os portugueses ficaram a saber que a senhora já tinha sucessora no Brasil. Chamava-se *Feiticeira*, veio "*substituir a 'Tiazinha'*" e "*satisfaz todos os desejos dos concorrentes*". O programa também passou na *TVI*, os teletornais da estação deram conta da passagem em cinco *notícias* (11' 23").

Entretanto, sempre aconteceram outras coisas, Brasil fora. Por exemplo, o julgamento de 150 polícias brasileiros, acusados da morte de 19 camponeses, ligados ao movimento contestatário dos *Sem Terra* (9 notícias, 11' 25"). Um cientista brasileiro lançou novo alerta contra a *Estrada da Morte*, no Brasil (1 notícia, 2' 31"); soube-se que, no país-irmão, as chamadas de valor acrescentado para linhas de tarot e astrologia facturavam milhões, levando à *falência* alguns clientes (1 notícia, 3' 20"); Durão Barroso visitou o Brasil (5 notícias, 7' 35"), por onde se sucederam manifestações contra a política económica de Fernando Henrique Cardoso (6 notícias, 7' 31"). Morreu D. Helder Câmara, o *bispo vermelho* (8 notícias, 14' 29").

Em Setembro, uma notícia (2' 09") para os incêndios que devastavam florestas brasileiras; quatro (10' 15") para a morte de três turistas portugueses, na sequência da colisão de duas embarcações, nas cataratas de Iguaçu; cinco notícias (10' 01") para futebol *pacífico*; quatro para futebol violento (7' 18").

A pedido de Portugal, o Brasil decidiu apoiar a convocação de uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, para debater o caso de Timor (3 notícias, 15' 14"). Dias mais tarde enviaria um reduzido contingente de militares para Timor (3 notícias, 1' 43"). No Rio de Janeiro realizou-se missa de solidariedade para com o povo maubere (1 notícia, 2' 05").

⁴ Apesar de não as termos incluído na contabilidade de notícias referentes ao Brasil, a promoção dos dois programas sobre a *Colina do Sol* gerou ainda mais quatro notícias (9' 35"), estas sobre o *estado da nação nudista* em Portugal. O *newspeg* promocional deu-nos a conhecer a única praia oficial de nudismo no Algarve; a existência de apenas três praias onde se pode praticar oficialmente o nudismo, em Portugal; as queixas da associação de nudistas *Planeta Azul* pelos obstáculos criados à prática do nudismo; ainda uma entrevista com a naturista/nudista Io Apoloni.

Ficámos ainda a saber que os caimões do Brasil têm direito a um regime alimentar especial (1 notícia, 1' 50''), e da descoberta de *Luísa*, porventura o mais antigo fóssil humano do continente americano (1 notícia, 1' 45'').

Amália Rodrigues morreu em Outubro, deixou saudades também junto dos brasileiros (2 notícias, 5' 40''). João Cabral de Melo Netto morreu em Outubro (4 notícias, 5' 22''). No Brasil, os donos de alguns restaurantes passaram a *cobrar multas* a quem deixasse comida no prato (2 notícias, 6' 18''). Por lá, a telenovela *Tiro e Queda* estava a ser só tiro nas audiências, jurava a *TVI*, com a imparcialidade jornalística de quem estreava, na altura, *Tiro e Queda* cá em Portugal (3 notícias, 5' 47'').

A *SIC* preferiu dar conta de novos episódios no campeonato de transferências de estrelas televisivas no Brasil (1 notícia, 3' 17''), notícia em *rodapé* da transferência do ano, a de Herman José, da *RTPI* para o canal de Francisco Balsemão.

Libertaram-se mais pormenores sobre os preparativos para a *passagem do milénio*, no Brasil (2 notícias, 3' 12''); houve futebol (2 notícias, 1' 14''), motim numa prisão (1 notícia, 1' 31''), e pormenores das dificuldades sentidas pelos brasileiros, quando por lá ocorreu uma mudança na numeração telefónica (2 notícias, 6' 31'').

Em Novembro, um documentário brasileiro sobre a presença de Portugal no mundo foi premiado por Hollywood (2 notícias, 6' 31''). Jardel voltou à selecção brasileira, e ficou contente, apesar de não ter marcado golos (2 notícias, 5' 37''). Menos contente ficou o ex-sportinguista Leandro, apanhado a *altas horas da madrugada treinando* numa discoteca. Como castigo, os responsáveis do Flamengo mandavam-no de regresso ao Sporting, mas não mandaram (7 notícias, 12' 15''). Pelé foi eleito o "*Desportista do século*" (1 notícia, 1' 18'').

A *SIC* desvendou pormenores das gravações de *Terra Nostra* (1 notícia, 3' 15''). A telenovela estreava nesta estação no dia seguinte.

No último mês do ano, gerou-se controvérsia no Brasil, em torno do novo dicionário da língua portuguesa (2 notícias, 7' 12''); Mário Soares esteve no Brasil (1 notícia, 3' 08''); jogou-se a final da *Taça Mercosul* (2 notícias, 3' 24''); uma mulher teve um filho na estrada, sendo conduzida de ambulância ao hospital para o parto do gémeo (1 notícia, 1' 00'').

No Brasil também há natal (1 notícia, 1' 48''), Milene Domingues casou-se nesse dia com o futebolista Ronaldo (3 notícias, 4' 30''). O fim d'ano também por lá passa. A chegada do *novo milénio* reforçou o lado místico de uns tantos, escolhendo criteriosamente os alimentos da última ceia, também a roupa a usar (2 notícias, 8' 55''). Dia 29 ainda se falava do *bug do milénio*, ia correr tudo bem (2 notícias, 3' 17'').

Não podemos revelar o desfecho do *caso do bug*, porque já são novas de

2000. Revelamos, sim senhor. Correu tudo bem. Ouvimos num dos telejornais de dia 1 que “o ano 2000 foi recebido, no Brasil, com imensa alegria, como sempre, e muito calor”. Em 1999 registámos 400 notícias referentes ao Brasil, com a duração total de 12h 43’ 25”.⁵

3. Distribuição geográfica das notícias

Quadro 6 AMÉRICA DO SUL		
Total de notícias / Tempos de emissão por país		
Países	Notícias	Duração
Uruguai	4	02’ 19”
Bolívia	8	08’ 54”
Equador	14	17’ 55”
Chile	20	29’ 01”
Peru	27	27’ 54”
Paraguai	46	01h 06’ 49”
Colômbia	164	03h 52’ 18”
Argentina	110	02h 16’ 52”
Venezuela	294	10h 21’ 09”
Brasil	400	12h 43’ 25”
Total	1.087	31h 46’ 36”

Do grupo de países situados na América do Sul, apenas as Guianas e o Suriname não foram objecto de qualquer notícia. Dos restantes dez, registámos 1087 notícias, com uma duração total de 31h 46’ 36” (ver quadro 6). A exemplo do que já verificáramos no continente africano e na América Central, de novo se constata uma grande disparidade entre um grupo de países

objecto de um número reduzido de notícias, e um grupo diminuto beneficiando de grande atenção por parte dos *gatekeepers* dos telejornais portugueses.

As 400 notícias do Brasil representam uma percentagem de 36,8% do total de notícias sobre a América do Sul. A Venezuela, com 294 notícias, atinge uma percentagem de 27%. Somando as notícias destes dois países, verificamos que o grupo atinge uma percentagem de 63,8%, restando 36,2% para os restantes oito países. A soma de notícias do Uruguai, Bolívia, Equador, Chile, Peru e Paraguai (119 no total), representa 10,1%.

Em tempos de emissão, a percentagem ocupada pelo Brasil sobe, passando dos 36,8% para os 40%. O mesmo acontece com a Venezuela, que sobe de 27% para 32,6%. No conjunto, estes dois países atingem uma percentagem de 72,6% do total de tempos de emissão, ficando os restantes oito países

⁵ Pode estranhar-se a existência de poucas notícias sobre o futebol brasileiro. Não aconteceu, assim, de facto. Houve cobertura detalhada dos sucessos e desaires da selecção brasileira, também dos clubes de topo do futebol brasileiro. Mas tal cobertura noticiosa incidiu sobretudo em competições internacionais, realizadas fora do Brasil (casos da fase final da *Copa América*, no Paraguai, da *Taça das Confederações*, no México, da *Taça Intercontinental*, que teve lugar em Tóquio, ou de jogos particulares entre clubes, alguns realizados fora do Brasil). Pelo método que temos vindo a seguir, tais notícias foram contabilizadas no país de realização de tais competições (no grupo da América Central, para a *Taça das Confederações*, que teve lugar no México; e no Paraguai, para a *Copa América*). O mesmo vale para as outras competições, como a *Taça Mercosul*, indexando-se a cada país os jogos realizados *em casa* pelos clubes.

Quadro 7-A		AMÉRICA DO SUL		Classificação por temas	
Temas		N.º Notícias	Duração		
Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones / Vulcões		346	11h	44'	31"
Acidentes aéreos		39	01h	07'	24"
Acidentes rodoviários / ferroviários		20		19'	46"
Acidentes marítimos		8		15'	17"
Incêndios		5		04'	39"
Outros acidentes		14		16'	37"
Justiça		11		15'	52"
Criminalidade		64	01h	37'	08"
Terrorismo / Atentados / Massacres		51		55'	17"
Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves		67	01h	31'	20"
Golpes de Estado		11		11'	10"
Relações tensas entre países		4		06'	00"
Eleições		28		32'	49"
Crises políticas		2		00'	51"
Comércio / Indústria / Economia / Media		104	03h	34'	08"
Cultura / Ciência / Património / Ambiente		34	01h	13'	32"
Religião		1		02'	58"
Desporto		153	03h	50'	32"
Actividades lúdicas / Turismo		42	01h	09'	31"
Mortes naturais		16		28'	59"
Animais		4		06'	14"
Reuniões internacionais		20		53'	21"
Visita personalidades estrangeiras		11		21'	20"
Outros / <i>Fait divers</i>		32	01h	07'	20"
Total		1.087	31h	46'	36"

Quadro 7-B		AMÉRICA DO SUL		Classificação por temas	
	Por ordem decrescente do número de notícias por tema	N.º Notícias	Duração		
1	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones / Vulcões	346	11h	44'	31"
2	Desporto	153	03h	50'	32"
3	Comércio / Indústria / Economia / Media	104	03h	34'	08"
4	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves	67	01h	31'	20"
5	Criminalidade	64	01h	37'	08"
6	Terrorismo / Atentados / Massacres	51		55'	17"
7	Actividades lúdicas / Turismo	42	01h	09'	31"
8	Acidentes aéreos	39	01h	07'	24"
9	Cultura / Ciência / Património / Ambiente	34	01h	13'	32"
10	Outros / <i>Fait divers</i>	32	01h	07'	20"
11	Eleições	28		32'	49"
12	Reuniões internacionais	20		53'	21"
13	Acidentes rodoviários / ferroviários	20		19'	46"
14	Mortes naturais	16		28'	59"
15	Outros acidentes	14		16'	37"
16	Visita personalidades estrangeiras	11		21'	20"
17	Justiça	11		15'	52"
18	Golpes de estado	11		11'	10"
19	Acidentes marítimos	8		15'	17"
20	Incêndios	5		04'	39"
21	Animais	4		06'	14"
22	Relações tensas entre países	4		06'	00"
23	Crises políticas	2		00'	51"
24	Religião	1		02'	58"
Total		1.087	31h	46'	36"

com uma percentagem de 27,4%.

4. Classificação temática das notícias

Da arrumação temática das notícias sobre a América do Sul (ver quadros 7-A e 7-B), ressalta o elevado peso das notícias referentes aos acidentes naturais, um total de 346, quase raiando a terça parte de notícias sobre o subcontinente (31,8%). O desporto (na sua quase totalidade com notícias de futebol), ocupa a segunda posição em número de notícias (153), o que equivale a 14%. Em terceiro lugar encontramos a categoria “Comércio/Indústria/Economia/Media”, com 104 notícias (9,6%). Assinale-se, no entanto, o peso que as notícias sobre os *media* ocupam nesta categoria. E fazemos esta ressalva porque 34 notícias (1h 23’ 20”) reportam a *promo news* de programas a exibir pelas estações portuguesas. Não se noticia o êxito dos programas televisivos, antes se promove um produto em exibição nas estações lusas.

Segue-se a categoria referente a “Tumultos/Manifestações/Acções de protesto/Greves”, com 67 notícias (6,2%). A “criminalidade” ocupa o quinto lugar, com 64 notícias (5,9%); as notícias sobre “Terrorismo/Atentados/Massacres”, no total de 51, aparecem no sexto posto (4,7%), seguidas de “Actividades Lúdicas/Turismo” (42 notícias, percentagem de 3,9%).

“Acidentes Aéreos” (39 notícias; 3,6%), “Cultura/Ciência/Património/Ambiente” (34 notícias; 3,1%), “Outros/*Fait divers*” (32 notícias; 2,9%), “Eleições” (28 notícias; 2,6%), “Reuniões internacionais” e “Acidentes rodoviários/ferroviários”, com 20 notícias cada (1,8%), são as categorias seguintes.

Em 14.º lugar encontramos as notícias sobre “Mortes naturais” (16 notícias; 1,5%), em 15.º os “Outros Acidentes” (14 notícias; 1,3%). “Visitas de personalidades estrangeiras”, “Justiça” e “Golpes de Estado” têm 11 notícias cada, o que equivale a uma percentagem de 1%.

No final da tabela encontramos os grupos de notícias sobre “Acidentes marítimos” (8 notícias), “Incêndios” (5 notícias), “Animais” (4 notícias), “Relações tensas entre países” (4 notícias), “Crises políticas” (2 notícias) e “Religião” (1 notícia).

Olhando aos tempos de emissão (ver quadro 7-C), as três primeiras categorias em número de notícias ocupam os mesmos lugares, verificando-se depois uma troca entre as notícias sobre “Criminalidade” e as referentes a “Tumultos/Manifestações/Acções de Protesto/Greves”. As notícias sobre crimes sobem ao quarto lugar, com a outra categoria mencionada a descer para o quinto posto.

A categoria de notícias reportando cheias, terremotos e demais fúrias dos elementos destaca-se sobremaneira das restantes, com 11h 44’ 31”, o que

Quadro 7-C		AMÉRICA DO SUL	Classificação por temas	
	Por ordem decrescente da duração de notícias por tema	N.º Notícias	Duração	
1	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones / Vulcões (1*)	346	11h	44' 31"
2	Desporto (2)	153	03h	50' 32"
3	Comércio / Indústria / Economia / Media (3)	104	03h	34' 08"
4	Criminalidade (5)	64	01h	37' 08"
5	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves (4)	67	01h	31' 20"
6	Cultura / Ciência / Património / Ambiente (9)	34	01h	13' 32"
7	Actividades lúdicas / Turismo (7)	42	01h	09' 31"
8	Acidentes aéreos (8)	39	01h	07' 24"
9	Outros / <i>Fait divers</i> (10)	32	01h	07' 20"
10	Terrorismo / Atentados / Massacres (6)	51		55' 17"
11	Reuniões internacionais (12)	20		53' 21"
12	Eleições (11)	28		32' 49"
13	Mortes naturais (14)	16		28' 59"
14	Visita personalidades estrangeiras (16)	11		21' 20"
15	Acidentes rodoviários / ferroviários (13)	20		19' 46"
16	Outros acidentes (15)	14		16' 37"
17	Justiça (17)	11		15' 52"
18	Acidentes marítimos (19)	8		15' 17"
19	Golpes de Estado (18)	11		11' 10"
20	Animais (21)	4		06' 14"
21	Relações tensas entre países (22)	4		06' 00"
22	Incêndios (20)	5		04' 39"
23	Religião (24)	1		02' 58"
24	Crises políticas (23)	2		00' 51"
Total		1.087	31h	46' 36"

* Entre parêntesis assinalamos o lugar ocupado no quadro 7-B

equivalente a uma bojudá percentagem de 37%. Verificamos também que este grupo de notícias sobe 5,2 pontos percentuais em relação à classificação por número de notícias (detinha aí 31,8%).

Bem distante fica a categoria seguinte, das notícias do desporto, com 3h 50' 32", equivalente a 12,1%, descendo assim dos 14% registados na tabela anterior.

Quanto à terceira categoria, referente a notícias sobre "Comércio/ Indústria/ Economia/Media", atinge uma percentagem de 11,2%, superior aos 9,6% quando se atende ao número de notícias.

Apesar de subirem ao quarto lugar, as notícias sobre crimes descem no cotejo percentual, passando de 5,9% para 5,1%. Descida também para o grupo de notícias referentes a tumultos (passa dos 6,2% para os 4,8%).

As notícias sobre "Cultura/Ciência/ Património/Ambiente" sobem do nono para o sexto lugar, subida acompanhada em percentagem (de 3,1% para 3,9%).

Em sétimo continua o grupo de notícias referente a "Actividades Lúdicas/ Turismo" (3,6%); "Acidentes Aéreos" mantém-se no oitavo lugar (3,5%). Para nono sobe "Outros/*Fait divers*", que em número de notícias ocupava o décimo lugar (3,5%). Nesta posição encontramos o grupo de notícias sobre "Terrorismo/Atentados/Massacres" (2,9%) (era sexto em número de notícias).

Subida também do grupo referente às “reuniões internacionais” (2,8%) (de 12.º para 11.º), por troca com as notícias sobre “Eleições” (1,7%) (de 11.º para 12.º). “Mortes naturais” surge em 13.º lugar (1,5%) (era 14.º), seguido de “Visitas de personalidades estrangeiras” (1,1%) (sobe de 16.º para 14.º), e “Acidentes Rodoviários/ferroviários” (1%) (desce de 13.º para 15.º).

As últimas posições são ocupadas pelos grupos de notícias “Outros acidentes” (0,9%) (desce de 15.º para 16.º); “Justiça” (0,8%) (mantém-se no 17.º lugar); “Acidentes marítimos” (0,8%) (passa de 19.º para 18.º); “Golpes de Estado” (0,6%) (desce de 18.º para 19.º); “Animais” (0,3%) (sobe de 21.º para 20.º); “Relações tensas entre países” (0,3%) (sobe de 22.º para 21.º); “Incêndios” (0,2%) (desce de 20.º para 22.º); “Religião” (0,1%) (sobe de 24.º para 23.º), e “Crises políticas” (0,04%) (desce de 23.º para 24.º).

Repetindo exercício que já fizemos nas notícias referentes ao continente africano, agrupamos agora alguns dos grupos de notícias em *macro-categorias*. Verificamos que o grupo de notícias referente aos acidentes (“Acidentes naturais/Cheias/Terramotos/Ciclones/Vulcões”; “Acidentes aéreos”; “Acidentes rodoviários/ferroviários”; “Acidentes marítimos”; “Incêndios”, “Outros acidentes”) é composto por 432 notícias, o que equivale a uma percentagem de 39,7%.

Em tempos de emissão, esta *macro-categoria* ocupou 13h 48’ 34” das 31h 46’ 36” disponibilizadas ao subcontinente, representando assim 43,4%, uma subida de 3,7 pontos percentuais, se cotejada com o número de notícias. Notório o peso que os acidentes dos mais variados géneros têm na selecção dos editores dos telejornais portugueses.

Quanto à violência, o agrupamento das categorias “Criminalidade”, “Tumultos/Manifestações/Acções de protesto/Greves”, “Golpes de Estado” e “Terrorismo/Atentados/Massacres” dá-nos 193 notícias, representando 17,8% do total de notícias sobre a América do Sul.

Quanto a tempos, esta *macro-categoria* ocupou 4h 14’ 55”, representando 13,4% do total de notícias (descida de 4,4 pontos percentuais, se comparada com a percentagem obtida em número de notícias).

5. Notícias do estrangeiro na América do Sul

O peso das notícias relativas a reuniões internacionais e visitas de personalidades estrangeiras é reduzido, se comparado com as percentagens obtidas na América Central, não andando muito longe das percentagens do continente africano. Enquanto na América Central, as notícias sobre reuniões internacionais ocupam o 2.º posto (em 20 possíveis), representando 15,4% do total (em número de notícias), na América do Sul a percentagem é de apenas 1,8% (12.º lugar, em 24 possíveis). Quanto à cobertura de visitas de

dignitários estrangeiros, na América Central este grupo de notícias ocupa o 3.º lugar (em 20 possíveis), representando 11,3% (em número de notícias). Já na América do Sul representa apenas 1% do total de notícias, localizando-se no 16.º posto (em 24 possíveis).

Há no entanto uma característica constante a este grupo de notícias, e que se traduz numa duração média maior do que a média do total de notícias. Assim, cada notícia reportando reuniões internacionais realizadas em países da América do Sul durou, em média, 160 segundos (2' 40"). As notícias sobre visitas de personalidades estrangeiras tiveram uma duração média inferior, quedando-se nos 116 segundos (1' 56"). Em ambos os casos, valores superiores à média de duração do total de notícias sobre o subcontinente sul-americano, que é de 105,2 segundos (1' 45").

A presença de interesses forasteiros não se resume, no entanto, às duas categorias acima referidas, a exemplo do que já verificámos anteriormente no continente africano e na América Central. Muitas outras notícias de outras categorias reportam a interesses estrangeiros, voltando a adquirir especial predominância os interesses de Portugal.

Com efeito, as notícias sobre a América do Sul mas relacionadas com Portugal atingiram um total de 293, o que equivale a uma percentagem de 27%. Esta cifra reflecte, em parte, o peso das notícias sobre o drama vivido pelos emigrantes portugueses na Venezuela, aquando dos trágicos acontecimentos do final de 1999. Recorde-se que, das 277 notícias contabilizadas para a Venezuela em 1999, 143 reportavam à situação dos emigrantes lusos, iniciativas do governo português e associações humanitárias do nosso país. Uma percentagem de 51,6% do total de notícias registadas sobre a Venezuela.

No cômputo global, as 293 notícias reportando a Portugal consumiram 10h 46' 50" das 31h 46' 36" dedicadas à América do Sul. Analisando o total de tempos de emissão, este quinhão de notícias representa percentagem mais significativa do que quando analisamos o número total de notícias, passando de 27% para 33,9%.

Fazendo o mesmo exercício, mas agora em relação a outros países estrangeiros, registámos 81 notícias, com uma duração de 2h 11' 36". Em número de notícias, a percentagem é de 7,5%, descendo para os 6,9% se atendermos aos tempos de duração do grupo.

Juntando os dois grupos, temos então um total de 374 notícias com referências a países, entidades, organizações ou personalidades estrangeiras, o que equivale a uma percentagem de 34,4%. Olhando aos tempos de emissão, as 12h 58' 26" representam 40,8% do total disponibilizado pelas redacções televisivas portuguesas à América do Sul.

No que concerne à duração média das notícias destes dois grupos, mantém-

-se a tendência de uma maior duração das notícias referentes a interesses portugueses, se cotejadas com a duração média global das notícias sobre a América do Sul. Já no caso de outros países essa tendência inverte-se. As notícias reportando interesses portugueses atingiram uma duração média de 132,5 segundos (1' 12''), superior em 16,5 segundos à duração média global, que é de 116 segundos (1' 56'').

No grupo de notícias referente a outros países, a duração média por notícia é de 97,4 segundos (1' 37''), 19 segundos abaixo da média global.

Somando o grupo de Portugal com os restantes países forasteiros, a média encontrada é de 124,8 segundos por notícia, 8 segundos acima da média global.

Logo, para além de um grupo importante de notícias sobre a América do Sul atender a interesses forasteiros, esse grupo de notícias é também privilegiado com uma maior duração média por notícia.

E quando o interesse é residente na própria estação, aí a duração média das notícias sobe em flecha. Referimo-nos ao que designamos por *promo news*, notícias incluídas nos telejornais, dando *informações* sobre programas a emitir pela própria estação. Para sermos mais rigorosos, publicidade em forma de notícia. Vejamos o caso da *TVI*, com 30 *promo news* publicitando, em Julho e Agosto, os *fenómenos* brasileiros *Ratinho*, *Tiazinha*, *Feiticeira*, também a colónia de nudistas *Colina do Sol*. Há a acrescentar mais quatro *promo news*, três dando conta do sucesso da telenovela *Tiro e Queda*, exibida pela *TVI*, e uma abrindo os bastidores de *Terra Nostra*, a exibir pela *SIC*. Para estas 34 *notícias* disponibilizou-se 1h 14' 18'', cada uma delas com a duração média de 147 segundos (2' 27''), logo 41,8 segundos acima da duração média do global de notícias sobre o subcontinente

6. Espectáculo e violência nas notícias da América do Sul

Na cobertura noticiosa da América do Sul há outros pormenores que julgamos merecerem devido realce. O cotejo do número e da duração de notícias dedicado a alguns acontecimentos que a seguir destacamos demonstra bem o privilégio dado ao espectáculo e à violência por parte dos telejornais portugueses.

Em Janeiro, a tomada de posse de Fernando Henrique Cardoso como Presidente do Brasil mereceu duas notícias, com a duração de 1' 25''. No mesmo mês, o *monumental* restaurante do futebolista Ronaldo valeu o mesmo número de notícias, mas com uma duração total de 5' 36''. O restaurante do futebolista leva a palma também à famosa *S. Silvestre de S. Paulo*. Esta consagrada prova de atletismo foi coberta também em duas notícias, mas durando apenas 2' 06''.

A morte do poeta João Cabral de Melo Netto, ocorrida em Outubro de 1999, foi tratada em quatro notícias, duas na *RTP1*, duas na *SIC*, com uma duração total de 5' 22". No mesmo dia em que o *Último Jornal* da *SIC* dava conta do passamento do poeta, duas outras notícias sobre o Brasil conseguiam beneficiar de mais tempo. 6' 18" oferecidos a um *fait divers*: os proprietários de alguns restaurantes brasileiros haviam começado a *multar* os clientes que deixavam comida nos pratos!

Continuámos a encontrar exemplos vários da aplicação da *regra a imagem faz a notícia*. Num dos casos, o próprio apresentador do informativo denuncia o *valor-imagem* da peça que introduz, deixando implícito que não há por ali nenhum *valor-notícia*. Referimo-nos à implosão de uns prédios em Mar del Plata, na Argentina. “*As imagens são sempre espectaculares, o uso da implosão como técnica para demolir edifícios*” – confessa o *pivot*, passando em seguida as imagens da implosão dos prédios. E ficou a informação de que, no lugar dos prédios será construído um parque de estacionamento para um casino ...

Outra notícia dava conta da extinção de um clube argentino, o *Racing Club de Avellaneda*. O clube estava falido, foi encerrado por ordem do tribunal. Os sócios e simpatizantes da agremiação revoltaram-se, vieram para a rua dar largas ao seu desencanto. Era esta a informação-base. Percebe-se, no final da notícia, que o *móbil* da sua selecção era outro. O ex-presidente do clube, Héctor Lalin, veio à rua tentar acalmar os sócios, mas levou com uma panela na cabeça. Não se vê sangue, Lalin continuou de pé após o *atentado*. Como levar com uma panela na cabeça não é coisa que aconteça todos os dias, e menos vezes passará na televisão, a agressão foi-nos servida de novo, agora noutra ângulo, e em câmara lenta!

Note-se que não se tratava de nenhum clube português, o alvo não foi Vale e Azevedo, José Roquete ou Pinto da Costa. Nem da vizinha Espanha, mas da longínqua Argentina. A notícia, veiculada pelo *Jornal da Tarde* (*RTP1*) a 6 de Março de 1999, reportava-se a facto ocorrido dois dias antes. Como a notícia não surgiu datada (é proibido dizer *anteontem aconteceu*), os telespectadores por certo a receberam como uma ocorrência *fresca*, da noite anterior.

Há mais. Três dias depois da notícia, a *Câmara de Apelações dos tribunais da cidade de La Plata* expediu despacho aclaratório, no qual se informava que a ordem de liquidação de bens do clube o não impedia de continuar a participar nos campeonatos da AFA (Associação de Futebol da Argentina). O que efectivamente veio a acontecer. E com tal sucesso que o *Racing*, há anos sem conta jejuando conquistas de campeonato, se veio a sagrar campeão argentino nos finais de 2001.

Do despacho de dia 9 a *RTP1* não deu conta. Para os seguidores dos

noticiários da estação, o *Racing Club de Avellaneda* continuou extinto e enterrado por muitos e bons tempos, até ao dia em que uma qualquer vitória sobre o *River Plate* ou o *Boca Juniores* o terá trazido de novo ao convívio dos telespectadores portugueses. Que, ficcionamos, terão exclamado: “*Mas este clube não tinha sido extinto?!?*”

O privilégio dado à violência pode trazer-nos situações como a de reportar tumultos num jogo de futebol da terceira divisão argentina, como fez a *TVI*, no *TVI Jornal* (13h 30), a 25 de Agosto de 1999. No final do jogo entre o desconhecido *Chaco Forever* e o mais que desconhecido *Sarmiento*, houve confrontos entre adeptos das duas equipas, intervenção da polícia, 25 feridos a registar. Nada que divergisse de milhentas outras imagens de muitas outras peijas pouco desportivas em jogos de futebol, mundo fora. Não é difícil avançarmos para exercício inverso. Tumultos num jogo da terceira divisão portuguesa, por exemplo entre o *Caçadores das Taipas* e o *Canelas de Gaia*, ou entre o *Padernense* e o *Casa Pia*, porque não entre o *S. João de Ver* e o *Arrifanense*.

Agora pensemos em tais tumultos transformados em notícia, vista por milhões em Buenos Aires, Lima, Quito, Manágua, Dakar, Varsóvia ou Sidney...

É um caso claro de injeção acrítica de violência nos espaços informativos, onde a violência, considerada pelo editor como *valor-notícia*, se transforma efectivamente numa notícia sem valor para os telespectadores, tão longe o acontecido, tão desconhecidos e com tão pouco peso os protagonistas envolvidos na contenda.

Exemplo que abre a porta ao realce de outra prática bem vincada dos telejornais portugueses: a do monopólio das notícias desportivas pelo futebol. Das 153 notícias que registámos na categoria “desporto”, apenas 17 (11,1%) tratavam dos sucessos de outras modalidades. Futebol que não se esgota na categoria “desporto”, pois vamos encontrar notícias sobre esta modalidade nas categorias “tumultos”, “outros acidentes” e *fait divers*. 15 notícias sobre violência no futebol (“tumultos”), mais cinco para a queda de uma bancada num estádio colombiano (“outros acidentes”). Nos *fait divers*, o restaurante de Ronaldo, mais tarde o seu casamento natalício, e ainda as diabruras noctívagas de Leandro geraram 12 notícias.

Fazendo as contas, se a categoria “desporto” surge constituída por 153 notícias, as novas do futebol e seus derivados conseguem um total de 168.

Dá-se o caso de, em 110 notícias sobre a Argentina, 49 respeitarem a eventos futebolísticos que tiveram lugar neste país, o que equivale a uma percentagem de 44,5%. Olhando aos tempos (1h 04’ 37” num total de 2h 16’ 52”), esta percentagem sobe para os 47,2%.⁶

Numa situação bem diferente encontramos o Chile. Em todo o ano de 1999, apenas três notícias sobre desporto neste país. As três sobre confrontos

num jogo de futebol. Melhor sorte teve a Colômbia, com 10 notícias. Quase todas (foram 9) sobre futebol, é certo, mas sempre é o triplo das atenções. Acontece que quatro delas (3' 51'') trataram efectivamente de jogos de futebol; as restantes cinco (5' 22'') da queda de uma bancada num estádio. Quanto à décima notícia desportiva, festeje-se a entrada de uma modalidade geralmente ignorada pelos telejornais: o pólo aquático. Acontece que a notícia sobre esta modalidade não reportava qualquer jogo, antes à decisão dos jogadores da selecção chilena de efectuarem um espectáculo de *striptease* destinado a angariar dinheiro para custear a deslocação da equipa ao campeonato do mundo, que se realizava na Alemanha.

⁶ Gianni Minà (2002), veterano jornalista italiano, considera a tendência dos *media* europeus de destacarem o futebol sul-americano como um expediente que evita abordar outros temas sobre a América Latina: “A América Latina representa a má consciência do mundo que se define como civilizado e democrático. [Por essa razão, os *media* europeus] excluem-na do debate, da discussão pública. Salvo casos excepcionais, tudo o que aparece de forma permanente nos *media* europeus são os jogadores de futebol”, isto porque, para Minà, “não convém difundir informação que possa despertar a consciência crítica da Europa”.

CAPÍTULO 4

Sul e Sudeste Asiático

1. Países excluídos da agenda noticiosa televisiva; países com menor número de assuntos noticiados, e/ou menor número de notícias

Cumprimos a última etapa deste nosso percurso pelas notícias televiscionadas do chamado *Terceiro Mundo*, com a análise de um grupo de dezassete países do sul e sudeste asiático.

Laos e Maldivas não foram objecto de qualquer notícia, em 1999. O Butão teve direito a uma notícia (2' 40''), em Junho, para anunciar a abertura das emissões nacionais de televisão no país (ver quadro 1).

De Singapura sete notícias, seis delas reportando à situação em Timor-Leste. Anfitriã de uma cimeira da ASEAN, Singapura foi palco, em Julho, de encontros entre Jaime Gama, Madeleine Albright e Ali Alatas. Reuniões cobertas em 10' 12''. Quanto a assuntos dizendo respeito directamente aos habitantes de Singapura, só uns moradores do jardim zoológico local beneficiaram da atenção das televisões portuguesas, melhor dito, de uma estação. A RTP1 dedicou, em Fevereiro, 1' 07'' aos orangotangos. No total, 11' 19'' para Singapura.

O Nepal inaugurou-se nos noticiários televisivos portugueses a 3 de Maio, por mor da violência registada no final da primeira fase das eleições gerais (1 notícia, 32''). Da fase seguinte, a 17 de Maio, nada transpirou, talvez por não ter havido violência. Em Julho, a queda de um avião de carga valeu duas notícias (44''). Em Dezembro, outro avião se despenha (4 notícias, 2' 04').

Em Maio de 1999, o alpinista português João Garcia conseguiu atingir o cume do Everest, odisseia acompanhada em dez notícias (11' 27''). No total, 17 notícias em 1999, com uma duração de 14' 47''.

Uma criança de 13 anos morrendo de “*velhice*” registou a entrada do Vietname nos telejornais portugueses, em Março (1 notícia, 2' 19''). Em Julho, uma notícia (30'') dava conta da celebração de um acordo comercial

Quadro 1				SUL E SUDESTE ASIÁTICO
Países com menor número de assuntos noticiados				
Países	Assuntos	Total de notícias	Tempo total	Descrição
Butão	1	1	02' 40"	1. Abertura das emissões oficiais de televisão
Singapura	2	7	11' 19"	1. Orangotangos no Zoo 2. Contactos sobre Timor-Leste, na cimeira da ASEAN
Nepal	4	17	14' 47"	1. Clima de violência marca eleições gerais 2. Acidente aéreo 3. Português João Garcia atinge o cume do Everest 4. Acidente aéreo
Vietname	3	22	21' 37"	1. Criança de 13 anos a morrer de "velhice" 2. Acordo comercial com os EUA 3. Cheias, temporais
Bangladesh	4	4	05' 04'	1. 70% da população sem acesso a água potável 2. Violento incêndio 3. Macacos treinados para "traficar" droga 4. Temporal
Coreia do Norte	4	9	11' 02" 05"	1. Fome dizima população 2. Acordo comercial com a Coreia do Sul 3. EUA aliviam sanções à Coreia do Norte 4. Conflito com a Coreia do Sul
Cambodja	5	7	12' 11"	1. Dirigente Kmers V. nega responsabilidades em genocídio 2. Julgamento de outro dirigente dos Kmers Vermelhos 3. Elefante-bebé 4. Proporção alarmante de infectados com SIDA 5. Festejos da passagem do ano
Sri Lanka	5	11	08' 03"	1. Alfaiate confecciona as maiores calças do mundo 2. Massacre 3. Igreja católica bombardeada 4. atentados em comícios 5. Eleições
Malásia	9	38	57' 06"	1. Temporal 2. Gasoleiras portuguesas redobram cuidados, depois de explosão provocada por telemóvel, na Malásia 3. Epidemia obriga ao abate de 300 mil porcos 4. Homem fechado em quarto com 250 serpentes venenosas 5. Ex-ministro condenado por corrupção 6. Naufrágio de pacote de luxo 7. Homem mais velho do mundo é malaio 8. Grande Prémio de Fórmula I 9. Capital malaia invadida por corvos
Total: 9 países	37	116	2h 23' 49" 05"	

com os EUA. Em Agosto chegou a catástrofe, o mau tempo fazendo mais de cem mortos (4 notícias, 4' 11"). Em Novembro o flagelo das cheias foi muito mais mortífero, deixando impressionante rasto de destruição, reportado em 15 notícias (14' 05").

Em Dezembro, ainda uma notícia (32") sobre as cheias. Em 1999, do Vietname chegaram 22 notícias, com a duração total de 21' 37".

Quatro notícias para o Bangladesh, repartidas por Janeiro, Fevereiro, Julho e Outubro. No primeiro mês do ano a informação de que mais de 70% da população do país não tinha acesso a água potável (2' 10"); em Fevereiro

deu-se conta de um violento incêndio (30''); Julho foi mês para reportar o treino efectuado a dois macacos, industriando-os para “*traficar*” droga (1' 38''); e Outubro fechou com um temporal (46''). No total, 5' 04'' para o Bangladesh.

Da Coreia do Norte é milagre vir notícia. Vieram três, sobre a situação interna, mais uma dando conta de um acordo comercial com a Coreia do Sul, outra anunciando a redução de sanções por parte dos EUA; as restantes nove reportaram às relações tensas com os vizinhos do sul.

Lá de dentro, a fome *dizimando* a população norte-coreana valeu uma notícia (2') em Janeiro, outra em Maio (1' 53''), outra em Outubro (2' 05''). Em Junho, e com o patrocínio da China, foi estabelecido um acordo comercial com a Coreia do Sul (1 notícia, 37''). Em Setembro os EUA anunciavam a redução das sanções impostas àquele país (1 notícia, 24'').

O conflito persistente entre as duas Coreias e negociações tendentes ao apaziguamento das tensões fronteiriças mereceram nove notícias (8' 44''), repartidas por Junho, Julho e Agosto. De acordo com o método que temos vindo a seguir, dividindo notícias e tempos em partes iguais sempre que exista referência a mais do que um país, temos, em 1999, 9 notícias sobre a Coreia do Norte (11' 02'' 5''').

Do Camboja subiram cinco assuntos à ribalta em sete notícias. Em Março, Ta Mok, ex-líder dos *Kmers Vermelhos* capturado pelas autoridades, negou responsabilidades na morte de mais de um milhão de pessoas (1 notícia, 27''). Em Junho deu-se conta do início do julgamento de Nuon Paet, um outro dirigente dos *Kmers Vermelhos* (1 notícia, 2' 34''); Agosto foi mês para contemplar um elefante-bebé nascido no Camboja (1 notícia, 1' 17''); em Dezembro três notícias alertavam para a situação crítica vivida neste país no respeitante à SIDA (6' 45''), e uma última notícia dava conta dos festejos de passagem de ano (1' 08''). Total despendido com o Camboja: 12' 11''.

O Sri Lanka chegou às televisões portuguesas por mor de um massacre, atentados vários, e de um alfaiate. O ano começou por este, o homem confeccionou as maiores calças do mundo, mereceu a bênção do *Guinness Book of Records* e uma notícia, em Junho (1' 40''). Em Setembro dava-se conta de um massacre (2 notícias, 1' 37''); em Outubro uma igreja católica foi bombardeada (2 notícias, 1' 12''). O ano fechou com vários atentados, perpetrados durante a realização de comícios eleitorais (4 notícias, 2' 53''). Os resultados das eleições geraram duas notícias (41''). Contabilizadas onze notícias, durando 8' 03''.

Mau tempo na Malásia, uma notícia em Janeiro (46''). Outras quatro (8' 06'') ficavam por Portugal, mas tendo como pano de fundo um acidente verificado naquele país. Duas explosões em postos de abastecimento de combustível, desencadeadas pelo uso de telemóveis, alertaram as gasoleiras

portuguesas, que redobraram os seus cuidados neste ponto concreto.

Fevereiro folgou, Março deu-nos uma epidemia que obrigou ao abate de 300 mil porcos pelas autoridades malaias (2 notícias, 2' 41''), e um homem fechado num quarto tendo por companhia 250 serpentes venenosas (1 notícia, 1' 26'').

Em Abril, um ex-ministro das finanças foi condenado pelo Supremo Tribunal de Justiça da Malásia a seis anos de prisão, por corrupção (2 notícias, 2' 09''). Um pacote de luxo naufragou ao largo da Malásia, em Maio, com tripulação e passageiros todos a salvo (7 notícias, 8' 21''). Junho apresentou-nos Omar Abas, o homem mais velho do mundo, parece que com mais de 140 anos (1 notícia, 1' 14'').

Cumpridas as férias, a Malásia regressará em Outubro, graças à Formula 1. 19 notícias, 12 delas reportando a realização dos treinos e da prova (17' 36''), mais sete (12' 47'') dando conta do recurso que a Ferrari interpôs, com sucesso, na FIFA, conseguindo anular a desclassificação da equipa. Outubro registou ainda uma invasão de corvos na capital malaia (1 notícia, 2' 00'').

Em Novembro houve eleições legislativas na Malásia, mas não mereceram a atenção das televisões portuguesas. 1999 registou assim 38 notícias referentes à Malásia, com uma duração total de 57' 06''.

2. Países com maior número de assuntos noticiados, e/ou maior número de notícias

2.1. Coreia do Sul

Quanto à Coreia do Sul, esta estreou-se logo em Janeiro com uma sessão de pancadaria no parlamento (2 notícias, 1' 21''), mais os métodos pouco ortodoxos de um professor para ensinar os alunos a não desafinarem (com baldes na cabeça, *comprimidos* contra troncos de árvores, etc.) (1 notícia, 1' 20'')¹. Em Fevereiro noticiou-se um “*mega-casamento*”, 40 mil pares dando o nó no estádio olímpico de Seul (1 notícia, 1' 32''); a apresentação de dois tigres brancos no zoológico da capital (1 notícia, 1' 05''), e uma amnistia beneficiando vários reclusos (1 notícia, 37'') (ver quadro 2).

Março foi mês de futebol, a surpreendente vitória da selecção sul-coreana sobre o Brasil rendeu duas notícias (2' 11''); uma notícia (19'') para a queda de um avião sul-coreano; outra para dar conta de um invulgar festival de

¹ Relembramos a indicação dada no início desta obra: no canal MEDIAPOLIS XXI (www.youtube.com/mediapolisxxi), disponibilizamos vídeos desta e de muitas outras peças referidas no livro. Textos complementares poderão ser consultados em www.mediatico.com.pt (ver, em especial, o menu “Terceiro Mundo em Notícias”).

Quadro 2	SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Coreia do Sul
1. Sessão de pancadaria no parlamento	14. Michael Jackson na Coreia	
2. Método para evitar a desafinação	15. Acordo comercial com a Coreia do Norte	
3. 40 mil casais <i>dão o nó</i> no estádio olímpico de Seul	16. Incêndios em colónia de férias	
4. Dois tigres brancos apresentados no Zoo de Seul	17. Nova receita para combater a obesidade	
5. Amnistia beneficia alguns reclusos	18. Cheias, temporais	
6. Coreia do Sul vence Brasil (futebol)	19. Problemas em central nuclear	
7. Acidente aéreo	20. Incêndio em centro comercial	
8. Festival de esculturas de pénis em madeira	21. UE contra concorrência desleal sul-coreana na construção naval	
9. Invenção de máquina para <i>auto-gravação</i> de CDs	22. Queda de avião	
10. Lançamento de relógio de pulso que também é telemóvel	23. Confrontos em manifestações de trabalhadores	
11. Greves	24. Conflito com a Coreia do Norte	
12. Despenhamento de avião		
13. Confrontos		
Total: 24 assuntos - 57 notícias		1h 03' 15" 05"

esculturas, todos os artistas mobilizados na erecção de pénis esculpido em madeira (1' 10"). A invenção de uma máquina que permite às pessoas escolher um conjunto de músicas preferidas e gravá-las num *CD* (1 notícia, 1' 17"), e o lançamento de um relógio de pulso que também é telemóvel (1 notícia, 1' 19"), fecharam as notícias do mês de Março referentes àquele país.

Abril foi mês de greves (1 notícia, 22") e do despenhamento de um avião sul-coreano, na China (1 notícia, 28"). Em Maio, uma notícia e 23 segundos para o registo de confrontos. Junho registou a presença de Michael Jackson no país (1 notícia, 36"); um acordo comercial com a Coreia do Norte (1 notícia, 37"), e um violento incêndio numa colónia de férias, do qual resultou a morte de 23 crianças (6 notícias, 9' 36").

Em Julho, ainda uma notícia (1' 42") sobre a tragédia na colónia de férias, e a sugestão de uma nova receita para diminuir a obesidade, patente a cargo dos sul-coreanos (1 notícia, 2' 05").

As cheias chegaram em Agosto (12 notícias, 12' 39"). Em Outubro reportaram-se problemas numa central nuclear (1 notícia, 40") e um incêndio num centro comercial (4 notícias, 4' 17").

Em Novembro as notícias não vêm da Coreia, mas de Bruxelas, com a União Europeia a advertir aquele país para pôr termo à prática de concorrência desleal no sector da construção naval (2 notícias, 2' 24").

Em Dezembro, sete das nove notícias também vieram de fora, dando conta do despenhamento de um avião de carga sul-coreano em Londres (9' 33"). Da Coreia chegaram novas de manifestações de trabalhadores, e dos *obrigatórios* confrontos com a polícia (2 notícias, 1' 39").

De referir ainda as notícias de Junho, Julho e Agosto sobre o recrudescer do conflito fronteiriço com os vizinhos de Pyongyang (9 notícias, 8' 44"), que contabilizamos a meias com a Coreia do Norte. A meias, ainda, a notícia do acordo comercial estabelecido entre os dois países. A Coreia do Sul, assim, com um total de 57 notícias em 1999 (1h 03' 15" 05").

Quadro 3	SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Tailândia
1. Rodagem de filme com Leonardo Di Caprio gera polémica	14. Festa de anos do maior crocodilo do mundo em cativeiro	
2. Aumenta número de cegos profissionais de massagens	15. Um gato que é o melhor amigo de um rato	
3. Tailandeses descobrem “enormes potencialidades” nos camarões	16. Estragos provocados pelas monções	
4. Rebentamento de tanque com crocodilos origina fuga de visitantes de um zoo	17. Explosão em fábrica de fruta	
5. Americanos efectuam teste de nova vacina contra a SIDA	18. Sequestro na embaixada da Birmânia	
6. Despiste de autocarro	19. Habitantes de cidade tailandesa vivem em plena “harmonia” com os macacos	
7. Brasil vence <i>Taça do Rei</i> (futebol sub-20)	20. Joalheira tailandesa descobre safira com 7 quilos	
8. Madeleine Albright na Tailândia	21. Jorge Sampaio na Tailândia	
9. Lançamento de cinto anti-violação	22. Explosão em refinaria de petróleo	
10. Devorar gelados para entrar no <i>Guinness Book</i>	23. 500 páraquedistas batem record de salto em queda livre	
11. Concurso “ <i>Miss Gorda</i> ”	24. Encerramento da fronteira com a Birmânia	
12. Festa contra tabaco acaba mal	25. Filme <i>Ana e o Rei</i> proibido na Tailândia	
13. Traficante de droga abatido pela polícia	26. Receio do “ <i>bug 2000</i> ” origina cancelamento de voos	
	27. Festejos de passagem do ano	
Total: 27 assuntos - 62 notícias		1h 29' 05"

2. 2. Tailândia

A Tailândia esteve presente nos telejornais portugueses em todos os meses do ano. Em Janeiro, as notícias oriundas daquele país davam conta da polémica gerada em torno da rodagem de um filme norte-americano, tendo entre outros protagonistas o actor Leonardo Di Caprio. Os ecologistas manifestaram-se contra os danos produzidos pela rodagem do filme (3 notícias, 6' 04'') (ver quadro 3).

Fevereiro foi mês de ficarmos a saber do aumento do número de cegos exercendo a profissão de massagistas, na Tailândia (1 notícia, 1' 44''); da descoberta, pelos tailandeses, de “enormes potencialidades” nos camarões (1 notícia, 1' 12''); e da fuga dos visitantes de um jardim zoológico, provocada pelo rebentamento de um tanque onde se encontravam dois crocodilos (1 notícia, 58'').

Tempo ainda para reportar o teste de uma vacina contra a SIDA, experiência realizada na Tailândia por investigadores norte-americanos (2 notícias, 3' 44''); ainda o despiste de um autocarro (2 notícias, 1' 15'').

A selecção brasileira de futebol sub-20 venceu, em Março, o torneio tailandês *Taça do Rei* (1 notícia, 1' 30''); Madeleine Albright esteve de visita ao país (1 notícia, 1' 34''); por último, o anúncio do lançamento, por uma empresa tailandesa, de um cinto anti-violação (1 notícia, 1' 16'').

Em Abril, o *Guinness* dá uma ajuda para incluir a Tailândia no mapa das actualidades: um grupo de habitantes daquele país pôs-se a devorar gelados para a desejada inscrição no livro *mágico* (3 notícias, 4' 00''). Maio foi mês da realização do concurso “*Miss Gorda*”, também conhecida por “*Miss Jumbo*” (2 notícias, 5' 15'').

No mês seguinte, uma festa contra o tabaco acabou mal (1 notícia, 49''); mostraram-se imagens “impressionantes” de um traficante de droga a ser abatido pela polícia (2 notícias, 55''); ainda uma festa de aniversário invulgar

(1 notícia, 1' 07''), parabéns cantados ao maior crocodilo do mundo em cativo. Segundo a jornalista autora da peça, o bicho, com quase seis metros e mais de mil quilos de peso, “*não vai esquecer tão cedo este dia*”...

Em Julho os portugueses ficaram a saber da existência, na Tailândia, de um gato que é o melhor amigo de um rato (1 notícia, 1' 35''). Em Agosto, os estragos causados pelas monções foram de monta (4 notícias, 3' 25''). Em Setembro noticiou-se uma explosão numa fábrica de fruta (4 notícias, 1' 28'').

Outubro dominado exclusivamente por um sequestro na embaixada da Birmânia, acção levada a cabo por dissidentes birmaneses do *Comando dos Vigorosos Guerreiros* (8 notícias, 9' 13'').

Uma cidade tailandesa onde os humanos convivem “*em plena harmonia*” com os macacos, motivou uma notícia em Novembro (1' 52''). A outra notícia (50'') deste mês dava conta da descoberta, por uma joalheira tailandesa, de uma safira pesando sete quilos.

Em Dezembro foi a visita de Jorge Sampaio à Tailândia que concitou as atenções (12 notícias, 28' 51''). Também se deu conta da explosão verificada numa refinaria de petróleo (2 notícias, 1' 03''); do record de salto colectivo em queda livre, com 500 páraquedistas festejando o feito (3 notícias, 3' 19''); do encerramento da fronteira entre a Tailândia e a Birmânia (1 notícia, 1' 23''); da proibição de exibição do filme *Ana e o Rei* (1 notícia, 1' 55''). Por último, preocupações em torno do “*bug 2000*”, com vários voos a serem cancelados (1 notícia, 52''), e os festejos de fim de ano na Tailândia (1 notícia, 1' 56''). 1999 com 62 notícias, duração total de 1h 29' 05''.

2. 3. Taiwan

De Taiwan seleccionou-se, em Janeiro, um propósito, vertido numa notícia: as autoridades locais empenhadas em acabar com a prostituição (2' 00''). Em Março, uma notícia dava conta da detenção, naquele país, de dois homens acusados de assalto à mão armada (58'') (ver quadro 4).

No mar encapelado das tragédias asiáticas, uma leve brisa, constituída por um apontamento sobre a gastronomia de Taiwan, corria Junho (2' 05''). Prato de pouca dura, que as *cejas de pancadaria* no parlamento logo repuseram a *normalidade* da selecção noticiosa (6 notícias, 6' 38'').

Em Julho, a China desencadeia aparatosas manobras militares nas cercanias da ilha, acção tendente a manifestar aos dirigentes de Taiwan que a *pátria-mãe* não tolerará uma eventual declaração unilateral de independência (20 notícias, 25' 53''). Uma última notícia (1' 50'') a propósito do clima de tensão entre a China e Taiwan, veio de longe, com Bill Clinton manifestando-se preocupado com a situação.

Em Agosto, a polícia efectuou uma rusga a uma pastelaria da ilha, na qual

Quadro 4	SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Taiwan
1. Autoridades combatem prostituição	7. Acidente aéreo	
2. Detenção de dois assaltantes à mão armada	8. Terramotos	
3. Gastronomia de Taiwan	9. Confraternização de irmãos gémeos	
4. Cenas de pancadaria no parlamento	10. Ama filipina maltrata crianças	
5. Manobras militares da China agravam tensão com Taiwan	11. Emigrantes chineses de Macau ameaçados de expulsão	
6. Rusga policial a pastelaria que fabricava bolos com <i>Viagra</i>	12. Nomeação de director gera pancadaria na televisão	
Total: 12 assuntos - 104 notícias		2h 21' 57"

se confeccionavam bolos com *Viagra* (2 notícias, 2' 30"). No mesmo mês despenhou-se avião que efectuava um voo doméstico (8 notícias, 6' 53").

Setembro dedicado exclusivamente às consequências do violento terramoto que enlutou Taiwan (52 notícias, 1h 16' 17").

Em Outubro a terra continuou a tremer, em Taiwan (3 notícias, 2' 08"). Em Novembro também (1 notícia, 19"). Novembro que foi o mês escolhido para confraternização de inúmeros irmãos gémeos, em Taipé (2 notícias, 2' 23"); mês em que foram reveladas imagens de uma ama filipina maltratando duas crianças, uma de dois anos e outra de meses (3 notícias, 4' 05").

Em Dezembro, duas notícias dando conta de um aviso das autoridades de Taiwan. O governo nacionalista de Taipé ameaçou expulsar os milhares de emigrantes chineses de Macau a trabalharem em Taiwan, caso a China viesse a encerrar a representação oficial da ilha rebelde na futura região administrativa de Macau (2 notícias, 7' 18").

O ano fecha à pancada, desta feita com os parlamentares a recato. Tudo se passou numa estação de televisão, logo após a divulgação do nome do novo director (1 notícia, 40"). Taiwan com 104 notícias em 1999 (2h 21' 57").

2. 4. Filipinas

Das Filipinas chegaram, em Janeiro, notícias dos festejos da passagem do ano (1 notícia, 1' 57"), e dos acidentes verificados na quadra (1 notícia, 10"). Também do adiamento da condenação à morte de um violador da própria filha² (3 notícias, 4' 33), e da realização da procissão do Cristo Negro (1 notícia, 45") (ver quadro 5).

A injeção letal foi aplicada ao violador em Fevereiro (5 notícias, 6' 56"). Neste mês falou-se de música (1 notícia, 1' 04"); do lançamento do charuto "*Monica*", em "*homenagem*" à parceira do escândalo que envolveu Bill Clinton (1 notícia, 1' 50"); das cheias (3 notícias, 5' 37"); e do desenvolvimento, por inventor filipino, de um carro movido a água (2 notícias, 2' 34").

2' 45" para uma notícia, em Março, dando conta do trabalho infantil nas Filipinas, num mês em que também se falou da realização, em Manila, de uma

² Apesar de, nas notícias televisivas, aparecer identificada como filha, tratava-se efectivamente de uma enteada.

Quadro 5	SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Filipinas
1. Festejos da passagem do ano	13. Padres católicos formam banda rock	
2. Acidentes na passagem do ano	14. Táxi com <i>karaoke</i>	
3. Adiantamento condenação à morte de violador da filha	15. Outro violador executado	
4. Procissão do Cristo Negro	16. Geri Halliwell, ex- <i>Spice Girl</i> , nas Filipinas	
5. Executada condenação à morte de violador da filha	17. Festa de aniversário de Imelda Marcos	
6. Música das Filipinas	18. Ramos Horta nas Filipinas	
7. Lançamento do charuto " <i>Monica</i> "	19. Cheias	
8. Cheias	20. Explosão na sede da polícia, em Manila	
9. Carro movido a água	21. Manifestação da oposição	
10. Trabalho infantil	22. Museu do Sapato em Manila	
11. Conferência internacional sobre o " <i>bug 2000</i> "	23. Confrontos entre manifestantes e polícia	
12. Celebrações da Páscoa	24. Terramoto	
	25. Naufrágio de <i>ferry boat</i>	
Total: 25 assuntos - 71 notícias	1h 36' 47"	

conferência internacional destinada a debater o problema do "*bug 2000*" (1 notícia, 3' 00").

As celebrações da Páscoa nas Filipinas sobem invariavelmente aos telejornais, ano após ano, graças ao impacto das imagens. Assim aconteceu em Abril (4 notícias, 5' 13"), mês que também produziu duas notícias (3' 59") sobre uma banda rock formada exclusivamente por padres católicos, e uma notícia *viajando* num táxi com *karaoke* (1' 45").

Maior teve direito a folga, em Junho houve 25 segundos (1 notícia) para mais uma condenação à morte, e 1' 42" (1 notícia) para dar conta da presença, em solo filipino, da ex-*Spice Girl* Geri Halliwell.

Em Julho mostraram-se imagens da festa de aniversário de Imelda Marcos (1 notícia, 20"). Ramos Horta esteve no país, tentando convencer as autoridades locais a apoiarem a causa timorense (1 notícia, 1' 28").

As cheias que assolaram a Ásia em Agosto também deixaram rasto de destruição e morte nas Filipinas (20 notícias, 26' 10"). Neste mês verificou-se uma explosão na sede da polícia, em Manila (4 notícias, 4' 58"); uma manifestação da oposição (1 notícia, 44"), sobrando 2' 15" (1 notícia) para falar do Museu do Sapato de Manila.

Violentos confrontos entre manifestantes e a polícia, nas ruas de Manila, geraram duas notícias em Novembro (1' 28"). O ano fechou com um terramoto (2 notícias, 59") e com o naufrágio de um *ferry boat* (10 notícias, 14' 10"). Total anual de 71 notícias (1h 36' 47").

2. 5. Paquistão

Um massacre numa mesquita foi a notícia inaugural do Paquistão, em 1999. Também a única, no mês de Janeiro (1' 24"). Em Fevereiro houve protestos nas ruas (1 notícia, 2' 04"), e três notícias (1' 34") sobre um acordo nuclear com a vizinha Índia (ver quadro 6).³

Em Março passaram-se imagens de uma parada militar no Paquistão (1 notícia, 29^{''}). Em Abril este país procedeu ao lançamento de um míssil balístico, tendo em vista testar a sua eficácia (3 notícias, 2' 41^{''}); e a ex-Primeira Ministra Benazir Bhuto foi condenada à revelia (1 notícia, 1' 32^{''}).

Maiο abriu com a explosão de um camião-cisterna, causando mais de meia centena de mortos (2 notícias, 1' 41^{''}). Seguiram-se as trágicas consequências da passagem de um ciclone (5 notícias, 4' 34^{''}), e o reacender do conflito com a Índia, em torno de Caxemira (26 notícias, 48' 48^{''}). Aqui há a acrescentar mais duas notícias (5' 09^{''}), referentes a uma tomada de posição do enviado russo para a Jugoslávia, mostrando-se apreensivo com o retomar das hostilidades entre as duas potências nucleares.

Em Junho os confrontos em Caxemira monopolizaram as atenções (49 notícias), despendendo-se 1h 05' 31^{''} noticiando o conflito. Ainda uma notícia (19^{''}) sobre uma posição de Bill Clinton, a propósito do reacender da guerra, e outra do G 8, sobre o mesmo tema (2' 04^{''}).

Caxemira no centro das atenções, de novo, em Julho (29 notícias, 34' 40^{''}). Uma única notícia (50^{''}) a destoar: alguns paquistaneses manifestaram-se nas ruas em apoio a Bin Laden.

Cenário idêntico em Agosto, notando-se, no entanto, uma redução das notícias sobre o conflito em Caxemira : 13 notícias, com uma duração de 24' 39^{''}. O eclipse solar gerou ainda três notícias sobre o Paquistão. Numa delas (5' 50^{''}) mostravam-se imagens recolhidas naquele país; as duas restantes (2' 49^{''}) davam conta do recolhimento das mulheres grávidas paquistanesas, receando efeitos nocivos do eclipse na gestação dos seus bebés.

Em Setembro, o Paquistão quase desapareceu do mapa informativo. Apenas duas notícias (1' 09^{''}), referentes aos distúrbios gerados na sequência da greve geral decretada naquele país.

Regressaria, em força, no mês de Outubro, tudo a ver com o golpe de Estado que levou o general Musharraf ao poder: 49 notícias no total (1h 37' 40^{''}), dezasseis das quais dando conta de reacções da comunidade internacional (33' 02^{''}). Em Outubro, ainda uma notícia (14^{''}) sobre a tensão vivida em Caxemira.

Em Novembro, cinco notícias (6' 31^{''}) sobre os desenvolvimentos do golpe de Estado do mês anterior, com o primeiro-ministro derrubado a ser presente à justiça; e sete notícias dando conta de explosões várias (5' 29^{''}).

O ano fecha com duas notícias, uma reportando um acidente rodoviário (58^{''}), outra (35^{''}) relatando a confissão de um paquistanês, autor da morte de cem crianças, tudo para se vingar da polícia, que o havia maltratado

³ Também aqui repartiremos o número e tempo das notícias entre os dois países. Por comodidade de exposição, fã-lo-emos apenas na contagem anual.

Quadro 6	SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Paquistão
1. Massacre em mesquita	10. Manifestações de apoio a Bin Laden	
2. Protestos nas ruas	11. Imagens do eclipse solar	
3. Acordo nuclear com a Índia	12. Grávidas recolhidas em casa, receando efeitos nocivos do eclipse	
4. Parada militar	13. Greve geral provoca distúrbios	
5. Lançamento de míssil balístico	14. Golpe de Estado	
6. Ex-Primeira Ministra Benazir Bhuto condenada à revelia	15. Várias explosões	
7. Explosão em camião-cisterna	16. Acidente rodoviário	
8. Ciclone	17. Paquistanesa confessa assassinato de 100 crianças	
9. Guerra em Caxemira		
Total: 17 assuntos - 145,5 notícias	3h 47' 45"	

quando petiz. Retirando metade das notícias e tempos sobre Caxemira (e sobre o acordo nuclear) para contabilização na Índia,⁴ temos, em 1999, 145,5 notícias sobre o Paquistão, com uma duração total de 3h 47' 45".

2. 6. Índia

Concluimos com a Índia.⁵ Em Janeiro, uma notícia (19") dava conta de um ataque à embaixada chinesa em Nova Deli. Três notícias (2' 03") sobre o aluimento de terras que provocou mais de meia centena de mortos, durante uma peregrinação hindu. A exigência dos EUA, para que a Índia assinasse o tratado de não proliferação de armas nucleares valeu uma notícia (27"); outra para o anúncio, por um médico indiano, da descoberta de um novo medicamento, à base de ervas, para o combate à SIDA (1' 22"); outra ainda (50") para dar conta de uma praga de macacos infernizando a vida dos habitantes de uma aldeia do norte do país. Por último, uma reportagem sobre Damão (1 notícia, 2' 47") (ver quadro 7).

Em Fevereiro houve manifestações contra a intenção do governo de reduzir os subsídios às famílias mais pobres (1 notícia, 1' 58").

Em Março, um tribunal indiano deu, pela primeira vez na história judicial daquele país, razão a uma mulher num caso de assédio sexual (1 notícia, 2' 20"). Registou-se a queda de um avião (5 notícias, 7' 31"), um sismo de forte intensidade (8 notícias, 5' 40"); um violento incêndio em Nova Deli (5 notícias, 3' 13"). Numa praia perto de Bombaim, apareceu um tubarão gigante na areia (1 notícia, 37"); realizou-se uma manifestação de tibetanos na capital (3 notícias, 7' 06"), também uma reunião internacional destinada a debater o futuro das missões de paz da ONU (1 notícia, 1' 55"). Um grupo radical disparou sobre a população civil (4 notícias, 4' 24"); um genealogista

⁴ O tempo total de notícias sobre o conflito de Caxemira foi de 3h 02' 58", respeitantes a 125 notícias. Atribuindo 50% ao Paquistão e 50% à Índia, teremos, para cada país, 62,5 notícias, com uma duração de 1h 31' 29".

⁵ Por já se ter feito referência detalhada às notícias do conflito com o Paquistão, apenas as incluiremos na contabilidade anual.

Quadro 7	SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Índia
1. Ataque à embaixada chinesa 2. Alimento de terras durante peregrinação hindu 3. EUA "exigem" assinatura tratado não proliferação armas nucleares 4. Médico indiano descobre novo medicamento para combater a SIDA 5. Praga de macacos em aldeia do norte da Índia 6. Reportagem sobre Damão 7. Manifestações contra o governo 8. Pela primeira vez, tribunal dá razão a mulher em caso de assédio sexual 9. Acidente aéreo 10. Terramoto 11. Violento incêndio em Nova Deli 12. Tubarão gigante na areia de praia perto de Bombaim 13. Manifestação de tibetanos na capital 14. Cimeira internacional sobre futuro das missões de paz da ONU	15. Grupo radical dispara sobre civis 16. Investigações de geneologista português na Velha Goa 17. Gatos castrados por terem passeado pelo parlamento 18. Índia retoma testes nucleares 19. Demissão de Primeiro Ministro gera crise política 20. Indiano puxa, com os dentes, navio de 275 toneladas 21. Acidente ferroviário 22. Indianos rezam durante o eclipse 23. Distúrbios e atentados em campanha eleitoral 24. Ciclones matam milhares de pessoas 25. João Paulo II visita a Índia 26. Explosão em comboio 27. Resgatado navio indiano assaltado por piratas 28. Sequestro de avião das linhas aéreas indianas 29. Miss Mundo é indiana	
Total: 29 assuntos - 305,5 notícias	7h 46' 35"	

português deu conta de investigações efectuadas na Velha Goa (1 notícia, 2' 08"). Por último, a triste sina de dois gatos que se passearam, inocentemente, pelo parlamento indiano. Implacáveis, os parlamentares castigaram os felinos com a castração (3 notícias, 5' 02").

Em Abril, uma notícia (2' 33") sobre o regresso da Índia aos testes nucleares, outras três (3' 11") sobre a crise política gerada pela demissão do Primeiro Ministro. A crise prolongou-se pelo mês de Maio (1 notícia, 25"). Em Junho, os portugueses ficaram a conhecer o indiano que, com os dentes, conseguiu puxar um navio com 275 toneladas (1 notícia, 1' 33").

Em Agosto, um acidente ferroviário fez várias centenas de mortos (20 notícias, 30' 51"). Registaram-se alguns distúrbios no país (1 notícia, 24"), e mostraram-se imagens dos indianos *recebendo* o eclipse rezando (1 notícia, 1' 03").

Em Setembro deu-se início ao complexo processo eleitoral, com atentados, mortes e distúrbios vários pelo meio (5 notícias, 4' 35"). As eleições prosseguiram em Outubro, com a 5.ª fase e mais distúrbios (2 notícias, 43"). Neste mês, a passagem de dois ciclones provocou a morte de milhares de pessoas (11 notícias, 6' 28").

As notícias da catástrofe continuaram em Novembro (32 notícias, 35' 09"), mês em que a Índia recebeu a visita do Papa (27 notícias, 51' 19"). Registou-se uma explosão num comboio (4 notícias, 3' 15") e o resgate de um navio indiano assaltado por piratas (1 notícia, 1' 23").

Em Dezembro, todas as atenções mobilizadas para o sequestro de um avião das linhas aéreas indianas, acção que se prolongou por oito longos dias e produziu, a seguir à guerra em Caxemira, o maior volume de notícias

registado, sobre um só assunto, no grupo de países asiáticos com que trabalhámos (91 notícias, 3h 01' 27").

Para não fecharmos em registo de tragédia, a notícia (1' 05) de que a nova *Miss Mundo* é indiana.

Em 1999, ainda sem contabilizarmos o quinhão de notícias referente ao conflito de Caxemira, registámos 243 notícias, com uma duração de 6h 15' 06". Adicionando o grupo de notícias partilhado com o Paquistão, obtemos um total de 305,5 notícias, com uma duração de 7h 46' 35".

3. Classificação temática das notícias

Quadro 8 AMÉRICA DO SUL		
Total de notícias / Tempos de emissão por país		
Países	Notícias	Duração
Butão	1	02' 40"
Singapura	7	11' 19"
Nepal	17	14' 47"
Vietname	22	21' 37"
Bangladesh	4	05' 04"
Coreia do Norte	9	11' 02"
Cambodja	7	12' 11"
Sri Lanka	11	08' 03"
Malásia	38	57' 06"
Coreia do Sul	57	1h 03' 15"
Tailândia	62	1h 29' 05"
Taiwan	104	2h 21' 57"
Filipinas	71	1h 36' 47"
Paquistão	145,5	3h 47' 45"
Índia	305,5	7h 46' 35"
Total	861	20h 29' 14"

O detalhe dos acontecimentos noticiados elucidam-nos o suficiente para concluirmos da imagem fortemente negativa que nos foi veiculada, via telejornais, deste grupo de países asiáticos. Prevalence a guerra, o terrorismo, massacres, violência urbana, a par com a fome, doenças e epidemias; um grande relevo dado a todo o tipo de acidentes, das intempéries de monta, que deixam rasto de destruição de que é impossível não falar, até outro tipo de acidentes onde nem um ferido se registou, e que se erigem a

notícia pelo *fascínio* das imagens.

Vale também – e muito – o exotismo, o picaresco, do festival de esculturas de pénis à festa de aniversário de *Dom Crocodilo*, fauna quase toda mobilizada para amenizar fechos de telejornais da longínqua Europa. Ele são macacos, por vezes infernizando a vida dos aldeões, por vezes convivendo em *perfeita harmonia* com os cidadãos; ele são crocodilos que obrigam à evacuação de um zoo, outros *soprando velas*, enquanto *cavaqueiam* com os amigos macacos, vestidos a rigor, macacos que *fizeram questão* de estar presentes à festa mais badalada dos emergentes do zoo; não faltam gatos melhores amigos dos ratos, nem gatos piores inimigos dos deputados que os mandaram castrar. E tigres brancos, e tubarões, e elefantes, e orangotangos ...

Os números e as percentagens não deixam qualquer dúvida, quanto às linhas-mestras da selecção que nos foi oferecida, em 1999, pelos telejornais portugueses, editores e responsáveis por certo amarrados ao cardápio-base das agências noticiosas.

O maior número de notícias respeita à categoria dos “Acidentes naturais” (cheias, ciclones, terremotos, aluimentos de terra) (ver quadros 9-A e 9-B). Um

Quadro 9-A SUL E SUDESTE ASIÁTICO		Classificação por temas	
Temas	N.º Notícias	Duração	
Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones	178	3h 21'	48"
Acidentes aéreos	28	27'	32"
Acidentes rodoviários / ferroviários	23	33'	04"
Naufrágios	17	22'	31"
Outros acidentes	14	13'	08"
Incêndios	17	19'	18"
Justiça	16	21'	33"
Criminalidade	20	20'	23"
Terrorismo / Atentados / Sequestros / Carnificinas / Massacres	122	3h 30'	19"
Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves	29	28'	50"
Golpes de Estado	54	1h 44'	11"
Guerra	122	3h 01'	24"
Relações tensas entre países	42	52'	52"
Fome / Doenças / Epidemias / Carências básicas / Miséria	14	27'	44"
Crises políticas	04	03'	36"
Eleições	02		41"
Comércio / Indústria / Economia / Media	11	12'	37"
Religião	05	05'	58"
Desporto	35	48'	50"
Actividades lúdicas	10	13'	52"
Reuniões internacionais	08	15'	07"
Visita personalidades estrangeiras	41	1h 23'	12"
Animais	14	19'	08"
Outros / <i>Fait divers</i>	35	1h 01'	36"
Total	861	20h 29'	14"

Quadro 9-B SUL E SUDESTE ASIÁTICO		Classificação por temas	
	Por ordem decrescente do número de notícias por tema	N.º Notícias	Duração
1	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones	178	3h 21' 48"
2	Terrorismo / Atentados / Sequestros / Carnificinas / Massacres	122	3h 30' 19"
3	Guerra	122	3h 01' 24"
4	Golpes de Estado	54	1h 44' 11"
5	Relações tensas entre países	42	52' 52"
6	Visita personalidades estrangeiras	41	1h 23' 12"
7	Outros / <i>Fait divers</i>	35	1h 01' 36"
8	Desporto	35	48' 50"
9	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves	29	28' 50"
10	Acidentes aéreos	28	27' 32"
11	Acidentes rodoviários / ferroviários	23	33' 04"
12	Criminalidade	20	20' 23"
13	Naufrágios	17	22' 31"
14	Incêndios	17	19' 18"
15	Justiça	16	21' 33"
16	Fome / Doenças / Epidemias / Carências básicas / Miséria	14	27' 44"
17	Animais	14	19' 08"
18	Outros acidentes	14	13' 08"
19	Comércio / Indústria / Economia / Media	11	12' 37"
20	Actividades lúdicas	10	13' 52"
21	Reuniões internacionais	08	15' 07"
22	Religião	05	05' 58"
23	Crises políticas	04	03' 36"
24	Eleições	02	41"
	Total	861	20h 29' 14"

total de 178 notícias para esta categoria, logo seguida pelo grupo de notícias referentes a “Terrorismo/Atentados/Sequestros/Carnificinas/Massacres” (122 notícias), e pela categoria “Guerra”, também com 122 notícias.

Seguem-se 54 notícias para “Golpes de Estado”, 42 reportando “Relações conflituosas entre países”. Vêm depois “Visitas de personalidades estrangeiras” (41 notícias), “*Fait divers*” e “Desporto” (35 notícias cada), “Tumultos/Manifestações/Ações de protesto/Greves” (29 notícias), “Acidentes aéreos” (28 notícias), “Acidentes rodoviários/Ferrovários” (23 notícias), “Criminalidade” (20 notícias), “Naufrágios” e “Incêndios” (17 notícias para cada categoria), “Justiça” (16 notícias), “Fome/Doenças/Epidemias/Carências básicas/Miséria” (14 notícias), e o mesmo número de notícias para as categorias “Animais” e “Outros acidentes”.

A fechar, 11 notícias para “Comércio/Indústria/Economia/Media”, dez para “Actividades lúdicas”, oito dando conta da realização de “Reuniões internacionais”, cinco notícias sobre “Religião”, quatro para “Crises políticas” e duas sobre “Eleições”.

Se atendermos à duração das notícias (ver quadro 9-C), as diferenças não são de monta. A categoria “Terrorismo/Atentados/Sequestros/Carnificinas/Massacres” sobe ao primeiro lugar, com 3h 30’ 19”, trocando com “Acidentes naturais/Cheias/ Terramotos/Ciclones” (3h 21’ 48”). As notícias referentes à categoria “Guerra” mantêm o terceiro posto (3h 01’ 24”).

No quarto lugar encontramos a categoria “Golpes de Estado” (1h 44’ 11”), no quinto “Visitas de personalidades estrangeiras” (1h 23’ 12”). Seguem-se “*Fait divers*” (1h 01’ 36”), “Relações tensas entre países” (52’ 52”), “Desporto” (48’ 50”), com “Acidentes rodoviários/Ferrovários” ocupando o nono lugar (33’ 04”).

Em 10.º a categoria de notícias referente a “Tumultos/Manifestações/Ações de protesto/greves” (28’ 50”), seguida de “Fome/Doenças/Epidemias/Carências básicas/Miséria” (27’ 44”), “Acidentes aéreos” (27’ 32”), “Naufrágios” (22’ 31”) e “Justiça” (21’ 33”).

O grupo de notícias sobre “Criminalidade” ocupa o 15.º lugar, com 20’ 23”, “Incêndios” vem em 16.º (19’ 18”), seguido pelas notícias sobre “Animais” (19’ 08”), “Reuniões internacionais” (15’ 07”), “Actividades lúdicas” (13’ 52”), “Outros acidentes” (13’ 08”), “Comércio/Indústria/Economia/Media” (12’ 37”). Em 22.º lugar surge “Religião” (05’ 58”), com as categorias “Crises políticas” (03’ 36”) e “Eleições” (41”) ocupando os dois últimos lugares.

4. Espectáculo e violência nas notícias do Sul e Sudeste asiático

O reagrupamento de algumas das categorias elencadas permite-nos aquilatar melhor ainda do tipo de notícias oferecido aos telespectadores, e

Quadro 9-C		SUL E SUDESTE ASIÁTICO	Classificação por temas
	Por ordem decrescente da duração de notícias por tema	N.º Notícias	Duração
1	Terrorismo / Atentados / Sequestros / Carnificinas / Massacres (2 ^a)	122	3h 30' 19"
2	Acidentes naturais / Cheias / Terramotos / Ciclones (1)	178	3h 21' 48"
3	Guerra (3)	122	3h 01' 24"
4	Golpes de Estado (4)	54	1h 44' 11"
5	Visita personalidades estrangeiras (6)	41	1h 23' 12"
6	Outros / <i>Fait divers</i> (7)	35	1h 01' 36"
7	Relações tensas entre países (5)	42	52' 52"
8	Desporto (8)	35	48' 50"
9	Acidentes rodoviários / ferroviários (11)	23	33' 04"
10	Tumultos / Manifestações / Acções protesto / Greves (9)	29	28' 50"
11	Fome / Doenças / Epidemias / Carências básicas / Miséria (16)	14	27' 44"
12	Acidentes aéreos (10)	28	27' 32"
13	Naufrações (13)	17	22' 31"
14	Justiça (15)	16	21' 33"
15	Criminalidade (12)	20	20' 23"
16	Incêndios (14)	17	19' 18"
17	Animais (17)	14	19' 08"
18	Reuniões internacionais (21)	08	15' 07"
19	Actividades lúdicas (20)	10	13' 52"
20	Outros acidentes (18)	14	13' 08"
21	Comércio / Indústria / Economia / Media (19)	11	12' 37"
22	Religião (22)	05	05' 58"
23	Crises políticas (23)	04	03' 36"
24	Eleições (24)	02	41"
Total		861	20h 29' 14"

* Entre parêntesis assinalamos o lugar ocupado no quadro 9-B

referentes ao grupo de países em análise. Formando uma *macro-categoria* com as notícias referentes a violência (guerra, golpes de Estado, terrorismo, atentados, sequestros, carnificinas, massacres, criminalidade, relações tensas entre países, tumultos, manifestações, acções de protesto e greves), verificamos que o item *violência* preenche quase metade do tempo total da amostra com que trabalhamos – 9h 57' 59", equivalendo a 48,6% do tempo total.

Se *construirmos* outra *macro-categoria* com as notícias sobre acidentes (acidentes naturais, cheias, terramotos, ciclones, acidentes aéreos, acidentes rodoviários/ferroviários, naufrágios e outros acidentes), estas ocuparam 4h 58' 03" do tempo total, o que equivale a 24,2%.

Violência, da mais *pura* e da mais *dura* e uma panóplia bem fornecida de acidentes ocupando 72,8% do tempo total de notícias. Quase três quartos, percentagem que se atinge (e ultrapassa) se incluirmos as notícias da categoria "Fome/Doenças/Epidemias/Carências básicas/Miséria" (2,3%).

Interessa frisar que, nas categorias restantes, também há notícias em que a violência está presente. As peças sobre os festejos da Páscoa nas Filipinas (incluídas por nós na categoria "Religião"), oferecem-nos imagens de uma violência atroz. Retratam os costumes, a ancestral tradição daquele povo, mas não é tal facto que as unge como imagens de paz.

O crime, a violência, presentes também noutras categorias, como a dos *fait divers*, que se presume, à partida, tratar de actualidades inócuas sempre disponíveis para ajudar o *pivot* do telejornal a despedir-se com um sorriso. Um homem fechado num compartimento, tendo por única companhia 250 serpentes venenosas, causa alguns calafrios. O crime também sobrevoa a notícia que nos anuncia a invenção de um cinto anti-violação. O medo também se presente nas grávidas indianas recolhidas em casa receando efeitos nefastos do eclipse solar. A violência também se escarrapacha no desporto – foi pelos tumultos verificados no final do jogo de futebol entre as selecções da Malásia e do Nepal que esta partida chegou aos telespectadores portugueses.

As categorias residuais, onde, pela denominação, pensaríamos à partida versarem factos *positivos*, também nos levam, pelo menos em parte, ao engano. Porque em “Comércio/Indústria/Economia/Media” encontramos a União Europeia advertindo a Coreia do Sul por alegadas práticas de concorrência desleal no sector da construção naval. Ou um acordo comercial entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, *acordo* só no reino eufemístico, pois de ajuda alimentar se tratava, efectivamente. Ou os voos cancelados na Tailândia, receando os efeitos do tão propalado *bug do milénio*.

5. Localização das notícias sobre o Sul e Sudeste asiático nos alinhamentos dos telejornais

Não fossem as notícias em que Portugal surge como parte interessada (34 notícias, 1h 03' 31" , equivalente a 5,2% da duração total de notícias),⁶ mais uma ou outra de desporto e algumas referentes a reuniões internacionais e visitas de dignitários estrangeiros, diríamos que as notícias que não *exalam* a morte, a bizarro *cheiram*. O lugar que ocupam nos alinhamentos diz bem da (des) valorização que lhes é atribuída por quem as selecciona.

Gatos punidos com castração por se terem passeado, *inadvertidamente*, pelo parlamento indiano, mereceram o último lugar no *TVI Jornal* (13h 30) (13.ª posição em 13 notícias) e no *Directo XXI* (26.ª posição em 26 notícias), ambos da *TVI*, a 8 de Março. O indiano que conseguiu puxar um navio com os dentes foi última notícia do *Telejornal (RTP1)* de 22 de Junho (31.ª em 31). Último posto para a aldeia do norte da Índia sofrendo praga de macacos (*Telejornal*, 8 de Janeiro) (24.ª em 24); para o grupo de padres filipinos que

⁶ Registámos um total de 100 notícias (3h 05' 25") - equivalente a 11,6% do total de notícias, e a 15,1% do total de tempo de emissão -, reportando declarações ou iniciativas de governos, organizações ou personalidades estrangeiras (fora da região do sul e sudeste asiático), nas notícias sobre este grupo de países. As 34 notícias (1h 03' 31") referentes a Portugal, somamos 66 (7,7%), com uma duração de 2h 01' 54" (9,9%).

decidiu formar uma banda rock (*TVI Jornal*, 10h, 27 de Abril) (10.^a em 10); para a presença de uma ex-*Spice Girl* nas Filipinas (*Jornal da Tarde, RTP1*, 16 de Junho) (19.^a em 19).

Último lugar também para os tigres brancos da Coreia do Sul (*Jornal da Tarde*, 10 de Fevereiro) (21.^a em 21); para os orangotangos de Singapura (*Telejornal*, 2 de Fevereiro) (28.^a em 28); para o elefante-bebé do Cambodja (*TVI Jornal*, 13h 30, 18 de Agosto) (14.^a em 14); para a invasão de corvos na capital malaia (*24 Horas, RTP1*, 28 de Outubro) (14.^a em 14); para o gato tailandês melhor amigo do rato (*Jornal da Tarde*, 8 de Julho) (20.^a em 20); para o crocodilo do mesmo país a quem foram cantados os parabéns (*Jornal da Tarde*, 12 de Junho) (15.^a em 15).

Confrontos a fechar, no jogo de futebol entre a Malásia e o Nepal (*Jornal da Noite, SIC*, 21 de Junho), (24.^a em 24) (*Directo XXI, TVI*, 21 de Junho) (16.^a em 16). No fecho ainda o cinto anti-violação com patente tailandesa (*Jornal da Tarde, RTP1*, 29 de Março) (17.^a em 17); os petiscos de Taiwan (*Jornal da Noite*, 6 de Junho) (27.^a em 27); os bolos aditivados com *Viagra*, que não caíram no gota da polícia de Taipé (*Último Jornal, SIC*, 8 de Agosto) (10.^a em 10), (*Primeiro Jornal, SIC*, 9 de Agosto) (33.^a em 33).

E ainda... um alfaiate costurando as maiores calças do mundo (*Telejornal, RTP1*, 8 de Junho) (31.^a em 31); o record dos páraquedistas, 500 à uma saltando em queda livre (*Jornal da Tarde*, 2 de Dezembro) (21.^a em 21), (*TVI Jornal*, 13h 30) (18.^a em 18); outro record menos exigente, devorando gelados (*Jornal da Tarde*, 28 de Abril) (15.^a em 15), (*Telejornal*, 28 de Abril) (26.^a em 26); outra *notícia-mega*, a da concentração de inúmeros irmãos gémeos (*Primeiro Jornal*, 13 de Novembro) (16.^a em 16), (*Jornal da Noite, SIC*, 13 de Novembro) (18.^a em 18); um festival de esculturas *sui generis*, bojudos pénis para deleite da assistência feminina (*Telejornal, RTP1*, 4 de Março) (25.^a em 25).

Há mais notícias no *carro-vassoura*, mas a enumeração supra já basta. Porque há muitas outras fazendo-lhes companhia, pelos penúltimos e antepenúltimos lugares. Como o tubarão que apareceu em areias indianas (*Primeiro Jornal, SIC*, 17 de Março) (18.^a em 19); ou o rebentamento do tanque que albergava crocodilos (*TVI Jornal*, 13h 30, 9 de Fevereiro) (13.^a em 14); a eleição da “*Miss Gorda*” (*Primeiro Jornal*, 2 de Maio) (19.^a em 20); a aldeia tailandesa com humanos convivendo em perfeita harmonia com os macacos (*24 Horas, RTP1*, 30 de Novembro) (12.^a em 13); a joalheira que encontrou safira de peso (*Jornal da Tarde, RTP1*, 28 de Novembro) (20.^a em 21); a Malásia orgulhosa por lá viver o homem mais velho do mundo (*TVI Jornal*, 13h 30, 18 de Junho) (15.^a em 16)...

e o homem fechado em quarto na companhia de 250 serpentes venenosas (*TVI Jornal*, 13h 30, 10 de Março) (16.^a em 17) ...

e o medo que o eclipse incutiu nas futuras mães indianas (*TVI Jornal*, 13h 30, 11 de Agosto) (9.^a em 11) ...

e o jovem vietnamita a morrer de “*velhice*” (*Directo XXI, TVI*, 12 de Março) (11.^a em 12) ...

CAPÍTULO 5

Conclusões

1. Em directo do inferno

O que poderemos concluir, depois de tão prolongada (e dilacerante) viagem pelas notícias seleccionadas de acontecimentos verificados nestes quatro grupos de países?

1. Que o *mundo global* prometido à saciedade pelas televisões aos telespectadores, chega a casa destes muito *desglobalizado*. Há vários *buracos brancos* (países e povos nunca noticiados), há um número significativo de países que preenchem o mapa noticioso televisivo apenas com uma notícia em todo um ano.

2. Em alguns dos casos, verifica-se um claro etnocentrismo na chamada ao alinhamento de alguns países (veja-se o caso de S. Tomé, em que se noticiaram apenas as deslocações de personalidades portuguesas àquele território).¹

3. Noutros casos, chama-se ao alinhamento, não um país ou um povo, mas tão só a *moldura*, o cenário por onde passam, opulentamente, os desportistas do *Primeiro Mundo* (veja-se o caso da Tunísia).

4. Na selecção, o privilégio vai sobretudo para a violência – guerra, terrorismo, atentados, tumultos; para a miséria – fome, doenças, epidemias; para as catástrofes naturais – terramotos, cheias, ciclones; para toda a panóplia de acidentes – aéreos, ferroviários, rodoviários, marítimos.

5. O predomínio desta actualidade tenebrosa traz consigo o perigo, por muitos denunciado, da ênfase dos efeitos, em detrimento da análise das

¹ A ligação entre “o acontecimento e uma das nações de elite” era um dos quatro critérios pistados, em 1965, por Galtung e Ruge para a selecção de notícias do estrangeiro efectuada pelos *media* ocidentais. Os outros três critérios reportavam à “relação do acontecimento com personalidades de elite”, à “personalização dos factos”, e ao “carácter negativo dos factos” (MESQUITA, 1994: 22).

causas que subjazem aos atentados, aos dramas humanos resultantes das inundações, da seca, da fome, da corrupção. Isto mesmo assinala Leblanc (1989: 88): “A apresentação das catástrofes — onde a reportagem em directo tem um papel de primeiro plano — faz predominar a encenação dos efeitos sobre a análise das suas causas. Para que a actualidade seja objecto de uma máxima dramatização, é necessário que os factos que constituem a informação sejam separados dos processos que os produzem. Assim, assistimos sobretudo aos excessos incoercíveis da natureza, aos sobressaltos sangrentos da história. O telespectador pode ser tomado por um terror legítimo perante estes acontecimentos que ultrapassam a medida humana, tanto mais que se repetem com uma grande regularidade, provocando a longo prazo um forte sentimento de impotência. Não há dúvida que os governos não permanecem inactivos e permitem-nos assistir às operações de salvamento ou de contenção que empreendem. Mas a acção governamental intervém mais frequentemente após a catástrofe: o crime já teve lugar, o atentado terrorista já foi consumado, o incêndio já devorou hectares de floresta, a guerra foi já desencadeada... Como evitar o retorno de tais infracções à ordem supostamente normal da natureza e do mundo? Retoma-se a mesma questão em cada catástrofe, sempre retomada mas nunca resolvida, e isto apesar de todas as promessas de controlo”.²

6. Se a proximidade é critério pacífico de noticiabilidade, no que às notícias do estrangeiro concerne, aí a distância será critério de noticiabilidade mas do exótico, do bizarro, do burlesco.³ Dos aniversários dos crocodilos aos gatos castrados por se passearem no parlamento indiano; da preguiça dos homens

² Mais à frente, Leblanc (1989: 89) volta a enfatizar o perigo da geração de um sentimento de impotência junto dos telespectadores, perigo criado pela reiteração deste género de notícias. O Homem subjugado à força indomável dos elementos, assumindo como fatalidade o que, em muitos casos, pode ser evitado mediante atempada e diligente acção humana. Assunção de impotência induzida por esse *herói falhado* que é o apresentador do telejornal: “É com o apresentador que o telespectador é convidado a identificar-se. É o apresentador que nos serve de guia através das imagens do mundo, é ele quem dá a palavra e é ele quem a tira. Mas este herói falhado não age nunca. Ele não empreende a luta contra os desastres que o rodeiam por todos os lados. Para ele, está fora de questão enfrentar a actualidade destemidamente ou chafurdar no sangue com que nos enlameia. Ele mantém o mundo à distância. Não faz a história, conta-a. O apresentador oferece-nos um espaço de representação onde, com ele, somos espectadores, nada mais que espectadores.

Esta posição de impotência não faz mais que reforçar o sentimento de impotência que o telespectador experimenta. A afirmação da liberdade humana parece vã antes mesmo que seja empreendida a mais pequena luta contra as forças da natureza e da história. A supremacia do mundo objectivo convida à passividade absoluta. Chegamos a duvidar dos poderes da razão. O mundo torna-se um enigma indecifrável. Parece inevitável deixar agir uma causalidade superior e inacessível, aceitar restringir os limites da sua liberdade ao livre desenvolvimento desta causalidade que vai onde os maus ventos a levam. A tragédia é evacuada mesmo antes de ter começado”.

das Seychelles à bruxa que garante adivinhar resultados eleitorais; das inúmeras proezas abençoadas com inscrição por esse poderoso *agendador* das televisões, que dá pelo nome de *Guinness Book of Records*.⁴

7. Há uma ausência clara de contextualização da quase totalidade dos acontecimentos noticiados (excepção feita a casos isolados, muito raros, e à prática reiterada de seleccionar pelo menos um assunto para desenvolvimento por parte do *Jornal 2* da RTP2).

8. Esta selecção deixa de fora toda uma série de acontecimentos de importância capital para a transformação e para o progresso da Humanidade.

9. Percebe-se uma grande dependência das redacções televisivas em relação ao material fornecido pelas agências noticiosas, sendo em número diminuto as notícias elaboradas por correspondentes ou enviados especiais das televisões portuguesas.⁵

³ Na mesma linha, Hanelore Döbler (2002), para quem “o afastamento geográfico de uma remota região pode tornar-se subitamente bastante próximo... se existirem catástrofes pelo meio”.

⁴ Este tipo de notícias tanto pode inserir-se num telejornal como encontrar-se num programa de puro divertimento, programa que também pode conter... um telejornal! Em França, a *TFI* emitiu durante vários anos programa intitulado *L'émission des records*. No *press release* de um dos programas, sob a epígrafe “*TFI – Divertissement*”, informavam-se os telespectadores que Vincent Perrot, o apresentador, lhes propunha *um serão excepcional, com uma volta ao mundo* continente dos *records mais incríveis*, chancela presencial, em estúdio, de um representante do *Livre des Records*. Record de velocidade em trotineta sobre o gelo (127 kms/h); quebrar 85 blocos de gelo em menos de 1' 14"; um *braço de ferro* entre William Deandreis (1,87 m, 135 kgs, 58 cm de músculo no braço) e um camião de três toneladas; memorizar o maior número possível de datas de nascimento em dois minutos, tarefa a cargo de uma médica de Praga, etc., etc. Para além de *outras surpresas*, no programa também se oferecia um *telejornal dos records* reunindo *as informações e as imagens mais recentes provenientes do mundo inteiro*.

⁵ Esta dependência das agências noticiosas não é exclusivo das televisões portuguesas. Hanelore Döbler (2002) reproduz algumas queixas de correspondentes internacionais trabalhando para *media* alemães: “No documentário alemão de Michael Franzke ‘Mas as agências não disseram nada...’, os correspondentes tomam a palavra e descrevem a situação de maneira patética. Um profissional da rádio diz que, se as grandes agências como Reuters, France Press ou Deutsche Press Agentur (DPA) não fizerem referências a determinado acontecimento, a notícia é ignorada pela redacção, mesmo nos casos em que o correspondente disponha de informação em primeira mão. Noutros casos, é a falta de pessoal a causadora da reduzida fluidez informativa provinda do Terceiro Mundo. Assim se passa com muitos correspondentes de *media* europeus, um só profissional encarregado de cobrir as notícias de 53 países africanos ao mesmo tempo!”.

Situação notada também por Kunczik (2001), no concernente aos correspondentes dos canais alemães ZDF e ARD na Ásia: “O correspondente da ARD está localizado na Índia (Nova Deli) e tem que cobrir a Índia, Paquistão, Bangladesh, Afeganistão, Nepal, Butão e Maldivas. Não é propriamente uma pequena área. O correspondente da ZDF está localizado em Singapura e cobre região bastante mais vasta: Singapura, Malásia, Indonésia, Brunei, Papua, Tailândia, Camboja, Vietname, Laos, Myanmar, Índia, Bangladesh, Nepal, Butão, Paquistão, Afeganistão, Austrália e Nova Zelândia”.

10. Para além de nos fornecerem um mundo *delegado* nos olhos e nas perspectivas de funcionários de um número reduzidíssimo de agências, com interesses naturalmente residentes nos grandes mercados, como o norte-americano, esta dependência corre siamesa com a ausência de controle na produção da notícia. O que equivale a dizer que o noticiário internacional se torna assaz permeável à produção de fraudes e manipulações várias. Não é preciso lembrar casos como o da guerra do Golfo (1990-1991), ou das valas de Timisoara, porque tais casos, de tão gritante falsidade, não se conseguiram manter sob o manto espesso do branqueamento. Pensamos, isso sim, nas pequenas manipulações, nas distorções de que nenhum provedor, crítico de televisão ou associação de telespectadores se dá conta.

Isto vale para as agências, mas também para a estratégia (porventura necessária), do recurso a correspondentes autóctones, perante a dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de manter, em determinados países, correspondentes que sejam jornalistas oriundos das redacções das televisões portuguesas. Veja-se o caso concreto de Angola, que escalpelizámos quando tratámos das notícias do continente africano.

11. A necessidade de reduzir custos gera, ela própria, comportamentos miméticos – não apenas na difusão das mesmas notícias/mesmas imagens/provenientes das mesmas agências -, mas também na contratação de profissionais que trabalham para mais do que um órgão de informação. Era o que acontecia, ao tempo, com a *RTP*, no caso da Rússia (*RTP* e *Lusa*), da Suíça (*RTP* e *Antena 1*); com a *SIC* na África do Sul (*SIC* e *Lusa*), nos EUA (*SIC* e *TSF*), em Israel (*SIC* e *TSF*), em Bruxelas (*SIC* e *DN*); com a *TVI* nos EUA (*TVI* e diário *24 horas*).⁶

12. O noticiário internacional sofre, tal como o nacional, de práticas miméticas exógenas (entre diferentes TV's). Com uma agravante: enquanto no noticiário nacional as possibilidades de actualização (e eventual correcção) são maiores – através da presença pouco onerosa de jornalistas que vão controlando o desenrolar dos acontecimentos -, no noticiário internacional tal não se verifica com a mesma frequência. Daí que o índice mais fiável de análise da diversidade de acontecimentos tratados passe pelo total de assuntos e não pelo total de notícias da amostra que compilámos.

13. Tais comportamentos miméticos entre redacções de diferentes televisões – associados ao também provado processo de *realimentação* de telejornais da mesma estação com as mesmas notícias -, vêm reforçar, inelutavelmente, a imagem que os telespectadores constroem do mundo, ou

⁶ Esta prática não é, sequer, exclusiva das televisões, com a parceria a fazer-se, por vezes, entre imprensa e rádio. Vejam-se os casos do *Expresso* (mesmo correspondente que a *Antena 1*, em França; mesmo correspondente que a *TSF* no Reino Unido, durante alguns anos), e do *JN* (mesmo correspondente que a *TSF* no Reino Unido).

de parte relevante do mundo em que vivemos.

14. Nos últimos anos, são cada vez mais frequentes as denúncias de que os noticiários televisivos se vão inexoravelmente acantonando nos acontecimentos nacionais, com a conseqüente diminuição de importância da actualidade internacional. Tendência considerada um paradoxo, por se verificar no exacto momento em que os ventos da globalização sopram com bastante força.⁷

Na posse dos dados que carreámos neste capítulo, tais denúncias revelam alguma fragilidade, ao considerar-se que o noticiário internacional é, por qualquer arte mágica, imune aos defeitos apontados às notícias televisivas no geral.

Os números frios acima expostos mostram-nos que, no que àquele conjunto de 96 países reporta, os telejornais nos surgem como programas de uma violência atroz, deturpando, pelo menos através da selecção, a realidade de um vasto conjunto de países, a vida de muitos povos, o pulsar de centenas de milhões de seres humanos.⁸

Não há queda de avião a que o mais empedernido dos *gatekeepers* resista. Haverá quem o compreenda. Mesmo quando não há um único ferido a registar,

⁷ Óscar Mascarenhas (1997) é de opinião que a *aldeia global* de MacLuhan está a produzir *aldeões ratos-cegos*:

“As televisões de todo o mundo uniram-se para dar um sentido trágico à definição, fixando-se na palavra aldeia. Calculadamente — só agora percebo porque chamava MacLuhan ‘*meio frio*’ à televisão... — apostaram em converter os destinatários em verdadeiros aldeões.

(...) Nos Estados Unidos e Canadá já nem há notícias dos Estados Unidos ou do Canadá, mas apenas do próprio Estado ou província em que a televisão tem sede — a não ser que seja crime e o protagonista transfronteiriço como Versace.

Há coisa de um mês, no Quebeque, houve um comício independentista anti-Canadá: só o Quebeque o soube; já não foi notícia na televisão da vizinha Ontário e muito menos na longínqua British Columbia. Mas não se pense que isso é exclusivo de lá: a (antigamente) respeitável *BBC* — não a *BBC World*, mas aquela que o Reino Unido tem de suportar — conseguiu informar-me quem tinha sido o segundo classificado do Grande Prémio (creio que) da Hungria: era britânico. Só se esqueceu de me dizer quem tinha ganho a prova. Aldeia global?”

⁸ Perante este panorama noticioso tão sombrio, quase se chega a desejar que este ou aquele país do Terceiro Mundo não surjam nos alinhamentos dos telejornais, sinal de que não se verificou nenhum golpe de Estado, nenhuma cheia, nenhum acidente grave. Na linha, aliás, do que Henry Giniger (1994: 241), que foi correspondente do *New York Times* em Portugal e Espanha, entre 1973 e 1976, constatava a propósito do desaparecimento do nosso país do mapa noticioso mundial, depois dos anos quentes pós-25 de Abril de 1974: “Indubitavelmente, Portugal não só deixou de figurar na primeira página do *New York Times*, como desapareceu, praticamente, da imprensa mundial. Foi preciso um incêndio na baixa lisboeta para que, de novo, se falasse do país. No vosso lugar, congratular-me-ia por isso. É sinal de que Portugal se tornou uma verdadeira democracia, normal e viável. Mas se, um dia, um afluxo, uma horda, um exército de jornalistas descer sobre vós, então é altura de se preocuparem outra vez”.

e o acidente se deu a milhares de quilómetros de distância? Já se torna mais difícil compreender o *valor-notícia* em questão, e mais fácil perceber o *valor-espectáculo* da queda da aeronave.

Como se torna difícil justificar que um país suba à ribalta televisiva, durante um ano de 365 dias, 3.600 noticiários e mais de 60 mil notícias, graças à realização de um leilão de presas de elefante.

Perante este quadro, e a não se vislumbrarem perspectivas de melhoras, afoitamo-nos a não acompanhar as críticas da *localização* dos telejornais no mundo global. O que é nacional, não sendo muitas vezes bom, sempre pode ser melhor *controlado* pelos telespectadores, seja pela proximidade, seja pelo confronto fácil com outras fontes (jornais e rádio), seja pela discussão do acontecimento no grupo com que se relaciona. Torna-se mais fácil aquilatar da veracidade da notícia, do interesse da sua selecção, do bem ou mal fundado da insistência no assunto. E sempre se evita a diabolização de um mundo que, tendo efectivamente o demo à solta por muitos cantos, tem outras estórias para contar, e que se não resumem às cornadas do infrene chifruído.

2. O espelho-mundo deformado

“Si yo fuera director de un periódico me preguntaría a final de cada año por los continentes, pueblos, grupos humanos y áreas de realidad, que no han asomado a mis páginas”.

Olegario González de Cardedal, 1988 (1995: 334)

Os meios de comunicação ocupam, hoje em dia, um lugar estratégico de mediação dos discursos dos actores sociais e institucionais, mediação que corre a par com uma propalada debilidade das instituições de representação política tradicionais. Assiste-se a uma *“reconfiguração das mediações”*, como defende Barbero (1998: XIV), os meios de comunicação não se limitando ao singelo papel de veiculadores das representações existentes, passando a ser encarados também como actores incontornáveis da vida pública.

Actores com palco confinado aos limites de uma região ou país, ou então, como muitas vezes sucede, alargando a sua influência ao todo mundial, chegando mesmo a constituir-se como *“recursos diplomáticos e novas arenas para o diálogo internacional”*: *“Os media já não funcionam como meros observadores ou repórteres, que se ocupam da recolha de notícias, da selecção de certos pormenores, da construção de realidades e da sua representação ao público. Nos finais do milénio, os jornalistas são participantes e catalizadores de processos e decisões, especialmente no contexto internacional. No seu papel de partícipes, os media fazem parte de um intercâmbio simbiótico*

de informação entre os meios, de um lado, e governos, organizações e corporações, de outro” – assinala Dov Shinar (1997).

À delegação de responsabilidades no Homem que faz o Mundo, sendo os *media* inocentes espelhos das glórias e desgraças da acção humana, impõe-se hoje a perspectiva dos *media* como co-responsáveis na escolha dos materiais necessários ao fabrico de tal espelho. Co-responsabilidade tanto na escolha dos componentes que farão luzir o espelho, como em todos os defeitos de fabrico que conseguimos detectar.

2. 1. *Da cratera do olvido ao pico do inferno*

O controle de qualidade ao processo de fabrico do *espelho-mundo* reflectido pelos *media* aponta claramente para uma laboriosa e cuidada confecção da metade cimeira do objecto, fazendo reluzir o poderoso Norte; e para um desleixo preocupante na confecção da metade fundeira, esta com defeitos de fabrico que quase só deixam reflectir o negro, quando deixam reflectir alguma coisa. Porque há, também, na análise a esta parte fundeira do espelho, a constatação da resistência à reflexão de muitas imagens de muitos países do hemisfério sul, países e gentes que, excluídos da mancha negra noticiosa espelhada nos telejornais, passam a integrar um grande *buraco branco*, a cratera do olvido para onde os *gatekeepers* televisivos os remetem, de forma implacável.

Olhando para a parte fundeira do espelho mediático, Ignacio Ramonet (1998: 105-106) ali vê um Sul presente essencialmente em dois registos, ou duas atmosferas comunicacionais. O primeiro mora nos telejornais, registado com o apelido de *inferno*: “Tendo por base acontecimentos negativos de vários tipos, catástrofes naturais – terremotos, incêndios, inundações, erupções vulcânicas, furacões, secas – o Sul está presente sobretudo quando estes desastres significam drama, sofrimento e morte. Ou então quando há desordens políticas: guerras civis, guerrilhas, insurreições, golpes de Estado, matanças, execuções. O Sul irrompe nos telejornais quase exclusivamente quando se verificam catástrofes políticas ou naturais. Para os cidadãos-telespectadores que vêem os telejornais, o Sul é essencialmente um inferno. É um lugar onde ocorrem todos os cataclismos, todas as desordens, todas as violências”.

O *paraíso* surge, de forma simetricamente oposta, no discurso publicitário: “Fala de paisagens maravilhosas, de praias impolutas, de céus magestosos, de natureza virgem, de aborígenes afáveis, sorridentes e servis”.

“No nosso sistema comunicacional, o Sul é um inferno ou um paraíso mas nunca um espaço normal, com povos normais. Como, por exemplo, quando o nosso sistema comunicacional fala de nós mesmos. Quando a televisão se

refere ao Norte, noticia greves e conflitos, mas também noticia debates políticos, resultados eleitorais, situação económica, vida cultural, etc”- assinala Ramonet.

Os dados libertados pela pesquisa que acabámos de efectuar aí estão para aceitar, sem qualquer resistência, o diagnóstico-denúncia de Ramonet. Dados que, no se que se refere às notícias da presença do estrangeiro no Terceiro Mundo, também aceitam de bom grado a etiqueta do ex-director do *Le Monde Diplomatique*: “O Sul não tem importância em si. Só tem importância na medida em que o Norte está presente ou quando há interesses ocidentais envolvidos”.

2. 2. Desporto = Futebol

Ao concluirmos a análise sobre o continente africano, elencámos uma série de acontecimentos e de assuntos que poderiam ter sido abordados pelos telejornais portugueses, alguns de magna importância para a vida dos milhões de seres que vivem em África, outros até com relevância no contexto mundial. Permitam-nos um exercício similar, desta feita transcontinental, e tratando de um sector específico, o desporto. Vimos já que, quando há, há futebol. A quase totalidade das outras modalidades desportivas (e tantas são!), desaparecem do mapa informativo televisivo português.⁹ Oferece-se um mundo desportivo enquadrado na suposta preferência maioritária dos telespectadores, apimentado quando possível de violência que baste; não se fornecem notícias que reflectam a heterogeneidade da prática desportiva a nível mundial. Também aqui manda o ditame *dura rating sed rating*. Futebol, futebol e mais futebol.¹⁰

⁹ Este predomínio avassalador do futebol nos telejornais abrange, também, as notícias sobre o desporto praticado em Portugal. Responsáveis federativos de desportos considerados *menores* ou *inexistentes* pela televisão, nomeadamente pelo jornalismo desportivo, reiteram queixas contra esta eterna tendência, lamentos que caem em ecrã roto. Recolhemos alguns depoimentos escritos sobre o assunto, posições assumidas a nosso pedido (primeiro semestre de 2002). Carlos Prata, responsável pelo Departamento de Formação de Treinadores da Federação Portuguesa de Voleibol (FPV), elenca razões “culturais” e “económico-financeiras” como estando na base do privilégio dado ao futebol: “O Futebol é que vende e este será o critério preponderante – as chamadas leis do mercado”. Consequência: as modalidades que não *vendem* na televisão, têm muito mais dificuldade em conseguir patrocínios: “Quem não é notícia, não vende. Neste sentido, uma menor divulgação, quase sempre confinada ao canal 2 da RTP, quando surge, limita a obtenção de melhores patrocínios e apoios, bem como a divulgação da modalidade junto dos potenciais praticantes e adeptos”. Entra-se assim num “círculo vicioso” de “mais do mesmo”, círculo alimentado pelo “conservadorismo” da televisão.

Luis Borges, presidente da Federação Portuguesa de Pesca Desportiva Amadora (FPDAM), considera “quase um totalitarismo” a presença do futebol nos telejornais, tudo porque a modalidade não é, no presente, “um desporto, mas um negócio e um

É verdade que na Argentina o futebol é rei, mas o hóquei em campo (feminino) tem ganho bastante popularidade, nos últimos anos.¹¹ As argentinas conquistaram a medalha de prata no campeonato do mundo (Irlanda, 1994), a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000), o Troféu

espectáculo”. Os esforços tendentes a pôr a pesca desportiva no mapa noticioso televisivo têm sido infrutíferos: “Temos procurado sensibilizar as televisões. A RTP Porto tem uma equipa a participar no Campeonato Nacional de Pesca de Barco. Os próprios atletas queixam-se da marginalização a que são sujeitos pelas chefias das redacções, para quem ‘a pesca desportiva é secundária’”. Com a televisão de fora, a modalidade não conquista, entre nós, os pergaminhos que ostenta lá fora: “O país em que vivemos não se valoriza nem evolui através das televisões que temos. Na Inglaterra, o Campeão de Pesca Desportiva é condecorado pela Rainha. Alguém está a ver o Presidente da República de Portugal a fazer o mesmo?” – interroga-se Borges, lembrando que, nos EUA, as provas de pesca desportiva são transmitidas em directo, e que em Portugal a modalidade conta “apenas” com um milhão de praticantes.

Luís Santos, director executivo da Federação Portuguesa de Orientação, é de opinião que o estado das coisas só se alterará quando conseguirem criar “figuras de destaque” na modalidade. É preciso alimentar o campeonato da fama, para que uma modalidade saia do limbo da ignorância: “Temos que criar programas de longo prazo (os nossos projectos têm 3/4 anos) geradores de atletas de elite internacional. Em Espanha os problemas eram semelhantes aos nossos, mas há dois anos surgiu um atleta que já compete hoje com os melhores do mundo. Os bons resultados desse atleta (Roger Casal) trouxeram efeitos evidentes, quer nos apoios ao trabalho das selecções espanholas, quer na motivação dos jovens que vêm nele uma figura a imitar. Em suma, com atletas de craveira internacional, podemos conseguir regulares espaços de divulgação”.

Santos refere ainda outra *limitação*: “A Orientação é um desporto amador. Existem menos de uma dezena de profissionais ligados à modalidade. Logo, o trabalho de sensibilização dos *media* não é feito com a profundidade e com a atenção necessária. Existem agentes que cobram caro para colocar imagens de modalidades como as nossas no ar. Sem recorrer a esse tipo de agentes, não conseguimos mais do que pequenas reportagens nos jornais da hora de almoço, sempre no âmbito de Organizações de Provas. Os contactos directos são normalmente ignorados. E as reportagens que referi só surgem através de conhecimentos ou de clubes com *lobbies* que têm alguma força (normalmente ligados aos meios militares)”.

¹⁰ A Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) chegou a tomar posição, a propósito da avalanche de notícias sobre o futebol, invadindo, no caso concreto, a *RTP*. Em Abril de 2002, a AACS advertiu o canal público para a “conveniência” de limitar a informação sobre o futebol profissional nos espaços de informação generalista, “evitando todo o desvio que privilegie a facilidade, o sensacionalismo ou o desequilíbrio informativo”. A razão próxima para a tomada de posição, segundo o *Público* de 6.04.2002, foi o tratamento dado pela *RTP* às crises do Benfica - saída do treinador Toni, em Dezembro de 2001 -, e FC Porto: troca de Octávio Machado por José Mourinho, em Janeiro de 2002.

A deliberação, aprovada por maioria, reflectia um processo aberto pelo organismo para avaliar o tratamento dado ao futebol profissional nos espaços noticiosos de informação geral. “A AACS interroga-se se ‘a importância do fenómeno futebolístico no mundo moderno’ será mesmo ‘aquela que a informação generalista da RTP transmite, ou se, pelo contrário, não haverá um desvio, uma perversão, um empolamento informativo de certos factos, com prejuízo do rigor informativo” – informa o *Público*, acrescentando:

“O exemplo mais detalhado na deliberação é o do Telejornal de 27 de Dezembro de 2001, o qual dedicou o período entre as 20h00 e as 20h37 à saída do treinador do Benfica,

dos Campeões (Holanda, 2001). A par com a Austrália e a Holanda, é considerada uma das três melhores selecções do mundo. A selecção masculina conquistou o sexto lugar no mundial que se disputou na Malásia, em 2002. No voleibol feminino, registou-se o apuramento para o Mundial de 2002 (Alemanha); a maior parte das jogadoras argentinas integra equipas europeias. Em 2001 conseguiram o feito de vencer a selecção brasileira, umas das quatro melhores do mundo.

A Federação Internacional de Voleibol (FIVB) elegeu, em Março de 2000, o Brasil como o melhor do mundo na modalidade, por ter sido o país que mais subiu ao pódio nos anos de 97, 98 e 99.

No voleibol de praia, o Brasil esteve 117 vezes no pódio, e onze vezes no voleibol em recinto fechado. Quadro de medalhas que deixa de fora todos os títulos sul-americanos, as cinco medalhas dos Jogos Pan-Americanos de 1999 e os dois títulos da Copa América (1997 e 1999) da selecção masculina, dado essas competições não serem organizadas diretamente pela FIVB.

A selecção feminina de Cuba conquistou medalhas de ouro nos Campeonatos do Mundo de voleibol, em 1994 (São Paulo) e de Osaka (1998), também nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000), com o Brasil a conquistar a medalha de bronze. Em Osaka (1998), a selecção masculina de voleibol de Cuba arrecadou a medalha de bronze. Em Sydney, a selecção masculina cubana conquistou a prata, em baseball, depois do ouro conquistado nos

num dia em que estavam também na ordem do dia, entre outros, a situação na Palestina, a tensão Índia/Paquistão e as sequelas da demissão do ex-primeiro-ministro. Entre 21 e 23 de Janeiro, o principal noticiário da RTP abriu ‘também com extensas peças sobre a chamada *crise do FC Porto*, incluindo peças de certo modo insólitas, como a da ligação directa a um jantar que decorria num restaurante da Mealhada, em que aparentemente nada acontecia em termos que justificassem o relevo invocado’, refere uma carta enviada ao director-geral de antena da RTP, Emídio Rangel, a 1 de Fevereiro. [No referido restaurante decorria um jantar entre directores do FC Porto e aquele que veio a ser o treinador do clube, José Mourinho]”.

A AACS reconhecia na missiva não ser o problema “novo nem exclusivo da RTP”, adiantando que desta empresa se esperaria um comportamento diferente do dos restantes canais, “até porque as peças em causa não tratam propriamente de futebol (não passam imagens de jogos), mas sim de intriga que gira à volta do futebol”.

Na resposta, Emídio Rangel argumentou que o Desporto “é uma área de actividade humana tão relevante, do ponto de vista jornalístico, como a Política Nacional ou Internacional, a Economia, a Cultura” e que a informação sobre essa área “tem muitas vezes fortes implicações sociais, políticas e económicas”, pelo que não lhe parecia razoável “reduzir o tratamento do futebol profissional a peças sobre os jogos ‘strictu sensu’”.

“Mesmo considerando as explicações recebidas, a AACS considera que o ‘empolamento informativo’ existe. E - usando como termo de comparação as primeiras páginas de cinco jornais diários do dia seguinte - discorda que, a 27 de Dezembro de 2001, a ‘principal notícia do dia’ fosse a demissão do treinador do Benfica.

¹¹ Trabalhamos, aqui, com dados apurados em 2003, na pendência dos trabalhos de doutoramento, cuja tese foi entregue em 2004.

Jogos Olímpicos de 1996 (Atlanta) e 1992 (Barcelona). Nesta última edição das olimpíadas, Taiwan conquistou a medalha de prata. Nos lançamentos do dardo e do martelo, Cuba (femininos) conquistou medalhas de ouro em Edmonton. E conhecemos muitos outros feitos cubanos, no atletismo.

A Taça do Mundo em rugby, também chamada de Troféu *William Webb Ellis*, nunca foi ganha por uma selecção europeia. A África do Sul conquistou o ouro, em 1995, e o bronze, em 1999.

A Índia foi oito vezes campeã olímpica de hóquei em campo (masculinos). O Paquistão conquistou, nesta modalidade, a Taça do Mundo, em 1994, conseguindo assim a quarta vitória desde a instituição do troféu, em 1971, e tendo sido finalista por mais duas vezes. Arrecadou ainda, nesta modalidade, a medalha de prata nos olímpicos de Barcelona, depois do ouro em 1984. A Coreia do Sul foi campeã do mundo de basquetebol (feminino) em 1995 (Áustria/Hungria), tendo conquistado a medalha de prata em andebol feminino, nos olímpicos de 1996. Conquistou a medalha de prata em hóquei em campo (masculinos e femininos), nos Jogos Olímpicos de Sydney.

O Campeonato Mundial de Andebol (masculino) decorreu no Egipto, entre 1 e 15 de Junho de 1999. Um total de 80 jogos, contando com a participação de 24 nações, representantes dos 5 continentes. O Egipto ficou em sétimo lugar, depois da Suécia, Rússia, Jugoslávia, Espanha, Alemanha e França. Em oitavo ficou Cuba. Em 12.º a Tunísia. Em 14.º a Coreia, em 15.º a Argélia. Não valeu uma notícia nos telejornais.

A selecção brasileira de andebol feminino venceu os Jogos Pan-Americanos, derrotando o Canadá na final (Agosto 1999). A equipa brasileira terminou a competição invicta (com um único empate contra os EUA), garantindo pela primeira vez a classificação para as Olimpíadas do ano 2000. Não valeu uma notícia nos telejornais lusos. Como também ficaram de fora os *All Africa Games* (Joanesburgo, Setembro 1999).

São apenas alguns exemplos de que, no resto do mundo, também se praticam outras modalidades, e até há países, pasme-se, que ganham medalhas, que são campeões, que destronam os atletas *primeiro-mundistas* não apenas no atletismo.

Há 17 anos que o deserto ao sul de Marrocos assiste à Maratona das Areias, prova duríssima, que vai ganhando adeptos ano após ano. Eram 23 à partida, em 1986; foram 580 os participantes, em 1999, chegando aos 700, em 2001 (30 países representados, de todos os continentes). A prova, com a extensão de cerca de 200 quilómetros, dura uma semana, sendo aproveitada também para acções de sensibilização e recolha de fundos a cargo das ONG's (a favor dos deficientes, de vítimas do rebentamento de minas, etc.). Quase todos os anos acontecem episódios dignos de registo. O histórico da prova inaugural regista a façanha de Yves Pol, que cumpriu o percurso integral

andando de costas. Em 1988, na 3.^a edição, um concorrente morreu de ataque cardíaco, e dois casais deram o nó depois de atingida a meta. Na 5.^a edição (1990), uma americana de 73 anos conseguiu chegar ao final. Em 1997, Chris Moon, vítima do rebentamento de uma mina, e portador de uma perna e uma mão artificiais, conseguiu completar a prova, o mesmo acontecendo no ano seguinte com o americano Dan Jansen, amputado dos pés. É conhecida como *a corrida mais dura do Mundo*, razão que a organização alega para obrigar os concorrentes estrangeiros a contratarem um seguro extra que cubra as despesas de repatriação, em caso de morte. Não sabemos se já mereceu alguma notícia nas TV's lusas. Em 1999 não mereceu nenhuma.

2. 3. *Good south-news are no news*

*“E anda sempre alguém por lá,
junto à tempestade...”*

Jorge Palma, “Só”

O Mundo não é só futebol, o *Terceiro* também não, também por lá se festejam sucessos, a outros níveis. A par do músculo exibido pela maré destrutiva, há quem erga os braços para conseguir um mundo melhor, no meio do turbilhão guerra – golpes de Estado – furacões – fome – SIDA.

Num ano em que tanto se falou de quotas para mulheres no parlamento português, registou-se uma experiência piloto em Trinidad e Tobago, tendo por fito desiderato semelhante. Uma rede de ONG's organizou sessões de trabalho para preparar 300 mulheres a apresentarem-se como candidatas às eleições para a administração local. Das 91 mulheres que concorreram às eleições, 28 ganharam, duplicando virtualmente o número de lugares detidos pelas mulheres desde a eleição de 1996.¹² A única notícia sobre este país, nas TV's portuguesas, em 1999, tratou de outro concurso, o de Miss Universo.

Outro exemplo, vindo do Uganda. Na década 1991-2001, os serviços de abastecimento de água deste país expandiram-se consideravelmente, com a percentagem de pessoas sem acesso a água potável a cair de 82%, em 1991, para 46%, em 2001.¹³ Do Uganda, em todo o ano de 1999, noticiou-se o assassinato de oito turistas ocidentais, e a existência, no país, de uma comunidade de judeus autóctones.

Ainda outro exemplo, agora das Filipinas. Segundo relatório das Nações Unidas,¹⁴ este país conseguiu, no virar do milénio, concretizar o objectivo da

¹² Dados incluídos no *Relatório do Desenvolvimento Humano*, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2000, p. 66. (<http://www.undp.org/undp/hdro>).

¹³ Dados incluídos no *Relatório do Desenvolvimento Humano*, “*Aprofundar a democracia num mundo fragmentado*”, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2002, p. 44 (<http://www.undp.org/undp/hdro>).

escolarização primária universal, tratando agora de aumentar as taxas de conclusão, melhorando também a qualidade do ensino ministrado. Do conjunto de notícias sobre o lançamento do charuto *Monica*, um táxi com *karaoke*, a festa de aniversário de Imelda Marcos, a presença de uma ex-*Spice Girl* no país, o Museu do Sapato de Manila, não se poderia ter tirado uma para dar conta deste sucesso?

Das Filipinas também veio notícia sobre o trabalho infantil. É tema recorrente nos telejornais, este flagelo, que não toca apenas àquele país, mas ao continente asiático, também ao africano. Pelo meio do pesadelo, vai-se registando uma ou outra vitória, que talvez merecesse uma ou outra notícia. A Ásia do Sul tem mais crianças fora da escola do que o resto do mundo no seu conjunto, garante a ONU, “*um ambiente envenenado pela proliferação do trabalho infantil*”.¹⁵ O Paquistão foi centro da atenção mundial por utilizar o trabalho infantil na produção de bolas de futebol, em Sialkot, e trabalho escravo na indústria de fornos de tijolos. As empresas que ficaram sob vigilância responderam de forma típica – quando responderam – instruindo as crianças ou retirando das suas instalações as que estivessem abaixo de uma certa idade.

“A Sayyed Engineers foi mais longe – juntando-se a uma campanha de defesa da educação básica obrigatória. Trabalhando com a Unidade de Investigação de Política Económica, um reservatório independente do pensamento, a Sayyed Engineers e outras empresas realizaram um inquérito nacional sobre o trabalho infantil e a educação básica, publicando posteriormente um relatório de orientação para a política. Autor do prefácio do relatório: Imran Khan, o muito popular capitão da equipa de críquete nacional. O inquérito, o relatório e a produção de calendários publicitando a questão foram financiados inteiramente por empresas privadas” – sublinha a ONU.

As notícias sobre o trabalho infantil no Terceiro Mundo surgem, via de regra, descontextualizadas. As imagens fortes dos frágeis petizes a trabalhar dispensam outras imagens, as dos mandantes do crime, estes bem refastelados em gabinetes luxuosos no *Primeiro* ou *Segundo Mundos*, ao abrigo de qualquer intromissão mais atrevida dos jornalistas. No meio da exploração desenfreada do trabalho infantil, rompe por vezes um bom exemplo, e que deveria merecer notícia. Como a atitude da Mattel, a maior produtora mundial de brinquedos, com grandes fábricas na China, Indonésia, Malásia, México e Tailândia.

“Ataques amplamente publicitados à Nike Corporation, em 1996, por condições de trabalho abaixo dos padrões nas suas fábricas asiáticas, levaram

¹⁴ Id., *ibid.*

¹⁵ *Relatório do Desenvolvimento Humano*, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2000, p. 119.

a Mattel a tomar medidas para garantir que não enfrentaria acusações idênticas. Em 1997, a empresa estabeleceu um código de conduta – com padrões superiores à média da indústria – e fundou a MIMCO Mattel Independent Monitoring Council para observar o cumprimento do código”-informa a ONU,¹⁶ detalhando: “A observação é um processo com quatro estádios, cada um verificando e completando a informação recolhida no anterior. Os gestores de cada fábrica preparam processos sobre salários, condições de trabalho, ambiente e segurança. A sua consistência é verificada com outros dados financeiros. Entrevistas confidenciais efectuadas no local aos trabalhadores, dão informações sobre trabalho infantil, salários, segurança, assédio, associações de trabalhadores e penalizações.

Finalmente, os observadores fazem visitas ao local para verificarem directamente as condições de trabalho. A MIMCO compara os resultados das diversas fábricas e faz recomendações ao conselho de administração da Mattel – seis meses mais tarde as equipas voltam às fábricas para verificar a execução das recomendações. O conselho enfatiza a importância de traduzir os princípios do código de conduta – tais como boa qualidade do ar e das condições de trabalho – em padrões quantificáveis. Mesmo que não se atinja um acordo em relação ao que os padrões devem ser, é pelo menos possível saber o que está a ser medido. Finalmente, a MIMCO insiste em publicar as suas conclusões sem restrições por parte da Mattel e incentiva outras ONG a examinar minuciosamente as suas conclusões. Sendo a mais influente empresa de brinquedos para crianças, a Mattel deu um passo corajoso ao adoptar esta abordagem, um passo que muitas outras empresas influentes fariam bem em seguir”.

Entre 1975 e 2000, registou-se, na Ásia Oriental e Pacífico, um crescimento que a ONU rotulou de *impressionante*, aumento do rendimento *per capita* em termos de paridade do poder de compra (PPC) de cerca de 1/14 do rendimento *per capita* médio dos países da OCDE para mais de 1/6.¹⁷

Entre os países responsáveis por estes bons indicadores encontrava-se a Malásia. Porquê? A ONU avançava alguns dados: “Contrariamente a muitos outros países, a Malásia absteve-se de nacionalizar os activos da comunidade minoritária mais rica. Esta restrição assegurou a adesão a uma organização económica eficiente e conduzida pelo mercado e tranquilizou a minoria chinesa. O poder político manteve-se nas mãos da maioria malaia, os bumiputras. As suas queixas legítimas foram atendidas principalmente através de uma intervenção alargada no sector público, incluindo programas para uma acção afirmativa na educação, tecnologia e emprego.

¹⁶ Id., p. 103

¹⁷ *Relatório do Desenvolvimento Humano*, PNUD, 2002, p. 32.

Em 1969, mais ou menos na altura dos conflitos raciais, o rendimento *per capita* dos Chineses era o dobro do dos Malaiois. Duas décadas mais tarde, ambas as comunidades estavam substancialmente mais ricas. Mas, enquanto os rendimentos médios de ambas as comunidades cresceram, o hiato entre eles estreitou-se – o rendimento dos Malaiois era metade do rendimento dos Chineses, em 1970, mas quase dois terços em 1990. Este rendimento tornou-se possível devido a um ambiente económico propício, que gerou rápido crescimento – e uma maior igualdade na partilha do bolo. Os críticos do sistema da Malásia apontam para a sua extensa rede de controlos sobre a imprensa, os partidos políticos e o poder judicial. Outros apontam para o bom senso prático da Malásia em muitas áreas – incluindo a imposição, fora de moda, do controlo temporário de capitais em plena crise financeira da Ásia Oriental. Este etos pragmático, alega-se, irá conduzir a um aprofundamento da democracia, como foi evidenciado pelas recentes eleições presidenciais abertas” – sublinhava a ONU.¹⁸

Esta imagem não passa nas televisões portuguesas, não passou em 1999, com a Malásia caracterizada noticiosamente como um país onde um homem se fecha num quarto, na companhia de 250 serpentes venenosas; cuja capital sofre com a invasão de corvos; país onde os telemóveis originam explosões de bombas de gasolina, onde vive o homem mais velho do mundo, onde naufragam paquetes de luxo, há Fórmula I (o maior caudal de notícias provindo deste país foi originado pelo Grande Prémio da Malásia). Não houve notícias do sucesso económico da Malásia, como também não houve das eleições legislativas que tiveram lugar em Novembro de 1999.

A temática da SIDA é recorrente nos telejornais, com muitas peças sobre o flagelo no Terceiro Mundo. Libertam-se estatísticas sobre a progressão da doença, mostram-se imagens de sofrimento atroz. Mas ignoram-se pormenores importantes do negócio por detrás do combate à SIDA. E de como os países mais pobres são apanhados nas teias do poderoso negócio, sem capacidade para resistirem. Que déssemos conta, nunca vimos em nenhum telejornal serem abordados os efeitos perniciosos do TRIPS, acordo sobre os Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados com o Comércio. A ONU explica¹⁹: “Os direitos de propriedade intelectual gerem dois objectivos sociais antagónicos. Um deles é a protecção dos direitos dos criadores de tecnologia, restringindo as condições de difusão para uso comercial. O outro é permitir o acesso livre e a partilha do progresso científico. O TRIPS é um dos pilares dos acordos da Ronda do Uruguai e, também, um dos seus aspectos mais controversos. Este acordo veio tornar

¹⁸ *Relatório do Desenvolvimento Humano*, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2000, p. 65.

¹⁹ *Id.*, p. 84.

mais apertada a protecção dos direitos de propriedade intelectual dos criadores. Introduce um padrão mundial de execução ao ligar os direitos de propriedade intelectual ao comércio, tornando-os obrigatórios e aplicáveis através dos processos da Organização Mundial do Comércio.

Estarão os interesses da sociedade – o direito à saúde e os direitos dos povos indígenas – a ser devidamente protegidos?

As cláusulas colocam entraves às políticas públicas que promovem um acesso mais amplo aos cuidados de saúde. A legislação nacional de muitos países em desenvolvimento excluía, intencionalmente, os medicamentos dos produtos protegidos por patentes (permitindo apenas patentes de fabrico), com vista a estimular a capacidade local de produção de medicamentos e a torná-los acessíveis a preços mais baixos. A passagem de patentes de processos para patentes de produtos, na sequência do acordo TRIPS, reduz drasticamente as possibilidades das empresas locais produzirem versões mais baratas de medicamentos importantes para salvar vidas, como os medicamentos para o cancro ou HIV/SIDA. Na Índia, a produção local mantinha os preços muito mais baixos do que os praticados nos países vizinhos. Por exemplo, em 1998, 100 comprimidos (150 miligramas) de flucanazol, um medicamento contra a SIDA, custavam 55 dólares na Índia, contra 697 dólares na Malásia, 703 na Indonésia e 817 nas Filipinas”.

Para a ONU, o TRIPS beneficia os países tecnologicamente avançados: “Calcula-se que os países industrializados detêm 97% de todas as patentes e que as empresas mundiais detêm 90% de todas as patentes sobre bens e tecnologias. Os países em desenvolvimento têm pouco a ganhar com a maior protecção das patentes resultante do acordo TRIPS, pois têm pouca capacidade de investigação e desenvolvimento. O custo da investigação e desenvolvimento de um novo medicamento está estimado em cerca de 150 a 200 milhões de dólares mas nenhum país em desenvolvimento tem um volume de vendas de medicamentos que chegue sequer aos 400 milhões de dólares. Até agora, nada indica que a protecção de patentes tenha estimulado a investigação e desenvolvimento nos países pobres ou em seu benefício, ou que tenha potencial para o fazer”.

A ONU chamava também a atenção para outros dramas colaterais, associados ao flagelo da SIDA, dados que não passam nos telejornais: “Na Tailândia, um terço das famílias rurais afectadas pela SIDA viu o seu rendimento cair para metade, porque o tempo dos agricultores e dos que cuidam deles foi retirado dos campos. Ao mesmo tempo, as despesas médicas dispararam. Na Costa do Marfim, o tratamento de um paciente masculino com SIDA custa uma média de 300 dólares por ano, entre um quarto e a metade do rendimento anual líquido da maioria das pequenas quintas. O efeito nas famílias pobres, com poucas ou nenhuma poupanças para enfrentar esses

choques, é devastador. Na Costa do Marfim urbana, o consumo de alimentos caiu 41% *per capita* e os gastos escolares reduziram-se para metade”.²⁰

Os detalhadíssimos documentos elaborados pela vasta série de programas das Nações Unidas, oferecem aos jornalistas que se queiram dar ao trabalho de os compulsar um sem-número de dados cujo tratamento noticioso ajudaria os cidadãos-telespectadores a perceberem melhor o mundo, a conhecerem com outra profundidade muito do que está em jogo, a nível planetário. São documentos à distância de um clic (disponíveis na web), o seu descarregamento é gratuito, com versões em várias línguas. Falamos da ONU como poderíamos referir-nos à vastíssima série de documentação disponibilizada por outras organizações mundiais ou regionais. A falta de contextualização não pode ter hoje, como desculpa, a dificuldade no acesso a dados de estudos de âmbito mundial ou regional. Pode invocar-se a dependência das agências noticiosas internacionais, pouco atreitas a tratar a maioria, ou mesmo a totalidade dos assuntos acima elencados. Mas, com o acervo de imagens de arquivo disponíveis nas redacções, e as imensas possibilidades oferecidas pela infografia, é possível tratar estes dados de forma apelativa, passando por cima da dependência das agências, e nem sequer precisando de gastar dinheiro enviando repórteres ao estrangeiro.

3. Dos *media* para o desenvolvimento à NOMIC

3. 1. As propostas de Schramm

A pecha não é de agora. De há muito que os pontos cardeais do mapa-mundo noticioso assinalam um *rosa-norte* e um *negro-sul*. A investigação científica há décadas que se vem debruçando sobre esta problemática, de Kaiser (1953) a Galtung e Ruge (1965), às pesquisas do CIESPAL (1967), dos estudos de Morris (1985) aos de Coatsworth e Rico (1989), também de Lozano (1989).

Pesquisas que foram sendo efectuadas em paralelo com outra preocupação, esta tendente a perscrutar que papel estaria destinado aos *mass media* como factores propulsores do desenvolvimento das sociedades mais desfavorecidas. Como assinala Gifreu (1986: 51 ss.), os primeiros estudos mais ou menos sistemáticos sobre o papel da comunicação e da informação nos processos de desenvolvimento surgiram nos anos 50 do século passado, nos EUA, tendo como obras mais marcantes as de Deutsch (1953), Lerner (1958) e Rogers (1962). A corrente do *método de índices ou de tipos ideais* (Joselitz, 1960; Parsons, 1961) criou um modelo caracterizador das

²⁰ Relatório do Desenvolvimento Humano, PNUD, 2002, p. 40.

sociedades desenvolvidas, com variáveis/padrão que serviam, por contraponto, para pôr as sociedades subdesenvolvidas. A corrente ligada ao *método de difusão ou de transculturação* (Lerner, 1958; Rogers, 1962), entendia o desenvolvimento como resultante da difusão de ideias e de elementos culturais com fluxo originário nos países desenvolvidos, fluxos direccionados aos países subdesenvolvidos. A difusão da inovação constituir-se-ia como elemento imprescindível para vencer a resistência à mudança das sociedades mais tradicionais, difusão metrópole -> capitais provinciais, capitais provinciais -> zonas interiores das periferias. Este modelo, concebido originalmente tendo os EUA como cenário, seria exportável, poderia aplicar-se às relações entre países mais e menos desenvolvidos. A corrente ligada ao *método psicológico ou motivacional* (McClelland, 1961; Hagen, 1962), considerava como elemento determinante do desenvolvimento o grau de motivação ou a apetência pelo sucesso dos indivíduos de determinada sociedade. O factor crucial do desenvolvimento residiria, aqui, na iniciativa pessoal, descartando-se, desta forma, o papel desempenhado por outros motores da sociedade, entre eles os *mass media*.

O ponto de equilíbrio entre os paradigmas *difusionista* e de *modernização através dos media* surge com Wilbur Schramm, através de *Mass Media and National Development* (1964), obra escrita por desejo expresso da UNESCO. Schramm defendia que *um adequado fluxo de informação, e em particular um uso apropriado dos mass media, podiam prestar contribuição substancial ao desenvolvimento nacional, económico e social*. Foi esta a tese inspiradora de quinze recomendações²¹ que passaram a integrar o ideário da UNESCO, e das quais destacamos a necessidade de planificar um crescimento equilibrado e controlado dos *mass media*, planificação apoiada por investimentos estatais; o necessário estabelecimento de laços de cooperação entre os organismos estatais responsáveis pelo desenvolvimento dos *mass media* e pela educação; o desencadeamento de acções tendentes a facilitar a circulação de notícias, com o inerente apoio à instalação de novos *media* e, se possível, fomentando a criação de indústrias da comunicação.²²

²¹ Estas recomendações eram acompanhadas por objectivos quantificados. Segundo Schreiber (1972: 326), a UNESCO recomendava aos países pobres que obtivessem, o mais rapidamente possível, um nível de dez exemplares de um jornal diário para cada 100 habitantes (esse nível era de 25, em França, em 1970), 5 aparelhos de rádio (32 em França), dois aparelhos de televisão (20 em França). O relatório da UNESCO lembrava que os cem estados da Ásia, África e América do Sul que não haviam ainda alcançado estes mínimos, representavam uma população de dois biliões de pessoas, 66% da população mundial naquela altura.

²² O estado de desenvolvimento dos *media* em determinada região ou país era considerado, por muitos, como um índice fiel do desenvolvimento global dessa região ou país, leia-se o que Jean-Louis Servan-Schreiber (1972: 313) escrevia a esse respeito, em

3. 2. *A teoria do imperialismo cultural*

Os paradigmas da teoria desenvolvimentista dos *mass media* viriam a ser refutados, com vigor, por adeptos da teoria da dependência, como Pasquali; Paulo Freire, que opôs às promessas de progresso automático da teoria difusionista a teoria e a *praxis* da intervenção popular nos processos de culturização; Capriles, que, no aspecto metodológico, contestaria a feição empirista e conductista da investigação em que se baseava a teoria desenvolvimentista, e os postulados funcionalistas desta, aqui do ponto de vista epistemológico. Os *mass media* não poderiam, segundo estes autores, ser perspectivados como neutros e capazes de produzir automaticamente o desenvolvimento.

Para os adeptos da teoria da dependência, ou do imperialismo cultural, o funcionamento dos *media* tem que ser entendido (e estudado), integrado no contexto da ordem económica internacional prevalecente. Os *media* são um instrumento mais na estratégia de crescimento neoliberal da economia. A um sistema produtivo e distributivo baseado na desigualdade, sistema que escava cada vez mais o fosso entre ricos e pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos, só pode corresponder um sistema mediático fomentador

1972: “Cada país tem os media que merece. Na verdade, eles reflectem quase fielmente a sociedade que representam. Tudo neles se reflecte: o estágio de desenvolvimento económico, sob o prisma quantitativo, a prosperidade e diversidade dos jornais e estações de rádio ou de televisão; o temperamento nacional pelo estilo e modo como neles se tratam as pessoas; o regime político, através da liberdade de que dispõem os jornalistas e do modo como a usam; a originalidade da cultura, através da língua e da qualidade dos textos; enfim, a vida quotidiana, o clima, os gostos do público, através da publicidade”.

Num capítulo com o sintomático título “*Só os ricos são informados*”, Schreiber libertava a seguir números bem expressivos da desigualdade dos caudais informativos entre os países ricos do Norte e os países pobres do Sul: “Em 1970, um americano comunicava com o mundo exterior aproximadamente cem vezes mais que um cidadão da Índia. É o que ressalta de um cálculo sem pretensões científicas a que procedi a partir das principais estatísticas fornecidas pela UNESCO. O ‘índice’ por mim estabelecido reúne, por cada habitante, o consumo de papel de jornal, o tráfego postal, o equipamento em televisões, rádios e telefones. Se tomarmos a França como base 100, teremos os Estados Unidos à cabeça com um índice 320, ou seja, quase o dobro do segundo, a Suécia, com 175. Depois vem a quase totalidade dos países da Europa do Norte, ao lado dos quais, com um índice 135, surge o Japão. Depois da França, dois países comunistas industrializados, a Checoslováquia, seguida pela União Soviética, ambos com um índice inferior a 80. Entre a Europa do Sul e a Itália, com 75, e a Grécia, com 30, situam-se Israel, com 58, e o México, com 40. Finalmente, a série de países pobres, tais como o Egipto (25), o Brasil (22), Marrocos (10) e a Índia, que mal ultrapassa os 3. Esta divisão corresponde, o que não é de admirar, à escala dos níveis de desenvolvimento. É assim que se podem distinguir os países pós-industriais (EUA), industriais avançados (Europa do Norte), os que atingiram já o consumo de massa (Europa do Sul e países do Leste) e os subdesenvolvidos”.

dessa mesma desigualdade, porque o sistema mediático não funciona nem poderá funcionar isolado do contexto económico. Sistema que não se resume, naturalmente, aos *news media*, abarcando uma vasta gama de conteúdos comunicacionais (música, filmes, programas televisivos, livros, etc.), e toda a parafernália instrumental necessária à difusão/publicação/comercialização de conteúdos que, longe de serem inócuos, tratam de reforçar o desequilíbrio já existente. A dicotomia dominantes/dominados tanto pode ressaltar de um telejornal como de uma revista de banda desenhada. Em 1975, Dorfman e Mattelart (1975: 83 ss.), trataram de esquadrihar as historietas infantis do Pato Donald, ali descortinando (e denunciando) uma série de estereótipos nada abonadores em relação aos países subdesenvolvidos: “Onde está a Aztecland? Onde está a Inca-Blinca? Onde está o Instavelestão? Não há dúvida que a Aztecland é o México: todos os protótipos do ‘ser’ mexicano de bilhete postal se encontram aqui. Burros, sestras, vulcões, cactos, chapéus enormes, ponchos, serenatas, machismo, índios de velhas civilizações. Não importa que seja outro o nome, porque reconhecemos e fixamos o país de acordo com esta grotesca tipicidade. A mudança de nome, petrificando o embrião arquetípico, aproveitando todos os preconceitos superficiais e estereótipos sobre o país, permite *Disneylandizá-lo* sem problemas. É o México para todos os efeitos de reconhecimento e distanciação marginal; não é o México para todas as contradições e conflitos verdadeiros desse país americano. Walt Disney tomou terras virgens nos EUA e construiu os seus palácios da Disneylandia, o reino enfeitado. Quando olha para o resto do globo, enquadra-o na mesma perspectiva, como se fosse uma terra previamente colonizada cujos habitantes fantasmáticos devem conformar-se às noções de Disney acerca do seu ser”.

Por seu turno, Cortés²³ analisou as imagens do México transmitidas pelos filmes americanos: “O México de Hollywood, do ponto de vista geográfico, fica-se pela fronteira entre o México e os Estados Unidos. O resto do país é uma massa indiferenciada. Do ponto de vista temporal, existe o México histórico que, no geral, é descrito com uma equanimidade escapista e o México contemporâneo, amiúde tratado com um alarmismo etnocêntrico”.

3. 3. *A inglória batalha pela NOMIC*

O contexto histórico subsequente às propostas de Schramm – guerra fria, emergência de uma série de novos países fruto do processo de descolonização, *Movimento dos Não-Alinhados*, por um lado; corrida espacial, lançamento dos primeiros satélites de comunicações, por outro -, tal

²³ Citado por ASTORGA (2000).

contexto faria emergir novo debate, centrado agora na defesa de uma *Nova Ordem Internacional da Informação*, umbilicalmente ligada, esta, à reivindicação de uma *Nova Ordem Económica Internacional*. Queimando etapas por determinação da *brevitatis causa* do presente livro, chegamos a 20 de Novembro de 1983, data em que foi publicado, pela UNESCO, o documento “*Princípios Internacionais de Ética Profissional do Jornalismo*”. “*Direito do público a uma informação verdadeira*”, “*adesão do jornalista à realidade objectiva*”, “*responsabilidade social do jornalista*”, “*respeito dos valores universais e da diversidade de culturas*”, eram alguns dos princípios que integravam o decálogo.

Um documento fruto do seu tempo, marcadamente ideológico, como sublinha Niceto Blázquez (1995: 241). O moroso processo da elaboração do documento da UNESCO deixou transparecer um claro antagonismo entre as concepções liberais do ocidente e as teses marxistas defendidas pelos representantes dos países de leste.

Constatava-se a poderosíssima influência dos *media* na vida contemporânea à escala mundial, o que fazia crescer o grau de *responsabilidade moral* que incumbia aos profissionais da informação. Nota-se, no documento, uma preocupação quase obsessiva pela questão da paz mundial, convertendo os jornalistas em seus promotores activos.

No princípio terceiro destaca-se a *função social da informação jornalística*, a informação entendida como um bem social e não como um mero objecto de mercado, pressuposto necessário para o fomento de uma nova ordem mundial da informação e da comunicação.

A promoção da NOMIC²⁴ (sigla que passou a designar a dita *Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação*), era expressa com detalhe no décimo e último princípio do documento de Paris: “O jornalista trabalha, no mundo contemporâneo, na perspectiva do estabelecimento de relações internacionais novas, em geral, e de uma nova ordem da informação, em particular. Esta nova ordem, concebida como parte integrante da nova ordem económica mundial, tem em vista a descolonização e a democratização no campo da informação e da comunicação, tanto nos planos nacional como internacional, tendo por base a coexistência pacífica entre os povos, no respeito pleno da sua identidade cultural. Ao jornalista incumbe o dever particular de promover esta democratização das relações internacionais no campo da informação,

²⁴ Os anglófonos utilizaram a sigla NWICO (*New World Information and Communication Order*). A propósito de outra *marca* da globalização, esta residindo no predomínio avassalador da língua inglesa na web, Juan Gargurevich (2002) conta o seguinte episódio: “Quando imaginámos este trabalho sobre a necessidade de incentivar a revisão do debate sobre a comunicação, seguimos a rotina necessária para encontrar informação – ligámo-nos através do modem ao servidor local -, para consultarmos os motores de busca mais

salvaguardando e promovendo as relações pacíficas e amistosas entre povos e Estados”.

Anos mais tarde, a UNESCO haveria de deixar cair, em múltiplos outros textos (*Carta Sobre a Liberdade de Imprensa*, Londres, 1987; *Declaração de Chapultepec*, 1994), a defesa da NOMIC, nos estritos termos do texto de 1983, passando a preocupação maior a residir na defesa de uma *nova estratégia da comunicação*, onde se destacava a necessidade de desenvolver e fortalecer os *media* dos países em vias de desenvolvimento.²⁵ Para uma boa consecução deste desiderato, os países pobres exigiram (e conseguiram) um reforço substantivo das verbas destinadas ao PIDC, Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação.

4. Manutenção do desequilíbrio nos fluxos informativos entre o Norte e o Sul, e da imagem negativa veiculada pelos *media* do Norte em relação ao Sul

Como pano de fundo do debate em torno da NOMIC, interessa-nos aqui sublinhar um ponto específico, recorrentemente levantado pelos países em vias de desenvolvimento. Estes consideravam-se (e continuam a considerar-se) vítimas de graves desigualdades em matéria de fluxos de informação entre o Norte e o Sul, apodando de *exagerada*, *deformada* e *falseada*, a forma como os *media* do Norte vão reflectindo (noticiando) as realidades nacionais dos países *pobres*. Com base nesse pressuposto, reclamam repetidamente um reequilíbrio dos fluxos de informação. Acontecia assim aquando da publicação da Declaração de Paris (1983), acontece ainda hoje.

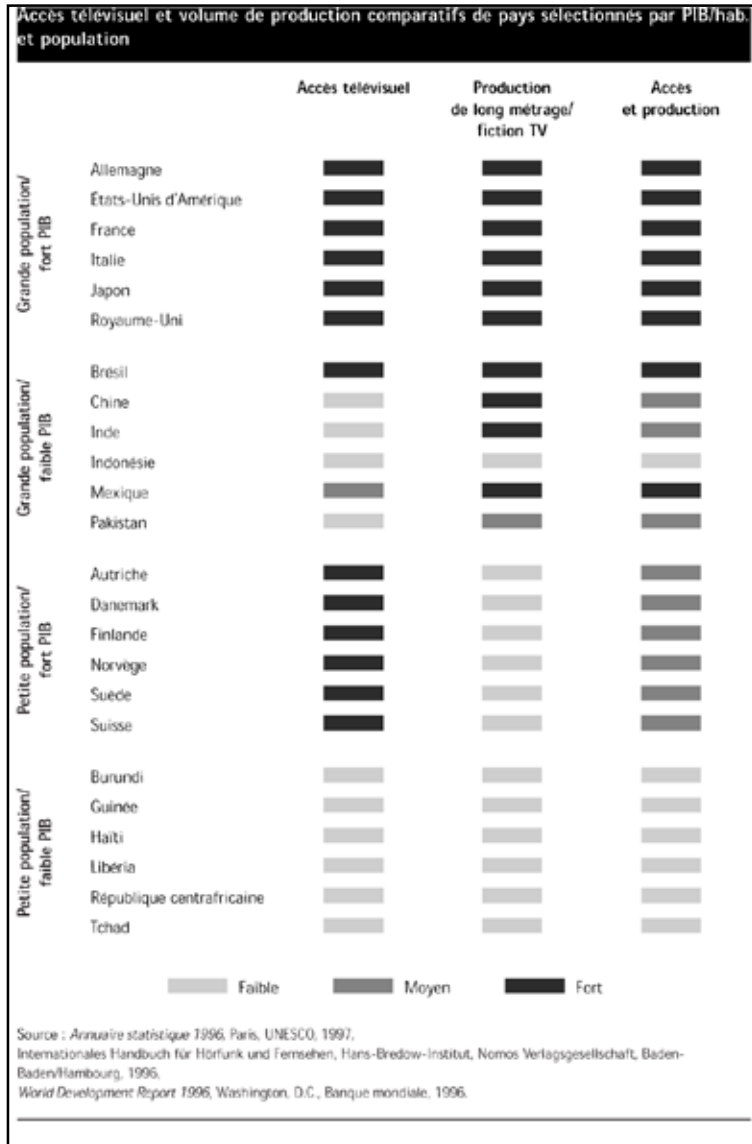
Com efeito, o relatório mundial sobre a comunicação, da responsabilidade da UNESCO (1997: 217) constata que os fluxos de informação continuam a dar larga vantagem ao Norte,²⁶ perenidade no desequilíbrio notada pela comunidade de investigadores que se têm debruçado sobre este tema. Quirós Fernández (1998: 25-26), por exemplo, destaca três notas essenciais na caracterização da ordem informativa internacional, nos últimos anos: “1) A

famosos, *Altavista* e *Yahoo*.

De imediato teclámos ‘nomic’, uma palavra que há uns dez anos atrás ainda fazia estremececer os empresários; e o que nos apareceu foram detalhes de um jogo chamado ‘Nomic Imperial Game’, facto que qualquer pessoa pode comprovar. Nem uma palavra sobre a nossa velha discussão. O mesmo sobre o NOII (Nova Ordem Internacional da Informação), e assim sucessivamente. Quando passámos para o inglês, digitando a sigla NWICO, surgiram alguns (poucos) textos importantes, produzidos na sua maioria por académicos norte-americanos liberais. Nenhum texto de jornalistas”.

²⁵ Sobre este conturbado período de vida da UNESCO, com a defesa da NOMIC a motivar o abandono da organização por parte dos EUA e da Grã-Bretanha, ver FERNÁNDEZ, (1998: 67 ss.).

Quadro 1



²⁶ No entanto, a UNESCO assinala também uma nova tendência: os pequenos países do hemisfério norte têm vindo a tornar-se cada vez mais dependentes da produção de grandes empresas mundiais, em particular das norte-americanas, tanto no plano da informação (grandes agências noticiosas mundiais fornecedoras de textos, imagens e dados), como no plano do divertimento e da ficção.

“A dupla dicotomia Norte-Sul e Este-Oeste vai sendo substituída por uma nova divisão entre os grandes países de forte demografia que dispõem de um mercado interno suficientemente grande para cobrir os custos das suas produções nacionais e os pequenos

diferença de recursos entre o centro e a periferia do sistema. Hoje comunicamos mais do que nunca e, no entanto, as diferenças são mais acentuadas que nunca. Existe um mundo informativamente opulento (o centro do sistema) e um mundo informativamente muito pobre (a periferia). 2) O reduzido número de *países fonte* ou *países emissores* da informação internacional, dentro dos quais se pode observar um grau de concentração muito elevado com expressão nos conglomerados transnacionais. A maioria desses conglomerados encontra-se nos países mais ricos do sistema, principalmente nos Estados Unidos. 3) A unidireccionalidade dos fluxos de informação, destacando-se outra particularidade, em casos de suposta reciprocidade: os que gerem o fluxo de retorno são, sobretudo, agentes dos *media* ocidentais, cujos critérios surgem determinados pelo seu próprio sistema cultural e pelo mercado que compra a informação”.²⁷

Segundo estudo do Ministério alemão da Cooperação para o Desenvol-

países, do Norte como do Sul, que, sem a massa crítica necessária, estão condenados a importar programas estrangeiros para compensar a insuficiência quantitativa das suas produções nacionais” – pode ler-se no relatório. O quadro 1, extraído do referido relatório da UNESCO, ilustra bem a disparidade entre os grupos de países com índices populacionais e PIB elevados, e os grupos de fraca densidade populacional e reduzido produto interno bruto. Repare-se que o fundo da tabela é ocupado, na quase totalidade, por países africanos (cinco em seis: Burundi, Guiné, Libéria, República Centro-Africana e Chade).

Jacques Decornoy (1991: 12-13) trabalhou os dados de relatório anterior da UNESCO (1991), tendo chegado às seguintes conclusões: “Das 300 maiores empresas da informação e da comunicação, 144 são americanas, 80 são da Europa ocidental, 49 são japonesas. Das 75 maiores empresas de *media*, 39 são americanas, 25 da Europa ocidental, 8 japonesas. No sector dos serviços (informática, telecomunicações), das 88 maiores empresas, 39 são americanas, 19 da Europa ocidental, 7 japonesas. No que concerne aos equipamentos, entre as 158 maiores empresas encontram-se 75 americanas, 36 da Europa ocidental, 33 japonesas. O ‘resto’ situa-se, na sua quase totalidade, no Norte (Austrália, Canadá, etc.). Em 1986, a economia da informação e da comunicação registava um volume de negócios mundial de 1.185 mil milhões de dólares: 515 para os Estados Unidos, 267 para a CEE, 253 para o Japão, 150... para ‘os outros’. Perante este grau de concentração do poder, Decornoy considerava “fútil, para não dizer grotesco”, poder falar-se em equilíbrio Norte-Sul, muito menos em diálogo Norte-Sul. Para este autor, verificava-se, antes, a consolidação de um “monólogo Norte-Norte”.

²⁷ Às propaladas virtualidades da Sociedade de Informação (SI) - agitada por muitos como a panaceia para os males atrás denunciados -, Martín Becerra (1999) contrapõe as estatísticas publicadas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 1995 e 1996). Em 1965, os 20% mais ricos da população mundial registavam rendimentos 30 vezes mais elevados que os 20% mais pobres. Em 1995, os 20% mais ricos recebiam 61 vezes mais, auferindo 85% dos rendimentos mundiais, contra 1,4% dos rendimentos auferidos pelos 20% mais pobres.

“Duplicou-se a relação entre a proporção correspondente aos mais ricos e aos mais pobres” (PNUD, 1996: 2). “Os 30 anos de diferença, durante os quais se multiplica o fosso entre uns e outros correspondem ao período da Revolução Informacional” – assinala Bezerra, lembrando que estes indicadores de desigualdade estrutural não são já património exclusivo dos países do *Terceiro Mundo*: “Mesmo os países centrais acusam

vimento, em 1983, a informação referente aos países do sul ocupava apenas 4,5% de toda a informação sobre o estrangeiro. Hanelore Döbler (2002) afirma que, depois da queda do Muro de Berlim, em 1989, esta percentagem se tornou ainda mais reduzida: “Os conflitos do leste europeu são, de todos os pontos de vista (humano, económico, político), mais urgentes de ser noticiados do que qualquer guerrilha do outro lado do hemisfério”.

Larson, McAnany e Storney (1986), num estudo efectuado ao noticiário *CBS Evening News* (CBS – EUA), notaram que a América Latina ocupava o penúltimo lugar na lista de menções ou aparições (seguida por África). No entanto, e apesar desta escassa participação nos noticiários, subia ao segundo lugar no referente a notícias sobre conflitos. 29,3% das notícias sobre a América Latina reportavam a crises e conflitos, percentagem que atingia os 37,7%, para África.

Terceiro Mundo maltratado, quando não é ignorado. Um panorama que, longe de ser exclusivo dos telejornais, se estende à restante programação televisiva. Já em 2002, foi divulgado estudo efectuado aos conteúdos da televisão britânica, conclusões denunciando a exclusão dos países subdesenvolvidos de programas de informação de regularidade não diária, assim como dos documentários.

“Os britânicos sabem cada vez menos o que se passa nos países de *Terceiro Mundo*. A culpa, segundo um estudo da 3WE, uma rede que congrega organizações de solidariedade internacional, é das televisões que desinvestiram nos documentários e programas de informação sobre o quotidiano dos países subdesenvolvidos. O entretenimento e o lazer tomaram o lugar da informação e análise. E esses países passaram a ser retratados apenas através de ‘reality shows’, magazines de viagens e espectáculos de variedades, tendência que se manteve mesmo após o 11 de Setembro” – noticiava o *Público* em Julho de 2002.

De acordo com o estudo da 3WE, pesquisa realizada durante um ano sobre as grelhas das televisões britânicas, nenhuma das três principais estações televisivas - o canal público *BBC1*, a *ITV1* e o *Channel 5* – exibiu, desde Setembro de 2000, qualquer programa sobre as políticas vigentes nos países em vias de desenvolvimento, apesar de o estudo referir um reforço de 20 por cento da programação sobre os países do *Terceiro Mundo*. Reforço

cada vez mais as consequências de um modelo de crescimento sem equidade e, muitas vezes, sem emprego, o que levou o PNUD a advertir que ‘o crescimento económico não é suportável sem desenvolvimento humano’, não sendo também um fim em si mesmo’. Nos Estados Unidos, o sector dos 20% mais ricos recolhe 48,2% da riqueza, enquanto o grupo dos 20% mais pobres fica apenas com 3,6%”.

Números que levam Becerra a alertar para os perigos de um “discurso laudatório das novas tecnologias” e de análises que vão surgindo “desprovidas de um marco conceptual que dê conta das relações sociais e da estrutura de dominação”.

que ficou a dever-se ao aumento de *reality shows*, como *Survivor* e *Ilha da Tentação*, também às séries de aventuras e programas de viagens.

Já quanto ao número de programas sobre a sociedade, direitos humanos, conflitos sociais e militares e perspectivas de desenvolvimento, verificou-se uma vertiginosa queda para os 6% da quota de programação, diminuição considerada *sem precedentes* nos anais da TV britânica. O estudo revela que, das duas mil horas de emissões sobre países em vias de desenvolvimento, apenas 11 corresponderam a programas de informação. Resultado: foram despendidas “*mais horas com os jogos e as férias das celebridades britânicas em locais exóticos*” do que a “*mostrar a vida real nos países subdesenvolvidos*”, conclui o estudo.

Na maior parte das vezes, as televisões limitaram-se a mostrar ao público das Ilhas Britânicas *ambientes artificiais* dos países mais pobres. A este respeito, relata o *Público*, o jornal *The Guardian* cita o exemplo de um programa da BBC, que desafiou o antigo futebolista Ian Wright a uma prova de sobrevivência no deserto africano do Kalahari. Enquanto durou a aventura do ex-jogador do Arsenal não foi feita qualquer referência ao drama vivido pelos nativos deste deserto da África Austral, que foram expulsos das suas terras, situação que é considerada pelos observadores como “*uma grave violação de direitos humanos*”.

“Nem mesmo a BBC2, que sempre apostou em força nos documentários internacionais, escapou a esta tendência de abordar o Terceiro Mundo pela via do entretenimento em detrimento da vertente informativa. Ainda assim foi, do universo televisivo britânico, o canal que, até Setembro de 2001, maior destaque deu às questões políticas e civilizacionais dos países subdesenvolvidos, com três dos quatro documentários transmitidos.

São números que levam o estudo a considerar este género de programas como ‘virtualmente morto’ no panorama audiovisual do Reino Unido. ‘*É pela televisão que 80 por cento de nós sabe o que se passa no mundo, mas o espaço destinado a programas sobre as vivências, a cultura e a política do resto do mundo está agora completamente fechado*’, afirmou ao *Guardian* o autor, Don Redding, para quem os resultados são ‘*verdadeiramente preocupantes quando se vive num mundo cada vez mais global*’.

O estudo chega a uma conclusão que o *Público* considera “*devastadora*”: “Os súbditos de Sua Majestade sabem cada vez menos sobre a realidade, organização e modo de vida de mais de 80 por cento da população mundial. Ou seja, de cinco mil milhões de pessoas, dispersas pela África subsaariana, Índia, América Latina e outras zonas economicamente frágeis do globo”.

Resultados que levaram a 3WE a requerer ao Governo a imposição, às televisões britânicas, de uma “*quota mínima de programas sobre assuntos internacionais*”.

O mesmo se pode dizer, também, em relação à imprensa. Estudo recente (Sousa, 1998: 8 ss.), a doze jornais ibero-americanos, veio revelar que “as notícias sobre as regiões mundiais e os países mais industrializados e tidos como mais ‘desenvolvidos’ (Europa, Oceânia, EUA e Canadá) tendem a ser, geralmente, sobre tópicos positivos ou neutros ou tendem a possuir um ângulo positivo ou neutro”. Inversamente – destaca Jorge Pedro Sousa, um dos autores do estudo, “a informação sobre a América Latina, sobre a Ásia e, particularmente, sobre África, tende a ser tendencialmente negativa”.

“Estes dados agudizam as preocupações pela manutenção na imprensa mundial de imagens negativas sobre os países em desenvolvimento, em contraste com a manutenção de imagens positivas dos países desenvolvidos” – afirma Sousa, que notou a replicação, pela imprensa portuguesa, “das tendências do conjunto da imprensa ibero-americana”:

“(…) A política nacional é o tópico que domina a informação sobre os países desenvolvidos e também sobre a América Latina. África e Ásia, porém, são significativamente representadas através de notícias de crises e conflitos. Esta situação é parcialmente replicada na imprensa portuguesa, que apresenta uma visão ainda mais negativa de África e da Ásia. Além disso, a imagem da América Latina construída pela imprensa portuguesa será mais negativa do que a imagem dessa região do mundo construída pela restante imprensa ibero-americana, já que as temáticas dos conflitos e das crises (22% + 8%) e dos crimes (24%) constituem uma percentagem significativa da informação sobre esse espaço”.

Inserido no projecto transnacional “*Cooperative Study of Foreign News and International News Flow in the 1990s*”, abreviadamente designado por “*Foreign News Study*”,²⁸ Winfried Schulz (2001) analisou, durante duas semanas de 1995 (3 a 9 e 17 a 23 de Setembro), a cobertura jornalística de assuntos internacionais efectuada por seis jornais da Europa ocidental, um dos EUA e 7 da Europa pós-comunista.²⁹

Schulz tratou de contabilizar as *notícias negativas* sobre o estrangeiro veiculadas por estes 14 diários no período em análise (ver *table 8*). A base das percentagens de cada célula compreende o total de notícias publicadas por cada jornal sobre cada uma das regiões. Se, no que toca aos maiores valores

²⁸ Projecto coordenado por Bob Stevenson (University of North Carolina at Chapel Hill, EUA) e Annabelle Sreberny-Mohammadi (University of Leicester, Reino Unido) (mais detalhes em <http://www.ibiblio.org/newsflow/>).

²⁹ O corpus compreendia os seguintes jornais: *De Standaard* (Bélgica, em flamengo); *Der Standard* (Áustria), *El País* (Espanha), *Frankfurter Allgemeine* (Alemanha), *Helsingin Sanomat* (Finlândia), *The Guardian* (Reino Unido) e *The New York Times* (EUA), no primeiro grupo; *Delo* (Eslovénia), *Eesti Päevalehe* (Estónia), *Izvestiya* (Rússia), *Népszabadság* (Hungria), *Republic of Armenia* (Arménia), *Romania Libera* (Roménia) e *Voice of Ukraine* (Ucrânia), no segundo grupo.

Table 8
Negative News* About Different World Regions
(Per Cent Disruptive of all Stories)**

<u>Newspaper</u>	<u>North America</u>	<u>Latin America</u>	<u>Western Europe</u>	<u>Central/ Eastern Europe</u>	<u>Africa</u>	<u>Middle East</u>	<u>Asia, Pacific</u>	<u>Average for all Regions</u>
De Standaard	13	50	25	54	71	68	43	32
Der Standard	31	72	37	73	74	79	58	45
El País	19	37	26	58	47	48	43	31
Frankfurter Allgemeine	26	36	30	47	44	55	48	35
Helsingin Sanomat	16	42	20	45	55	33	41	26
The Guardian	22	29	23	47	50	61	42	31
The New York Times	20	41	18	44	32	19	28	26
Delo	19	14	15	12	40	14	19	14
Eesti Päevalehe	33	100	52	37	33	86	50	42
Izvestiya	14	0	23	39	33	13	17	32
Népszabadság	17	14	25	25	29	43	32	25
Republic of Armenia	4	17	20	22	50	14	46	23
Romania Libera	11	50	35	21	43	17	28	24
Voice of Ukraine	0	0	21	15	0	0	71	19

*] Stories that focus on war, natural disasters, accidents, demonstrations and protest, crime, violence, and similar kinds of activities and behavior.

**] The base of the percentages in each cell are all stories published by the respective newspaper referring to the respective region. Stories are categorized according to the regional location of the most important country in each story. Stories without reference to a specific country are excluded.

percentuais de *notícias negativas* existe uma dispersão entre as várias regiões do globo – com predominância para o Médio Oriente, seguido de África, Europa Central/Oriental e América Latina -, já no que concerne aos valores mais baixos, a América do Norte leva nitidamente a palma, registando 9 em 14 possíveis.

Olhando à média percentual de cada região (ver quadro 2 A), constatamos que o continente africano foi o que mereceu mais *notícias negativas* (42,9%), seguido do grupo de países da Ásia/Pacífico (40,4%), vindo depois o Médio Oriente (39,2%), a Europa Central/Oriental (38,5%) e a América Latina (35,9%). A América do Norte mereceu a menor percentagem de notícias negativas (17,5%), seguidos da Europa ocidental (26,4%). Separemos agora os dois blocos de jornais - Europa Ocidental e EUA, primeiro, e países *pós-comunistas*, depois (ver quadro 2 B). África mantém-se no topo, no que concerne ao primeiro bloco, com 53,3%, aumentando a sua percentagem em 10,4%, quando comparada com a média global. Segue-se a Europa Central/Oriental (52,6%, 4.ª na média global, subida de 14,1%), o Médio Oriente (51,9%, manutenção no 3.º posto, apesar da subida de 12,7%), e a América Latina (43,9%, passa do 5.º para o 4.º lugar, subida de 8%). Com menor percentagem de *notícias negativas* mantém-se a América do Norte, apesar da subida de 3,5%; a Europa

*Quadro 2 A e Quadro 2 B são edições de nossa autoria, tendo por base Table 8, de Winfried Schulz

Quadro 2 A*							
	América do Norte	América Latina	Europa Ocidental	Europa Central/Oriental	África	Médio Oriente	Ásia/Pacífico
De Standaard	13	50	25	54	71	68	43
Der Standard	31	72	37	73	74	79	58
El País	19	37	26	58	47	48	43
Frankfurter Allgemeine	26	36	30	47	44	55	48
Helsingin Sanomat	16	42	20	45	55	33	41
The Guardian	22	29	23	47	50	61	42
The New York Times	20	41	18	44	32	19	28
Delo	19	14	15	12	40	14	19
Eesti Päevalehe	33	100	52	37	33	86	50
Izvestiya	14	0	23	39	33	13	17
Népszabadság	17	14	25	25	29	43	32
Republic of Armenia	4	17	20	22	50	14	46
Romania Libera	11	50	35	21	43	17	28
Voice of Ukraine	0	0	21	15	0	0	71
Média percentual	17,5%	35,9%	26,4%	38,5%	42,9%	39,2%	40,4%

Quadro 2 B*							
	América do Norte	América Latina	Europa Ocidental	Europa Central/Oriental	África	Médio Oriente	Ásia/Pacífico
De Standaard	13	50	25	54	71	68	43
Der Standard	31	72	37	73	74	79	58
El País	19	37	26	58	47	48	43
Frankfurter Allgemeine	26	36	30	47	44	55	48
Helsingin Sanomat	16	42	20	45	55	33	41
The Guardian	22	29	23	47	50	61	42
The New York Times	20	41	18	44	32	19	28
Média percentual	21,0%	43,9%	25,6%	52,6%	53,3%	51,9%	43,3%
Delo	19	14	15	12	40	14	19
Eesti Päevalehe	33	100	52	37	33	86	50
Izvestiya	14	0	23	39	33	13	17
Népszabadság	17	14	25	25	29	43	32
Republic of Armenia	4	17	20	22	50	14	46
Romania Libera	11	50	35	21	43	17	28
Voice of Ukraine	0	0	21	15	0	0	71
Média percentual	14,0%	27,9%	27,3%	24,4%	32,6%	26,7%	33,7%

continua em penúltimo lugar neste *ranking*, registando-se uma descida de 0,8%, com a Ásia/Pacífico passando para o antepenúltimo posto (era 2.º, na média global), isto apesar da subida de 2,9%.

Passando para o bloco de jornais dos países *pós-comunistas*, constatamos ser a Ásia/Pacífico a recolher maior percentagem de *notícias negativas* (33,7% - 5.ª no bloco ocidental e 2.ª na média geral), seguida de África (32,6% - 1.ª no bloco ocidental e na média geral) e da América Latina (27,9% - 4.ª no bloco ocidental e 5.ª na média global). No quarto posto encontramos a Europa ocidental (27,3% - 6.ª no bloco ocidental e na média geral); no quinto posto surge o Médio Oriente (26,7% - 3.º no bloco ocidental e na média geral); no sexto surge a Europa Central/Oriental (2.ª no bloco ocidental, 4.ª na média geral), continuando a América do Norte no fundo da tabela, registando-se aqui uma diminuição percentual de *notícias negativas* quer no que se refere ao bloco ocidental (menos 7%), quer em relação à média geral (menos 3,5%).

Em conclusão, a América do Norte é a região mais resguardada quanto a um tratamento noticioso *negativo*, com a peculiaridade do volume deste tipo de notícias ser substancialmente menor no grupo de jornais que se publicam nos países *pós-comunistas*. A Europa Ocidental vem a seguir, trocando apenas com a Europa Central/Oriental no conjunto de notícias inseridas em jornais de países *pós-comunistas*. África é o continente mais exposto a *notícias negativas*, na média global, trocando com a Ásia/Pacífico no conjunto de notícias dadas à estampa em jornais dos países *pós-comunistas*.

5. Perigos de um mundo hegemónico

Os resultados de muitas destas pesquisas levam investigadores vários a alertarem para os perigos de um *mundo hegemónico*, perigos assentes na manipulação da informação a favor das grandes potências, a favor do Norte rico e *civilizado* contra o Sul pobre e *selvagem*. É essa a opinião de Beltrán e Cardona (1980: 17): “O monopólio da informação, seja por parte dos governos como por parte dos interesses privados, permite o uso arbitrário dos meios de informação e dá lugar à manipulação de mensagens, de acordo com interesses sectoriais. É particularmente grave a forma como empresas e interesses transnacionais manejam a informação sobre os nossos países, ou a eles destinada (...) A programação, em grande parte estrangeira, produz transculturação não participativa e destrutiva dos valores autóctones; o sistema publicitário e o uso abusivo do desporto, enquanto factores de evasão, torna-os factores de alienação; o seu impacto massivo e compulsivo produz a desintegração da comunidade familiar por isolamento. (...) Os meios de comunicação social converteram-se em veículos de propaganda do materialismo reinante, pragmático e consumista, criando no nosso povo falsas

expectativas, necessidades fictícias, graves frustrações e um afã competitivo malsão”.³⁰

Preocupações sempre presentes em reuniões internacionais que se vão realizando, com regularidade, em várias partes do mundo, produzindo cartas de princípios com um eixo reivindicativo comum: a defesa do carácter social da comunicação e da liberdade de informação, desideratos cuja consecução passa pelo fomento de uma pluralidade de fontes e de meios geridos de forma democrática e transparente. Estas reivindicações integravam a *Carta de Cuscatlán*, texto que resultou da realização, em S. Salvador (Setembro 1998), do *Foro Internacional Comunicación y Ciudadanía*. No documento, que invocava exigências similares de reuniões anteriores (Bangkok, 1994; Pequim e Toronto, 1995), denunciava-se a concentração das *tecnologias que abrem a possibilidade de uma comunicação universal*, nas mãos dos mesmos grupos que controlam o poder económico e político, grupos que hegemonizam os meios de comunicação social a nível mundial. A consequência deste poder hegemónico traduz-se, segundo os signatários, na *exclusão selectiva do desenvolvimento humano de uma alta percentagem da população do planeta*: “Por detrás do predomínio do mercado e do dogma da ganância, o que prevalece é a capacidade de expansão do capital monopólico que pretende, a todo o custo, afogar os meios de comunicação alternativos e comunitários, o mesmo acontecendo às pequenas e médias empresas de comunicação”.

O fomento da pluralidade de fontes e de meios passaria, segundo os signatários, pela participação da sociedade civil na atribuição de frequências do espectro radioeléctrico, no acesso às transmissões por satélite, uso de novas tecnologias, apoio ao funcionamento de meios alternativos.

Ao sistema das Nações Unidas, organizações filiadas na ONU, organismos multilaterais, grémios e associações de meios e de jornalistas, o ponto 6 das conclusões deste encontro solicitava a promoção de *um enfoque social da comunicação*, enfoque que dê o devido relevo às *realidades das mulheres, da infância, da população rural, dos povos indígenas e negros, minorias sexuais, deficientes e demais excluídos*, de molde a *erradicar toda a forma de discriminação nas práticas comunicacionais*. Enfoque que deveria *abolir o sensacionalismo e criar representações realistas e respeitosas de*

³⁰ ONG's representativas de povos autóctones também fazem sentir as suas queixas. A organização canadiana “Regroupement de solidarité avec les autochtones” assim se referia, em boletim publicado no mês de Setembro de 2000, ao tratamento das questões autóctones por parte dos *media*: “Somos bastante críticos face ao tratamento mediático das questões autóctones. (...) A imagem negativa e deformada que os *media* continuam repetidamente a projectar das realidades autóctones, contribui para alimentar o desconhecimento, os preconceitos e até mesmo o racismo, junto de largas camadas da população”.

todos os grupos sociais.

Em paralelo com estas reivindicações regularmente reiteradas, registam-se outras iniciativas, como a tentativa da elaboração de um Código Internacional de Ética por parte da Associação Mundial de Conselhos de Imprensa. O grande mentor desta iniciativa foi David Flint, ex-presidente do Conselho de Imprensa da Austrália. O cumprimento das normas do código seria fiscalizado por um conselho internacional, com jurisdição sobre os *media* de todo o mundo. De acordo com a decisão tomada, em Setembro de 2000, numa reunião havida em Istambul, este conselho teria jurisdição internacional, analisando as queixas respeitantes a coberturas noticiosas efectuadas por *media* estrangeiros consideradas ofensivas, deturpadoras, preconceituosas por parte das administrações governamentais reclamantes.

Esta tentativa de criar um órgão jurisdicional destinado a acolher queixas transnacionais sobre o trabalho dos jornalistas gerou, de imediato, reacções bastante negativas. John Virtue (2000) assinala as reacções do francês *Le Monde*, do inglês *Times* e do norte-americano *The Miami Herald*. Este último jornal prefigurava já o tipo de queixas que começariam a ser apresentadas contra os *media*: “A provável natureza das queixas transnacionais tornou-se evidente logo na reunião de Istambul. A Turquia queixou-se da cobertura dada pela imprensa internacional à sua decisão de suprimir a revolta curda. A Índia queixou-se da cobertura das suas acções militares em Caxemira. O Sri Lanka queixou-se do desequilíbrio da cobertura efectuada aos conflitos étnicos que se registam naquele país”.

Por sua vez, o *Times* londrino lembrava as dificuldades sentidas pelos conselhos de imprensa nacionais para fazerem vingar as suas determinações: “Se isto já é bastante difícil no contexto nacional, imagine-se no âmbito global”, sublinhava aquele diário, considerando impossível o estabelecimento de um código global aceitável por todas as sociedades, código que não restrinja as liberdades essenciais à realização de um bom trabalho jornalístico. A Comissão Mundial de Liberdade de Imprensa assinalou outro risco desta iniciativa: “Não será mais fácil aos governos autoritários encarcerar jornalistas, fechar jornais ou *media* electrónicos, caso um prestigiado órgão internacional venha a considerar o trabalho desses jornalistas ou desses *media* como inapropriado? De certeza que sim”, razão para a comissão considerar a iniciativa como “uma verdadeira ameaça contra a liberdade de imprensa”.³¹

³¹ A inexistência deste conselho internacional não impede que, de forma esporádica, governos ou administrações públicas decidam avançar com processos judiciais contra *media* estrangeiros. Queixas que tanto podem dirigir-se a trabalhos jornalísticos ou a programas de ficção, como acontece nos casos que respigámos.

Em Abril de 2002, a *Riotur*, empresa de turismo da prefeitura do Rio de Janeiro,

6. Os meios alternativos e as *boas notícias*

A cruzada *davidiana* contra o poder hegemónico passa, também, pela criação de difusores de informação alternativa: publicações impressas, digitais, até mesmo o fomento de agências de informação.

No ano de 1959, em pleno fervor da revolução cubana, foi criada a agência *Prensa Latina*, órgão tutelado pelo governo cubano e que ainda hoje se mantém em funcionamento. Mais tarde surgiria a *Agencia Latinoamericana*

anunciou que iria processar a produtora *Fox Cable International*. A queixa baseava-se num episódio da série de desenhos animados *Os Simpsons*, onde se satirizava o Brasil, episódio intitulado *A culpa é de Lisa (Lisa Blame it on Lisa* no título original), e exibido dias antes pela televisão norte-americana. Motivo da queixa: o episódio fornecia *visões distorcidas sobre o Brasil*. O presidente da *Riotur* alegava, como fundamento da decisão, o facto da empresa ter investido, nos últimos tempos, mais de 18 milhões de dólares na divulgação da cidade no exterior.

A história desenrolava-se em torno de uma viagem da família *Simpsons* ao Rio de Janeiro onde Ronaldo, o órfão a quem Lisa envia dinheiro, desaparece. Durante a viagem, Homer Simpson, o chefe da família, é assaltado por meninos de rua, e mais tarde sequestrado por um motorista de táxi, que o leva para o Amazonas. Quando Marge vai denunciar o caso a uma esquadra, é assediada por um polícia, isto enquanto chega ao posto um homem baleado. Bart é engolido por uma anaconda, junto ao emblemático *Pão de Açúcar*. A família descobre ainda que o dinheiro enviado foi usado para colocar uma porta no orfanato onde estava Ronaldo, orfanato cheio de macacos. A cantora Xuxa também não escapa à sátira americana, e aparece a fazer *striptease* na televisão. Numa escola de samba, em vez da popular lambada, ensina-se a penetrada... (“Brasil vai processar produtora de ‘Os Simpsons’”, *Diário Digital*, n/a, 7.04.2002).

Segundo o *Elcorreedigital.com* (“Los Simpson la arman en Brasil”, 13.04.2002), que citava a Agência Brasil (serviço público de notícias), o episódio terá ofendido até o presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso. Os jornais do país *ofendido* deixaram no ar a suspeita de os autores do episódio pensarem que no Brasil se fala espanhol, isto pelo facto das escolas de samba serem mostradas como lugares onde se ensina a dançar a célebre *Macarena*. No meio da tempestade, o diário *Extra* veio amenizar a cólera contra os autores do episódio, afirmando que os Simpson tinham tido muita sorte na visita ao Rio, por terem saído com vida depois da turbulenta passagem pela cidade.

A 30 de Agosto de 2002, o governo de Singapura informou ter a agência noticiosa de economia *Bloomberg* acordado pagar 340 mil dólares de indemnização a três dirigentes máximos da administração daquele país. A 4 de Agosto, a propósito da nomeação da mulher do Vice-Primeiro Ministro para a chefia da Agência de Investimento Governamental *Temasek Holdings*, a *Bloomberg* acusara a cúpula política singapuresa de nepotista. O governo de Singapura anunciara a intenção de avançar com um processo judicial, iniciativa anulada pelo acordo proposto pela agência noticiosa.

Dois anos antes, o deposto presidente da Indonésia tentara uma acção judicial contra a revista *Time*, reclamando uma indemnização de 27 biliões de dólares, a mais elevada de sempre na história judicial do país. Suharto queixava-se de uma reportagem na qual a revista o acusava de ter acumulado cerca de 15 biliões de dólares durante o seu regime de 32 anos. Suharto perdeu o pleito, com a justiça indonésia a dar como não provada a acusação de difamação (“Suharto perde contra a ‘Time’”, *Público*, n/a, 12.06.2000).

de *Servicios Informativos Especiales* (ALASEI), que tinha como mentores os governos de Cuba, México e Venezuela.

Em 1975 foi criada a *Pool de Agências de Notícias dos Países Não-Alinhados*, congregando agências de doze países do movimento, sob a coordenação da jugoslava *Tanjug*. Logo após a aprovação dos estatutos (Nova Deli, Julho 1976) e sua ratificação (Colombo, Agosto 1976), a *pool* passava a contar com 40 membros, atingindo os 83 em 1981.

Fora da área pública ou estatal, Rambaldi (2001) assinala um *boom* destes meios na década de oitenta do século passado. Explosão que surgiu na sequência do Simpósio de Estocolmo (1979) e, posteriormente, da publicação do *Relatório MacBride* (1980).

Em 1988, dez agências alternativas da América Latina criaram o *Poonal*, *Pool de Nuevas Agencias de América Latina*.³²

Já em 2001, foi anunciada a criação da *Smart News Network* (SNN), iniciativa de sete países africanos e da Malásia, país que lançou a ideia deste projecto, numa cimeira da *Commonwealth*, em 1995. Moçambique, Uganda, Namíbia, Seychelles, África do Sul, Zimbábue e Botswana foram, para além da Malásia, os países fundadores deste serviço de notícias *online*, iniciativa apresentada como *alternativa à informação dos media ocidentais*, considerada pela organização como *tendenciosa* ou *pouco precisa*. “Há

³² O *Poonal* era formado pela *Salpress* e pela *Notisal*, de El Salvador; *Agencia Nueva Nicaragua* (ANN); *Agencia Informativa de la Resistencia de Chile* (AIR), antecessora da *Agencia de Noticias de Chile* (ANCHI); o INSEH (Honduras); *Centro de Reportes e Información de Guatemala* (CERIGUA), *Acen-Siag e Enfoprensa* (Guatemala); *Cono Sur Press* (Uruguai); *Oficina de Prensa de América Latina* (OPAL) e *Prensa Latina* (Cuba). As agências *Noticias de Guatemala* e *Colpress* (Colômbia), integrariam o *Poonal* pouco tempo depois da sua constituição.

Consideradas como *agências guerrilheiras* pela Sociedade Interamericana de Imprensa, conseguiram o respaldo da Federação Latinoamericana de Jornalistas (FELAP) e do Centro Regional para a América Latina da Organização Internacional de Jornalistas.

Muitas delas já desapareceram, mantendo-se em funcionamento apenas o CERIGUA, ANCHI e *Prensa Latina*. Novas agências foram entretanto criadas, com destaque para a *Agencia Latinoamericana de Información* (ALAI) (<http://alainet.org/>), a *Agencia Nacional de Comunicación* (ANC), com sede na Argentina, a *Agencia Latinoamericana de Servicios de Prensa* (ALASPREN), a boliviana *Bolpress* (<http://www.bolpress.com>), a *Agencia Noticias Aliadas de Perú*, a ADITAL (Agência de Informação Frei Tito para a América Latina) (<http://www.adital.org.br/>), e a *Agencia de Noticias Nueva Colombia* (ANNCOL).

Para mais pormenores, ver “Las Agencias Alternativas”, Hugo Guzmán Rambaldi, comunicação ao *Congreso de Periodistas Latinoamericanos y del Caribe*, Havana, Cuba, Novembro 2001 (texto disponível em <http://members.fortunecity.com/alaspren/hugoguzman.html>).

O *Poonal* deixou, entretanto, de funcionar, mantendo apenas uma *antena* na Alemanha, através da NPLA (Nachrichtenpool Lateinamerika). A NPLA não difunde textos novos, tratando apenas de traduzir, para alemão, despachos noticiosos oriundos da América Latina (<http://www.npla.de/>).

sempre o sentimento nas economias em desenvolvimento de que as notícias que vêm do seu país através dos serviços habituais têm um ênfase e uma interpretação errada e, às vezes, são mesmo maliciosas”, afirmava à *Reuters* Omar AbdulRahman, presidente da *Commonwealth Partnership for Technology Management*.³³

Em vez da difusão de notícias alternativas, outras organizações tentam sensibilizar os jornalistas dos vários *media* a modificarem os seus critérios de selecção dos assuntos a tratar, para além de sugerirem enfoques dos acontecimentos bastante diversos dos comumente utilizados. Foi o que fez a *Universidad Para la Paz*, da Costa Rica, que editou, em 1997, um “*Manual de la Buena Noticia*”.³⁴ O tratamento noticioso de conflitos

³³ Declarações citadas pelo *Público*, “*A intenção – Anunciada agência noticiosa alternativa*”, n/a, 20.08.2001. A *SNN* resultou de uma parceria entre a agência noticiosa *Bernama* e os jornais *The New Straits Times*, *The Star* and *Utusan Malaysia* (Malásia), a agência noticiosa moçambicana e os jornais *Namibia Today*, *The Seychelles Nation*, *The Bua News* (África do Sul), *New Vision* (Uganda), *The Herald* (Zimbabwe), e *Daily News* (Botswana). Ao grupo de países fundadores juntar-se-iam, mais tarde, o Lesoto, Malawi, Guiné e Gana.

Em declarações ao *afrik.com* (<http://www.afrik.com/journal/>), um jornalista do *New Vision* (Uganda), defendia a independência do projecto, pese a constatação da *SNNI* (assim identificada neste artigo) ser formada apenas por meios de comunicação governamentais: “Os jornais que fornecem conteúdos à *SNNI* são todos governamentais, mas cada um tem a sua própria política editorial. Não são jornais enfeudados ao poder. Não se trata de uma imprensa de reverência”. (“*Les pays du Sud ont leur nouveau réseau d’information*”, *afrik.com*, David Cadasse, 26.08.2001).

Não era isso, no entanto, que transparecia do produto difundido pela *SNN* (<http://www.snni.org/>), link entretanto desactivado. Muitos dos seus despachos (consulta que efectuámos a 20.09.2002), tinham por base declarações governamentais. Do lote de despachos disponíveis em arquivo, notava-se clara predominância de textos da *Bernama*, agência noticiosa malaia. De um total de 85 despachos, 50 eram oriundos daquela agência (58,8%), contra 27 de Moçambique, 5 do Zimbabwe, com a África do Sul, Gana e Uganda contando com um despacho cada. Essa predominância também se notava na ficha técnica, totalmente composta por malaios. Sete dos dez elementos do *staff* pertenciam à *Bernama* (engenheiro de sistemas, editor-chefe, *manager software*, dois *web masters* e um executivo de marketing). Os restantes três (um editor-assistente e dois funcionários sem cargo designado), pertenciam ao *The Star* e ao *Utusan Malaysia*.

³⁴ “21 perguntas acerca de la BUENA NOTICIA”. Adaptação do *Manual de la Buena Noticia*, Universidade Para la Paz, Costa Rica, 1997. Na internet encontramos vários sites que disponibilizam *good-news*, ou *boas noticias*. Aqui deixamos alguns tópicos do género de assuntos noticiados: Doações milionárias de Ted Turner à ONU, para financiar projectos ligados ao ambiente e à saúde; da Microsoft, oferecendo 2,7 milhões de dólares em *software* e em *cash* a oito colégios localizados em zonas tribais da Índia; ou do jogador de basquetebol Dikembe Mutombo, dois milhões de dólares para um hospital congolês. Notícias de que o recém-empossado presidente da Venezuela Hugo Chávez doara o seu salário para ajudar à construção de três escolas; reconciliações entre países desavindos, traduzidas, por exemplo, pela primeira visita de um chefe de Estado chinês ao Japão, nos últimos 50 anos (Novembro 1998); resultados de uma sondagem, indicando que em 69% dos lares norte-americanos com crianças a família se reúne para jantar em pelo menos

efectuado de molde a *jámais estimular a multiplicação da violência*, apoiando antes a *solução pacífica dos problemas*; a reportagem de casos que ilustrem o *valor da cooperação humana*; a incorporação do contexto na produção das notícias, a inclusão de remates com *matizes de esperança*, são algumas das sugestões avançadas, na idílica prossecução de um jornalismo tendente a potenciar a Fraternidade entre os vizinhos de uma comunidade local ou entre os povos de diferentes países.

7. Das notícias do *Outro* quando lá fora, às notícias do *Outro*, quando cá dentro

Apesar do abandono da NOMIC, a UNESCO continua, ano após ano, a alertar para os riscos de um crescente desequilíbrio dos fluxos informativos produzidos pelos ricos do Norte e pelos pobres do Sul. A opulência dos primeiros incha na mesma proporção que a miséria dos segundos. Nos anos mais recentes, um dado novo veio bater à porta do Norte, obrigando ao despertar de algumas consciências (entre as quais as de alguns jornalistas) em torno do tratamento das *notícias do Outro*, das novas do estrangeiro. Tudo a ver com as hordas de deserdados do Sul que alguns (*media* incluídos) vêm batendo cada vez com mais força e mais frequência às portas do Norte rico. O acentuar do paulatino mas constante decréscimo das taxas de natalidade dos países ricos obriga, qual *fatalidade*, ao recurso a mão-de-obra forasteira. No caso concreto da União Europeia, aos magrebinos, africanos subsaarianos, asiáticos e latino-americanos vieram juntar-se, ultimamente, os desencantados com os amanhãs que deixaram de cantar no leste europeu. Este alegado aumento dos fluxos migratórios potencia a existência de choques culturais e tem provocado, como é do conhecimento geral, alterações preocupantes no xadrez político-partidário de alguns países da União. Le Pen em França, Jörg Haider na Áustria, Pim Fortuyn na Holanda, Vlams Blok na Bélgica, Christoph Blocher (Partido do Povo) na Suíça, trouxeram à mesa do debate a até então pouco badalada, porque incômoda, problemática da xenofobia. A par do crescimento fulgurante da extrema-direita xenófoba, foram-se registando alguns acontecimentos dramáticos tendo os imigrantes como protagonistas, ou como alvo. Lembremos apenas as rebeliões

cinco dias da semana; da existência de 15.000 muçulmanos servindo as Forças Armadas dos EUA; em Medellín (Colômbia), considerada a *capital mundial do tráfico de droga*, também se faz poesia; da entusiástica aventura de professores tailandeses, utilizando o elefante como meio de transporte para chegar a aldeias remotas onde não há escolas; dos esforços para a utilização de energias alternativas na Índia; da eleição de um milhão de mulheres para cargos nas autarquias locais indianas (respigos extraídos dos sites “goodnewsnetwork” (<http://www.goodnewsnetwork.org/>), “positivepress.com” (<http://www.positivepress.com/>) e “goodnewsIndia” (<http://www.goodnewsindia.com/>)).

nas zonas urbanas periféricas (ZUP) de algumas metrópoles francesas como Marselha, Estrasburgo, Montbéliard, ou os trágicos acontecimentos de Terrassa (Barcelona), Banyoles (Gerona), Níjar e El Ejido (Almería).

Num ápice se vasculharam os desempenhos dos *media*, no que ao tratamento do *Outro entre nós, do Estrangeiro cá dentro* concerne. Os resultados das análises deram positivo quanto à responsabilidade dos *media* num alegado fomento, mesmo que subliminar, de preconceitos e estereótipos dos *civilizados* europeus para com a mão de obra muito barata, mas de outra cor, insatisfeita e *quezilenta* que provinha do Sul.

7.1. Hipermediatização da violência alóctone

Foi o que se constatou em França, nas eleições presidenciais de 2002. Os *media* trataram de matraquear, durante anos, o tema da insegurança urbana; de localizar grande parte da violência (individual ou sobretudo em bando) nos arrabaldes das grandes metrópoles, com associação fácil aos imigrantes que habitam estas zonas periféricas. Os resultados estão à vista de todos, como assinala Mesquita³⁵: “A agenda mediática do debate eleitoral, centrada no tema da insegurança, por opção de Chirac e de Le Pen - insuficientemente contrariada pela ‘esquerda plural’ - foi outro factor favorável ao populismo ‘lepenista’. A exploração do medo do ‘outro’ (árabe, negro, imigrante...), reforçada pela hipermediatização de algumas ‘ilustrações’ da ‘desordem’ (designadamente o massacre na assembleia municipal de Nanterre e o assassinio de um idoso em Orleães, na véspera da votação), ajudou a alcandorar o líder do Front National ao lugar de número dois da política francesa”.

“Os jornalistas descobriram há três meses um número incrível de assassinatos repugnantes, desumanos, e dão-lhes um destaque extraordinário, repetem-nos tanto que poderíamos crer que Paris, Marselha ou Lyon eram ‘campos de tiro’ em que se exercitam impunemente bandidos sardos, sobreviventes da Chicago de 1930, ustachas croatas do tempo de Hitler, revolucionários russos do século XIX, panteras negras vindos dos Estados Unidos, cangaceiros e jagunços, sem falar de jacarés, piranhas e tigres de Bengala...” – reportava Stefan Braendle, jornalista do austríaco *Der Standard*.³⁶

Para Joelle Meskens, do *Le Soir* (Bruxelas), em França não se registava mais insegurança que nos outros países europeus: “Mas, no período eleitoral, o menor incidente é pintado com as cores mais cruéis, de maneira a alimentar

³⁵ MESQUITA, Mário. “O psicodrama francês”, *Público*, 5.05.2002.

³⁶ Excertos do *Der Standard*, *Le Soir* e *Corriere della Sera* publicados no artigo “Imprensa francesa fica muda após eleição”. *O Estado de S. Paulo*, Gilles Lapouge 30.04.2002, reproduzido em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>.

as campanhas desse ou daquele candidato, em particular Chirac e Le Pen”.

Constatação acompanhada pelo *Corriere della Sera* (Itália): “A televisão francesa contribuiu para uma espectacularização da violência, propícia às reacções emocionais”.

“Na briga pela audiência” – nota o brasileiro Jorge Felix,³⁷ “os telejornais franceses começaram a dar uma importância, para muitos descabida, ao noticiário policial. No entanto, os homicídios caíram 0,48% em relação a 2000. De 2,5 milhões de assaltos, apenas 9 mil foram feitos com arma. O assunto, porém, foi usado politicamente de uma forma tão descarada que alguns adversários de Jospin comparavam a França ao Rio de Janeiro. O facto é que o apelo foi suficiente para pegar alguns eleitores mais atentos. Embora fossem poucos, porque a maioria estava mesmo de olho em *Loft Story*”.

Leneide Duarte³⁸ refere-se ao *linchamento público* de que foram alvo os jornalistas franceses, culpados pelo exagero de notícias sobre a violência: “Enquanto isso, os jornais e os jornalistas (da TV e da imprensa escrita) sofreram um verdadeiro linchamento público. Seriam os grandes culpados pelo crescimento da extrema-direita com o noticiário exagerado sobre a insegurança e a violência na França. Esse *discours sécuritaire*, martelado nas últimas semanas de campanha pelos *media* e por Chirac, foi um excelente serviço prestado à campanha de Le Pen. Cada matéria dos jornais das 8 da TV sobre violência, assalto ou morte de policiais representava alguns pontos para Le Pen, que defende a volta da pena de morte e a construção de mais prisões.

Desde a segunda-feira, 22/4, os editores dos jornais de TV não param de se justificar por terem dado espaço – que eles julgam adequado e que a esquerda julga exagerado – a um suposto crescimento de actos de delinquência e à insegurança nas grandes cidades. ‘Não foi a mídia que fez a esquerda ficar fora do primeiro turno. Não fui eu que inventei Jean-Marie Le Pen. Se não tivéssemos feito o que fizemos, eu teria a impressão de me autocensurar’, justificou-se Robert Namias, da TF1, cujo telejornal das 8 da noite é líder de audiência.

O problema é que ao exagerar no ênfase a assaltos e agressões a velhos e policiais, a TV leva as pessoas a uma espécie de histeria coletiva. Daí a votar na extrema-direita, que promete acção eficaz contra a violência, é um passo. A força da imagem televisiva é tal que Le Pen teve percentuais superiores a Chirac e Jospin em pequenas cidades quase ‘perfeitas’, onde não há

³⁷ “*Ecos da França - Lições que bem valem para nós*”. *Observatório da Imprensa*, 22.05.2002 (<http://www.observatoriodaimpresa.com.br>).

³⁸ “*Eleições na França – O celular, a mídia e os institutos de pesquisa*”. *Observatório da Imprensa*, 1.05.2002 (<http://www.observatoriodaimpresa.com.br>).

imigrantes, não há desemprego e nem há delinquência”.³⁹

Serge Halimi⁴⁰ denunciava, em Agosto de 2001 (alguns meses antes das eleições francesas), o *leitmotiv* de uma emissão da *Radio France*: “A 18 de Junho, no quadro de um tratamento *non stop* da questão da ‘insegurança’, ouvintes e internautas da *Radio France* notaram que o pior chegara. Sob o título ‘Criminalidade: a França à frente dos Estados Unidos’, o site de *Radio France* fazia soar o alarme: ‘França, novo Far West? Apesar de esperada por alguns, a revelação e a constatação de Alain Bauer não deixará de agitar cidadãos e políticos’.

Halimi dava conta de que as estatísticas fornecidas pelo Ministério do Interior eram consideradas por este como pouco fiáveis, dando a mesma importância ao roubo de telemóveis e aos assassinatos em série. O que não impedia a rádio pública e o especialista em segurança Alain Bauer de arriscarem um *Far West* gaulês. “Apresentado como ‘à frente dos Estados Unidos’ em matéria de ‘criminalidade’, o ‘novo Far West’ quedava-se, com efeito, no ano passado, bem atrás do velho Far West no que toca a assassinatos (1 por 56 529 habitantes, contra 1 por 18 321 habitantes nos EUA) e a violações (1 por 7 024 habitantes, contra 1 por 3 136 habitantes nos EUA)”. Acrescentavam-se esclarecimentos prestados pelo director geral da polícia nacional: “Sublinhou que parte do aumento da violência recenseada pelos seus serviços se explica por uma melhor contabilização de delitos anteriormente não declarados, e pela explosão de novos ‘roubos com violência’ raramente associados à criminalidade do Far West, como o roubo de telemóveis por esticão”.⁴¹

³⁹ No que respeita às notícias sobre o tráfico de droga, Norberto González (1997: 87-88) assinala ter a *geografia oficial* dos *media* assentado arraiais no *Terceiro Mundo*, com consequências nefastas para os imigrantes desses países que vivem e trabalham no Norte rico: “A ‘geografia oficial’ do narcotráfico internacional contribui para a segregação social e racial do *Terceiro Mundo* por parte dos países do *Primeiro Mundo*. Da América do Sul vem a cocaína, do Norte de África os derivados do *cannabis*, marijuana e haxixe; e dos países do Sudeste Asiático vêm os opiáceos, concretamente a heroína. Em consequência, produz-se uma associação psicológica social que identifica a imigração desses países com a marginalidade e o tráfico de estupefacientes. Assim, os negros, os ciganos, os magrebinos e os mexicanos estão-se convertendo em traficantes, por definição. Isto leva ao auge do racismo”.

⁴⁰ HALIMI, Serge. “Le ‘Far West’ de Radio France”, *Le Monde Diplomatique*, Agosto 2001, p. 2.

⁴¹ Rimbert notou o recurso de vários jornais aos mesmos especialistas, sempre que se tratava o tema da insegurança: “Dois ou três fornecedores de peritagem securitária estão sempre disponíveis. Eles fornecem quer as estatísticas da violência quer os seus comentários. Daí as manchetes dos grandes semanários, redigidas sob a forma ‘Os números reais da delinquência em França’, ‘As verdades que incomodam’ (*Le Nouvel Observateur*), ‘A escalada da violência. Os números que vos escondem’ (*Le Figaro Magazine*), etc. A 20 de Fevereiro de 1999, o dossier *Figaro magazine* começava com estas palavras: ‘Isto vai

Os relatórios dimanados da *Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância* (ECRI) têm manifestado grande preocupação quanto ao desempenho da comunicação social, no que reporta ao tratamento de assuntos relacionados com as minorias. Sobre Itália (2.º Relatório, 22.06.2001), a comissão nota que os *media* “caem repetidamente no sensacionalismo, ao tratar questões relacionadas com imigrantes e com os ciganos”: “A maior parte das informações veiculadas pelos *media* italianos sobre os imigrantes ou a imigração parece estar ligada à criminalidade” – informa o relatório, manifestando preocupação pelos “preconceitos e ideias falsas que esta apresentação da informação alimenta na sociedade”.

Quanto à Grã-Bretanha, a ECRI assinalava o aparecimento de “materiais racistas ou racialmente explosivos na imprensa escrita e na internet” (2.º Relatório, 16.06.2000), com “ataques virulentos dirigidos sobretudo aos requerentes de asilo e aos imigrantes”, artigos publicados em jornais locais, mas também em alguns importantes diários nacionais.

No que reporta à Dinamarca (2.º Relatório, 16.06.2000) e à Áustria (2.º Relatório, 16.06.2000), detectou-se o encorajamento de ideias xenófobas e por vezes racistas sobre os imigrantes em alguns *media*, persistindo-se na veiculação de estereótipos e preconceitos contra os não-dinamarqueses e não-austriacos; exploração sensacionalista de todos os incidentes em que estejam implicados alóctones; ausência de tratamento jornalístico das actividades *normais* destas pessoas enquanto residentes e cidadãos destes dois países europeus.

Os *media* fazendo o jogo eleitoral da insegurança, amplificando em demasia a cobertura noticiosa da violência urbana, criando nos cidadãos um medo do crime que estes graduam em função da difusão e matraqueamento mediático, e não tendo por base estatísticas fiáveis.⁴² Neste cadinho é fácil germinarem

mal, muito mal (...). A França peri-urbana e por vezes mesmo os centros das cidades soçobram perante uma insegurança absoluta’. Coordenador do dossier: Xavier Raufer. Alguns meses antes, a 12 de Outubro de 1998, *Marianne* debruçava-se sobre ‘Delinquência, esta realidade que os bem-pensantes recusam olhar de frente’ a partir de números de informações gerais do Sindicato dos comissários e altos funcionários da polícia nacional. O semanário publicava depoimentos de Alain Bauer e de Xavier Raufer. A 10 de Dezembro do mesmo ano, *L’Express* consagrava por seu turno um dossier de cinco páginas ao livro de Richard Bousquet ‘Insegurança: novos riscos’, sob o título: ‘Violência urbana, os números reais da polícia’. Quando, a 17 de Fevereiro de 2000, *Le Nouvel Observateur* publicou um dossier sobre ‘Os números negros da insegurança’, Alain Bauer foi naturalmente entrevistado. Enfim, *Le Figaro magazine* de 17 de Junho de 2000 publicou um dossier com cerca de trinta páginas sobre ‘Os reais números da insegurança que a polícia nos esconde’. Apresentados os números das informações gerais, segue-se uma entrevista com Alain Bauer, recolhendo-se também reacções de Richard Bousquet’. (RIMBERT, Pierre. “Omniprésence médiatique”, *Le Monde Diplomatique*, Fevereiro 2001, p. 21).

⁴² Segundo estudo divulgado em Portugal pelo *Diário Económico* (Janeiro 1998), os

programas securitários, substituindo-se com mais facilidade a prossecução de um *Security State* que um *Welfare State*. Por detrás da cortina mediática mantêm-se vivas, e sem solução, as causas sociais geradoras da violência. Ficando estas causas por detrás da cortina, mais fácil se torna aos políticos eximirem-se à responsabilidade de as combater.

Laurent Bonelli (2001) considera que o amalgamamento de factos tão heterogéneos como o “roubo de viaturas, a destruição de uma caixa de correio, o tráfico de droga e os insultos”, factos verificados nos subúrbios, gera discursos alarmistas que “ocultam voluntariamente as causas sociais de tais fenómenos”:

“A questão social é banida. A prevenção estrutural desaparece em benefício da prevenção da delinquência. As preocupações socioculturais ou de saúde pública só são encaradas enquanto potenciadoras da manutenção de uma certa forma de paz social. De certa maneira, os bairros ‘em perigo’ transformam-se em ‘bairros perigosos’. O crime separa-se do *medo do crime*, ruptura considerada fundamental por Bonelli, que a situa na origem “da gestão política do medo e de temas até então do foro exclusivo dos profissionais da segurança”: “A invenção do ‘sentimento de insegurança’ como opinião pública sobre a segurança obrigou a que os partidos e os políticos eleitos investissem nestas questões. Durante os anos 80 e 90, as tomadas de posição multiplicam-se, dando lugar a uma verdadeira especialização de um certo número de responsáveis políticos, com carreira construída sobre este tema”.

Na mesma linha se posicionam Beaud e Pialoux (2001), que elencam uma série de factores explicativos da turbulência social vivida nalgumas zonas peri-urbanas de França. Reportando-se a um motim verificado em Montbéliard, em Janeiro de 2000, estes autores deixam várias interrogações: “Este discurso securitário tem a particularidade de ocultar a génese das atitudes e dos grupos etiquetados como desviantes. Repousa sobre uma dicotomia que coloca, de um dos lados, um grupo de ‘violentos’, irrecuperáveis e não reeducáveis, e do outro lado os jovens que convém proteger contra a contaminação dos primeiros (...). Ignoram-se outras dimensões da vida do bairro: degradação dos imóveis, vigilância policial omnipresente, controles de identidade em função do aspecto, por vezes musculados... Não se trata de dar ‘desculpas sociológicas’ (para retomar uma expressão particularmente infeliz de Lionel Jospin) ao comportamento destes jovens, mas de compreender

britânicos culpam os *media* pela banalização dos crimes e por excessiva mão leve da justiça: “Os britânicos acham que os crimes estão a ser banalizados e que as sentenças judiciais são mais brandas do que aquilo que são na realidade por causa dos *media*. (...) O relatório realizado pelo Ministério do Interior revela que três em quatro indivíduos acham que o crime aumentou nos últimos dois anos, quando na verdade diminuiu 8%” — refere o DE, avançando ainda resultados semelhantes obtidos nos EUA e no Canadá.

a sua génese social. E de recolocar este acontecimento pontual que é um motim urbano no período mais longo da crise que abalou o mundo operário, e mais amplamente as classes populares no decurso dos últimos vinte anos. Porque é que este motim surge num período de forte recessão do emprego? Porque é que se verificou neste bairro da ZUP [Zona Urbana Periférica] de Montbéliard, que não é sequer o mais desfavorecido da região?”.

Beaud e Pialoux elencam os problemas escolares, o desespero em conseguir um emprego, mesmo para os jovens diplomados (a sua passagem da escola para a *vida activa* é considerada pela maior parte como um *decreto de morte social*, uma passagem para o desemprego); processos de selecção laborais que excluem os *jovens dos bairros* (filhos de emigrantes), reconhecidos ao longe pelo seu *uniforme social*: boné, roupa de marca, cabelos rapados ou muito curtos, linguagem citadina: “Eles sentem-se vítimas de um ostracismo difuso no processo de selecção; por vezes, a recusa de contratação de jovens magrebinos é mesmo afixada”.

7. 2. “Limpeza étnica” na programação

Se as comunidades de imigrantes se podem sentir bastas vezes revoltadas contra o tónus de algumas coberturas jornalísticas reportando factos em que são protagonistas, também se sentirão inconformadas pela exclusão de que são alvo, nomeadamente nas televisões, na faixa de programação que não trata de motins, violações, roubos por esticção ou à mão armada. O exagero de algumas coberturas noticiosas contrabalança-se com a exclusão noutra género de programas: “Geradora de angústia e criadora de representações colectivas fantasmáticas, como se pode constatar quanto à segurança, a televisão assim vai alimentando a discriminação racial. As imagens difundidas às horas de grande audiência não reflectem praticamente nada a diversidade étnico-cultural que caracteriza a sociedade francesa” – nota Nasser Negrouche (2002).⁴³

“Nem na composição do público que participa nos *talk shows*, nem nas personagens de ficção, nem nas emissões de informação, nem nos programas que apelam à participação dos telespectadores”.

Dos dados apurados por um estudo quantitativo à representação dos não-europeus fisicamente rastreados em cinco canais hertzianos franceses

⁴³ Banimento que alguns sociólogos (Pierre Bourdieu, Frederic Lebaron e Gérard Mauger) (1998) alargam a todo o grupo de *excluídos*:

“Aqueles que nos habituámos a definir como ‘excluídos’ – provisoriamente, temporariamente, a longo prazo ou definitivamente do mercado de trabalho – são quase sempre excluídos da palavra e da acção colectiva”.

(TF 1, France 2, France 3, Canal+ e M6), estudo realizado em Outubro de 1999 pelo *Conseil Supérieur de l'Audiovisuel* (CSA), Negrouche conclui que “se filtra tanto à entrada dos canais nacionais de televisão, como nas discotecas”: “A tez correcta é exigida à entrada dos estúdios. Só 6% dos profissionais, 11% dos convidados e 6% do público provêm das ‘minorias visíveis’, segundo a expressão oficial. E se aprofundarmos os resultados do inquérito, descobrimos que são os magrebinos e os asiáticos que sofrem mais a xenofobia televisiva. Os negros, esses podem agradecer às sociedades de produção americanas que inundam os ecrãs de programas de ficção onde são melhor tratados. Isto porque 74% da ficção difundida em França é de origem estrangeira, nomeadamente americana. Os ‘magrebinos/árabes’ (uma das categorias do estudo do CSA) representam apenas 7% dos artistas que integram as ficções francesas e estrangeiras. Sendo-lhes entregues papéis de maus, eles encarnam quase sempre personagens de *dealers*, terroristas ou nababos misóginos”.⁴⁴

⁴⁴ Se os negros se podem considerar satisfeitos pela sua *representação* na ficção norte-americana exibida em França, já o mesmo se não pode dizer dos negros norte-americanos no que respeita à ficção exibida no seu país. De acordo com o jornal *Público*, em Agosto de 2001, uma associação norte-americana que defende os direitos das minorias étnicas ameaçou boicotar uma das quatro grandes estações televisivas dos Estados Unidos e os seus anunciantes se estas não aumentassem o número de actores de diversas etnias na programação do horário nobre. “No relatório em que criticava as estações de televisão, a National Association for the Advancement of Coloured People (NAACP) referia que ‘ainda não temos conhecimento de casos em que um afro-americano tenha dado luz verde para uma nova série, ou que tenha tomado decisões importantes’. Em 1999, a CBS, ABC, NBC e a Fox comprometeram-se a aumentar a diversidade étnica dos seus programas, uma atitude que a NAACP considerou insuficiente por estar a ser feita ‘a ritmo de caracol’. Apesar das estações terem apresentado números que indicam uma maior participação de actores de outras etnias relativamente a anos anteriores, a NAACP afirmou que vai estar atenta à programação televisiva de 2001-2002 para determinar se avança ou não com um boicote” – informava o diário português (“*O Boicote* – Associação exige diversidade étnica na televisão norte-americana”, *Público*, n/a, 21.08.2001).

Cerca de dois anos antes, no mesmo jornal anunciava-se ter a CBS contratado três actores cómicos negros “depois de ter sido duramente criticada por não ter diversidade étnica na sua grelha de programação”. A notícia era respigada do *Daily Variety*, jornal que associava a contratação das três vedetas às pressões que, desde Setembro daquele ano, as grandes organizações defensoras da igualdade de direitos vinham exercendo sobre as grandes cadeias de televisão. Este movimento de contestação fora responsável pela publicação de uma petição onde mais de 800 personalidades públicas apelavam à representação das minorias étnicas no pequeno ecrã. (“CBS contrata actores negros”, *Público*, n/a, 21.11.1999).

As queixas prosseguiriam em 2002: “A televisão norte-americana não reflecte a diversidade étnica do país, diz um estudo levado a cabo por uma rede de associações de defesa das minorias. O texto revela que - apesar de se terem registado ‘alguns progressos’ no espaço conferido à comunidade negra, as principais cadeias votaram praticamente ao esquecimento as restantes minorias, nomeadamente asiáticos e hispânicos” – informava, de novo, o diário *Público*.

Em Junho de 2000, meses antes da publicação do estudo referido, já o CSA admitia que “os magrebinos são praticamente inexistentes na ficção francesa, apesar da sua presença na vida e no quotidiano do público. “Em consequência” – assinalava aquele organismo, “é necessário um esforço neste domínio, para que a presença de um francês de origem africana, árabe ou asiática seja tão natural numa ficção francesa como é numa série americana”. Esforço que Negrouche antevia destinado ao fracasso: “No correr dos anos e com o desenvolvimento de uma concorrência cada vez mais feroz, os principais canais públicos e privados instituíram um verdadeiro reflexo que se pode qualificar de ‘limpeza étnica’ da programação. Para não contrariar o conservadorismo – suposto – da legendária ‘dona de casa com menos de 50 anos’. E para desta forma se assegurarem da benção dos anunciantes, cujos investimentos publicitários em todos os canais públicos e privados atingiram o montante record de 4,6 mil milhões de euros em 2000”.⁴⁵

“A CBS, a NBC, a ABC e a Fox são acusadas de terem relegado os membros dessas comunidades a apenas ‘pequenos papéis’. Ou seja, nunca são protagonistas, ‘nem à frente, nem atrás das câmaras’. A este respeito, o estudo - levado a cabo por um conjunto de associações de que fazem parte o Comité de Media dos Americanos Asiáticos e do Pacífico e a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP) - refere que as minorias estão também ‘completamente afastadas’ dos lugares de criação e produção de programas televisivos, afirmou a porta-voz das associações, Karen Naraski, citada pela agência AFP.

De acordo com a pontuação atribuída pelos autores do estudo (de A, ‘excelente’, a D, ‘fraco’) ao espaço conferido às comunidades minoritárias pelas quatro maiores televisões, nenhuma das estações passou do ‘mediocre’ (‘C menos’). A CBS foi a mais mal classificada. Obteve um ‘D menos’, o que é a mais baixa classificação de sempre de um canal neste estudo, que anualmente avalia a diversidade nos ecrãs dos Estados Unidos. O relatório visa em especial o presidente da CBS, Leslie Moonves, que é acusado por Karen Naraski de ‘nunca se ter interessado em dar maiores oportunidades aos latinos e asiático-americanos’. Na resposta, segundo a BBC, a CBS considerou estas acusações um ‘disparate’ e questionou mesmo a validade do estudo. Depois de considerar Moonves como ‘o mais dedicado e atento’ executivo ‘que existe no meio’, no que concerne à ‘consciência da diversidade’, o vice-presidente, Josie Homas, deu como exemplo o facto de ‘dos quatro administradores de topo (...) três virem de uma minoria’ étnica”. (“TV dos EUA acusada de não reflectir diversidade étnica do país”, *Público*, n/a, 24.07.2002).

No Canadá, a organização feminista *Media-Watch* observou 8 séries dramáticas difundidas pela TV no Outono de 1992. Em 1275 personagens repertoriados, só 12,73% dos homens e 4,55% das mulheres pertenciam a minorias visíveis. Os homens de raça branca desempenhavam 54,92% dos papéis principais. Estes papéis correspondiam, na maior parte das vezes a personagens recorrentes cuja presença contribuía de maneira significativa ao enredo da série, sublinhava aquela organização. Lembrava ainda que os actores chamados a desempenhar os papéis principais recebiam remuneração mais importante que os que desempenham os papéis de menor importância. “Esta distinção entre os dois tipos de papéis é importante, quer por causa do efeito produzido sobre os telespectadores, quer em termos de equidade em matéria de emprego” – consideravam as responsáveis daquela organização. (“Racial and ethnic diversity in dramas”, *Media Watch*, <http://www.mediawatch.ca/>).

7.3. *Cuidado! Vêm aí os mouros...*

À desmesurada inflação do tema *insegurança* nos *media* - bastas vezes associada aos imigrantes -, a que se contrapõe um *quase apagamento* noutras zonas que permitiriam, à partida, uma *visibilidade positiva* (caso da programação televisiva extra-jornalística), acrescenta-se outro dado, com responsabilidades que alguns autores também atribuem à comunicação social: a veiculação de notícias e de reportagens que deixam passar a imagem de que o Norte rico assiste, impotente, a uma invasão cada vez mais significativa e quase incontrollável de imigrantes provindos do Sul.⁴⁶ Cobertura noticiosa

⁴⁵ Preocupações já antes expressas no Segundo Relatório da *Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância* (ECRI, Dezembro 1999): “Uma das dificuldades de ultrapassar pela sociedade francesa actual consiste em conseguir reconhecer-se e perceber-se plenamente como multicultural. Neste contexto, os *media* audiovisuais podem desempenhar um papel primordial (...) No presente, parece subsistir uma clara distância entre a realidade das coisas e o reflexo que os *media* dela transmitem à sociedade francesa. Isto é mais notado na representação simplista e estereotipada das comunidades minoritárias, e também na ausência de emissões que ilustrem a contribuição real destas comunidades para o património cultural nacional”.

Estas tomadas de posição por parte da ECRI e do CSA caíram em tubo catódico roto, segundo Nagrouche, assim se explicando a deserção dos imigrantes para canais alternativos: “Muitos são os que se viram para redes de difusão com vocação étnica, tentando assim reapropriar-se de uma imagem que respeite melhor as suas identidades. É esta uma das razões pelas quais se vê um número impressionante de antenas parabólicas instaladas sobre os edifícios de bairros populares das grandes cidades francesas e dos subúrbios onde se concentram as famílias provenientes da imigração. Quer se trate de programas emitidos por sociedades de difusão dos países de origem com destino aos da diáspora (Argélia, Marrocos, Tunísia, Turquia...) ou realizados em França por produtores especializados (BRTV para os berberes, ATV para os antilhanos, etc.), os canais comunitários têm, visivelmente, um verdadeiro sucesso popular”.

⁴⁶ Num estudo sobre o tratamento dado à imigração extracomunitária na imprensa espanhola, Claudia Pedone (2001) nota uma simbiose entre o discurso oficial e o dos *media*, ambos reflectindo um *sobredimensionamento* das estatísticas de extracomunitários residindo em Espanha, a par com a reiteração de argumentos que fundamentam a *manutenção de uma política restritiva ao ingresso desta população*, uma *retórica da exclusão*.

“Nota-se, diariamente, uma espécie de esquizofrenia léxica no que respeita ao tratamento jornalístico do fenómeno da imigração extracomunitária, com títulos que falam de ilegais, de sem papéis com aspas e sem aspas, de acordo com a sensibilidade do redactor de turno”.

“*Asalto a la Fortaleza Europa*”, “*El Exodo hacia Europa*”, “*Inmigración: Crece la Marea*”, são alguns dos títulos destacados por Padone e que, a par de outros reportando actividades fora da lei, contribuirão para criar um ambiente onde se implica o *conceito de ameaça*, a necessidade de uma defesa da *identidade comum* dos cidadãos espanhóis contra o *estrangeiro*, contra o *outro*: “A imprensa nacional que seguiu passo a passo os debates da *Lei de Extranjería* (Agosto/2000), os relatórios da ONU, a chegada das *pateras* e as *avalanches ameaçadoras*, a par com a denúncia de redes de tráfico ilegal de

que, acusam alguns, tem respaldado medidas securitárias tomadas por vários governos, tendentes a impermeabilizar a *fortaleza Europa* ou a *fortaleza EUA*.⁴⁷

Autores há que consideram não se registar, actualmente, nenhum aumento significativo de tais fluxos migratórios; outros apontam o dedo à ausência de contextualização das notícias que os *media* vão veiculando sobre o tema. Todos são unânimes em constatar que o volume e o ângulo escolhido para o tratamento deste fenómeno têm criado na opinião pública ambiente propício à tomada de medidas visando o reforço das fronteiras, controlando com mais aspreza a entrada de imigrantes, deixando pairar a ideia de que, quem bate à porta do Norte rico, é indesejado, um fardo para sociedades que não necessitam do seu contributo enquanto força de trabalho, dispensando ainda com mais fervor a sua *contribuição* para o fomento da violência, nomeadamente nas grandes urbes.

Saskia Sassen (2000) censura o facto de haver quem continue a considerar a imigração como portadora de uma dinâmica independente de outros campos: “A ideia prevalecente, na Europa ocidental, na América do Norte e no Japão, é a de uma crise do controle da imigração. Ora, esta visão impede todo o

peçoas, contribuiu para reforçar a ideia de (in)segurança dos cidadãos frente ao *outro*, ao imigrante extracomunitário” – sublinha Pedone, para quem a imprensa escrita dá a sua contribuição à formação de “uma fisionomia de *imigrante ilegal* associada à violência, à delinquência e à prostituição, fisionomia que serve de justificativo para leis cada vez mais restritivas no âmbito da segurança dos cidadãos”.

⁴⁷ Não se trata de simples metáforas. De acordo com o jornal *The Guardian*, citado pela *SIC Online* (Setembro 2002), o governo de Tony Blair tencionava utilizar navios de guerra estacionados no Mediterrâneo para interceptar rotas de imigração ilegal, e aviões militares para expulsar imigrantes ilegais. O Reino Unido pretendia ainda condicionar a ajuda económica a países como a Somália, o Sri Lanka e a Turquia à colaboração prestada na repatriação de muitos exilados.

A “Fortaleza-Europa” começou a erguer, com mais ímpeto, as pontes levadiças, a partir da assinatura dos acordos de Schengen: “Pondo em comum uma série de meios policiais, informativos e administrativos, os Estados do *espaço Schengen* organizaram a sua defesa contra todo o elemento estrangeiro, estendendo mesmo os sistemas de controle para fora das fronteiras europeias, onde reside a *origem* dos males a combater: a criminalidade, o tráfico de drogas, o terrorismo e a imigração clandestina” – afirma Gabrielle Leflaive-Groussaud (2000), acrescentando: “Estes novos sistemas policiais acabam por ameaçar as liberdades de todos, dado que, para antecipar e prevenir os riscos, se representa como perigo o que não passa de simples transformações sociais, fazendo-se assim uma mescla entre crime organizado, violência urbana, *incivilidade* social, migração clandestina, terrorismo, etc. Assim, de modo contraditório às dificuldades do processo político de construção europeia e da elaboração de uma identidade comum, vai-se criando, com mais eficácia que a Europa monetária, cultural, legislativa ou política, uma Europa unificada em termos de segurança e de controle das fronteiras, união fundada no triplo receio da imigração clandestina, das drogas e do terrorismo. Para tal, instrumentalizam-se os preconceitos do senso comum que tendem a misturar estas três *pragas* num perigo único, um *Outro* ameaçante, cuja cara é a do Islão”.

debate que se pretenda sereno. Efectivamente, a questão relevante não reside na eficácia do controle dos Estados sobre as suas fronteiras, controle que todos sabem ser naturalmente imperfeito, mas antes na natureza desse controle. Como é que as políticas migratórias se integram no novo panorama mundial, com a sua integração económica, os seus acordos internacionais sobre os direitos humanos, com a extensão aos emigrantes residentes de diversos direitos sociais e políticos, com a multiplicação dos actores políticos, etc?” – interroga-se Sassen, para quem, antes de se evocar uma *eventual crise do controle*, interessa analisar os constrangimentos exteriores, cada vez mais numerosos, que os Estados aceitaram e que determinam as suas políticas migratórias, sendo esta análise bastante mais importante que o escalpe das acções estatais de controle nas fronteiras.

“Por um lado, tudo se encaminha para o multilateralismo e, por outro, o tratamento dos problemas da imigração permanece unilateral: esta contradição é reforçada pela constatação *de facto* (mais do que *de jure*), do bilateralismo e do multilateralismo na gestão de certos aspectos específicos das migrações internacionais. Assim acontece na Europa ocidental, onde a construção da união económica impôs aos governos filosofias de acção supranacionais em todos os domínios. Negociações entre a União Europeia e os países da Europa central, transformados em zona-tampão para os requerentes de asilo; programas de ajuda à modernização das polícias da Europa central e do Magreb para a detecção de imigrantes clandestinos” – constata Sassen.

Como assinala Alain Morice (2000), de há décadas se vão registando fluxos e refluxos nos movimentos migratórios em direcção ao Primeiro Mundo. No caso concreto da França, depois da Segunda Guerra Mundial, a orientação em matéria de imigração seguiu movimentos balanceados. “Até aos anos 70, obedeceu sobretudo às necessidades da economia em matéria de mão-de-obra: importada massivamente, constituiu-se como proletariado disponível para todas as necessidades. Nos anos 80 e 90 registou-se uma inversão: a crise trouxe consigo um clima xenófobo e o ‘fecho das fronteiras’ – que, diga-se em abono da verdade, não serviu para fazer sair os trabalhadores imigrantes da precariedade laboral. E eis que, com o novo século, a Europa volta a falar da imigração de trabalhadores, redescobrimdo algumas virtudes nestes migrantes donde antes vinham todos os males”.

Morice carrega a seguir dados extraídos de um relatório da divisão de população das Nações Unidas, documento que gerou grandes repercussões aquando da divulgação de uma primeira versão, nos inícios de 2000. Segundo este texto, a Europa necessitará de 700 milhões de emigrantes nos próximos 50 anos -, o que dá, em média, para a França, 1,7 milhões por ano. Morice nota ainda alterações significativas no discurso de alguns políticos conhecidos pelas suas posições radicais anti-imigração. O caso do ex-primeiro ministro

Alain Juppé, responsável, em 1997, pelo uso da força na evacuação da igreja de São Bernardo, ocupada por *sans-papiers*. Juppé afirmava em 2000 que, olhando à evolução das mentalidades e tendo em conta a demografia, a Europa *vai ter necessidade da contribuição de mão-de-obra estrangeira*. E até Charles Pasqua,⁴⁸ nota com espanto Alain Morice, “noutros tempos perseguidor de ‘clandestinos’ e fervoroso defensor da ‘emigração zero’, vem hoje exigir a regularização de todos os estrangeiros em situação irregular”.

“Actualmente” – prossegue Morice, “um pouco por toda a Europa a questão renasce: *‘Combatida por razões políticas, a imigração será agora defendida por razões económicas?’* – pergunta *Le Figaro Economie* de 3 de Agosto de 2000, para quem a questão *‘não é mais tabu’* (...). *‘A economia europeia tem hoje necessidade, para assegurar o crescimento económico mas também para suportar o envelhecimento das populações, de forças de trabalho jovens, vigorosas e qualificadas’* – afirmou o deputado europeu Sami Naïr. Quem vai pagar as nossas pensões, senão os novos imigrantes? – pergunta-se de todo o lado. De facto, os cálculos da ONU baseiam-se no pressuposto de se pretender manter ao seu nível actual a relação entre a população em idade activa (15-64 anos) e o efectivo de 65 anos em diante. *‘O problema crucial continua a ser o da fecundidade, que não permitirá daqui a algum tempo fazer face às exigências de financiamento da segurança social’*, acrescenta o mesmo *Figaro Economie* que, ainda há pouco tempo fustigava os imigrantes, denunciados em bloco como beneficiários da dita segurança social”.⁴⁹

⁴⁸ As chamadas “*leis Pasqua*”, aprovadas em França no ano de 1992, obrigavam à declaração e justificação do acolhimento dado a cidadãos estrangeiros, limitando-se bastante as autorizações de residência; outorgavam às autarquias locais o direito de inspecção dos lares que aceitavam albergar alóctones, controlando-se a área das habitações, os motivos da presença dos estrangeiros em França, ou a existência efectiva de um laço de parentesco com os hospedeiros. Favoreciam também a delação, pedindo-se aos cidadãos a denúncia de vizinhos ou pessoas conhecidas que albergassem estrangeiros clandestinamente. O pacote das *leis Pasqua* veio a ser abolido em 1997, na sequência de uma forte oposição civil.

⁴⁹ Registem-se, por exemplo, as razões aduzidas pelo deputado canadiano Jean-Paul L’Allier (2000), em plenário da Comissão Permanente da Cultura da Assembleia Nacional do Quebec realizado a 7.09.2000: “A cidade de Quebec está bastante empenhada em influenciar o conteúdo da política governamental em matéria de emigração, em função dos quatro maiores desafios que se nos apresentam. O primeiro é o desafio demográfico. A região de Quebec verá a sua população crescer a um ritmo duas vezes inferior à de Montreal, Sherbrooke ou Hill, isto nos próximos 10 anos. É importante manter um fluxo migratório que nos permita atenuar as consequências de uma baixa taxa de natalidade regional. O segundo desafio é económico. Decorre do primeiro, dado que o crescimento do nosso mercado regional depende do crescimento da população. Por outro lado, os empregos estratégicos da nova economia são em parte desempenhados por profissionais imigrantes. O terceiro desafio é urbanístico, dado o facto das famílias constituídas por

Na Alemanha, Gerhard Schröder provocou a ira dos sindicatos, quando defendeu a necessidade de contratar 2000 técnicos informáticos estrangeiros. Na Grécia, os agricultores manifestaram a sua cólera perante detenções massivas de imigrantes ilegais pela polícia. Aos jornalistas, confessaram que as suas explorações não podiam sobreviver sem o recurso a estes trabalhadores migrantes, que aceitam menos da metade do salário exigido pelos trabalhadores gregos. Os agricultores comprometiam-se, perante as autoridades, a levar pessoalmente os imigrantes à fronteira, logo que acabassem as colheitas.

Tudo somado, razão para Morice considerar o carácter *profundamente oportunista, utilitarista e pragmático* das políticas de imigração de alguns países europeus, deixando de lado os grandes princípios humanistas, fazendo tábua rasa do enraizamento progressivo dos imigrantes nos países de acolhimento, ignorando pura e simplesmente a dimensão humana da imigração. Europa que vai fazendo dos imigrantes seres humanos descartáveis, necessários para os empregos “3D” – *demanding, dangerous, dirty* [difíceis, perigosos, sujos] -, empregos que os autóctones dos países ricos rejeitam cada vez mais, atendendo à sua penosidade, também à “desqualificação económica, política e simbólica do trabalho operário” (Mauger, 1998).

imigrantes se instalarem, numa proporção de 40%, na baixa da cidade e no bairro de Limoilou, contribuindo assim para a renovação destes bairros e para o abrandamento do crescimento urbano. Finalmente, a imigração contribui para a internacionalização da região do Quebec. Importa dizer aqui, entre parêntesis, que a Universidade Laval acolhe estudantes e professores de mais de 60 países diferentes, e que ela se constitui como o espaço de eleição para o encontro entre pessoas de outras culturas, de outras comunidades, de outras raças, se quisermos utilizar a expressão”.

Argumentos similares eram aduzidos pelo então líder socialista espanhol, José Borrell (2002), no que concerne à Europa: “É evidente que existe uma forte pressão das opiniões públicas sobre um problema que se vai instalando no imaginário colectivo de uma sociedade rica e envelhecida que se sente cercada, ao sul, este e oeste por populações pobres e com uma grande pujança demográfica. Mas a solução não passa por fazer subir as pontes levadiças da *fortaleza Europa* e pretender viver sem imigrantes, porque na realidade precisamos deles. A *ratio* população activa/população dependente diminuirá nos próximos 50 anos e só a imigração poderá colmatar o défice. As economias ocidentais mais dinâmicas são as que recebem o maior fluxo de imigrantes. Os EUA receberam quase um milhão de imigrantes legais no ano 2000, enquanto na Alemanha tal número se reduziu a 120.000, a maior parte pedindo asilo”.

O jornal espanhol *La Vanguardia* noticiava, a 28 de Janeiro de 2000, que a imigração extracomunitária havia contribuído, em 1997, com um total de 73 mil milhões de pesetas para a economia da Catalunha, dados resultantes de estudo elaborado por economistas das universidades de Harvard e Pompeu Fabra, a pedido do Departamento de Bem-Estar Social catalão. “Perante a ideia enraizada de que o estrangeiro extracomunitário rouba postos de trabalho (na realidade, cobre os que a que população autóctone rejeita), e que origina uma baixa dos salários nos sectores em que os imigrantes são mais numerosos (o mesmo se passa com as áreas feminizadas), o estudo apresenta uma realidade muito diferente, apontando para um benefício económico líquido” – concluía aquele diário.

8. A construção do “imaginário internacional”

A construção do *imaginário internacional* pelos cidadãos está dependente de vários factores, que vão do reduto psicológico às influências do meio – família, instituições sociais de vária índole, também os *media*. Segundo Astorga (2000), os autores que se têm debruçado sobre esta problemática não exibem unanimidade, quer na despistagem dos factores contribuintes à formação desse imaginário, quer na atribuição graduada da influência de tais factores. Tendo por base a necessidade de integração no meio em que está inserido, o indivíduo vai desenvolvendo um conjunto de representações cognoscitivas que lhe permitem classificar os dados que recebe através dos órgãos sensoriais. “Este processo consta de uma série de mecanismos de detecção, destilação, classificação da informação sensorial, que permitem o ajuste adequado à infinita variedade de estímulos existentes no ambiente. A realidade é classificada e representada a nível cognoscitivo mediante imagens” (Santoro, 1975).⁵⁰ O arsenal de imagens mentais de que o indivíduo se mune na sua relação com os outros inclui uma vasta gama de estereótipos - privados ou públicos, tradicionais ou contemporâneos, sexistas ou étnicos, glorificadores ou menorizadores -, que são mobilizados aquando da formação de imagens sobre outros países, culturas ou povos. As fontes externas desempenham papel variável na formação de imagens estereotipadas do *Outro* – para além da imbricação a outros potenciadores e a outras condicionantes, tais fontes verão a sua influência potenciar-se nos domínios em que o indivíduo revela maior dificuldade de contacto com o estereotipado. A formação de imagens sobre o estrangeiro pertence a este domínio de maior influência das fontes externas, dada a impossibilidade sentida pela maior parte dos cidadãos de contactar directamente com realidades, hábitos, culturas longínquas. Tais imagens formar-se-ão, assim, tendo por base uma forte mediação das fontes externas, com os órgãos de comunicação social desempenhando aqui papel de relevo.⁵¹ É essa, aliás, uma das *cláusulas* do seu *caderno de encargos*, considerada não como um ditame mas como uma virtualidade que todos ostentam com deleite, um enfatizador totalizante propalado à exaustão: *media* que se preze tem sempre tudo para noticiar, tudo para mostrar, indo ao fim da esquina mas também ao fim do mundo, todos os dias, em todos os lugares, em todas as distâncias e horas...

⁵⁰ Citado por Astorga, ob. cit.

⁵¹ Gabriela de la Peña Astorga (2000) oferece-nos a seguinte definição de *imaginário internacional*: “Uma definição útil para o estudo de imagens mentais acerca de outras culturas será aquela que considere o imaginário de países estrangeiros – ou internacional – como o conjunto de imagens e ideias que acerca de outras nações e/ou culturas um

Nesta linha se inserem as conclusões de vários estudos de *agenda-setting*, apontando, como sublinha Nelson Traquina (1995: 207-208), para uma maior influência dos *media* nas questões chamadas *unobstrusive* — assuntos distantes das pessoas em relação aos quais não têm experiência directa: “Uma outra conclusão da pesquisa sobre o *agenda-setting* é que o efeito da agenda jornalística também varia segundo a natureza do assunto, distinguindo entre as questões chamadas *obstrusive* (ou seja, assuntos conspícuos para os quais as pessoas podem mobilizar a sua experiência directa, por exemplo, as questões económicas) e as questões chamadas *unobstrusive* (isto é, assuntos distantes das pessoas em relação aos quais não têm experiência directa, por exemplo, questões de política externa)”.

Entre os vários *media*, a televisão assume aqui papel primacial, quer pelo efectivo de consumidores que mobiliza todos os dias (em número significativamente superior ao da imprensa escrita ou da rádio); quer pelo tempo que os cidadãos lhe dedicam, também bastante superior ao despendido na fruição de outros *media*); quer pelo tipo de público a que se dirige. Sendo, como é sabido, um *media* transversal, recolhe mais telespectadores junto das classes baixa e média/baixa, por natureza as que se encontrarão menos munidas de instrumentos que lhes permitam questionar a informação recebida (por ex: maior índice de analfabetismo, puro ou funcional; ou, quando alfabetizadas, com habilitações académicas inferiores às das classes alta e média/alta); por natureza as que menos vezes se socorrerão de outros meios (rádio, imprensa escrita, internet), para um saudável exercício do contraditório; por fatalidade, as que disporão de menos meios para viajar ao estrangeiro, conhecendo assim o mundo directamente, e não por mediação de interposta televisão. Em consequência, o volume de questões ditas *unobstrusive* ganha relevo muito mais significativo junto dos indivíduos que se informam exclusiva ou primacialmente através dos telejornais. O corolário lógico desta constatação obrigaria a uma maior responsabilidade social do meio/televisão no que toca à confecção de produtos informativos, no global, e das notícias veiculadas sobre o estrangeiro, em particular.

A *montra* de assuntos que iluminámos através da pesquisa aos telejornais portugueses do ano de 1999 aponta caminho bem diferente, no que ao mundo mais pobre concerne. Neste capítulo específico, a selecção dos *gatekeepers*

indivíduo possui como integrante de diferentes grupos sociais, também como membro de uma cultura determinada e diferente da que observa. Desde uma perspectiva sociocultural, o imaginário internacional encontrar-se-á composto por estereótipos, preconceitos, convicções, crenças e, porventura, conceitos; ideias e imagens inter-relacionadas, que se influenciam mutuamente e que formam no seu conjunto uma tipificação subjectiva da realidade de culturas alheias à própria”.

televisivos – constringida de facto pelo maior volume de desgraças produzidas por tal grupo de países (não fora assim, e pertenceriam eles a outro clube, dos ricos ou dos *remediados*); manietada pela falta de recursos (compreensível pelo facto de tais profissionais não trabalharem num país *muito* rico; menos compreensível se tais recursos se manifestarem escassos apenas pelos apetites de lucro dos detentores dos canais televisivos); subordinada imensas vezes ao produto fornecido pelas agências noticiosas – tal selecção revela, pesem todos os embraiadores, uma linha norteadora determinada a expor o que de pior acontece nos países do Terceiro Mundo.

Notámos um predomínio avassalador da *notícia-mercado* em detrimento da *notícia-serviço*. O jornalismo televisivo funcionou, neste caso concreto, como redutor do campo de conhecimentos dos indivíduos. Não cremos que tenha ajudado a formar uma imagem precisa e coerente de tão vasto número de países (96 ao todo), por privilegiar os epifenómenos em detrimento da origem, natureza e essência dos acontecimentos, processos e situações.

Não é exclusivo das televisões lusas, vale de pouco, mas valha-nos isso; não é patente que o jornalismo televisivo possa registar, mas é sem dúvida uma prática que nos deve preocupar a todos, a começar, desde logo, pelos que detêm um presumido, mesmo que débil poder de agendar.

Preocupar, pelas malformações que tal selecção inculca ao mapa-mundo das notícias; pela contribuição nada despicienda para a formação, nos telespectadores, de um imaginário tenebroso do *Terceiro Mundo* (o inferno de que fala Ramonet); pelas consequências que daí poderão advir para os cidadãos consumidores de notícias televisivas situados no largo patamar dos mais permeáveis à indução de estereótipos e preconceitos; pelo fomento do medo em relação ao *Outro diferente de nós*, quer esse *Outro* morra em peles lá longe ou venha para junto de nós morrer aos poucos. Responsabilidade social e cívica que se exige com mais vigor ainda, quando a contribuição para a formação de estereótipos excluentes do *Outro* se vai reflectindo e ajudando a conspurcar o quadro relacional de uma sociedade como a portuguesa, onde, a exemplo da União a que pertencemos, vão germinando focos de conflitualidade entre os autóctones e os alóctones que por aqui labutam, trocando as voltas – por mor da roda que faz girar o mundo, da roda que muitas desgraças cria do lado de lá e poucos rebentos consegue parir do lado de cá –, a um fluxo que já teve sentido inverso, quando de Portugal saíam muitas malas de cartão.

Kunczic (2001) chama a atenção para o facto do imaginário das nações deter *forte influência* no fluxo internacional de capitais. Daí o cuidado que muitos países, especialmente os europeus e os da América do Norte têm em *cultivar* a sua imagem no exterior. Esse desiderato é conseguido através de

poderosas operações de relações públicas, agenciando meios os mais diversos, da publicidade aos *media* informativos, tentando compensar *défices de comunicação estruturais*, corrigir *falsas imagens criadas pelos mass media*, influenciando a agenda destes de molde a conseguirem a difusão de uma *imagem positiva*. Não o fazem, sustenta Kunczic, por mero hedonismo patrioteiro, mas por razões bem práticas, para conseguir gerar a confiança dos parceiros internacionais: “A confiança não é um conceito abstracto. No campo da política internacional, a confiança é um importante factor de mobilização de recursos, de angariação de apoios políticos e/ou materiais por parte de outras nações. Por outras palavras, se outros actores do sistema mundial confiarem no nosso país, no seu futuro em virtude da fiabilidade demonstrada, a confiança torna-se equivalente a dinheiro. De forma simples: confiança é dinheiro e dinheiro é confiança. A imagem positiva transmitida por um país no presente traduzir-se-á em confiança no futuro desse país”. Kunczic lembra que os negócios internacionais não são determinados exclusivamente por *factos económicos puros* (como as reservas em ouro, o *défice* ou *superavit* da balança de transacções correntes ou de pagamentos). A imagem de uma nação ou Estado, o grau de solvência manifestado nos negócios, a credibilidade dos seus políticos, têm uma importância decisiva.

Os países mais pobres, considerados *periféricos* pelos economistas, e a maior parte dos países *semi-periféricos* (casos do Japão, Coreia do Sul, Brasil, Turquia, México, Taiwan), sentem no quotidiano a influência das imagens positivas ou negativas que deles fazem os investidores à escala mundial. Como reza a lenda que os homens do dinheiro não deixam nada ao acaso, trataram (também) aqui de elaborar um indicador com virtualidades de mensurar tal imagem, ou grau de confiabilidade. Dá pelo nome de *risco-país*, atormenta muitos financeiros e políticos: “A expressão ‘*risco-país*’ entrou para a linguagem quotidiana do noticiário económico, principalmente em países que vivem em clima de instabilidade, como o Brasil e a Argentina. O ‘*risco-país*’ é um indicador que tenta determinar o grau de instabilidade económica de cada país. Desta forma, tornou-se decisivo para o futuro imediato dos países emergentes” – informa o *BBC World Service*.⁵²

O *risco-país* é um índice denominado *Emerging Markets Bond Index Plus* (EMBI+) e mede o grau de *perigo* que um país representa para os investidores estrangeiros. Este indicador concentra-se nos países ditos *emergentes*, ou *semi-periféricos*. É calculado por agências de classificação de risco e bancos de investimentos. O banco de investimentos americano J. P. Morgan, com filiais abertas em vários destes países ditos *emergentes*, foi o primeiro a avançar com tal classificação. O banco analisa o rendimento dos

⁵² Serviço para o Brasil, em <http://www.bbc.co.uk/portugueses/index.shtml>.

instrumentos da dívida de um determinado país, principalmente o valor (taxa de juros) com o qual o país pretende remunerar os aplicadores em bónus representativos da dívida pública.

De uma forma mais técnica, diremos que o *risco-país* equivale à sobretaxa que se paga em relação à rentabilidade garantida pelos bónus do Tesouro dos Estados Unidos (o país mais solvente do mundo), ou seja, o de menor risco para um aplicador não receber o dinheiro investido acrescido dos juros convencionados.

Na determinação desta sobretaxa entram em avaliação aspectos como o nível do défice fiscal, as turbulências políticas, o crescimento da economia e a relação entre a poupança e a dívida de um país. Expressa-se em pontos básicos, de conversão simples: 100 unidades equivalem a uma sobretaxa de 1%. Funciona como um orientador, indicando ao investidor o grau de risco previsível dos negócios a concretizar com países indexados.

Naturalmente, quanto maior for o risco, menor será a capacidade de um país para atrair investimento estrangeiro. Um *risco-país* elevado obriga os governos a tornarem o investimento mais atraente, o que se consegue através do aumento das taxas de juro que remuneram os títulos representativos da dívida pública. A não adopção de medidas deste género implicará, normalmente, uma retracção do fluxo de investimentos estrangeiros, que se traduzirá num menor crescimento económico, por sua vez sinónimo de mais desemprego e salários mais baixos para os trabalhadores.

Tão simples como isto. Podendo dizer pouco ou nada aos cidadãos de países blindados à submersão, ou que já conseguiram emergir, tal índice tornou-se uma autêntica *paranóia* nos países que balançam no fio da *emergência*: “A expressão, de uma hora para outra, entrou no noticiário económico de todos os jornais e tem sido usada com tal naturalidade que espanta os que não a conhecem. Algumas vezes, o alarde feito pela imprensa é tão grande que as pessoas acabam tomando medidas, no mínimo precipitadas: ‘Muitos pequenos investidores, por terem pouco acesso às informações, acabam supervalorizando algumas notícias’, afirma Ricardo Von Ellenrieder, consultor de investimentos brasileiro.⁵³

Notaram que, entre as variáveis elencadas para a determinação deste indicador se incluem as *turbulências políticas*, tanto as que já tumultuam como as que os responsáveis pelo índice prevêem venham a surgir. Razão para haver quem denuncie elevada subjectividade na determinação do *risco-país*, subjectividade adveniente de imagens feitas, de estereótipos, do

⁵³ Depoimento publicado no site da *Sul Invest*, em <http://www.sulinvest.com.br/>. A propósito, respigámos um despacho do serviço *Folha Online* (Grupo Folha, que edita o influente diário *Folha de S. Paulo*): “A queda de 2,3% do *risco-país* brasileiro na manhã desta quarta-feira fez com que o Brasil fosse superado pelo Equador no ranking de

imaginário do país A ou B povoando a mente dos especialistas encarregados de elaborar o dito indicador. A elevada audiência conquistada por este índice pode, assim, gerar efeitos perversos, podendo mesmo influenciar processos político-eleitorais a decorrerem em países sujeitos à implacável medição. Os responsáveis do Partido dos Trabalhadores (Brasil), incluíam o *risco-país* como um dos instrumentos utilizados pelo *mercado* na prática de *uma espécie de terrorismo* contra a campanha de Luís Inácio da Silva (Lula) às presidenciais de Outubro de 2002.⁵⁴

Em texto publicado no *site* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a jornalista Eliana Raffaeli (2002) perguntava, a título, se “O Risco está mesmo no Brasil?”. Pontuava o facto do Brasil ser considerado, pelo índice, país com maior risco para o investimento estrangeiro que a Nigéria ou a Colômbia: “(...) O mais preocupante é que, com a instabilidade económica verificada nas últimas semanas, a temida taxa está aumentando de forma vertiginosa, colocando o Brasil como o segundo país mais arriscado para se investir no mundo, atrás apenas da cambaleante Argentina, e à frente de países africanos empobrecidos, como a Nigéria, e da instável Colômbia, que além de uma economia combalida luta contra o poderio do narcotráfico. A mais popular classificação hoje na América Latina, a Embi+, do banco americano JP Morgan, atribui ao Brasil um índice de 1.700 pontos, o que significa que para conseguir negociar seus papéis no exterior o país tem de pagar uma taxa adicional de 17 pontos percentuais acima do valor pago pelos títulos americanos (considerados os mais seguros do mundo)”.

maiores riscos do mundo, passando para a quinta posição.

O país tem agora 1.677 pontos, contra 1.720 pontos do Equador. Nas três primeiras posições, estão Argentina, Nigéria e Uruguai. Cada ponto significa que os juros pagos pelos títulos da dívida desses países é 0,01 ponto percentual maior que os títulos do Tesouro dos EUA, ou seja: com um risco de 1.677 pontos, supondo que os juros pagos pelos EUA sejam de 5% ao ano, os do Brasil serão de 21,77% ao ano (16,77 pontos acima). A melhor performance do Brasil no ranking se deve à última rodada de pesquisas eleitorais, na qual o candidato governista à Presidência, José Serra (PSDB), avançou e ameaça a segunda posição de Ciro Gomes (PPS), que perdeu votos.

Serra é considerado o candidato favorito dos investidores externos por defender a manutenção da actual política económica.

Hoje, o C-Bond, principal título da dívida do país negociado no exterior, sobe 1,04%, para 61% do valor de face. Quanto melhor o preço desses títulos, menores são os juros pagos por eles e menor é o risco-país. “Risco Brasil cai e país desce à quinta posição no ranking mundial”, *Folha Online*, Luciana Coelho, 28.08.2002 (<http://www.folha.com.br>).

⁵⁴ “Lula sobe nas pesquisas. No mesmo momento sobem o dólar e o *risco-país*. A cúpula da candidatura petista afirma existir uma espécie de terrorismo praticado pelo mercado contra a campanha. O crescimento de Lula é atribuído, de certa forma, a nova roupagem que recebe, com um discurso mais de centro, mais palatável para a classe média que temeu sua ascensão nas últimas eleições” – constatava Márcio C. Coimbra, “O risco Lula”, *LegisCenter* (<http://www.legiscenter.com.br/>).

O texto continha depoimentos contestando os métodos seguidos para a avaliação do risco. Entre eles, o de Mauro Knijnik, economista, empresário, ex-professor daquela universidade e ex-Secretário da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul: “As empresas que fazem as classificações de risco, chamadas de agências de rating (avaliação), utilizam critérios técnicos, altamente burocratizados, resultando em um número frio, que transparece uma situação em um dado momento. Dentro de critérios formulados previamente, uma pessoa sentada em Nova York ou em Paris identifica se determinado país está mais sensível a flutuações financeiras e qual a variação do nível de endividamento. Estas avaliações, geralmente, não levam em conta as peculiaridades dos países. Além disso, há dúvidas sobre a margem de erro, já que não há um órgão que fiscalize estas empresas”. Mauro Knijnik referia-se ainda à dificuldade na comparação dos países, “pois as condições e potencialidades de cada um são variáveis”: “Seria o mesmo que comparar o nível de glicose no sangue de habitantes de várias partes do mundo. Em algumas regiões, é normal a taxa ser maior, de acordo com o clima e com o tipo de alimentação. (...) É difícil estabelecer uma comparação, pois não existe uma norma internacional aceite por todos. Por isso, creio que não há seriedade maior nestas avaliações”.

Raffaelli expunha, a seguir, um longo rol de escândalos financeiros ocorridos nos últimos anos nos EUA, todos eles de grande magnitude (Enron, WorldCom), e de investigações determinadas pela justiça em conjunto com a Securities and Exchange Commission (SEC) à Qwest, Adeptia, Xerox e Merck. Recordava ainda que alguns destes escândalos haviam chamuscado a Casa Branca (ligações de George Bush à Enron e à Harken Energy, e do Vice-Presidente Dick Cheney à petrolífera Halliburton).

Noutro texto,⁵⁵ o economista Guilherme C. Delgado contesta a pretensa *objectividade* na elaboração do índice, considerando-o mesmo *parte da fantasia organizada dos mercados para ludibriar a fé pública*, uma *falácia estatístico-financeira*: “O índice de *risco-país* é ponderado pelas avaliações prospectivas subjectivas diárias que os analistas das agências de risco fazem sobre a evolução futura da economia e da política económica dos países acompanhados. Mas como essas agências não são neutras, pois as informações que elas produzem são peças de um jogo especulativo global, onde os países emergentes dessa economia global são tratados sistematicamente como reféns do centro do sistema financeiro, os índices de risco refletem todo esse jogo, sem que o público possa discernir sobre os factos e as manipulações que estão por detrás dos valores apresentados”.

⁵⁵ DELGADO, Guilherme C. “Como ler o índice de risco-país e incerteza na economia global”, Censuras.org, s/d, (http://www.censuras.org/ed_ant.htm).

Investigações realizadas há poucos anos – Kunczic, 1997 -, e outras mais antigas (Isaacs, 1958) parecem suportar as críticas dos brasileiros atrás referidos, no que reporta aos preconceitos que poderão ajudar a determinar índices flageladores para um país ou grupo de países. Kunczic cita o consultor de relações públicas Ivy Ledbetter Lee que, já em 1920 alertava para o peso dos estereótipos na formação do imaginário internacional, este influenciando depois importantes decisões a nível económico-financeiro. Chamado a pronunciar-se sobre a confiabilidade de alguns países requerentes de empréstimos, Lee considerava a Hungria um *caso muito difícil* por causa da imagem cultivada pelos americanos em relação aos húngaros: “A imagem mental que os americanos alimentam dos húngaros é a de um povo selvagem e boémio, quando, pelo contrário, se trata de um povo trabalhador, são de espírito e bastante culto”. Lee chegou a aconselhar os argentinos a enviarem uma equipa de pólo aos EUA, para ali defrontarem equipas americanas. Motivo: “A ideia vital é a de que o pólo só é jogado em países com um alto grau civilizacional e uma sociedade estabilizada... Os garbosos cavaleiros conseguiriam dar uma imagem bastante mais convincente do que um amontoado de estatísticas ou relatórios onde estivesse expressa toda a verdade”. Isaacs surpreendia-se, em 1958, pelo facto dos líderes de opinião americanos alimentarem uma imagem bastante mais positiva da China do que da Índia, isto apesar da ditadura vigente no primeiro país, e de na Índia se viver em democracia. Para Isaacs, o imaginário dos líderes de opinião americanos em relação à Índia era povoado por criaturas de fábula, vivendo num exótico mundo de marajás, jóias, doenças, serpentes, elefantes, tigres, etc. Imaginário com responsabilidade partilhada por Rudyard Kipling, nomeadamente *O Livro da Selva*, também pelos *media* informativos e pelo cinema, sustentava Isaacs. Resultado de um inquérito promovido por este autor aos líderes de opinião americanos: 54% manifestavam uma imagem negativa da Índia, enquanto 70% alimentavam uma imagem positiva da China. Também Boulding sustentava em 1967 o peso das *imagens literárias* na construção do imaginário internacional.

Para países como Portugal, com hábitos de leitura desprezíveis e pouca expressão dos *media* impressos, nomeadamente da imprensa dita *de referência*, a televisão leva bojudia vantagem, caso se considere terem os *media* papel importante na formação do imaginário internacional dos cidadãos-tele-espectadores. A amostra exposta através da análise efectuada aos telejornais das TV's portuguesas em 1999 não pode deixar de preocupar a todos. Até pelo facto de Portugal, apesar de inserido hoje num *clube dos ricos* (União Europeia), não poder exhibir, em alguns casos, índices de desenvolvimento humano superiores aos de vários países que integraram o *corpus* analisado.

Por exemplo, Singapura registava, em 2000, uma esperança de vida à nascença superior à dos portugueses (77,6 anos, contra 75,7); a Costa Rica também (76,4), Cuba também (76); a Coreia do Sul (74,9), o Uruguai (74,4), a Argentina (73,4) e as Seychelles (72,7) andam por ali perto. O PIB *per capita* de Singapura era de 23.356 US\$, enquanto o português se quedava nos 17.290 US\$, inferior também ao da Coreia do Sul (17.380 US\$). Na taxa de alfabetização de adultos (15 e mais anos), Portugal, com 92,2%, ficava atrás do Uruguai (97,7%), da Argentina (96,8%), do Chile (95,8%), da Costa Rica (95,6%), da Tailândia (95,5%), da Venezuela (92,6%), tendo o Panamá (91,9%), a Colômbia (91,7%) e o México (91,4%) muito perto (PNUD, 2002: 160-163).

Recordamos que, de Singapura – tirando as seis notícias reportando a presença do Ministro dos Negócios Estrangeiros português numa reunião da ASEAN, na qual tratou da situação em Timor-Leste – apenas registámos uma notícia sobre os seus *habitantes*, em todo o ano de 1999. Habitantes de um jardim zoológico, uns simpáticos orangotangos.

Preparava-se o século XIX para dobrar a quadra dos finados e o Jardim de Aclimação de Paris regorgitava de gente, atraída pelo *zoo humano*, uma mostra de seres humanos *exóticos*, selvagens até a curiosidade dos *civilizados* franceses dizer basta. Nada de novo, e muito menos cruel que o *espectáculo* oferecido em 1832 por um feirante, primeiro em exposição ambulante, depois com residência fixa na Rue du Rivoli. O de 1832 oferecia, em jaula e com regulares chicotadas, os quatro últimos representantes da tribo dos Charruas (índios que nomadizavam entre o Uruguai e a Argentina, antes da sua exterminação). Houve quem protestasse, Razanajao (2001) lembra ter o sabujo fugido para a Alemanha, levando consigo as *atracções*. Na Alemanha, o comerciante de animais selvagens Karl Hagenbeck exibia Samoas e Lapões como populações *totalmente naturais*. Tal o sucesso que mandou colaborador seu ao Sudão egípcio à cata de animais, também de Núbios para renovar a atracção. Em 1877, o *zoo humano* do Jardim de Aclimação de Paris também gerou protestos, mas de nada valeram. A moda pegou noutras capitais, de Bruxelas a Londres e Berlim, os antropólogos chamavam-lhe um figo nunca sonhado, espécimes à mão para as competentes medidas antropométricas. A exposição universal de 1889 não tinha apenas a Torre Eiffel como atracção, também uma *cidade negra* habitada por 400 figurantes indígenas; a universal de 1900 apresentava o célebre *dioramo vivo* sobre Madagáscar. Houve mais do género, nas exposições coloniais de Marselha (1906 e 1922) e de Paris (1907 e 1931). Sem contar com as inúmeras representações programadas no Champ-de-Mars, nas Folies-Bergère ou na Magic City.⁵⁶

“Não havia uma cidade, uma exposição e um francês que não tivessem

visto, numa tarde ensolarada, uma reconstituição, com seres reais, das regiões selvagens, povoadas de homens e animais exóticos, isto entre um concurso agrícola, a missa dominical e um passeio pelo lago” – notam Bancel, Blanchard e Lemaire (2000). “Foi assim que milhões de franceses, de 1877 aos inícios dos anos 30, foram ao encontro do Outro. Um *outro* posto em cena e em jaula. Quer se tratasse de gente *anormal* vinda de todos os cantos do mundo ou indígena do Império, tal facto constituiu, para a grande maioria dos metropolitanos, o primeiro contacto com a alteridade. O impacto social destes espectáculos na construção da imagem do Outro foi imensa” – acrescentam.

Em 1904, Ota Benga, pigmeu do Congo, 23 anos, um metro e meio de altura, 47 quilos, por duas vezes casado, foi trazido pelo explorador africano Samuel Werner para os EUA, entregue aos cuidados do director do Zoo do Bronx. Apresentado no mesmo ano, ao público, na Feira Mundial de St. Louis, na companhia de outros pigmeus, regressou em seguida ao Zoo de Bronx, onde permaneceu largos anos, numa jaula de macacos. “Pela primeira vez na história de todos os zoológicos americanos, um ser humano era apresentado numa jaula. O director do Zoo do Bronx não descortinava diferenças aparentes entre os animais selvagens e o pequeno homem negro” – afirma Jerry Bergman.⁵⁷

Milhões acorreram ao zoológico, atraídos por tão bizarro fenómeno. Só num domingo, o *New York Times* (18.09.1906) contara 40 mil visitantes. O

⁵⁶ A moda voltaria, em 2002, desta feita na Bélgica. O parque animal de Champalle ofereceu, durante os meses de Julho e Agosto, uma exposição de pigmeus bakas, vindos expressamente dos Camarões. “*Partam à descoberta da África negra e dos Pigmeus ... Eles estão em Yvoir; pela primeira vez, vieram dos Camarões até à Bélgica para vos mostrar a sua cultura, o seu modo de vida, as suas danças...*” – incitava o site da autarquia local. Desta feita tratava-se, segundo os organizadores, de uma operação humanitária, com fundos alegadamente destinados a financiar furos artesanais, quatro centros de saúde e quatro escolas no sul dos Camarões. “*Eles cantarão e dançarão para agradecer a vossa presença*”, informava um folheto distribuído à entrada. Houve protestos, o Centro para a Igualdade de Oportunidades belga (CEC) reconheceu as *louváveis intenções* do projecto, criticando a escolha do lugar, *conhecido como parque animal e botânico*, e o *modus operandi que recorda um passado colonial e paternalista*. (“Un village pygmée exposé dans un parc animalier belge”, *Libération*, Julie Majerczak, 9.08.2002).

Sobre as razões aduzidas pelo promotor da exposição, o belga Louis Raets, ver “Les Pygmées ne repartiront pas sans rien”, *Le Soir*, Marc Metdepenningen, 12.08.2002, (<http://users.skynet.be/wirira/pygmees-lsoir-120802.htm>). Sobre a posição da embaixada dos Camarões na Bélgica, ver “Les Belges, les Pygmées et le Cameroun”, *Le Messager*, Douala, Camarões, Jean Vincent Tchiéhom, s/d, <http://www.wagne.net/messenger/messenger/1399/messenger.html>.

⁵⁷ “OTA BENGA: The man who was put on display in the zoo!”, Onehumanrace.com, Jerry Bergman, 27.09.2002, <http://www.onehumanrace.com/>.

engrossar dos protestos fez com que Bi (nome *carinhoso* por que era conhecido) deixasse a jaula, indo trabalhar para uma fábrica de tabaco na Virgínia.

Em 1916 matou-se, com uma pistola emprestada.

Talvez fosse importante afixar a história de Ota Benga nas redacções televisivas, também a dos Charruas chicoteados, dos Núbios, dos Samoas, dos Lapões. Os *gatekeepers* talvez pensassem duas vezes antes de se decidirem pela introdução, na gaiola catódica, de muitas estórias sobre os Bengas deste mundo, incapazes de se libertarem das grades que os confinam a uma vida de desgraçada miséria.

FONTES

Bibliografia

“21 preguntas acerca de la BUENA NOTICIA”. Adaptação do *Manual de la Buena Noticia*, Universidade Para la Paz, Costa Rica, 1997.

“Aprofundar a democracia num mundo fragmentado”. Relatório do Desenvolvimento Humano, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2002.

ASTORGA, Gabriela de la Peña. “La visión del ‘otro’: Una propuesta del concepto de imaginario internacional en la investigación de la comunicación”, in “HIPER-Textos”, Instituto Tecnológico de Monterrey, México, n.º 1, Julho-Dezembro 2000.

BARBERO, Jesús Martín. “Pistas para entrever medios y mediaciones”, in prefácio do livro “De los medios a las mediaciones”, Andrés Bello, Colômbia, 1998.

BECCERA, Martín. “El proyecto de la Sociedad de la Información en su contexto”, in “Anàlisi - quaderns de comunicació i cultura”, Universidad Autónoma de Barcelona, n.º 23, 1999.

BELTRÁN, Luis Ramiro; CARDONA, Elizabeth Fox de. “Comunicación Dominada. Estados Unidos en los Medios de América Latina”, Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales, editora Nueva Imagen, México, 1980.

BLÁZQUEZ, Niceto. “UNESCO: Principios de Ética Profesional del Periodismo”, in “Éticas de la información y deontologías del periodismo”, Enrique Bonete Perales (coordinador), aa. vv., Editorial Tecnos, Madrid, 1995.

CARDEDAL, Olegario González de. “Carta a un Periodista Amigo”, in “Éticas de la información y deontologías del periodismo”, Enrique Bonete Perales (coordinador), aa. vv., Editorial Tecnos, Madrid, 1995.

CONTRERAS, Diego. “El viaje de Juan Pablo II a Cuba en la prensa internacional”, comunicação apresentada ao III Congreso Internacional Cultura y Medios de Comunicación, Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 2000.

DÖBLER, Hanelore. “Cobertura informativa – Un cuadro patológico – El ‘Tercer Mundo’ em los medios europeos”, in “Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación”, n.º 77, Equador, 2002.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. “Para ler o Pato Donald. O veneno ideológico de Donald”, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1975.

FERNÁNDEZ, Fernando Quirós. “Estructura internacional de la información”, Editorial Síntesis, Madrid, 1998.

GIFREU, Josep. “El debate internacional de la comunicación”, Editorial Ariel, Barcelona, 1986.

GINIGER, Henry. “Portugal deixou de ser notícia”, in “O 25 de Abril nos media internacionais”, Mário Mesquita, José Rebelo (organizadores), Edições Afrontamento, Porto, 1994.

GONZÁLEZ, Norberto. “La interpretación y la narración periodísticas — un estudio y tres casos: Croacia, drogas, mujer”, Ediciones Universidad de Navarra, S.A. (EUNSA), Pamplona, 1997.

LARSON, J. F.; MCANANY, E. G.; STORNEY, D. “News of Latin America on network television, 1972-1981: A Northern perspective on the Southern hemisphere”, in “Critical Studies in Mass Communication”, EUA, 1986.

LEBLANC, Gérard. “A actualidade trágica”, in “Televisão – Estratégias, Discursos, Tecnologias”, Revista de “Comunicação e Linguagens”, n.º 9, edição do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Maio 1989.

LEFLAIVE-GROSSAUD, Gabrielle. “El racismo: un enfoque crítico”, in “Revista del Ateneo de Antropología”, n.º 0, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, Fevereiro 2000.

MAUGER, Gérard. “La reproduction des milieux populaires ‘en crise’”, in “Ville École Intégration”, n.º 113, Junho 1998, Centre Nationale de Documentation Pédagogique (CNDP), Ministère de l'éducation nationale, de la recherche et de la technologie (MENRT), Poitiers, Junho 1998.

MESQUITA, Mário; REBELO, José (organizadores). “O 25 de Abril nos media internacionais”, Edições Afrontamento, Porto, 1994.

RAMONET, Ignacio. “La Tiranía de la Comunicación”, Editorial Debate, Madrid, 1998.

“Rapport mondial sur la communication - Les médias face aux défis des nouvelles technologies”, Éditions UNESCO, Paris, 1997.

Relatório do Desenvolvimento Humano, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2000.

SCHULZ, Winfried. “Foreign News in Leading Newspapers of Western and Post-Communist Countries”, Institute for Social Science - University of Erlangen-Nürnberg, Nuremberga, 2001.

SERVAN-SCHREIBER, Jean-Louis. “O poder da informação — Quem o controla; como se exerce: o que será no futuro”, Publicações Europa-América, Lisboa, 1972.

TRAQUINA, Nelson. “O paradigma do ‘agenda-setting’. Redescoberta do poder do jornalismo”, Revista de Comunicação e Linguagens, “Comunicação e Política”, organização de Mário Mesquita, n.º 21-22, Lisboa, 1995.

VIRTUE, John. “Los vestigios de NOMIC”, in “PULSO del periodismo”, Centro Internacional de Prensa, Universidad Internacional de la Florida, Miami, 2000.

Depoimentos

Carlos Prata, responsável pelo Departamento de Formação de Treinadores da Federação Portuguesa de Voleibol (FPV), 2002.

Luís Borges, presidente da Federação Portuguesa de Pesca Desportiva Amadora (FPPDAM), 2002.

Luís Santos, director executivo da Federação Portuguesa de Orientação, 2002.

Publicações Periódicas

“A intenção – Anunciada agência noticiosa alternativa”, *Público*, n/a, 20.08.2001.

BEAUD, Stéphane; PIALOUX, Michel. “Révolte dans les quartiers - Emeutes urbaines, violence sociale”, *Le Monde Diplomatique*, Julho 2001.

BONELLI, Laurent. “Des quartiers en danger aux ‘quartiers dangereux’”, *Le Monde Diplomatique*, Fevereiro 2001.

BORREL, José. “Europa, fortaleza asediada”, *El Siglo*, n.º 513, 3.06.2002.

- “Brasil vai processar produtora de ‘Os Simpsons’”, *Diário Digital*, n/a, 7.04.2002.
- “Britânicos culpam média pela banalização de crimes e uma justiça muito branda”, *Diário Económico*, n/a, 6.01.1998.
- CARVALHO, Mário de; COSTA, Gustavo. “O amigo francês”, *Expresso*, 26.06.1998.
- “CBS contrata actores negros”, *Público*, n/a, 21.11.1999.
- “Correspondente da RTP em Maputo ameaçado”, *Público*, n/a, 23.12.1999.
- DECORNOY, Jacques. “Aux ordres du Nord, l’ordre de l’information”, *Le Monde Diplomatique*, Maio 1991.
- “Dez mil senegaleses aprendem língua portuguesa”, *Expresso*, n/a, 31.03.2001.
- FERNANDES, Tiago. “Televisão britânica ignora países subdesenvolvidos”, *Público*, 15.07.2002.
- HALIMI, Serge. “Le ‘Far West’ de Radio France”, *Le Monde Diplomatique*, Agosto 2001.
- KHACHANA, Rachid. “A Tunis, la chasse à la langue française est ouverte”, *Al Hayat*, Londres, com pós-publicação em *Le Courrier International*, 2.12.1999.
- L’ALLIER, Jean-Paul. Assemblée Nationale du Québec. Les travaux parlementaires – 36e législature, 1.re session (du 2 mars 1999 au 9 mars 2001) – Journal des débats, Commission permanente de la culture - Consultation générale sur le plan triennal d’immigration pour la période 2001-2003, 7.09.2000.
- ”Le septennat, cet archaïsme hérité de la colonisation française”, *Le Courrier International*, 28.09.2000.
- “Los medios europeos sacan del debate a América latina”, entrevista a Gianni Miná, por Juana Libedinsky, *La Nación*, Argentina, 10.02.2002.
- MAJERCZAK, Julei. “Un village pygmée exposé dans un parc animalier belge”, *Libération*, 9.08.2002.
- MASCARENHAS, Óscar. “A mais ruidosa fábrica de silêncio”, *Diário de Notícias*, 10.09.1997.
- MESQUITA, Mário. “O psicodrama francês”, *Público*, 5.05.2002.
- MORICE, Alain. “Le travail mondialisé - De ‘l’immigration zéro’ aux quotas”, *Le Monde Diplomatique*, Novembro 2000.
- NEGROUCHE, Nasser. “Écran noir, images blanches”, *Le Monde Diplomatique*, Julho 2002.
- “O Boicote – Associação exige diversidade étnica na televisão norte-americana”, *Público*, n/a, 21.08.2001.
- PONS, Maria. “Mengistu escapa à justa”, *Expresso*, 11.12.1999.
- PONS, Maria. “Mengistu torna-se num segundo ‘caso Pinochet’?”, *Expresso*, 04.12.1999.
- RIBEIRO, Daniel. “França-África – A nova política francesa em África”, *Expresso*, 26.06.1998.
- RIMBERT, Pierre. “Omniprésence médiatique”, *Le Monde Diplomatique*, Fevereiro 2001.
- RODRIGUES, Pedro Caldeira. “Diplomatas da UNITA acusam Luanda de ter os ‘generais’ presos no terreno”, *Público*, 17.03.2002.
- SASSEN, Saskia. “Le travail mondialisé - Mais pourquoi émigrent-ils?”, *Le Monde Diplomatique*, Novembro 2000.
- SERRANO, Estrela. “A notícia do rumor”, *Diário de Notícias*, 29.01.2002.
- SILVA, Reginaldo. “Andulo não escreveu ao Futungo”, *Público*, 8.10.1999.
- “Suharto perde contra a ‘Time’”, *Público*, n/a, 12.06.2000.
- TADEU, Marina. “BBC quase sem língua portuguesa”, *Expresso*, 20.02.1999.
- TURNER, Mark. ”La France et l’Angleterre enterrent la hache de guerre dans leurs sphères d’influence”, *Le Courrier International*, 25.3.1999.
- “TV dos EUA acusada de não reflectir diversidade étnica do país”, *Público*, n/a, 24.07.2002.

Videografia

Sumários das notícias e alinhamentos da totalidade dos noticiários televisivos emitidos em 1999 pela *RTP1*, *RTP2*, *SIC* e *TVI*. 3.800 noticiários. Base de dados da *Cision*.

Webgrafia

- Agência de Informação Frei Tito para a América Latina (ADITAL), www.adital.org.br/.
- Agencia de Noticias Nueva Colombia (ANNCOL), <http://anncol.eu/index.php>.
- Agencia Latinoamericana de Información (ALAI), <http://alainet.org/>.
- Agencia Nacional de Comunicación (ANC), www.utpba.com.ar/anc.html.
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; LEMAIRE, Sandrine. “*Des exhibitions racistes qui fascinaient les européens – Ces zoos humains de la République coloniale*”, *Le Monde Diplomatique*, Agosto 2000, www.monde-diplomatique.fr/2000/08/BANCEL/14145.
- BERGMAN, Jerry. “OTA BENGA: The man who was put on display in the zoo!”, onehumanrace.com, 27.09.2002, www.onehumanrace.com/.
- Berita Nasional Malaysia, Malaysian National News Agency (BERNAMA), www.bernama.com/bernama/v5/index.php.
- BOLPRESS, Bolívia, www.bolpress.com.
- BOURDIEU, Pierre; LEBARON, Frederic; MAUGER, Gérard. “Le azioni dei disoccupati sono in crescita”, *Isole nella Rete*, www.ecn.org/welfare/francia/bourdieu.htm.
- CADASSE, David. “Les pays du Sud ont leur nouveau réseau d’information”, [AFRIK.COM](http://www.afrik.com/), www.afrik.com/, 26.08.2001.
- “Carta de Cuscatlán”. Foro Internacional Comunicación y Ciudadanía, S. Salvador, 30.09.1998, <http://alainet.org/active/48&lang=pt>.
- COELHO, Luciana. “Risco Brasil cai e país desce à quinta posição no ranking mundial”, *Folha Online*, 28.08.2002, www.folha.com.br.
- COIMBRA, Márcio C. “O risco Lula”, [LegisCenter](http://www.legiscenter.com.br/), <http://www.legiscenter.com.br/>.
- DELGADO, Guilherme C. “Como ler o índice de risco-país e incerteza na economia global”, [Censuras.org](http://www.censuras.org), s/d, www.censuras.org/ed_ant.htm.
- DUARTE, Leneide. “*Eleições na França – O celular, a mídia e os institutos de pesquisa*”, *Observatório da Imprensa*, 1.05.2002, www.observatoriodaimprensa.com.br.
- FELIX, Jorge. “*Ecos da França - Lições que bem valem para nós*”, *Observatório da Imprensa*, 22.05.2002, www.observatoriodaimprensa.com.br.
- GARGUREVICH, Juan. “Memorial del NOMIC, herencia para los nuevos comunicadores”, *Sala de Prensa*, n.º 41, Março 2002, www.saladeprensa.org/.
- GOOD News India, www.goodnewsindia.com/.
- GoodNewsNetwork, www.goodnewsnetwork.org/.
- KUNCZIC, Michael. “Globalization: News media, images of nations and the flow of international capital with special reference to the role of rating agencies”, *Deutsches Übersee-Institut, Johannes Gutenberg-Universität Mainz*, Fevereiro 2000, www.rz.uni-hamburg.de/uei/AP4-online_version.pdf.
- LAPOUGE, Gilles. “Imprensa francesa fica muda após eleição”, *O Estado de S. Paulo*, 30.04.2002, reproduzido pelo Observatório de Imprensa, www.observatoriodaimprensa.com.br.
- “Los Simpson la arman en Brasil”, *elcorreodigital*, n/a, 13.04.2002, www.el-correodigital.com.
- Nachrichtenpool Lateinamerika (NPLA), www.npla.de/.
- PEDONE, Claudia. “La inmigración extracomunitaria y los medios de comunicación: La inmigración ecuatoriana en la prensa española”, in “*Scripta Nova - Revista Electrónica*”

de Geografía y Ciencias Sociales”, número extraordinário dedicado ao III Colóquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, n.º 94 (43), Agosto 2001, www.ub.es/Coloquio3/menu.htm.

Positive Press, www.positivepress.com/.

“Racial and ethnic diversity in dramas”, Media Watch, www.mediawatch.ca/.

RAFFAELI, Eliana. “O Risco está mesmo no Brasil?”, *Jornal da Universidade*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Julho 2002, www.ufrgs.br/jornal/julho2002/index.html.

RAMBALDI, Hugo Guzmán. “Las Agencias Alternativas”, comunicação ao Congresso de Periodistas Latinoamericanos y del Caribe, Havana, Cuba, Novembro 2001, members.fortunecity.com/alaspren/hugoguzman.html.

RAZANAJAO, Claude. “Chronique du ‘furetaire’”, AVBC, 2001, www.valborgne.org/images/01furetai.pdf.

RIOJA, Isabel Ramos. “La inmigración extracomunitaria aporta cada año 73.000 millones a la economía catalana”, *La Vanguardia*, 28.01.2000, www.lavanguardia.es/.

“Second Rapport sur l’ Autriche”, Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância (ECRI), 16.06.2000, www.coe.int/ecri/.

“Second Rapport sur le Danemark”, Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância (ECRI), 16.06.2000, www.coe.int/ecri/.

“Second Rapport sur la France”, Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância (ECRI), 10.12.1999, www.coe.int/ecri/.

“Second Rapport sur l’ Italie”, Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância (ECRI), 22.06.2001, www.coe.int/ecri/.

“Second Rapport sur le Royaume-Uni”, Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância (ECRI), 16.06.2000, www.coe.int/ecri/.

SHINAR, Dov. “La guerra y la paz como noticia: el caso del Medio Oriente”, *Cuadernos de Información*, Facultad de Comunicaciones, Pontificia Universidad Católica de Chile, n.º 12, 1997, www.per.puc.cl/periodis/.

Smart News Network (SNN), www.snni.org/.

SOUSA, Jorge Pedro. “A informação internacional na imprensa ibero-americana – Uma visão portuguesa”, 1998, www.bocc.ubi.pt.

SREBERNY-MOHAMMADI, Annabelle; STEVENSON, Bob (coordenadores). “Cooperative Study of Foreign News Flow in the 1990s”, University of Leicester, UK, University of North Carolina at Chapel Hill, EUA, www.ibiblio.org/newsflow/.

Sul Invest, www.sulinvest.com.br/.

PAGINAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Nuno Beirão, Mar da Palavra – Edições, L.^{da}

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
JOARTES – Artes Gráficas L.^{da}
Barrô – Águeda
Portugal

TIRAGEM
1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO
Mar da Palavra – Edições, L.^{da}